

A
L



H
U

D
O



X
L

U
S



E
Y

Admirável
mundo novo



BIBLIOTECA AZUL



Índice

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

[Prefácio](#)
[Capítulo I](#)
[Capítulo II](#)
[Capítulo III](#)
[Capítulo IV](#)
[Capítulo V](#)
[Capítulo VI](#)
[Capítulo VII](#)
[Capítulo VIII](#)
[Capítulo IX](#)
[Capítulo X](#)
[Capítulo XI](#)
[Capítulo XII](#)
[Capítulo XIII](#)
[Capítulo XIV](#)
[Capítulo XV](#)
[Capítulo XVI](#)
[Capítulo XVII](#)
[Capítulo XVIII](#)

REGRESSO AO ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

[Prefácio](#)
[1. Superpopulação](#)
[2. Quantidade, Qualidade, Moralidade](#)
[3. Superorganização](#)
[4. A Propaganda Numa Sociedade Democrática](#)
[5. A Propaganda Sob Uma Ditadura](#)
[6. As Artes de Vender](#)
[7. Lavagem Cerebral](#)
[8. Persuasão Química](#)
[9. Persuasão Subconsciente](#)
[10. Hipnopedia](#)
[11. Educação para a Liberdade](#)

12. Que Podemos Fazer?

Aldous Huxley

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

5a Edição

Tradução de Vidal De Oliveira e Lino Vallandro

Título da edição original inglesa:

BRAVE NEW WORLD

publicada em 1972 pela Chatto & Windus Ltd., de Londres,
na série "The Collected Works of Aldous Huxley"

Copyright © 1932 by Mrs. Laura Huxley

1a Edição - abril de 1941

2a Edição - julho de 1946

3a Edição - agosto de 1977

4a Edição - novembro de 1978

"Lês utopies apparaissent comme bien plus réalisables qu'on ne l'e croyait autrefois. Et nous nous trouvons actuellement devant une question bien autrement angoissante: Comment éviter leur réalisation définitive?..."

Lês utopies sont réalisables. La vie marche vers lês utopies. Et peut-être un siècle nouveau commencera-t-il, un siècle où lês intellectuels et la classe cultivée rêveront aux moyens d'éviter lês utopies et de retourner à une société non utopique, moins 'parfaite' et plus libre."

Nicolas Berdiaeff

Prefácio

Todos os moralistas estão de acordo em que o remorso crônico é um sentimento dos mais indesejáveis. Se uma pessoa procedeu mal, arrependa-se, faça as reparações que puder e trate de comportar-se melhor na próxima vez. Não deve, de modo nenhum, pôr-se a remoer suas más ações. Espojar-se na lama não é a melhor maneira de ficar limpo.

A arte possui também sua moralidade, e muitas das regras desta são iguais, ou pelo menos análogas, às da ética comum. O remorso, por exemplo, é tão indesejável com relação à nossa arte de má qualidade quanto com relação ao nosso mau comportamento.

A má qualidade deve ser identificada, reconhecida e, se possível, evitada no futuro. Esmiuçar as deficiências literárias de vinte anos atrás, tentar remendar uma obra defeituosa para levá-la à perfeição que não teve em sua primeira forma, passar a nossa meia-idade procurando remediar os pecados artísticos cometidos e legados por aquela outra pessoa que éramos nós na juventude - tudo isso, certamente, é vão e infrutífero.

Eis por que este novo *Admirável Mundo Novo* sai igual ao antigo. Seus defeitos como obra de arte são consideráveis; mas para corrigi-los, eu teria de reescrever o livro - e, ao reescrevê-lo, como uma outra pessoa, mais velha, provavelmente eliminaria não apenas as falhas da narrativa, mas também os méritos que pudesse ter tido originariamente. Assim, resistindo à tentação de chafurdar no remorso artístico, prefiro deixar o bom e o mau como estão e pensar em outra coisa. Entretanto, parece-me que vale a pena mencionar pelo menos o defeito mais grave do romance, que é o seguinte: O Selvagem é posto diante de duas alternativas apenas, uma vida de insanidade na Utopia, ou a vida de um primitivo numa aldeia de índios, vida esta mais humana em alguns aspectos, mas, em outros, pouco menos estranha e anormal. Na época em que foi escrito o livro, eu achava divertida e muito possivelmente verdadeira a idéia de que os seres humanos são dotados de livre arbítrio para escolherem entre a insanidade, de um lado, e a demência, de outro. Contudo, o Selvagem muitas vezes fala mais racionalmente do que, a rigor, o justificaria sua formação entre os praticantes de uma religião que é um misto de culto da fertilidade e de ferocidade de *Penitentes*. Nem mesmo o conhecimento de Shakespeare poderia justificar, na verdade, tais manifestações. E no fim, por certo, ele é levado a recuar da sanidade mental; o *penitentismo* nativo reafirma sua autoridade e o Selvagem acaba na autotortura maníaca e no desespero suicida. "E assim morreram sempre infelizes" - para satisfação do divertido e pirrônico esteta que era o autor da fábula.

Hoje não sinto o menor desejo de demonstrar que a sanidade é impossível. Pelo contrário, embora continue não menos tristemente certo que no passado de que a sanidade é um fenômeno bastante raro, estou convencido de que ela pode ser alcançada, e gostaria de vê-la mais difundida. Por ter dito isso em diversos livros recentes e, acima de tudo, por ter compilado uma antologia do que disseram os sãos de espírito acerca da sanidade e de todos os meios pelos quais ela pode ser obtida, ouvi de um eminente crítico acadêmico a observação de que eu sou um triste sintoma do fracasso de uma classe intelectual em tempo de crise. A inferência é, suponho, que o professor e seus colegas são alegres sintomas de êxito. Os benfeitores da humanidade merecem as honras e a comemoração devidas. Construamos um Panteão para os professores.

Deveria localizar-se entre as ruínas de uma das cidades destruídas da Europa ou do Japão, e

acima da entrada eu inscreveria, em letras de seis ou sete pés de altura, estas simples palavras:

Consagrado à Memória dos Educadores do Mundo.
SI MONUMENTUM REQUIRIS CIRCUMSPICE.

Mas, voltando ao futuro... Se eu reescrevesse o livro agora, ofereceria uma terceira alternativa ao Selvagem. Entre as duas pontas do seu dilema, a utópica e a primitiva, estaria a possibilidade de alcançar a sanidade de espírito - possibilidade já realizada, até certo ponto, numa comunidade de exilados e refugiados do Admirável Mundo Novo, estabelecidos dentro dos limites da Reserva. Nessa comunidade, a economia seria descentralista e georgista, e a política, kropotkiniana e cooperativista. A ciência e a tecnologia seriam usadas como se, a exemplo do sábado, tivessem sido feitas para o homem e não (como no presente e ainda mais no Admirável Mundo Novo) como se o homem tivesse de ser adaptado e escravizado a elas. A religião seria a procura consciente e inteligente do Objetivo Final do homem, a busca do conhecimento unitivo do Tão imanente ou Logos, da Divindade transcendente ou Brama. E a filosofia de vida predominante seria uma espécie de Utilitarismo Superior, em que o princípio da Maior Felicidade ocuparia posição secundária em relação ao do Objetivo Final - e a primeira pergunta a ser formulada e respondida em qualquer contingência da vida seria: "De que modo este pensamento ou ato ajudará ou impedirá a consecução, por mim e pelo maior número possível de outros indivíduos, do Objetivo Final do homem?"

Educado entre os primitivos, o Selvagem (nesta hipotética nova versão do livro) não seria transportado para a Utopia senão depois de ter tido a oportunidade de aprender algo em primeira mão sobre a natureza de uma sociedade composta de indivíduos em livre cooperação, dedicados à busca da sanidade de espírito. Assim alterado, *Admirável Mundo Novo* possuiria uma inteireza artística e filosófica (se é permissível usar uma palavra tão importante a propósito de uma obra de ficção) que, em sua forma atual, evidentemente lhe falta.

Mas *Admirável Mundo Novo* é um livro sobre o futuro e, sejam quais forem suas qualidades artísticas ou filosóficas, um livro desse tipo só nos poderá interessar se suas profecias derem a impressão de poderem, concebivelmente, vira realizar-se. Do nosso atual posto de observação, quinze anos mais abaixo no plano inclinado da história moderna, até que ponto seus prognósticos parecem plausíveis? Que aconteceu no penoso intervalo para confirmar ou invalidar as predições de 1931? Uma vasta e óbvia falha de previsão é imediatamente visível.

Admirável Mundo Novo não contém nenhuma referência à fissão nuclear. Essa omissão é, na verdade, um tanto curiosa, pois que as possibilidades da energia nuclear tinham sido tópico comum de conversas durante anos antes de ser escrito o livro. Meu velho amigo Robert Nichols escrevera, até, um drama de sucesso a respeito do assunto, e lembro-me que eu próprio o mencionara de passagem num romance publicado em fins do decênio de vinte. De modo que, como digo acima, parece muito curioso que os foguetes e helicópteros do sétimo século de Nosso Ford não fossem movidos por núcleos de desintegração. O lapso pode não ser desculpável; mas é, pelo menos, fácil de explicar. O tema de *Admirável Mundo Novo* não é o avanço da ciência em si mesmo; é esse avanço na medida em que afeta os seres humanos. Os triunfos da física, da química e da engenharia são tacitamente dados por supostos. Os únicos progressos científicos descritos especificamente são os que se relacionam com a aplicação aos seres humanos dos resultados de futuras pesquisas nos terrenos da biologia, da fisiologia e da psicologia. É somente por meio das ciências da vida que se pode mudar radicalmente a qualidade desta. As ciências da matéria podem ser aplicadas de tal modo que destruam a vida ou a tornem impossível mente complexa e desconfortável; mas, a não ser que sejam usadas como instrumentos pelos biólogos e psicólogos, nada podem fazer para modificar as formas e expressões naturais da própria vida. A liberação da energia

atômica assinala

uma grande evolução na história humana, porém não (salvo se nos fizermos saltar pelos ares e assim pusermos ponto final à história) a revolução final e mais profunda.

Essa revolução verdadeiramente revolucionária deverá ser realizada, não no mundo exterior, mas sim na alma e na carne dos seres humanos. Vivendo, como viveu, num período revolucionário, o Marquês de Sade fez uso, muito naturalmente, dessa teoria das revoluções para racionalizar seu tipo peculiar de insanidade. Robespierre havia realizado a espécie de revolução mais superficial, a política. Penetrando um pouco mais fundo, Babeuf tentara a revolução econômica. Sade considerava-se o apóstolo da revolução verdadeiramente revolucionária, que iria mais além da mera política e economia - a revolução dos indivíduos, homens, mulheres e crianças, cujos corpos se tornariam, de então em diante, a propriedade sexual comum, e cujas mentes deveriam ser expurgadas de todas as decências naturais, de todas as inibições laboriosamente adquiridas da civilização tradicional. Entre a doutrina de Sade e a revolução verdadeiramente revolucionária não há, por certo, nenhuma relação necessária ou inevitável; Sade era um lunático, e a meta mais ou menos consciente de sua revolução era a destruição e o caos universal. Os homens que governam o Admirável Mundo Novo podem não ser sãos de espírito (no que se poderia chamar o sentido absoluto da expressão); mas não são loucos. Sua meta não é a anarquia, e sim a estabilidade social.

É para alcançar essa estabilidade que eles realizam, por meios científicos, a revolução última, pessoal, verdadeiramente revolucionária. Enquanto isso, porém, estamos na primeira fase do que talvez seja a penúltima revolução. Sua fase seguinte poderá ser a guerra atômica, e nesse caso não nos precisamos preocupar com profecias sobre o futuro. Mas é concebível que tenhamos bastante bom senso, se não para pôr fim a todas as lutas, pelo menos para nos portarmos de maneira tão racional como o fizeram nossos antepassados do século XVIII.

Os horrores inimagináveis da Guerra dos Trinta Anos constituíram-se realmente numa lição para os homens, e por mais de cem anos os políticos e generais da Europa resistiram conscientemente à tentação de empregar seus recursos militares até os limites da destrutividade ou (na maioria dos conflitos) de continuar a combater até que o inimigo fosse inteiramente aniquilado. Eram agressores, sem dúvida, ávidos de lucro e de glória; mas eram também conservadores, decididos a manter, a todo custo, intacto o seu mundo como um mecanismo em condições de funcionamento. Nos últimos trinta anos, não tem havido conservadores, apenas radicais nacionalistas da direita e radicais nacionalistas da esquerda. O último estadista conservador foi o quinto Marquês de Lansdowne; e, quando ele escreveu uma carta a *The Times* sugerindo que a Primeira Guerra Mundial deveria ser concluída por meio de um acordo, como o tinham sido, em sua maioria, as guerras do século XVI¹¹, o diretor daquele jornal antigamente conservador se recusou a publicá-la.

Os radicais nacionalistas impuseram sua vontade, com as conseqüências que todos conhecemos - bolchevismo, fascismo, inflação, depressão, Hitler, a Segunda Guerra Mundial, a ruína da Europa e a fome quase universal.

Supondo, pois, que seremos capazes de aprender tão bem com Hiroxima como nossos antepassados aprenderam com Magdeburgo, podemos esperar um período, não de paz, na verdade, mas sim de guerra limitada e apenas parcialmente ruinosa. Durante esse período, pode-se presumir que a energia nuclear será utilizada para fins industriais. O resultado, como é bastante óbvio, será uma série de mudanças econômicas e sociais sem precedentes na sua rapidez e totalidade. Todos os padrões de vida humana existentes serão rompidos, e terão de improvisar-se novos padrões em conformidade com o fato não-humano da força atômica. O cientista nuclear, Procrusto em roupagem moderna, preparará a cama em que a humanidade deverá deitar-se; e se a humanidade não se ajustar - pois tanto pior para ela. Terá de haver alguns esticamentos e algumas amputações - o mesmo tipo de esticamentos e amputações que vêm ocorrendo desde que a ciência aplicada realmente se pôs em marcha; apenas, desta vez, serão bem mais

drásticos do que no passado. Essas operações nada indolores serão dirigidas por governos totalitários altamente centralizados/Isso é inevitável, porquanto o futuro imediato deverá parecer-se ao passado imediato, em que as mudanças tecnológicas rápidas, verificando-se numa economia de produção em massa e entre uma população predominantemente destituída de posses, sempre tenderam a provocar a confusão econômica e social. Para enfrentar a confusão, o poder tem sido centralizado e o controle governamental aumentado. É provável que todos os governos do mundo venham a ser mais ou menos completamente totalitários mesmo antes da utilização da energia nuclear; que o serão durante e após essa utilização, parece quase certo. Só um movimento popular em grande escala para a descentralização e a iniciativa local poderá deter a atual tendência para o estatismo. Presentemente, não existe nenhum sinal de que venha a ocorrer tal movimento.

Não há, por certo, nenhuma razão para que os novos totalitarismos se assemelhem aos antigos. O governo pelos cassetetes e pelotões de fuzilamento, pela carestia artificial, pelas prisões e deportações em massa, não é simplesmente desumano (ninguém se importa muito com isso hoje em dia); é, de maneira demonstrável, ineficiente - e numa época de tecnologia avançada a ineficiência é o pecado contra o Espírito Santo. Um estado totalitário verdadeiramente eficiente seria aquele em que o executivo todo-poderoso de chefes políticos e seu exército de administradores controlassem uma população de escravos que não tivessem de ser coagidos porque amariam sua servidão.

Fazer com que eles a amem é a tarefa confiada, nos estados totalitários de hoje, aos ministérios de propaganda, diretores de jornais e professores. Seus métodos, porém, são ainda primitivos e pouco científicos. A afirmação jactanciosa dos antigos jesuítas, de que, se lhes fosse dado educar criança, se responsabilizariam pelas opiniões religiosas do homem, não era mais do que o produto da racionalização de um desejo. E o pedagogo moderno é, com toda probabilidade, bem menos eficiente no condicionamento dos reflexos de seus alunos do que o eram os reverendos padres que educaram Voltaire. Os maiores triunfos da propaganda têm sido obtidos, não por atos positivos, mas pela abstenção. Grande é a verdade, mas ainda maior, do ponto de vista prático, é o silêncio em torno da verdade. Pela simples abstenção de mencionar certos assuntos, pela interposição do que o Sr. Churchill denomina uma "cortina de ferro" entre as massas e os fatos ou argumentos que os chefes políticos locais consideram indesejáveis, os propagandistas totalitários têm influenciado a opinião com muito mais eficácia do que poderiam tê-lo feito pelas mais eloqüentes invectivas, pelas mais convincentes refutações lógicas. Mas o silêncio não basta. Se se quiser evitar a perseguição, a liquidação e outros sintomas de atrito social, os aspectos positivos da propaganda deverão ser tornados tão eficazes como os aspectos negativos. Os mais importantes Projetos Manhattan do futuro serão vastas pesquisas, sob patrocínio governamental, em torno do que os políticos e os cientistas participantes chamarão "o problema da felicidade" — em outras palavras, o problema de fazer com que as pessoas amem sua servidão. Sem segurança econômica, o amor à servidão simplesmente não pode existir; para maior brevidade, dou por suposto que o todo-poderoso executivo e seus administradores conseguirão resolver o problema da segurança permanente. Mas a segurança tende a tornar-se em muito pouco tempo uma coisa aceita como normal. Sua realização constitui uma revolução meramente superficial, externa. O amor à servidão não pode ser instituído senão como fruto de uma profunda revolução pessoal nas mentes e nos corpos humanos. Para efetuar essa revolução precisamos, entre outras coisas, das descobertas e invenções enumeradas a seguir. Primeiro, uma técnica de sugestão consideravelmente aperfeiçoada — pelo condicionamento infantil e, mais tarde, com o auxílio de drogas, como a escopolamina.

Segundo, uma ciência completamente desenvolvida das diferenças humanas, que permita aos administradores encaminhar qualquer indivíduo ao seu devido lugar na hierarquia social e econômica. (As pessoas mal adaptadas à sua posição tendem a alimentar pensamentos perigosos sobre o sistema social e a contagiar os outros com seus descontentamentos.) Terceiro (uma vez que a realidade, por mais utópica que seja, é algo de que as pessoas precisam tirar férias com bastante freqüência), um substituto

para o álcool e os outros narcóticos, que seja ao mesmo tempo menos nocivo e mais produtor de prazer que o gim ou a heroína. E quarto (mas este seria um projeto a longo prazo, que demandaria gerações de controle totalitário para ser levado a bom termo), um sistema infalível de eugenia, destinado a padronizar o produto humano, facilitando assim a tarefa dos administradores.

Em *Admirável Mundo Novo* essa padronização do produto humano foi levada a extremos fantásticos, embora não, talvez, impossíveis. Técnica e ideologicamente, ainda estamos muito longe dos bebês enfrascados e dos grupos Bokanovsky de semi-aleijões. Mas, pelo ano 600 D. F., quem sabe o que não estará acontecendo? Entrementes, as outras características desse mundo mais feliz e mais estável - os equivalentes do soma e da hipnopedia, e o sistema científico de castas - não estão, provavelmente, a mais de três ou quatro gerações de nós. E a promiscuidade sexual de *Admirável Mundo Novo* também não parece tão distante. Já existem cidades norte-americanas em que o número de divórcios é igual ao de casamentos. Dentro de poucos anos, sem dúvida, licenças para casamento serão vendidas como as licenças para a posse de cães, válidas por um período de doze meses, sem nenhuma lei que proíba a troca de cães ou a posse de mais de um cão de cada vez. À medida que diminui a liberdade política e econômica, a liberdade sexual tende a aumentar em compensação.

E o ditador (a não ser que precise de carne para canhão e de famílias para colonizar territórios despovoados ou conquistados) agirá prudentemente estimulando essa liberdade. Em conjunção com a liberdade de sonhar sob a influência das drogas, do cinema e do rádio, ela ajudará a reconciliar os súditos com a servidão que é o seu destino. Tudo considerado, a Utopia parece estar muito mais perto de nós do que qualquer pessoa, apenas quinze anos atrás, poderia imaginar. Nessa época, eu a projetei para daqui a seiscentos anos. Hoje parece perfeitamente possível que o horror esteja entre nós dentro de um único século. Isto é, se nos abstermos de nos fazer saltar pelos ares em pedaços antes disso. Na verdade, a menos que prefiramos a descentralização e o emprego da ciência aplicada, não como o fim a que os seres humanos deverão servir de meios, mas como o meio de produzir uma raça de indivíduos livres, teremos apenas duas alternativas: ou diversos totalitarismos nacionais militarizados, tendo como raiz o terror da bomba atômica e como consequência a destruição da civilização (ou, no caso de guerras limitadas, a perpetuação do militarismo); ou então um totalitarismo supranacional suscitado pelo caos social resultante do progresso tecnológico, e em particular da energia atômica, totalitarismo esse que se transformará, ante a necessidade de eficiência e estabilidade, na tirania assistencial da Utopia.

É escolher.

1946

Admirável Mundo Novo

Capítulo I

Um edifício feio cinzento e acachapado, de trinta e quatro andares apenas. Acima da entrada principal, as palavras Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central e, num escudo, o lema do Estado Mundial: Comunidade, Identidade, Estabilidade.

A enorme sala do andar térreo dava para o norte. Apesar do verão que reinava para além das vidraças, apesar do calor tropical da própria sala, era fria e crua a luz tênue que entrava pelas janelas, procurando,; faminta, algum manequim coberto de roupa, algum vulto académico pálido e arrepiado, mas só encontrando o vidro, o níquel e a porcelana de brilho glacial de um laboratório. À algidez hibernai respondia a algidez hibernai. As blusas dos trabalhadores eram brancas, suas mãos estavam revestidas de luvas de borracha pálida, de tonalidade cadavérica. A luz era gelada, morta, espectral. Somente dos cilindros amarelos dos microscópios lhe vinha um pouco de substância rica e viva, que se esparramava como manteiga ao longo dos tubos reluzentes.

- E isto - disse o Diretor, abrindo a porta - é a Sala de Fecundação.

No momento em que o Diretor de Incubação e Condicionamento entrou na sala, trezentos Fecundadores, curvados sobre os seus instrumentos, estavam mergulhados naquele silêncio em que apenas se ousa respirar, naquele cantarolar ou assobiar inconsciente por que se traduz a mais profunda concentração. Uma turma de estudantes recém-chegados, muito jovens, rosados e bisonhos, seguia com certo nervosismo, com uma humildade um tanto abjeta, as pisadas do Diretor. Todos traziam um caderno de notas, no qual, cada vez que o grande homem falava, rabiscavam desesperadamente.

Eles bebiam ali seu saber na própria fonte. Era um privilégio raro. O D. I. C. de Londres Central sempre fazia questão de conduzir pessoalmente seus novos alunos na visita aos vários serviços e dependências.

- Simplesmente para lhes dar uma idéia de conjunto - explicava-lhes. Porque era preciso, naturalmente, que tivessem alguma idéia de conjunto para poderem fazer seu trabalho inteligentemente - mas uma idéia a mais resumida possível, para que se tornassem membros úteis e felizes da sociedade. Porque os detalhes, como se sabe, conduzem à virtude e à felicidade; as generalidades são males intelectualmente necessários. Não são os filósofos, mas sim os colecionadores de selos e os marceneiros amadores que constituem a espinha dorsal da sociedade.

- Amanhã - acrescentava, sorrindo-lhes com uma jovial idade levemente ameaçadora - os senhores entrarão no trabalho sério. Não terão tempo para generalidades. Enquanto isso...

Enquanto isso, era um privilégio. Da própria fonte para o caderno de notas. Os rapazes rabiscavam febrilmente.

Alto e um tanto magro, mas teso, o Diretor adiantou-se sala a dentro. Tinha o queixo alongado e os dentes fortes, um pouco proeminentes, que seus lábios grossos, de curva acentuada, mal conseguiam encobrir quando não estava falando. Velho? Jovem? Trinta anos? Cinquenta? Cinquenta e cinco? Era difícil dizer. Aliás, não vinha ao caso; nesse ano da estabilidade, 632 D. F., a ninguém ocorreria perguntar.

- Vou começar pelo começo - disse o D. I.C., e os estudantes mais aplicados anotaram sua intenção no caderno: *Começar pelo começo*. - Isto - agitou a mão - são as incubadoras. - E, abrindo uma

porta de proteção térmica, mostrou-lhes porta-tubos empilhados uns sobre os outros e cheios de tubos de ensaio numerados. — A provisão de óvulos para a semana. Mantidos à temperatura do sangue; ao passo que os gametas masculinos - e abriu outra porta - devem ser guardados a 35°, em vez de 37°. A temperatura normal do sangue esteriliza. - Carneiros envoltos em termogênio não procriam cordeiros.

Sempre apoiado contra as incubadoras, forneceu-lhes, enquanto os lábios corriam ilegitimamente de um lado a outro das páginas, uma breve descrição do moderno processo de fecundação; falou-lhes primeiro, naturalmente, da sua introdução cirúrgica - "a operação suportada voluntariamente para o bem da Sociedade, sem esquecer que proporciona uma gratificação de seis meses de ordenado"; continuou com uma exposição sumária da técnica de conservação do ovário, seccionado no estado vivo e em pleno desenvolvimento; passou a considerações sobre a temperatura, a salinidade e a viscosidade ótimas; fez alusão ao líquido em que se conservavam os óvulos destacados e chegados à maturidade; e, levando os alunos às mesas de trabalho, mostrou-lhes mesmo como se retirava esse líquido dos tubos de ensaio; como se fazia cair gota a gota sobre as lâminas de vidro, especialmente aquecidas, para preparações microscópicas; como os óvulos que ele continha eram inspecionados com vista a possíveis caracteres anormais, contados e transferidos para um recipiente poroso; como (e levou-os a observar a operação) esse recipiente era mergulhado em um caldo tépido contendo espermatozóides que nele nadavam livremente - "na concentração mínima de cem mil por centímetro cúbico", insistiu; e como, ao cabo de dez minutos, o vaso era retirado do líquido e seu conteúdo novamente examinado; como, se ainda restassem óvulos não fecundados, era ele mergulhado uma segunda vez e, se necessário, uma terceira; como os óvulos fecundados voltavam às incubadoras; onde eram conservados os Alfas e os Betas até seu acondicionamento definitivo em bocais, enquanto os Gamas, os Deltas e os ípsilons eram retirados ao fim de apenas trinta e seis horas para serem submetidos ao Processo Bokanovsky.

- Ao Processo Bokanovsky - repetiu o Diretor, e os estudantes sublinharam essas palavras nos seus cadernos. Um ovo, um embrião, um adulto - é o normal. Mas um ovo bokanovskizado tem a propriedade de germinar, proliferar, dividir-se: de oito a noventa e seis germes, e cada um destes se tornará um embrião perfeitamente formado, e cada embrião um adulto completo. Assim se consegue fazer crescer noventa e seis seres humanos em lugar de um só, como no passado. Progresso.

- A bokanovskização - disse o D.I.C., para concluir - consiste essencialmente numa série de paradas do desenvolvimento. Nós detemos o crescimento normal e, paradoxalmente, o ovo reage germinando em múltiplos brotos. *Reage germinando*. Os lápis entraram em atividade. Ele apontou. Sobre um transportador de movimento muito lento, um porta-tubos cheio de tubos de ensaio penetrava numa grande caixa metálica e outro surgia. Ouvia-se um leve rumor de máquinas. Os tubos levavam oito minutos para atravessar a caixa de ponta a ponta, explicou-lhes, ou seja, oito minutos de exposição aos raios X duros, o que é, aproximadamente, o máximo que um ovo pode suportar. Um pequeno número morria; outros, os menos suscetíveis, dividiam-se em dois; a maioria proliferava em quatro brotos; alguns em oito; todos eram reenviados às incubadoras, onde os brotos começavam a desenvolver-se; então, passados dois dias, eram submetidos subitamente ao frio; ao frio e à parada de crescimento. Em dois, em quatro, em oito, os brotos dividiam-se por sua vez; depois, tendo germinado, eram submetidos a uma dose quase mortal de álcool; em consequência, proliferavam de novo, e, tendo germinado, ficavam então a desenvolver-se em paz, brotos de brotos de brotos - toda nova parada seria geralmente fatal. A essa altura, o ovo primitivo tinha fortes probabilidades de se transformar em um número qualquer de embriões, de oito a noventa e seis - "o que é, há de convir, um aperfeiçoamento prodigioso em relação à natureza. Gêmeos idênticos - não, porém, em insignificantes grupos de dois ou três, como nos velhos tempos da reprodução vivípara, quando um ovo se dividia às vezes, acidentalmente, mas sim em dúzias, em vintenas, de uma só vez".

- Vintenas - repetiu o Diretor, e fez um gesto largo com o braço, como se distribuisse liberalidades a uma multidão. - Vintenas.

Um dos estudantes, todavia, cometeu a tolice de perguntar em que consistia a vantagem.

- Meu bom amigo! - O Diretor virou-se vivamente para ele. - Não vê, pois? Não vê? - Ergueu a mão; tomou uma atitude solene. - O Processo Bokanovsky é um dos principais instrumentos da estabilidade social.

Um dos principais instrumentos da estabilidade social.

Homens e mulheres padronizados, em grupos uniformes. Todo o pessoal de uma pequena usina constituídos pelos produtos de um único ovo bokanovskizado.

- Noventa e seis gêmeos idênticos fazendo funcionar noventa e seis máquinas idênticas! - Sua voz estava quase trêmula de entusiasmo. - Sabe-se seguramente para onde se vai. Pela primeira vez na história. - Citou o lema planetário: -"Comunidade, Identidade, Estabilidade". Grandes palavras. Se pudéssemos bokanovskizar indefinidamente, todo o problema estaria resolvido. Resolvido por meio de Gamas típicos. Deltas invariáveis, Ipsilons uniformes. Milhões de gêmeos idênticos. O princípio da produção em série aplicado enfim à biologia.

- Mas, ai de nós! - o Diretor sacudiu a cabeça - *não podemos* bokanovskizar indefinidamente. Noventa e seis, tal parecia ser o limite; setenta e dois, uma boa média. Fabricar com o mesmo ovário e os gametas do mesmo macho o maior número possível de grupos de gêmeos idênticos - era o que se podia fazer de melhor (um melhor que, infelizmente, não passava de um menos mau). E até isso era difícil.

- Porque, na natureza, são necessários trinta anos para que duzentos óvulos cheguem à maturidade. Mas o nosso problema é estabilizar a população neste momento, aqui e agora. Produzir gêmeos com o conta-gotas no decurso de um quarto de século, para que serviria isso? Evidentemente, não serviria para nada. Mas a técnica de Podsnap tinha acelerado imensamente o processo de maturação. Era possível obter pelo menos cento e cinquenta óvulos maduros no espaço de dois anos. Que se fecunde e se bokanovskize - em outras palavras, que se multiplique esse número por setenta e dois, e se obterão onze mil irmãos e irmãs em cento e cinquenta grupos de gêmeos idênticos, todos quase da mesma idade, com uma diferença máxima de dois anos.

- E, em casos excepcionais, podemos obter de um único ovário mais de quinze mil indivíduos adultos.

Fazendo sinal a um jovem louro de tez rosada que por ali passava nesse momento, chamou:

- Sr. Foster! - O jovem aproximou-se. - Poderia indicar-nos o número máximo obtido de um único ovário, Sr. Foster?

- Dezesseis mil e doze, neste Centro - respondeu o Sr. Foster, sem hesitação.

Falava muito depressa, tinha os olhos azuis e vivos, e sentia um prazer evidente em citar algarismos.

- Dezesseis mil e doze; em cento e oitenta e nove grupos de idênticos. Mas, sem dúvida, já se conseguiu coisa muito melhor - continuou com desembaraço - em alguns centros tropicais. Singapura tem produzido freqüentemente mais de dezesseis mil e quinhentos; e Mombaça já atingiu a marca dos dezessete mil. Mas acontece que eles são injustamente privilegiados. É preciso ver como um ovário de negra reage ao extrato de pituitária! É de causar assombro, quando se está habituado a trabalhar com material europeu. Não obstante - acrescentou, rindo (mas o fulgor da luta via-se nos seus olhos, e o queixo erguido era um desafio) - não obstante, nós temos a intenção de ultrapassá-los, se houver possibilidade. Estou trabalhando neste momento com um ovário maravilhoso de Delta-Menos. Tem apenas dezoito meses. Mais de doze mil e setecentas crianças já, decantadas ou em embrião. E ele ainda vai longe. Um dia havemos de vencer!

- Esse é o espírito que me agrada! - exclamou o Diretor, com uma palmadinha no ombro do Sr. Foster.

- Venha conosco e transmita a estes rapazes o seu saber de especialista.

O Sr. Foster sorriu modestamente.

- Com muito prazer. - Eles o seguiram.

Na Sala de Enfrascamento, tudo era agitação harmoniosa e atividade ordenada. Placas de peritônio de porca, todas cortadas nas dimensões justas, chegavam continuamente, em pequenos elevadores, do Depósito de Órgãos no subsolo. Bzzz e depois clique! - as portas do elevador abriam-se largamente. O Forrador de Bocais tinha só que estender a mão, tomar a placa, introduzi-la, alisá-la e, antes que o bocal assim guarnecido tivesse tempo de se distanciar ao longo do transportador sem fim - bzzz, clique! - outra placa de peritônio subia rapidamente das profundezas subterrâneas, pronta para ser introduzida em outro bocal, que seguia o anterior nessa lenta e interminável procissão sobre o transportador.

Depois dos Forradores vinham os Matriculadores. A procissão avançava; um a um, os ovos eram transferidos dos seus tubos de ensaio para os recipientes maiores; com destreza, a guarnição de peritônio era incisada, a mórula era posta no seu lugar, a solução salina era transvasada... e já o bocal seguia adiante, tocando então a vez aos Rotuladores. A hereditariedade, a data da fecundação.

O Grupo Bokanovsky, todos os detalhes eram transferidos do tubo de ensaio para o bocal. Não mais anônima, mas com nome, identificada, a procissão recomeçava lentamente sua marcha; lentamente, através de uma abertura na parede, por onde passava à Sala de Predestinação Social.

- Oitenta e oito metros cúbicos de fichas de papelão - disse o Sr. Foster com manifesto prazer, quando entravam.

- Contendo *todas* as informações necessárias - acrescentou o Diretor.

- Postas em dia todas as manhãs.

- E coordenadas todas as tardes.

- Com base nas quais se fazem os cálculos.

- Tantos indivíduos, de tal e tal qualidade - disse o Sr. Foster.

- Distribuídos em tais e tais quantidades.

- O índice de Decantação ótimo a qualquer momento dado.

- As perdas imprevistas prontamente compensadas.

- Prontamente - repetiu o Sr. Foster. - Se os senhores soubessem quantas horas suplementares tive de fazer depois do último terremoto no Japão!

Riu, bem-humorado, e meneou a cabeça.

- Os predestinadores mandam seus números aos Fecundadores.

- Que lhes enviam os embriões pedidos.

- E os bocais chegam aqui para serem predestinados em detalhe.

- Depois do que, baixam ao Depósito dos Embriões.

- Para onde vamos nós agora.

E, abrindo uma porta, o Sr. Foster se pôs à frente deles, conduzindo-os ao subsolo por uma escada.

A temperatura continuava tropical. Desceram a uma penumbra cada vez mais densa. Duas portas e um corredor de dupla volta protegiam o subsolo contra qualquer infiltração de luz diurna.

- Os embriões são como filmes fotográficos - disse o Sr. Foster jocosamente, empurrando a segunda porta. - Não podem suportar senão a luz vermelha.

Com efeito, a obscuridade quente e abafada, na qual os estudantes o seguiram então, era visível e rubra, como as pálpebras fechadas numa tarde de verão. Os flancos arredondados dos bocais que se alinhavam ao infinito, fileira após fileira, prateleira sobre prateleira, rebrilhavam quais rubis incontáveis, e entre os rubis se moviam os espectros vermelhos e vagos de olhos roxos, e com todos os sintomas de lupo. Um zumbido, um ruído de máquinas agitava levemente o ar.

- Dê-lhes alguns Algarismos, Sr. Foster - disse o Diretor, já cansado de falar.

O Sr. Foster sentia-se imensamente feliz de poder fazê-lo.

- Duzentos e vinte metros de comprimento, duzentos de largura, dez de altura.

Apontou para cima. Como galinhas bebendo, os estudantes levantaram os olhos para o teto longínquo. Três andares de porta-bocais: ao nível do solo, primeira galeria, segunda galeria. O arcabouço metálico, delgado como teia de aranha, das galerias superpostas estendia-se em todas as direções até perder-se na obscuridade. Perto deles, três fantasmas vermelhos estavam ativamente ocupados em descarregar garrações, que retiravam de uma escada móvel.

Era a escada rolante que vinha da Sala de Predestinação Social. Cada bocal podia ser colocado em um dentre quinze porta-garrafas, e cada um destes, embora não se percebesse, era um transportador que avançava à razão de trinta e três centímetros e um terço por hora.

Duzentos e sessenta e sete dias, à razão de oito metros por dia. Dois mil, cento e trinta e seis metros ao todo. Uma volta ao nível do solo, mais uma na primeira galeria, a metade de outra na segunda, e na ducentésima sexagésima sétima manhã, a luz do dia na Sala de Decantação. Daí em diante, a existência independente — ou assim chamada.

- Mas nesse intervalo de tempo - disse o Sr. Foster em conclusão - conseguimos fazer muita coisa a eles, oh! muita, muita coisa.

Seu riso era sagaz e triunfante.

- Esse é o espírito que me agrada - disse novamente o Diretor. - Façamos a volta. Dê-lhes todas as explicações, Sr. Foster.

O Sr. Foster deu-as cabalmente.

Falou-lhes do embrião, desenvolvendo-se no seu leito de peritônio. Fez-lhes provar o rico pseudo-sangue de que ele se nutria. Explicou por que ele precisava ser estimulado com placentina e tiroxina. Falou-lhes do extrato de corpo amarelo. Mostrou-lhes as tubeiras pelas quais, a cada doze metros entre zero e dois mil e quarenta, ele era injetado automaticamente. Falou das doses gradativamente maiores de extrato de pituitária, administradas durante os últimos noventa e seis metros do percurso. Descreveu a circulação materna artificial instalada em cada bocal no metro cento e doze; mostrou-lhes o reservatório de pseudo-sangue, a bomba centrífuga que mantinha o líquido em movimento acima da placenta e o impelia através do pulmão sintético e do filtro de resíduos. Referiu-se à perigosa tendência do embrião para a anemia; às doses maciças de extrato de estômago de porco e de fígado de potrilho fetal, que, em conseqüência, era preciso fornecer-lhe.

Mostrou-lhes o mecanismo simples por meio do qual, durante os dois últimos metros de cada percurso de oito, eram sacudidos simultaneamente todos os embriões para se familiarizarem com o movimento. Aludiu à gravidade do chamado "trauma da decantação" e enumerou as precauções tomadas para reduzir ao mínimo, por um adestramento apropriado do embrião no bocal, esse choque perigoso.

Falou-lhes das provas de sexo efetuadas nas vizinhanças do metro duzentos. Explicou o sistema de rotulagem - um T maiúsculo para os machos, um círculo para as fêmeas e, para aquelas destinadas a ficarem neutras, um ponto de interrogação preto sobre fundo branco.

- Porque, é bem de ver - disse o Sr. Foster - na imensa maioria dos casos a fecundidade é simplesmente um incômodo. Um ovário fértil em mil e duzentos, eis o que seria plenamente suficiente para nossas necessidades. Mas nós queremos ter boa possibilidade de escolha. E, naturalmente, é preciso conservar sempre uma margem de segurança enorme. Por isso deixamos que se desenvolvam normalmente até trinta por cento de embriões femininos. Os outros recebem uma dose de hormônio sexual masculino a cada vinte e quatro metros, durante o resto do percurso. Resultado: são decantados como neutros - absolutamente normais sob o ponto de vista da estrutura (salvo, viu-se obrigado a reconhecer, o fato de terem, na verdade, uma ligeira tendência para o aparecimento de barba), mas estéreis. Garantidamente estéreis. O que nos leva por fim - continuou o Sr. Foster - a deixar o domínio da simples imitação servil da natureza para entrar no mundo muito mais interessante da invenção humana.

Esfregou as mãos. Porque, bem entendido, não se contentavam com incubar simplesmente os

embriões: isso, qualquer vaca era capaz de fazer.

- Nós também predestinamos e condicionamos. Decantamos nossos bebês sob a forma de seres vivos socializados, sob a forma de Alfas ou de ipsilons, de futuros, carregadores ou de futuros... - ia dizer "futuros Administradores Mundiais", mas, corrigindo-se, completou: - futuros Diretores de Incubação.

O D.I.C. recebeu a lisonja com um sorriso.

Achavam-se no metro trezentos e vinte do porta-garrafas número onze. Um jovem mecânico Beta-Menos estava trabalhando com chave de parafusos e chave inglesa na bomba de pseudo-sangue de um bocal que passava. O zumbido do motor elétrico tornava-se mais grave, por frações de tom, à medida que ele apertava as porcas... Mais grave, mais grave... Uma torção final, um olhar ao contador de voltas, e pronto. Deu dois passos ao longo da fileira e recomeçou a operação na bornba seguinte.

- Ele está diminuindo o número de giros por segundo - explicou o Sr. Foster. - O pseudo-sangue circula mais devagar; por conseguinte, passa pelos pulmões a intervalos mais longos; portanto, fornece menos oxigênio ao embrião. Nada como a penúria de oxigênio para manter um embrião abaixo do normal.

De novo esfregou as mãos.

- Mas por que precisamos manter o embrião abaixo do normal? - perguntou um estudante ingênuo.

- Que asno! - disse o Diretor, rompendo um longo silêncio. - Não lhe ocorreu que, para um embrião de ipsilon, é preciso um meio de ipsilon, tanto quanto uma hereditariedade de ipsilon?

Evidentemente, não lhe havia ocorrido essa idéia. Ficou encabulado.

- Quanto mais baixa é a casta - disse o Sr. Foster - menos oxigênio se dá. O primeiro órgão afetado era o cérebro. Em seguida, o esqueleto. Com setenta por cento de oxigênio normal, obtinham-se anões. Com menos de setenta por cento, monstros sem olhos.

- Os quais não são de nenhuma utilidade - concluiu o Sr. Foster. Ao passo que (sua voz tornou-se confidencial e fervorosa), se se pudesse descobrir uma técnica para reduzir o período de maturação, que vitória, que benefício para a Sociedade! - Considerem o cavalo. - Os rapazes consideraram. - Maduro aos seis anos; o elefante, aos dez. Enquanto que, aos treze anos, um homem ainda não está sexualmente amadurecido, e não é adulto senão aos vinte anos. Onde, naturalmente, esse fruto do desenvolvimento retardado: a inteligência humana.

- Mas, nos Ipsilons - disse muito justamente o Sr. Foster - nós não precisamos de inteligência humana. - Não precisavam dela e não a obtinham. Mas, se bem que nos Ipsilons o espírito estivesse maduro aos dez anos, eram necessários dezoito para que o corpo ficasse em condições para o trabalho. Que longos anos de imaturidade, supérfluos e desperdiçados! - Se se pudesse acelerar o desenvolvimento físico até torná-lo tão rápido, digamos, como o de uma vaca, que enorme economia para a Comunidade!

- Enorme! - murmuraram os estudantes. O entusiasmo do Sr. Foster era contagioso.

Suas explicações tornaram-se mais técnicas; falou da coordenação anormal das glândulas endócrinas, que fazia com que os homens crescessem tão lentamente; admitiu, para explicá-lo, uma mutação germinal. Seria possível destruir os efeitos dessa mutação? Seria possível fazer regredir o embrião de Ipsilon, por meio de uma técnica apropriada, até a normalidade dos cães e das vacas? Tal era o problema. E estava a ponto de ser resolvido.

Pilkington, em Mombaça, produzira indivíduos que eram sexualmente maduros aos quatro anos e de porte adulto aos seis anos e meio. Um triunfo científico. Mas socialmente sem utilidade. Homens e mulheres de seis anos e meio eram demasiado estúpidos, mesmo para realizar o trabalho de um Ipsilon. E o processo era do tipo tudo ou nada; ou não se conseguia qualquer modificação, ou se modificava completamente.

Ainda estavam tentando encontrar o meio-termo ideal entre adultos de vinte anos e adultos de seis anos. Até então sem êxito. O Sr. Foster suspirou e sacudiu a cabeça.

Suas peregrinações através da penumbra rubra os tinham levado às vizinhanças do metro cento e

setenta do porta-garrafas número nove. A partir desse ponto, o porta-garrafas desaparecia em uma canaleta e os bocais percorriam o resto de seu trajeto numa espécie de túnel, interrompido aqui e ali pôr aberturas de dois ou três metros de largo.

- Condicionamento ao calor - disse o Sr. Foster. Túneis quentes alternavam com túneis resfriados.

O resfriamento estava ligado ao desconforto sob a forma de raios X duros. Quando chegavam ao ponto de serem decantados, os embriões tinham horror ao frio. Ficavam predestinados a emigrarem para os trópicos, a serem mineiros, tecedores de seda de acetato e operários de fundição. Mais tarde, seu espírito seria formado de maneira a confirmar as predisposições do corpo.

- Nós os condicionamos de tal modo que eles se dão bem com o calor - disse o Sr. Foster em conclusão. - Nossos colegas lá em cima os ensinarão a amá-lo.

- E esse - interveio sentenciosamente o Diretor - é o segredo da felicidade e da virtude: amar o que se é *obrigado* a fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social a que não podem escapar.

Num intervalo entre dois túneis, uma enfermeira ocupava-se em sondar delicadamente, por meio de uma longa e fina seringa, o conteúdo gelatinoso de um bocal que passava. Os estudantes e seu guia detiveram-se a observá-la por alguns instantes, em silêncio.

- Então, Lenina - disse o Sr. Foster, quando ela finalmente retirou a seringa e se endireitou.

A moça voltou-se, sobressaltada. Via-se que era excepcionalmente bonita, embora a luz lhe emprestasse uma máscara de lupo e olhos roxos.

- Henry! - Seu sorriso patenteou, num clarão vermelho, uma fileira de dentes de coral.

- Encantadora, encantadora - murmurou o Diretor, e, dando-lhe dois ou três tapinhas, recebeu em troca, para si, um sorriso de deferência.

- Que é que você lhes está dando aí? - perguntou o Sr. Foster, imprimindo à sua voz um tom muito profissional.

- Oh, a tifóide e a doença do sono habituais.

- Os trabalhadores dos trópicos começam a receber inoculações no metro cento e cinquenta - explicou o Sr. Foster aos estudantes. - Os embriões ainda têm guelras. Imunizamos o peixe contra as moléstias do futuro homem. - Depois, voltando-se para Lenina: - Às cinco menos um quarto no terraço, esta tarde, como de costume.

- Encantadora - disse o Diretor mais uma vez, e, com uma palmadinha final, afastou-se atrás dos outros.

No porta-garrafas número dez, filas de trabalhadores das indústrias químicas da geração seguinte estavam sendo exercitados na tolerância para o chumbo, a soda cáustica, o alcatrão, o cloro. O primeiro de um grupo de duzentos e cinquenta mecânicos embrionários de aviões-foguetes passava justamente diante da marca do metro mil e cem no porta-garrafas número três. Um mecanismo especial mantinha os recipientes em rotação constante.

- Para melhorar o sentido de equilíbrio deles - explicou o Sr. Foster. - Efetuar reparações no exterior de um avião-foguete era pleno vôo é um trabalho espinhoso. Nós retardamos a circulação quando eles estão em posição normal, de modo que fiquem parcialmente privados de alimento, e dobramos o fluxo de pseudo-sangue quando estão de cabeça para baixo. Aprendem, assim, a associar essa posição com o bem-estar. Na verdade, eles não se sentem verdadeiramente felizes senão quando estão de cabeça para baixo. E agora - continuou - eu gostaria de lhes mostrar um condicionamento muito interessante para intelectuais Alfa-Mais. Temos um grupo grande no porta-garrafas número cinco. Ao nível da Primeira Galeria - gritou para dois rapazes que tinham começado a descer para o andar térreo. - Eles se acham mais ou menos a altura do metro novecentos - explicou. - Na realidade, não se pode efetuar nenhum condicionamento intelectual útil antes que os fetos tenham perdido a cauda. Sigam-me.

Mas o Diretor havia consultado o relógio.

- Dez para as três - disse. - Receio que não tenhamos tempo para consagrar aos embriões intelectuais. Precisamos subir aos berçários antes que as crianças tenham terminado a sesta.
- O Sr. Foster ficou decepcionado.
- Pelo menos uma vista de olhos à Sala de Decantação - suplicou.
- Está bem, vamos. - O Diretor sorriu com indulgência. - Apenas uma vista de olhos.

Capítulo II

Deixaram o Sr. Foster na Sala de Decantação. O D. I. C. e seus alunos entraram no elevador mais próximo e foram levados ao quinto andar.

Berçários. Salas de Condicionamento Neopavloviano, indicava o painel de avisos.

O Diretor abriu uma porta. Entraram numa vasta peça nua, muito clara e ensolarada, pois toda a parede do lado sul era constituída por uma única janela. Meia dúzia de enfermeiras, com as calças e jaquetas do uniforme regulamentar de linho branco de viscose, os cabelos assepticamente cobertos por toucas brancas, estavam ocupadas em dispor sobre o assoalho vasos com rosas numa longa fila, de uma extremidade à outra da peça. Grandes vasos, apinhados de flores. Milhares de pétalas, amplamente desabrochadas e de uma sedosa maciez, semelhantes às faces de inumeráveis pequenos querubins, mas querubins que, naquela claridade, não eram exclusivamente róseos e arianos, mas também luminosamente chineses, também mexicanos, também apopléticos de tanto soprarem as trombetas celestes, também pálidos como a morte, pálidos da brancura póstuma do mármore.

As enfermeiras perfilaram-se ao entrar o D.I.C.

- Coloquem os livros - disse ele, secamente.

Em silêncio, elas obedeceram à ordem. Entre os vasos de rosas, os livros foram devidamente dispostos - uma fileira de livros infantis, cada um aberto, de modo convidativo, em alguma gravura agradável mente colorida, de animal, peixe ou pássaro.

- Agora, tragam as crianças.

Elas saíram apressadamente da sala e voltaram ao cabo de um ou dois minutos, cada qual empurrando uma espécie de carrinho, onde, nas suas quatro prateleiras de tela metálica, vinham bebês de oito meses, todos exatamente iguais (um Grupo Bokanovsky, evidentemente) e todos (já que pertenciam à casta Delta) vestidos de caqui.

- Ponham as crianças no chão. Os bebês foram descarregados.

- Agora, virem-nas de modo que possam ver as flores e os livros.

Virados, os bebês calaram-se imediatamente, depois começaram a engatinhar na direção daquelas massas de cores brilhantes, daquelas formas tão alegres e tão vivas nas páginas brancas. Enquanto se aproximavam, o sol ressurgiu de um eclipse momentâneo atrás de uma nuvem. As rosas fulgiram como sob o efeito de uma súbita

paixão interna; uma energia nova e profunda pareceu espalhar-se sobre as páginas reluzentes dos livros. Das filas de bebês que se arrastavam a quatro pés, elevaram-se gritinhos de excitação, murmúrios e gorgolejos de prazer.

O Diretor esfregou as mãos.

- Excelente! - comentou. - Até parece que foi feito de encomenda.

Os mais rápidos engatinhadores já haviam alcançado o alvo. Pequenas mãos se estenderam incertas, tocaram, pegaram, despetalando as rosas transfiguradas, amarrotando as páginas iluminadas dos livros. O Diretor esperou que todos estivessem alegremente entretidos. Depois disse:

- Observem bem. - E, levantando a mão, deu o sinal.

A Enfermeira-Chefe, que se encontrava junto a um quadro de ligações na outra extremidade da

sala, baixou uma pequena alavanca. Houve uma explosão violenta. Aguda, cada vez mais aguda, uma sirena apitou. Campainhas de alarma tilintaram, enlouquecedoras. As crianças sobressaltaram-se, berraram; suas fisionomias estavam contorcidas pelo terror.

- E agora - gritou o D. I. C. (pois o barulho era ensurdecedor) - agora vamos gravar mais profundamente a lição por meio de um ligeiro choque elétrico.

Agitou de novo a mão, e a Enfermeira-Chefe baixou uma segunda alavanca. Os gritos das crianças mudaram subitamente de tom. Havia algo de desesperado, de quase demente, nos urros agudos e espasmódicos que elas então soltaram. Seus pequenos corpos contraíam-se e retesavam-se; seus membros agitavam-se em movimentos convulsivos, como puxados por fios invisíveis.

- Nós podemos eletrificar todo aquele lado do assoalho - berrou o Diretor como explicação. - Mas isso basta — continuou, fazendo um sinal à enfermeira.

As explosões cessaram, as campainhas pararam de soar, o bramido da sirena foi baixando de tom em tom até silenciar. Os corpos rigidamente contraídos distenderam-se, o que antes fora o soluço e o ganido de pequenos candidatos à loucura expandiu-se novamente no berreiro normal do terror comum.

- Ofereçam-lhes de novo as flores e os livros.

As enfermeiras obedeceram; mas à aproximação das rosas, à simples vista das imagens alegremente coloridas do gatinho, do galo que faz cocorocó e do carneiro que faz bé, bé, as crianças recuaram horrorizadas; seus berros recrudesceram subitamente.

- Observem - disse o Diretor, triunfante. - Observem.

Os livros e o barulho intenso, as flores e os choques elétricos - já na mente infantil essas parelhas estavam ligadas de forma comprometedoras; e, ao cabo de duzentas repetições da mesma lição, ou de outra parecida, estariam casadas indissolúvelmente. O que o homem uniu, a natureza é incapaz de separar.

- Elas crescerão com o que os psicólogos chamavam um ódio "instintivo" aos livros e às flores. Reflexos inalteravelmente condicionados. Ficarão protegidas contra os livros e a botânica por toda a vida. - O Diretor voltou-se para as enfermeiras. - Podem levá-las.

Sempre gritando, os bebês de caqui foram colocados nos seus carrinhos e levados para fora da sala, deixando atrás de si um cheiro de leite azedo e um agradabilíssimo silêncio.

Um dos estudantes levantou a mão. Embora compreendesse perfeitamente que não se podia permitir que pessoas de casta inferior desperdiçassem o tempo da Comunidade com livros e que havia sempre o perigo de lerem coisas que provocassem o indesejável descondicionamento de algum dos seus reflexos, no entanto... enfim, ele não conseguia entender o referente às flores. Por que dar-se ao trabalho de tornar psicologicamente impossível aos Deltas o amor às flores?

Pacientemente, o D. I. C. explicou. Se se procedia de modo que as crianças se pusessem a berrar à vista de uma rosa, era por considerações de alta política econômica. Não havia muito tempo (mais ou menos um século) tinham-se condicionado os Gamas, os Deltas e até mesmo os Ipsilons a amar as flores — as flores em particular e a natureza selvagem em geral. O fim visado era despertar neles o desejo de irem ao campo sempre que se apresentasse a ocasião, obrigando-os assim a utilizar os meios de transportes.

- E eles não utilizavam os meios de transporte? - perguntou o estudante.

- Sim, e muito - respondeu o D.I.C. - mas nada mais. As flores do campo e as paisagens, advertiu, têm um grave-defeito: são gratuitas. O amor à natureza não estimula a atividade de nenhuma fábrica. Decidiu-se que era preciso aboli-lo, pelo menos nas classes baixas; abolir o amor à natureza, mas não a tendência a consumir transporte. Pois era essencial, evidentemente, que continuassem a ir ao campo, mesmo tendo-lhe horror. O problema era encontrar uma razão economicamente melhor para o consumo de transporte do que a simples afeição às flores silvestres e às paisagens. Ela fora devidamente descoberta.

- Nós condicionamos as massas a detestarem o campo - disse o Diretor, em conclusão - mas,

simultaneamente, as condicionamos a adorarem todos os esportes ao ar livre. Ao mesmo tempo, providenciamos para que todos os esportes ao ar livre exijam o emprego de aparelhos complicados. De modo que elas consomem artigos manufaturados, assim como transporte. Dai' esses choques elétricos.

- Compreendo - disse o estudante; e ficou-se mudo de admiração.

Houve um silêncio; depois, pigarreando para clarear a voz:

- Era uma vez - começou o Diretor - quando Nosso Ford ainda estava neste mundo, um rapazinho chamado Reuben Rabinovitch. Reuben era filho de pais de língua polonesa. - O Diretor interrompeu-se: - Suponho que sabem o que é o polonês, não?

- Uma língua morta.

- Como o francês e o alemão - acrescentou outro, exibindo com zelo seus conhecimentos.

- E "pais"? - perguntou o D.I.C.

Fez-se um silêncio embaraçado. Vários rapazes coraram. Ainda não tinham aprendido a fazer a distinção, importante mas por vezes muito sutil, entre a indecência e a ciência pura. Um deles, por fim, teve a coragem de levantar a mão.

- Os seres humanos, antigamente, eram... - Hesitou; o sangue subiu-lhe às faces. - Enfim, eram vivíparos.

- Muito bem. - O Diretor aprovou com um sinal de cabeça.

- E quando os bebês eram decantados...

- Nasciam - corrigiu ele.

- Bom, então, eram os pais... isto é, não os bebês, está claro; os outros. - O pobre rapaz estava atrapalhadíssimo.

- Em uma palavra - resumiu o Diretor - os pais eram o pai e a mãe. - Essa indecência, que, na realidade, era ciência, caiu com estrépito no silêncio daqueles jovens, que não ousavam olhar-se. - A mãe - repetiu ele em voz alta, para fazer penetrar bem fundo a ciência; e, inclinando-se para trás da cadeira, disse gravemente: - São fatos desagradáveis, eu sei. Mas é que a maioria dos fatos históricos são mesmo desagradáveis.

Voltou ao caso do pequeno Reuben - do pequeno Reuben em cujo quarto, certa noite, por descuido, seu pai e sua mãe (hum, hum!) tinham deixado ligado o aparelho de rádio. (Pois é preciso lembrar que, naqueles tempos de grosseira reprodução vivípara, os filhos eram sempre criados pelos pais, e não em Centros de Condicionamento do Estado.) Enquanto a criança dormia, o aparelho começou, de repente, a captar um programa transmitido de Londres; e na manhã seguinte, para espanto de seu... (hum) e de sua... (hum) (os mais arrojados entre os rapazes arriscaram-se a trocar um sorriso), o pequeno Reuben levantou-se repetindo, palavra por palavra, uma longa palestra desse curioso escritor antigo (um dos poucos cujas obras se permitiu chegassem até nós) George Bernard Shaw, que, segundo a tradição bem autenticada, falara sobre seu próprio gênio. Para o... (piscada de olho) e a... (risinho) do pequeno Reuben, essa palestra era, sem dúvida, perfeitamente incompreensível e, pensando que o filho tivesse enlouquecido de repente, chamaram um médico. Por sorte, este compreendia o inglês, reconheceu a palestra como sendo a que Shaw havia transmitido pelo rádio, percebeu a importância do que acontecera e escreveu a respeito uma carta à imprensa médica.

- O princípio do ensino durante o sono, ou hipnopedias, estava descoberto. - O D.I.C. fez uma pausa impressiva. - O princípio estava descoberto, mas decorreriam muitos anos até que ele tivesse aplicações úteis.

- O caso do pequeno Reuben ocorreu apenas vinte e três anos depois do lançamento do primeiro Modelo T de Nosso Ford. - Aqui o Diretor fez o sinal do T sobre o estômago e todos os estudantes o imitaram, reverentes.

- No entanto...

Com frenesi, os estudantes rabiscaram: *A hipnopedia, primeiro emprego oficial no ano 214 D. F.*

Por que não antes? Duas razões: a)...

- Esses primeiros experimentadores - dizia o D.I.C. - seguiram um caminho errado. Acreditavam que se podia fazer da hipnopedias um instrumento de educação intelectual. (Um menino, adormecido sobre seu lado direito, o braço direito estendido, a mão direita pendendo molemente por sobre a beira da cama. Através de uma abertura redonda e gradeada na parede de uma caixa, uma voz fala baixinho. "O Nilo é o mais comprido dos rios da África, e o segundo em comprimento de todos os rios do globo. Conquanto não atinja o comprimento do Mississipi-Missouri, o Nilo está em primeiro lugar entre todos os rios quanto ao comprimento da bacia, que se estende por 35 graus de latitude..."

No café da manhã, no dia seguinte:

- Tommy - pergunta alguém - você sabe qual é o rio mais comprido da África?

Sinal negativo com a cabeça.

- Mas você não se lembra de uma coisa que começa assim: "O Nilo é..."?

- O Nilo-é-o-mais-comprido-dos-rios-da-Africa-e-o-segundo-em-comprimento-de todo os-rios-do-globo... - As palavras saem em torrente. - Conquanto-não-atinja...

- Muito bem, qual é o rio mais comprido da África?

Os olhos ficam inexpressivos.

- Não sei.

- Mas o Nilo, Tommy!

- O-Nilo-é-o-mais-comprido-dos-rios-da-Africa-e-o-segundo...

- Então, qual é o rio mais comprido, Tommy?

Tommy desata a chorar.

- Eu não sei - responde entre lágrimas.

- Essas lágrimas, - esclareceu o Diretor, - desanimaram os primeiros pesquisadores. As experiências foram abandonadas. Não se fizeram mais tentativas para ensinar o comprimento do Nilo às crianças durante o sono. Muito acertadamente. Não se pode aprender uma ciência sem saber do que se trata.

- Ao passo que, se ao menos tivessem começado pela educação *moral*... - disse o Diretor, conduzindo a turma para a saída. Os estudantes o acompanharam, rabiscando desesperadamente enquanto caminhavam e durante todo o trajeto no elevador. - A educação moral, que não deve jamais, em circunstância alguma, ser racional.

"Silêncio, silêncio", murmurou um alto-falante, enquanto saíam do elevador no décimo quarto andar, e "Silêncio, silêncio", repetiram incansavelmente, a intervalos regulares, outros alto-falantes ao longo de cada corredor. Os estudantes, e o próprio Diretor, puseram-se automaticamente a caminhar nas pontas dos pés. Eles eram Alfas, por certo, mas até mesmo os Alfas haviam sido bem condicionados. "Silêncio, silêncio."

Toda a atmosfera do décimo quarto andar vibrava com o imperativo categórico.

Cinquenta metros de percurso nas pontas dos pés levaram-nos a uma porta que o Diretor abriu cautelosamente. Transpuseram o limiar e penetraram na penumbra de um dormitório de janelas fechadas. Oitenta pequenos leitos alinhavam-se ao longo da parede.

Havia um ruído de respiração leve e regular, e um murmúrio contínuo, como de vozes muito baixas ciciando ao longe.

Uma enfermeira levantou-se quando eles entraram e perfilou-se diante do Diretor.

- Qual é a lição esta tarde? - perguntou ele.

- Nós tivemos Sexo Elementar durante os primeiros quarenta minutos. Mas agora passamos para o curso elementar de Consciência de Classe.

O Diretor percorreu lentamente a longa fila de pequenos leitos. Rosados e distendidos pelo sono, oitenta meninos e meninas respiravam suavemente. Debaixo de cada travesseiro saía um murmúrio. O

D.I.C. parou e, inclinando-se sobre um dos pequenos leitos, escutou atentamente.

- Curso elementar de Consciência de Classe? Vamos ouvir isso um pouco mais alto.

Na extremidade da sala, um alto-falante sobressaía da parede. O Diretor foi até ele e apertou um botão.

"... se vestem de verde", disse uma voz suave, mas bem nítida, começando no rneio de uma frase, "e as crianças Deltas se vestem de caqui. Oh, não, não quero brincar com crianças Deltas. E os ipsilons são ainda piores. São muito brancos para saberem ler e escrever. E além disso se vestem de preto, que é uma cor horrível. Como sou feliz por ser um Beta."

Houve uma pausa, depois a voz recomeçou:

"As crianças Alfas vestem roupas cinzentas. Elas trabalham muito mais do que nós porque são formidavelmente inteligentes. Francamente, estou contentíssimo de ser um Beta, porque não trabalho tanto. E, além disso, nós somos muito superiores aos Gamas e aos Deltas. Os Gamas são brancos. Eles se vestem de verde e as crianças Deltas se vestem de caqui. Oh, não, não quero brincar com crianças Deltas. E os ipsilons são ainda piores. São muito brancos para saberem. . ."

O Diretor repôs o interruptor na posição primitiva. A voz calou-se. Apenas o seu tênue fantasma continuou a murmurar sob os oitenta travesseiros.

- Eles ouvirão isso repetido mais quarenta ou cinquenta vezes antes de acordarem; depois, outra vez na quinta-feira, e novamente no sábado. Cento e vinte vezes, três vezes por semana, durante trinta meses. Depois disso, passarão a uma lição mais adiantada. Rosas e choques elétricos, o caqui dos Deltas e uma baforada de assa-fétida - ligados indissolivelmente antes que a criança saiba falar. Mas o condicionamento sem palavras é grosseiro e genérico; é incapaz de fazer apreender as distinções mais sutis, de inculcar as formas de comportamento mais complexas. Para isso é preciso palavras, mas palavras sem explicação racional. Em suma, a hipnopedia.

- A maior força moralizadora e socializante de todos os tempos.

Os estudantes anotavam tudo nos seus cadernos.

Novamente o Diretor tocou o botão.

"... são formidável mente inteligentes", dizia a voz suave, insinuante, infatigável. Francamente, estou contentíssimo de ser um Beta, porque..."

Não exatamente como gotas de água, conquanto esta, na verdade, seja capaz de cavar buracos no granito mais duro; mas, antes, como gotas de lacre derretido, gotas que aderem e se incorporam àquilo sobre que caem, até que, finalmente, a rocha não seja mais que uma só massa escarlate.

- Até que, finalmente, o espírito da criança *seja* essas coisas sugeridas, e que a soma dessas sugestões seja o espírito da criança. E não somente o espírito da criança. Mas também o adulto, para toda a vida. O espírito que julga, e deseja, e decide, constituído por essas coisas sugeridas. Mas todas essas coisas sugeridas são aquelas que nós sugerimos, nós! – O Diretor quase gritou, em seu triunfo. - Que o Estado sugere. - Bateu com a mão na mesa mais próxima. - Daí se segue que... Um ruído o fez voltar-se.

- Oh, Ford! - disse, em outro tom. - Não é que eu acordei as crianças!

Capítulo III

Lá fora, no jardim, era a hora do recreio. Nus, sob o suave calor do sol de junho, seiscentos ou setecentos meninos e meninas corriam sobre a grama, soltando gritos agudos, ou jogavam bola, ou se acocoravam silenciosamente em grupos de dois ou três entre os arbustos em flor. As rosas desabrochavam, dois rouxinóis cantavam seu solilóquio nas ramagens, um cuco emitia gritos dissonantes entre as tílias. O ar modorrava ao murmúrio das abelhas e dos helicópteros.

O Diretor e seus alunos detiveram-se alguns momentos a observar uma partida de Balatela Centrífuga. Vinte crianças formadas em círculo, em torno de uma torre de aço cromado. Uma bola atirada para cima, de modo a cair na plataforma do alto da torre, precipitava-se no interior, batia sobre um disca em rotação rápida, era projetada através de uma ou outra das numerosas aberturas existentes no envoltório cilíndrico e devia ser aparada.

- É estranho - comentou o Diretor, enquanto se afastavam - é estranho pensar que, mesmo no tempo de Nosso Ford, a maioria dos jogos não tivessem mais acessórios que uma ou duas bolas, alguns bastões e talvez um pedaço de rede. Imaginem que tolice, permitir que as pessoas se dedicassem a jogos complicados que não contribuía em nada para aumentar o consumo. Atualmente, os Administradores não aprovam nenhum jogo novo, salvo se se demonstrar que ele necessita, pelo menos, de tantos acessórios quanto o mais complicado dos jogos existentes.

Interrompeu-se.

- Eis ali um grupinho encantador - disse, apontando com o dedo, Num pequeno espaço gramado entre altas moitas de urzes mediterrâneas - duas crianças, um garoto de cerca de sete anos e uma menina que poderia ter um ano a mais, dedicavam-se muito gravemente, com toda a atenção concentrada de sábios absortos em algum trabalho de descoberta, a um jogo sexual rudimentar.

- Encantador, encantador! - repetiu sentimentalmente o D. I. C.

- Encantador - concordaram os estudantes, por cortesia. Mas seus sorrisos eram um tanto condescendentes. Fazia muito pouco tempo que eles tinham posto de lado os folguedos infantis dessa natureza, para que pudessem contemplá-los agora sem uma certa dose de desprezo. Encantador? Mas era apenas uma dupla de fedelhos brincando, nada mais. Fedelhos, simplesmente.

- Sempre tenho a impressão... - continuou o Diretor no mesmo tom levemente piegas, quando foi interrompido por um vigoroso bu-hu-hu. De uma porta próxima saiu uma babá puxando pela mão um garotinho que berrava. Uma menina seguia-os com ar inquieto.

- Que há? - perguntou o Diretor. A babá deu de ombros.

- Nada de mais - respondeu. - É simplesmente este menino que parece pouco disposto a tomar parte nos jogos eróticos de costume. Eu já o tinha observado antes, uma ou duas vezes. E hoje recomeçou. Agora mesmo se pôs a berrar...

- Palavra de honra - interrompeu a menina, apreensiva - eu não tinha a intenção de machucá-lo nem coisa parecida. Palavra de honra.

- Está claro que não, minha querida - disse a babá em tom tranqüilizador. - De modo que - recomeçou, dirigindo-se novamente ao D.I.C. - vou levá-lo ao Superintendente Adjunto de Psicologia. Só para ver se ele não tem nada de anormal.

- Muito bem - disse o Diretor. - Leve-o ao Superintendente. Você vai ficar aqui, pequena - acrescentou, enquanto a babá se afastava com o menino, que continuava a chorar. - Como se chama?

- Polly Trotsky.

- É um nome muito bonito, sim senhora - tornou o Diretor. - Agora vá, e veja se encontra outro garoto para brincar.

A criança saiu a correr entre as moitas e logo desapareceu.

- Que criaturinha graciosa! - disse o Diretor, seguindo-a com os olhos. Depois, dirigindo-se aos estudantes: - O que vou lhes contar, agora, poderá parecer inacreditável. Mas é que, quando não se tem o hábito da História, os fatos relativos ao passado, em geral, parecem mesmo incríveis. - Revelou a espantosa verdade. - Durante um período muito longo antes de Nosso Ford, e até no decurso de algumas gerações posteriores, os brinquedos eróticos entre as crianças eram considerados anormais (houve uma gargalhada); e não somente anormais, mas positivamente imorais (não!); e eram, portanto, rigorosamente reprimidos.

A fisionomia de seus ouvintes tomou uma expressão de incredulidade espantada.

O quê? As pobres crianças não tinham o direito de se divertir? Não podiam acreditar.

- E até mesmo os adolescentes - dizia o D.I.C.

- Os adolescentes como os senhores...

- Não é possível!.

- Salvo um pouco de auto-erotismo e de homossexualidade, às escondidas... absolutamente nada.

- *Nada* ?

- Na maioria dos casos até terem mais de vinte anos.

- Vinte anos? - ecoaram os estudantes, num ruidoso coro de ceticismo.

- Vinte anos - repetiu o Diretor. - Eu os preveni de que achariam isso incrível.

- Mas então, que acontecia? - perguntaram. - Quais eram os resultados?

- Os resultados eram terríveis. - Uma voz profunda e vibrante interpôs-se no diálogo, sobressaltando-os.

Voltaram-se. À margem do pequeno grupo estava um desconhecido - um homem de estatura média, cabelos pretos, nariz adunco, lábios vermelhos e carnudos, olhos muito escuros e penetrantes.

- Terríveis - repetiu.

O D.I.C. sentara-se naquele instante num dos bancos de aço forrado de borracha, convenientemente disseminados pelo jardim; mas, à vista do recém-chegado, levantou-se de um salto e precipitou-se para ele, as mãos estendidas, sorrindo efusivamente, com todos os dentes à mostra.

- Senhor Administrador! Que prazer inesperado! Rapazes, atenção. Eis o Administrador; eis Sua Fordeza Mustafá Mond.

Nas quatro mil salas do Centro, os quatro mil relógios elétricos deram simultaneamente quatro horas. Vozes desencarnadas ressoaram, saindo dos pavilhões dos alto-falantes.

"Saída para a turma principal do dia! A segunda turma ao trabalho! Saída para a turma principal do..."

No elevador em que subiam para a rouparia, Henry Foster e o Diretor Adjunto de Predestinação deram um tanto ostensivamente as costas a Bernard Marx, do Gabinete de Psicologia: desviavam-se daquela reputação desagradável.

O ruído leve das máquinas agitava ainda o ar rubro do Depósito dos Embriões. As turmas podiam ir e vir, uma face purpúrea substituir outra: majestosamente e sem cessar, os transportadores continuavam avançando pouco a pouco, com sua carga de futuros homens e mulheres.

Lenina Crowne dirigiu-se a passos rápidos para a porta.

Sua Fordeza Mustafá Mond! Os olhos dos estudantes que o saudaram quase saltavam das órbitas. Mustafá Mond! O Administrador Residente da Europa Ocidental! Um dos Dez Administradores

Mundiais! Um dos Dez... e ele sentara-se no banco com o D. I. C., ia ficar ali, sim, ficar e falar-lhes, até... O saber ia chegar-lhes diretamente da fonte. Diretamente da boca do próprio Ford!

Duas crianças tostadas como camarões saíram de uma moita próxima, contemplaram-nos um instante com os olhos arregalados de admiração, depois voltaram aos seus brinquedos entre a folhagem.

- Lembra-se todos - disse o Administrador, com sua voz forte e profunda - lembra-se todos, suponho, daquelas belas e inspiradas palavras de Nosso Ford: "A História é uma farsa". A História - repetiu pausadamente - é uma farsa.

Agitou a mão; e parecia que, comum invisível espanador, sacudia um pouco de poeira, e a poeira era Harappa, era Ur na Caldéia; algumas teias de aranha, que eram Tebas e Babilônia, Cnossos e Micenas. Uma espanada, depois outra - e onde estava Ulisses, onde estava Jó, onde estavam Júpiter, Gotama e Jesus? Uma espanada - e essas manchas de lama antiga que se chamavam Atenas e Roma, Jerusalém e o Império do Meio - todas haviam desaparecido. Uma espanada - o lugar onde era a Itália ficou vazio. Uma espanada - desaparecidas as catedrais; uma espanada, mais uma - aniquilados o *Rei Lear* e os *Pensamentos* de Pascal. Uma espanada - desaparecida a *Paixão*; outra - morto o *Réquiem*; mais outra - acabada a *Sinfonia*; mais outra...

- Você vai ao Cinema Sensível hoje à noite, Henry? - perguntou o Predestinador Adjunto. - Ouvi dizer que o novo filme do Alhambra é magnífico. Há uma cena de amor sobre um tapete de pele de urso; dizem que é maravilhosa. Cada um dos pelos do urso é reproduzido. Os efeitos táteis mais surpreendentes...

- É por isso que não lhes ensinam História - dizia o Administrador. - Mas agora é chegado o momento...

O D. I. C. olhou-o, nervoso. Corriam rumores estranhos acerca de velhos livros proibidos, ocultos num cofre-forte do gabinete do Administrador. Bíblias, poesia - só mesmo Ford sabia o quê. Mustafá Mond interceptou seu olhar preocupado e as comissuras de seus lábios vermelhos contraíram-se ironicamente.

- Tranqüilize-se, Diretor - disse em leve tom de mofa. - Não vou corrompê-los.

O D. I. C. ficou tremendamente encabulado. Aqueles que se sentem desprezados fazem bem em ostentar um ar de desprezo. O sorriso que aflorou ao rosto de Bernard Marx era desdenhoso. Cada um dos pelos do urso, na verdade!

- Certamente, não deixarei de ir - disse Henry Foster.

Mustafá Mond inclinou-se para a frente, brandiu diante deles seu dedo indicador:

- Procurem compreender - disse, e sua voz causou-lhes um frêmito estranho na região do diafragma. - Procurem compreender o que significava ter uma mãe vivípara.

Novamente aquela palavra obscena. Mas dessa vez, nenhum deles pensou em sorrir.

- Procurem imaginar o que significava "viver no seio da família".

Eles tentaram imaginar; mas, evidentemente, sem nenhum êxito.

- E sabem o que era um "lar"?

Abanaram a cabeça.

Deixando a penumbra vermelha do subsolo, Lenina Crowne fez bruscamente a ascensão de dezessete andares, virou à direita ao sair do elevador, meteu-se por um corredor comprido e, abrindo uma porta assinalada Vestiário das Moças, mergulhou num caos atordoante de braços, bustos e roupa interior. Torrentes de água quente enchiam e respingavam cem banheiros ou deles se escoavam com um gorgolejar ruidoso. Roncando e sibilando, oitenta aparelhos de massagem a vibro-vácuo sacudiam e sugavam simultaneamente a carne firme e tostada de oitenta soberbos espécimes femininos. Todas falavam a plenos pulmões. Uma máquina de Música Sintética trinava um solo de supertrombone de pistão.

- Olá, Fanny - disse Lenina à moça que tinha o cabide e o armário junto aos dela.

Fanny trabalhava na Sala de Enfrascamento e seu sobrenome era igualmente Crowne. Mas, como os dois bilhões de habitantes não tinham, entre si, mais de dois mil sobrenomes, nada havia de particularmente curioso nessa coincidência.

Lenina puxou seus fechos ecler para baixo, o da túnica, para baixo, com um gesto de ambas as mãos, os dois que sustinham as calças, para baixo, ainda uma vez, a fim de desprender as roupas interiores. Conservando os sapatos e as meias, dirigiu-se para os banheiros.

O lar, a casa - algumas peças exíguas, onde se apinhavam, de maneira sufocante, um homem, uma mulher periodicamente prolífica, um bando de meninos e meninas de todas as idades. Falta de ar, falta de espaço; uma prisão insuficientemente esterilizada; a obscuridade, a doença, os cheiros. (A evocação feita pelo Administrador era tão vivida, que um dos rapazes, mais sensível que os outros, só com a descrição empalideceu e esteve a ponto de vomitar.)

Lenina saiu do banho, secou-se com a toalha, tomou um longo tubo flexível ligado à parede, dirigiu-o contra o peito como se quisesse suicidar-se e apertou o gatilho. Uma onda de ar quente empoou-a de talco finíssimo. Havia uma variedade de oito diferentes perfumes e águas-de-colônia em pequenas torneiras acima do lavatório. Abriu a terceira a contar da esquerda, impregnou-se de Chipre e, levando nas mãos as meias e os sapatos, saiu para ver se algum dos aparelhos de vibro-vácuo estava desocupado.

E o lar era tão sórdido psiquicamente quanto fisicamente. Do ponto de vista psíquico, era uma toca de coelhos, um monturo, aquecido pelos atritos da vida que nele se comprimia. Que intimidades sufocantes, que relacionamento perigoso, insensato, obsceno, entre os membros do grupo familiar! Insanamente, a mãe cuidava de seus filhos (*seus* filhos)... cuidava deles como uma gata cuida de seus filhotes... mas como uma gata que falasse, uma gata que soubesse dizer e repetir uma e muitas vezes: "Meu filhinho, meu filhinho!..." E ainda : "Meu filhinho, oh, oh, ao meu seio, as mãozinhas, a fome, este *prazer* indizivelmente doloroso! Até que, finalmente, meu filhinho dorme, meu filhinho dorme com uma bolha de leite branco no canto da boca. Meu filhinho dorme..."

- Sim - disse Mustafá Mond, meneando a cabeça - é natural que os senhores estremeçam.

- Com quem você vai sair esta noite? - perguntou Lenina, voltando da vibromassagem como uma pérola iluminada por dentro, rosada e brilhante.

- Com ninguém.

Lenina ergueu as sobrancelhas, surpresa.

- Já faz algum tempo que não venho me sentindo bem - explicou Fanny. – O Dr. Wells me aconselhou a tomar um Sucedâneo de Gravidez.

- Mas, querida, você tem apenas dezenove anos de idade. O primeiro Sucedâneo de Gravidez não é obrigatório senão aos vinte e um anos.

- Sei disso, querida. Mas há pessoas que se sentem melhor começando mais cedo. O Dr. Wells me disse que as morenas de bacia larga, como eu, deveriam tomar seu primeiro Sucedâneo de Gravidez aos dezessete anos. De modo que, na realidade, eu estou atrasada dois anos, e não adiantada.

Abriu a porta de seu pequeno armário e apontou para a fileira de caixas e vidros rotulados que se alinhavam na prateleira de cima.

- Xarope de Corpo Amarelo. - Lenina leu os nomes em voz alta. – Ovarina garantida fresca: não deve ser usada além de 1P de agosto de 632 D. F. Extrato de Glândula Mamaria: tomar Três Vezes ao Dia, Antes das Refeições, com um Pouco de Água. Placentina: em Injeções Intravenosas de 5cc de Três em Três Dias.. . Ufa! – fez Lenina, arrepiada. - Como detesto injeções intravenosas! E você?

- Eu também. Mas quando elas fazem bem à gente.

Fanny era uma jovem extremamente cordata.

- Nosso Ford - ou nosso Freud, como, por alguma razão inescrutável, preferia ser chamado sempre que tratava de assuntos psicológicos - Nosso Freud foi o primeiro a revelar os perigos espantosos da vida familiar. O mundo estava cheio de pais - e, em consequência, cheio de aflição; cheio de mães - e, portanto, cheio de toda espécie de perversões, desde o sadismo até a castidade; cheio de irmãos e irmãs, de tios e tias - cheio de loucura e suicídio.

- Entretanto, entre os selvagens de Samoa, em certas ilhas ao largo da costa da Nova Guiné...

O sol tropical envolvia como um mel morno os corpos nus das crianças que brincavam promiscuamente entre flores de hibisco. O lar era qualquer uma das vinte casas cobertas de folhas de palmeira. Nas ilhas Trobriand, a concepção era obra de espíritos ancestrais; ninguém jamais ouvira falar em pai.

- Os extremos se tocam - disse o Administrador. - Pela excelente razão que eles foram levados a se tocarem.

- O Dr. Wells garante que, fazendo três meses de tratamento com Sucedâneo de Gravidez, minha saúde melhorará muito nos três ou quatro próximos anos.

Bom, faço votos de que ele esteja com a razão - retorquiu Lenina. - Mas, Fanny, você pretende realmente dizer que, durante os próximos três meses, não vai...?

- Oh, não, querida. Somente uma ou duas semanas, nada mais. Passarei a noite no clube, jogando Bridge Musical. E você, decerto vai sair?

Lenina fez que sim.

- Com quem?

- Com Henry Foster.

- Outra vez? - O rosto de Fanny, bondoso e um tanto arredondado, tomou uma expressão incongruente, de espanto magoado e desaprovador. - Você quer dizer com isso que *ainda* continua saindo com Henry Foster?

Mães e pais, irmãos e irmãs. Mas havia também maridos, esposas, amantes. Havia também a monogamia e o romantismo.

- Se bem que os senhores provavelmente não sabem o que venha a ser tudo isso - observou Mustafá Mond. Eles sacudiram a cabeça. - A família, a monogamia, o romantismo. Em toda parte o sentimento de exclusividade, em toda parte a concentração do interesse, uma estreita canalização dos impulsos e da energia.

- Mas cada um pertence a todos - concluiu, citando o provérbio hipnopédico.

Os estudantes aprovaram com um sinal de cabeça manifestando vigorosamente sua concordância a uma afirmação que mais de sessenta e duas mil repetições lhes tinham feito aceitar, não apenas como verdadeira, mas como axiomática, evidente por si mesma, absolutamente indiscutível.

- Mas, afinal de contas - protestou Lenina - faz apenas uns quatro meses que ando com Henry.

- *Apenas* quatro meses! Essa é boa! E, além disso - continuou Fanny, apontando-lhe um dedo acusador - não houve mais ninguém durante todo esse tempo, não é?

Lenina enrubesceu, fortemente, mas seus olhos e o tom de sua voz continuaram desafiadores.

- Não, não houve mais ninguém - respondeu, quase com truculência. - E, francamente, não vejo por que teria de haver alguém mais.

- Ah, ela francamente não vê por que deveria haver alguém mais - repetiu Fanny como se se

dirigisse a um ouvinte invisível, atrás do ombro esquerdo de Lenina. Depois, mudando subitamente de tom: - Mas, falando sério, eu acho mesmo que você devia se cuidar. É tão horivelmente mal feito continuar tanto tempo assim com um único homem. Aos quarenta anos, ou aos trinta e cinco, vá lá. Mas na sua idade, Lenina! Não, francamente, isso não se faz. E você sabe como o D.I.C. se opõe a tudo o que for intenso ou muito prolongado. Quatro meses com Henry Foster, sem ter outro homem! Ele ficaria furioso se soubesse...

- Imaginem água sob pressão em um tubo - disse o Administrador.

Eles imaginaram.

- Eu o furo uma vez. Que jato!

Furou-o vinte vezes. Houve vinte pequenos jactos de água, insignificantes.

" - Meu filhinho! Meu filhinho!"

" - Mamãe!" A loucura é contagiosa.

" - Meu amor, meu único amor, meu tesouro, meu tesouro..."

- Mãe, monogamia, romantismo. A fonte jorra bem alto; o jato é impetuoso e branco de espuma. O impulso não tem mais que uma saída. Não é de admirar que esses pobres pré-modernos fossem loucos, perversos e desgraçados. Seu mundo não lhes permitia aceitar as coisas naturalmente, não os deixava ser sãos de espírito, virtuosos, felizes. Com suas mães e seus amantes; com suas proibições, para os quais não estavam condicionados; com suas tentações e seus remorsos solitários; com todas as suas doenças e intermináveis dores que os isolavam; com suas incertezas e sua pobreza - eram forçados a sentir as coisas intensamente. E, sentindo-as intensamente (intensamente e, além disso, em solidão, no isolamento irremediavelmente individual), como poderiam ter estabilidade?

- Naturalmente, não é preciso que você o deixe. Basta arranjar outro, de tempos em tempos, eis tudo. Ele tem outras mulheres, não é?

Lenina reconheceu que sim.

- É claro. Pode-se confiar que Henry Foster se portará como um perfeito cavalheiro, sempre correto. E, além disso, é preciso pensar no Diretor. Você sabe como ele dá importância...

Lenina fez um sinal afirmativo:

- Ele me deu um tapinha no traseiro esta tarde.

- Aí está! - exclamou Fanny, com ar triunfante. - Isso mostra exatamente quais são as idéias dele: o mais estrito respeito pelas convenções.

- Estabilidade - disse o Administrador. - Estabilidade. Não há civilização sem estabilidade social. Não há estabilidade social sem estabilidade individual.

Sua voz soava como uma trombeta. Ouvindo-o, eles se sentiram maiores, mais confortáveis.

- A máquina gira, gira, e deve continuar girando para sempre. Seria a morte, se ela parasse. Havia mil milhões a raspar a crosta da terra. As engrenagens começaram a girar. Ao cabo de cento e cinquenta anos, eram dois mil milhões. Parada de todas as engrenagens. Decorridas cento e cinquenta semanas, havia, novamente, apenas bilhões. Mil milhares de milhares de homens e mulheres morreram de fome. As rodas da máquina têm de girar constantemente, mas não podem fazê-lo se não houver quem delas cuide. É preciso que haja homens para cuidar delas, homens tão constantes como as rodas nos seus eixos, homens sãos de espírito, obedientes, satisfeitos em sua estabilidade. Gritando: "Meu filhinho, minha mãe, meu tudo, meu único amor"; gemendo: "Meu pecado, meu Deus terrível"; urrando de dor, delirando de febre, lamentando a velhice e a pobreza - como poderiam cuidar das engrenagens? E, se não pudessem cuidar das engrenagens... Seria difícil enterrar ou cremar os cadáveres de mil milhares de milhares de homens e mulheres.

- Afinal de contas - o tom de voz de Fanny era persuasivo - não há nada de doloroso ou desagradável em ter um ou dois homens além de Henry. E, nessas condições, você devia realmente ser um pouco mais promíscua. . .

- Estabilidade - insistiu o Administrador. - Estabilidade. A necessidade fundamental e definitiva. Daí, tudo isto...

Com um gesto da mão indicou os jardins, o enorme edifício do Centro de Condicionamento, as crianças nuas escondidas entre as moitas ou correndo pelo gramado.

Lenina sacudiu a cabeça.

- Não sei por que - disse, pensativa - mas já faz algum tempo que não me sinto muito inclinada à promiscuidade. Há ocasiões em que isso acontece. Você nunca sentiu a mesma coisa, Fanny?

A outra inclinou a cabeça num gesto de simpatia e compreensão.

- Mas é preciso fazer o esforço necessário - disse em tom sentencioso. - É preciso portar-se convenientemente. Afinal, cada um pertence a todos.

- Sim, cada um pertence a todos - Lenina repetiu lentamente a fórmula e, suspirando, calou-se um momento; depois, tomando a mão de Fanny e apertando-a de leve:

- Você tem razão, Fanny. Como sempre. Farei o esforço necessário.

Reprimido, o impulso transborda, e a inundação é sentimento; a inundação é paixão; a inundação é loucura, até: tudo depende da força da corrente, da altura e da resistência do dique. O curso de água não contido flui tranqüilamente pelos canais que lhe foram destinados, rumo a uma calma euforia. (O embrião tem fome; dia após dia, a bomba do pseudo-sangue faz, sem parar, suas oitocentas voltas por minuto. O bebê decantado berra; imediatamente uma enfermeira chega com uma mamadeira de secreção externa. O sentimento está à espreita nesse intervalo de tempo entre o desejo e sua satisfação. Reduza-se essa intervalo, derrubem-se todos esses velhos diques inúteis.)

- Felizes jovens! - disse o Administrador. - Nenhum trabalho foi poupado para lhes tornar a vida emocionalmente fácil, para os preservar, tanto quanto possível, até mesmo de ter emoções.

- Ford está no seu calhambeque - murmurou o D. I. C. - Tudo vai bem pelo mundo.

- Lenina Crowne? - disse Henry Foster, repetindo como um eco a pergunta do Predestinador Adjunto, enquanto cerrava o fecho das calças. - Ah, é uma garota esplêndida. Maravilhosamente pneumática. Admiro-me de você não a ter experimentado ainda.

- Não sei como foi isso - tornou o Predestinador Adjunto. - Hei de experimentá-la, certamente. Na primeira oportunidade.

De seu lugar, do outro lado do vestiário, Bernard Marx ouviu o que eles diziam e empalideceu.

- E, para falar a verdade - disse Lenina - estou começando a sentir um pouco de tédio por não ter todos os dias outra pessoa que não seja Henry. - Enfiou a meia esquerda. - Você conhece Bernard Marx? - perguntou com um tom de excessiva indiferença que era evidentemente forçado.

Fanny pareceu sobressaltada.

- Você não quer dizer que... ?

- Por que não? Bernard é um Alfa-Mais. Além disso, me convidou para ir a uma das Reservas de Selvagens com ele. Sempre tive vontade de ver uma Reserva de Selvagens.

- Mas, e a reputação dele?

- Que me importa a reputação dele?

- Dizem que não gosta do Golfe-Obstáculo.

- Dizem, dizem - motejou Lenina.

- E, além disso, ele passa a maior parte do tempo sozinho... *sozinho* – Havia horror na voz de Fanny.

- Pois bem, ele deixará de estar sozinho quando estiver comigo. E, afinal, por que é que as pessoas têm tanta má vontade com ele? Eu o acho bastante simpático.

Sorriu consigo mesma. Como ele se mostrara ridiculamente tímido! Quase assustado, como se ela fosse um Administrador Mundial e ele um Gama-Menos, daqueles que cuidavam das máquinas.

- Considerem a sua própria existência - disse Mustafá Mond. - Algum dos senhores já encontrou um obstáculo intransponível?

A pergunta recebeu como resposta um silêncio negativo.

- Algum dos senhores já foi obrigado a sofrer um longo intervalo de tempo entre a consciência de um desejo e a sua satisfação?

- Bom, eu... - começou um dos rapazes, depois hesitou.

- Fale - disse o D. I. C. - Não faça Sua Fordeza esperar.

- Uma vez tive de esperar quase quatro semanas até que uma moça me deixasse possuí-la.

- E o senhor sofreu, em consequência, uma forte emoção?

- Foi horrível.

- Horrível, justamente - tornou o Administrador. - Nossos antepassados eram tão tolos e tinham a visão tão curta que, quando apareceram os primeiros reformadores propondo-se libertá-los de tão horríveis emoções, nem quiseram saber disso.

"Falam nela como se fosse um pedaço de carne." Bernard rangeu os dentes. "Experimentá-la assim ou assado! Como se fosse carne de ovelha. Eles a rebaixam à categoria de um pedaço de carne de ovelha. Ela me disse que ia refletir, que me daria uma resposta esta semana. Oh, Ford, Ford, Ford!" Gostaria de ir lá e esmurrá-los - com força, muitas e muitas vezes.

- Sim, eu aconselho você a experimentá-la - dizia Henry Foster.

- Tomem o caso da Ectogênese. Pfitzner e Kawaguchi haviam elaborado a técnica completa. Mas os Governos dignaram-se de lançar para ela um olhar sequer? Não. Havia uma coisa chamada Cristianismo. Era preciso que as mulheres continuassem a ser vivíparas.

- Ele é tão feio! - objetou Fanny.

- Mas eu até gosto da aparência pessoal dele.

- E, além disso, *tão pequeno*. - Fanny fez uma careta; a pequena estatura era uma coisa tão horivelmente, tão tipicamente própria das castas inferiores.

- Pois eu acho isso encantador - retrucou Lenina. - A gente tem vontade de acariciá-lo. Você sabe. Como um gato.

Fanny scandalizou-se.

- Dizem que alguém se enganou quando ele ainda estava no bocal. Pensaram que fosse um Gama e puseram álcool no seu pseudo-sangue. É por isso que ele é tão franzino.

- Que absurdo! - Lenina ficou indignada.

- O ensino pelo sono chegou a ser proibido na Inglaterra. Havia uma coisa chamada liberalismo. O Parlamento, se é que os senhores sabem o que era isso, votou uma lei contra ele. Conservaram-se as atas das sessões. Discursos sobre a liberdade do indivíduo. A liberdade de ser ineficiente e infeliz. A liberdade de ser uma cavilha redonda num buraco quadrado.

- Mas, meu caro, é com muito prazer, asseguro-lhe. Com muito prazer. – Henry Foster deu uma palmadinha no ombro do Predestinador Adjunto. - Afinal de contas cada um pertence a todos.

"Com repetições, três noites por semana, durante quatro anos", pensou Bernard Marx, que era especialista em hipnopedias. "Sessenta e duas mil repetições fazem uma verdade. Imbecis!"

- Ou então o Sistema de Castas. Constantemente proposto, constantemente rejeitado. Havia uma coisa chamada democracia. Como se os homens fossem mais do que físico-quimicamente iguais!

- Bom, o que posso dizer é que vou aceitar o convite dele.

Bernard odiava-os, odiava-os. Mas eles eram dois, eram grandes, eram fortes.

- A Guerra dos Nove Anos começou em 141 D.F.

- Mesmo que fosse verdade essa história de álcool no pseudo-sangue dele...

- O fosgênio, a cloropicrina, o iodacetato de etila, a difenilcianarsina, o cloroformiato de triclorometila, o sulfeto de dicloretila. Sem falar no ácido cianídrico.

- Coisa que eu simplesmente não acredito - disse Lenina em conclusão.

- O ruído de quatorze mil aviões avançando em ordem de batalha. Mas, no Kurfürstendamm e na Oitava Circunscrição de Paris, a explosão das bombas de carbúnculo fez apenas um pouco mais de barulho que o estouro de um saco de papel.

- Porque tenho muita vontade de ver uma Reserva de Selvagens.

- $\text{CH}_3\text{C}_6\text{H}_2(\text{NO}_2)_3 + \text{Hg}(\text{CNO})_2 =$ o que, em suma? Um enorme buraco no chão, uma montoeira de paredes, alguns fragmentos de carne e muco, um pé ainda calçado voando no ar e caindo de chapa no meio dos gerânios - dos gerânios escarlates; que espetáculo esplêndido naquele verão!

- Você é incorrigível, Lenina. Desisto.

- A técnica russa para contaminar o abastecimento de água era particularmente engenhosa.

Dando-se as costas, Fanny e Lenina continuaram a mudar de roupa em silêncio.

- A Guerra dos Nove Anos, o Grande Colapso Econômico. Era preciso escolher entre a Administração Mundial e a destruição. Entre a estabilidade e...

- Fanny Crowne também é uma boa garota - disse o Predestinador Adjunto.

Nos berçários, a lição de Consciência de Classe Elementar havia terminado; as vozes adaptavam a futura procura à futura oferta industrial; "Como eu adoro andar de avião", murmuravam, "como eu adoro andar de avião, como eu adoro ter roupas novas, como eu adoro..."

- O liberalismo, naturalmente, morreu de carbúnculo, mas, de qualquer forma, nada se podia realizar pela violência.

- Ela está longe de ser tão pneumática quanto Lenina. Oh, muito longe!

"Mas as roupas velhas são horríveis", continuava o murmúrio infatigável. "Nós sempre jogamos fora as roupas velhas. Mais vale acabar que conservar, mais vale acabar..."

- Governar é deliberar, e não atacar. Governa-se com o cérebro e com as nádegas, nunca com os punhos. Por exemplo, houve o regime do consumo obrigatório...

- Bem, estou pronta - disse Lenina; mas Fanny continuava muda, de costas para ela. - Vamos fazer as pazes, minha Fanny querida.

- Cada homem, cada mulher, cada criança tinha a obrigação de consumir tanto por ano. No interesse da indústria. O único resultado...

"Mais vale acabar que consertar. Quanto mais se remenda, menos se aproveita. Quanto mais se remenda..."

- Qualquer dia destes - disse Fanny, com sombria ênfase - você ainda vai se meter em maus lençóis.

- A objeção de consciência em enorme escala. Tudo para não consumir. A volta à natureza...

"Como eu adoro andar de avião, como eu adoro andar de avião."

- A volta à cultura. Isso mesmo, à cultura. Não se pode consumir muita coisa se se fica sentado lendo livros.

- Estou bem assim? - perguntou Lenina. Sua blusa era de pano de acetato verde-garrafa, com guarnição de pele de viscose verde nos punhos e na gola.

- Oitocentos adeptos da Vida Simples foram ceifados pelas metralhadoras em Golders Green.

"Mais vale acabar que consertar, mais vale acabar que consertar."

Um calção curto de veludo pique verde e meias brancas de lã de viscose, dobradas logo abaixo do joelho.

- Depois houve o célebre Massacre do Museu Britânico. Dois mil entusiastas da cultura gaseados com sulfeto de dicloretila.

Um boné de jóquei, verde e branco, protegia os olhos de Lenina; seus sapatos eram de um verde vivo e muito lustrosos.

- No fim - disse Mustafá Mond - os Administradores compreenderam a ineficácia da violência. Os métodos mais lentos, porém infinitamente mais seguros, da ectogênese, do condicionamento neopavloviano e da hipnopediá...

E na cintura ela trazia uma cartucheira verde de pseudomarroquim com guarnições de prata, que continha (pois Lenina não era uma neutra) a provisão regulamentar de anticoncepcionais.

- Finalmente foram utilizadas as descobertas de Pfitzner e Kawaguchi. Uma propaganda intensiva contra a reprodução vivípara...

- Perfeita! - exclamou Fanny com entusiasmo. Não podia resistir por muito tempo ao encanto de Lenina. - E que cinto maltusiano *adorável* !

- Acompanhada de uma campanha contra o Passado; do fechamento dos museus; da destruição dos monumentos históricos, que foram arrasados (felizmente, a maioria já havia sido destruída durante a Guerra dos Nove Anos); da supressão dos livros publicados antes do ano 150 D.F.

- Eu simplesmente preciso conseguir um igual - disse Fanny.

- Havia, por exemplo, umas coisas chamadas pirâmides.

- Minha velha cartucheira de couro de verniz negro...

- E um homem chamado Shakespeare. Naturalmente, nunca ouviram falar nele...

- É simplesmente horrível, aquela minha cartucheira.

- Tais são as vantagens de uma educação verdadeiramente científica.

"Quanto mais se remenda, menos se aproveita; quanto mais se remenda, menos..."

- A introdução do primeiro Modelo T de Nosso Ford...

- Faz quase três meses que o tenho.

- Escolhida como data inicial da nova era.

"Mais vale acabar que consertar; mais vale acabar. . ."

- Como já lhes disse, havia uma coisa chamada Cristianismo.

" Mais vale acabar que consertar."

- A ética e a filosofia do subconsumo.

"Eu adoro roupas novas, eu adoro roupas novas, eu adoro..."

- Absolutamente essenciais quando havia subprodução; mas, na era das máquinas e da fixação do nitrogênio, um verdadeiro crime contra a sociedade.

- Foi presente de Henry Foster.

- Cortou-se a extremidade superior de todas as cruzes para delas se fazerem TT. Havia também uma coisa chamada Deus.

- É de pseudomarroquim legítimo.

- Agora temos o Estado Mundial. E as comemorações do dia de Ford, os Cantos Comunitários, os Ofícios de solidariedade.

"Ford! Como eu os odeio!" pensava Bernard Marx.

- Havia uma coisa chamada Céu; entretanto, eles bebiam quantidades enormes de álcool.

“Tal como carne, como um pedaço de carne.”

- Havia uma coisa chamada alma e uma coisa chamada imortalidade.

- Pergunte a Henry onde o comprou.

- Mas eles tomavam morfina e cocaína.

"E, o que é ainda pior, ela própria se considera uma carne."

- Dois mil farmacologistas e bioquímicos foram subvencionados pelo Estado no ano 178 D. F.

- Ele está mesmo com ar sombrio - disse o Predestinador Adjunto, apontando para Bernard Marx.

- Seis anos depois, era fabricado comercialmente. A droga perfeita.

- Vamos mexer com ele.

- Eufórico, narcótico, agradavelmente alucinatório.

- Lúgubre, Marx, lúgubre. - A palmada no ombro sobressaltou-o, fê-lo erguer os olhos. Era aquele animal de Henry Foster. - Você precisa é de uma grama de *soma*.

- Todas as vantagens do Cristianismo e do álcool; nenhum dos seus inconvenientes.

"Ford! Tenho vontade de matá-lo!" Mas limitou-se a dizer:

- Não, obrigado - e a afastar o tubo de comprimidos que lhe ofereciam.

- Podem proporcionar a si mesmos uma fuga da realidade sempre que o desejarem, e retornar a ela sem a menor dor de cabeça e nem sombras de mitologia.

- Tome - insistiu Henry Foster. - Tome.

- A estabilidade estava praticamente assegurada.

- Com um centímetro cúbico se curam dez sentimentos lúgubres - disse o Predestinador Adjunto, citando um aforismo comum da sabedoria hipnopédica.

- Faltava apenas vencer a velhice.

- Ora, não me amolem! - gritou Bernard Marx.

- Os hormônios gonadais, a transfusão de sangue jovem, os sais de magnésio...

- E lembre-se que uma grama vale mais que o "ora" que se clama...

Os dois saíram rindo.

- Todos os estigmas fisiológicos da velhice foram suprimidos. E com eles, naturalmente...

- Não se esqueça de falar-lhe no cinto malthusiano - disse Fanny.

- Com eles, todas as peculiaridades mentais do velho. O caráter permanece constante por toda a vida.

- ... duas voltas de Golfe-Obstáculo antes do anoitecer. Tenho de ir correndo.

- No trabalho, nas diversões - aos sessenta anos, nossas forças e nossos gostos são o que eram aos dezessete. Os velhos nos tristes dias de outrora, renunciavam, retiravam-se, dedicavam-se à religião, passavam o tempo lendo e pensando - *pensando* !

"Idiotas, porcos!" dizia Bernard Marx consigo mesmo, caminhando em direção ao elevador.

- Atualmente, tal é o progresso, os velhos trabalham, os velhos copulam, os velhos não têm um instante, um momento de ócio para furtar ao prazer, nem um minuto para se sentarem a pensar - ou se, alguma vez, por um acaso infeliz, um abismo de tempo se abrir na substância sólida de suas distrações, sempre haverá *o soma*, o delicioso soma, meia grama para um descanso de meio dia, uma grama para um fim-desemana, duas gramas para uma excursão ao esplêndido Oriente, três para uma sombria eternidade na Lua; de onde, ao retornarem, se encontrarão na outra margem do abismo, em segurança na terra firme das distrações e do trabalho cotidiano, correndo de um cinema sensível a outro, de uma mulher pneumática a outra, de um campo de Golfe Electromagnético a...

- Vá embora, menina! - gritou o D. I. C., irritado. - Vá, garoto! Não vêem que Sua Fordeza está ocupado? Vão fazer em outra parte os seus brinquedos eróticos.

- Pobres crianças! - disse o Administrador.

Lentamente, majestosamente, com um leve zumbido de máquinas, os Transportadores avançavam à razão de trinta centímetros por hora. Na obscuridade vermelha cintilavam inúmeros rubis.

Capítulo IV

1

O elevador estava cheio de homens que vinham dos Vestiários dos Alfas, e a entrada de Lenina foi acolhida com diversos acenos e sorrisos amistosos. A jovem era muito popular e, numa ou outra ocasião, havia passado a noite com quase todos eles.

Eram rapazes amáveis, pensou, enquanto retribuía os cumprimentos. Rapazes encantadores! Contudo teria preferido que as orelhas de George Edzel não fossem tão grandes (teriam lhe dado uma gota a mais de paratiróide no metro 328?). E, olhando para Benito Hoover, não pôde deixar de se lembrar que ele, sem roupa, era realmente muito cabeludo.

Virando-se, os olhos um pouco entristecidos pela lembrança dos pêlos negros e crespos de Benito, viu a um canto o pequeno corpo delgado, a fisionomia melancólica de Bernard Marx.

- Bernard! - Aproximou-se dele. - Eu estava à sua procura.

Sua voz clara dominava o ruído do ascensor em movimento. Os demais voltaram-se, curiosos.

- Queria lhe falar da nossa projetada visita ao Novo México... - Com os cantos dos olhos, viu que Benito Hoover abria a boca, surpreso. "Está admirado porque não vou mendigar o direito de ir com ele outra vez!" disse consigo mesma. Depois, em voz alta e mais calorosamente do que nunca: - Ficarei simplesmente encantada de acompanhá-lo durante uma semana em julho - acrescentou. (De qualquer modo, assim manifestava em público sua infidelidade a Henry Foster. Fanny deveria dar-se por satisfeita, embora se tratasse de Bernard.) - Isso - e Lenina dirigiu-lhe seu sorriso mais deliciosamente significativo - se você ainda me quiser...

O rosto pálido de Bernard ruborizou-se. "Por que será?" perguntou-se ela, espantada e, ao mesmo tempo, sensibilizada com essa estranha homenagem ao seu poder.

- Não seria melhor falarmos disso em outro lugar? - balbuciou ele, com ar profundamente embaraçado.

"Como se eu tivesse dito alguma inconveniência", pensou Lenina. "Ele não ficaria mais perturbado se eu tivesse dito uma piada obscena - se lhe tivesse perguntado quem era sua mãe, ou coisa assim."

- Quero dizer... com toda essa gente em torno de nós... - A confusão embargava-lhe a voz.

O riso de Lenina foi franco e completamente despido de maldade.

- Como você é esquisito! - disse; e realmente o achava esquisito. - Você me prevenirá pelo menos uma semana antes, não é? - continuou em outro tom. - Decerto vamos tomar o Foguete Azul do Pacífico? Ele parte da Torre de Charing-T, não? Ou de Hampstead?

Antes que Bernard pudesse responder, o elevador parou.

- Terraço! - gritou uma voz rascante.

O ascensorista era um pequeno ser simiesco, que vestia a túnica negra de um Semi-Aleijão Ípsilon-Menos.

- Terraço!

Abriu largamente as portas. O cáldo esplendor do sol da tarde o fez estremecer e piscar os olhos.

- Ah, terraço! - repetiu com voz extática. Parecia que acabava de acordar súbita e prazerosamente de um estupor aniquilante. - Terraço!

Ergueu os olhos, sorrindo, para os rostos de seus passageiros, com uma espécie de adoração de cão que espera um afago. Conversando e rindo, eles saíram para a claridade. O ascensorista seguiu-os com o olhar.

- Terraço? - repetiu ainda uma vez, interrogativamente.

Então uma campainha soou e, do teto do elevador, um alto-falante começou, muito docemente, mas em tom imperioso, a dar ordens.

"Descer, descer. Décimo oitavo andar. Descer, descer. Décimo oitavo andar. Descer, descer..."

O ascensorista fechou bruscamente as portas, apertou um botão e recaiu de imediato na penumbra sussurrante do elevador, a penumbra de seu próprio estupor habitual.

Estava quente e claro no terraço. A tarde de verão parecia entorpecida pelo zumbido dos helicópteros que passavam; e o zunido mais grave dos aviões-foguetes que se arremessavam, invisíveis, através do céu luminoso, oito ou dez quilômetros acima, era como uma carícia no ar sereno. Bernard Marx respirou fundo. Ergueu os olhos para o céu, circunvagou-os pelo horizonte azul e, finalmente, fixou-os no rosto de Lenina.

- Que beleza de tarde, não é? - Sua voz tremia um pouco.

Ela dirigiu-lhe um sorriso que expressava a mais completa simpatia e compreensão.

- Simplesmente perfeita para o Golfe-Obstáculo - respondeu com arrebatamento. - E agora eu tenho de ir, Bernard. Henry fica zangado quando o faço esperar... Avise-me com tempo da data... - E, agitando a mão, afastou-se correndo através do amplo terraço, em direção aos hangares.

Bernard ficou parado, contemplando as cintilações cada vez mais distantes das meias brancas, os joelhos bronzeados curvando-se e retesando-se com vivacidade, outra vez, ainda outra, e os meneios mais suaves daquele calção curto de veludo pique bem justo, sob a blusa verde-garrafa. Tinha na fisionomia uma expressão de sofrimento.

- Ela é bonita mesmo, não é? - disse uma voz forte e alegre atrás dele.

Bernard estremeceu e voltou a cabeça. O rosto rechonchudo e vermelho de Benito Hoover sorria, radiante, para ele - radiante de manifesta cordialidade. Benito possuía um bom gênio notório. Dizia-se dele que poderia atravessar a vida inteira sem tomar uma grama de *soma*. A raiva, os acessos de mau humor, que os outros não podiam vencer senão por meio de fugas de esquecimento, jamais o atacavam. A realidade, para Benito, era sempre risonha.

- E pneumática, também. E quanto! - Depois, em outro tom: - Mas olhe aqui, você está com ar abatido! O que você está precisando é de uma grama de *soma*. - Metendo a mão no bolso direito das calças, Benito tirou um frasco: - Com um centímetro cúbico se curam... Mas olhe aqui!

Bernard repentinamente virará as costas e fugirá.

Benito, espantado, seguiu-o com o olhar. "Que poderá ter essa criatura?" perguntou-se; e, sacudindo a cabeça, concluiu que aquela história do álcool, que diziam ter sido posto no pseudo-sangue do pobre rapaz, provavelmente era verdadeira. "Deve ter-lhe afetado o cérebro."

Guardou o frasco de *soma* a, tirando do bolso um pacotinho de chiclete de hormônio sexual, meteu uma pastilha na boca e dirigiu-se lentamente para os hangares, ruminando.

Henry Foster tinha mandado tirar seu aparelho do boxe e, quando Lenina chegou, já a esperava instalado na carlinga.

- Quatro minutos de atraso - foi seu único comentário, enquanto ela subia e se sentava ao seu lado.

Pôs o motor em marcha e embreou as hélices do helicóptero. O aparelho arrojou-se verticalmente no ar. Henry acelerou; o ruído da hélice tornou-se mais agudo, passando do zumbido de um zangão ao de uma vespa, do de uma vespa ao de um mosquito; o velocímetro marcava uma subida de quase dois quilômetros por minuto. Londres se apequenava abaixo deles. As enormes construções encimadas por terraços chatos como mesas, ao fim de alguns segundos, não eram mais que um canteiro de cogumelos geométricos, brotando de entre o verde dos parques e jardins. Entre eles, na ponta de uma haste delgada, um criptógamo mais alto, mais esguio, a Torre de Charing-T, levantava para o céu um disco de concreto reluzente.

Semelhantes a vagos bustos de atletas lendários, nuvens enormes e densas fluíam preguiçosamente no firmamento azul acima de suas cabeças. De uma delas caiu de repente um pequeno inseto escarlate, zumbindo durante a queda.

- É o foguete Vermelho que chega de Nova Iorque neste momento – disse Henry. Olhando o seu relógio, acrescentou: - Sete minutos de atraso - e sacudiu a cabeça. - Esses serviços do Atlântico... são de uma impontualidade verdadeiramente escandalosa!

Tirou o pé do acelerador. O ronco das hélices, acima deles, caiu uma oitava e meia, repassando, em sentido inverso, do zumbido da vespa ao do zangão, ao da mangangava, ao do besouro, ao da carocha. A velocidade ascensional do aparelho diminuiu; um instante depois, estavam suspensos e imóveis no espaço. Henry empurrou uma alavanca; houve um estalido. Lentamente, a princípio, depois cada vez mais rápido, até não ser mais que uma névoa circular diante deles, a hélice propulsora começou a girar. O vento da velocidade horizontal sibilava cada vez mais agudamente nas varas de aço. Henry tinha o olhar fixo no contador de voltas; quando a agulha indicou mil e duzentos, ele desembreou as hélices do helicóptero. O aparelho tinha então bastante impulso horizontal para poder voar.

Lenina olhou pela janela do assoalho, entre seus pés. Sobrevoavam a zona de seis quilômetros, reservada para parques, que separava Londres Central de sua primeira cintura de subúrbios satélites. A área verde formigava de vida em perspectiva reduzida, como uma miniatura. Florestas de torres de Balatela Centrífuga luziam entre o arvoredo.

Perto de Shepherd's Bush, duas mil duplas mistas de Betas-Menos jogavam tênis sobre superfícies de Riemann. Uma dupla fileira de campos de Pelota-Escalátor margeava a estrada real desde Notting Hill até Willesden. No estádio de Ealing realizava-se uma festa de ginástica e canto para Deltas.

- Que cor horrível, o caqui - observou Lenina, expressando os preconceitos hipnopédicos de sua casta.

Os edifícios do Estúdio de Cinema Sensível de Hounslow cobriam sete hectares e meio. Ao lado, uma legião de trabalhadores, vestidos de preto e caqui, ocupava-se em revitrificar a superfície da Estrada Real de Oeste. Abria-se o orifício de escoamento de um dos enormes cadinhos móveis, no momento em que voavam sobre ele. A pedra fundida se derramava sobre a estrada numa torrente de incandescência engeuecedora; os rolos compressores de amianto iam e vinham; à passagem de uma regadeira termicamente isolada, o vapor elevava-se em nuvens brancas. Em Brentford, a fábrica da Companhia Geral de Televisão parecia uma pequena cidade.

- Devem estar no momento de mudar as turmas - comentou Lenina.

Como pulgões e formigas, as moças Gama em verde-folha, os Semi-Aleijões em negro, enxameavam ao redor das entradas, ou formavam fila para tomarem lugar nos bondes monotrilhos. Betas-Menos cor de amora iam e vinham por entre a multidão. O terraço do edifício principal fervilhava com a chegada e partida dos helicópteros.

- Palavra de honra - disse Lenina - estou contente de não ser uma Gama.

Dez minutos depois, estavam em Stoke Poges e tinham começado sua primeira volta de Golfe Obstáculo.

Com os olhos quase sempre baixos, e desviando-os imediata e furtivamente quando, por acaso, os pousava em algum de seus semelhantes, Bernard atravessou o terraço às pressas. Dava a impressão de um homem perseguido, mas perseguido por inimigos que não queria ver, temeroso de que lhe parecessem ainda mais hostis do que imaginara, e de que lhe fizessem, em conseqüência, experimentar uma sensação de maior culpabilidade e de solidão ainda mais irremediável.

"Aquele maldito Benito Hoover!"

Entretanto, o rapaz procedera com boa intenção. O que, de certo modo, era ainda pior. Os que tinham boas intenções comportavam-se da mesma forma que os que as tinham más. A própria Lenina o fazia sofrer.

Lembrou-se das semanas de indecisão tímida, no curso das quais ele a havia contemplado e desejado, sem esperança de algum dia ter a coragem de convidá-la. Ousaria afrontar o risco de ser humilhado por uma recusa desdenhosa? Mas, se ela dissesse "sim", que êxtase! Pois bem, agora ela o havia dito, e, apesar disso, ele continuava a sentir-se desconsolado - desconsolado porque ela dissera que estava uma tarde perfeita para o Golfe Obstáculo, porque fora correndo juntar-se a Henry Foster, porque o tinha achado esquisito ao não querer falar em público de seus assuntos mais íntimos. Desconsolado, em suma, porque ela se portara como devia fazê-lo toda moça inglesa sadia e virtuosa, e não de alguma outra forma anormal e extraordinária.

Abriu a porta de seu boxe e ordenou a dois empregados Deltas-Menos desocupados que empurrassem o aparelho para o terraço. O serviço dos hangares era feito por um só Grupo Bokanovsky e aqueles homens eram gêmeos, identicamente pequenos, negros e horrorosos. Bernard dava suas ordens no tom brusco, um pouco arrogante e até ofensivo de quem não está muito certo de sua superioridade. Ter de tratar com representantes das castas inferiores constituía sempre, para Bernard, uma experiência penosa. Porque, fosse qual fosse a causa (e era bem possível que os rumores a respeito do álcool em seu pseudo-sangue tivessem fundamento - pois, apesar de tudo, acidentes como esse aconteciam), o físico de Bernard não era muito melhor que o de um Gama típico. Ele tinha oito centímetros menos do que a estatura normal dos Alfas, e era proporcionalmente delgado. O contato com os membros das castas inferiores lembrava-lhe sempre, dolorosamente, essa insuficiência física. "Eu sou eu, e bem quisera não o ser"; o sentimento do eu era nele intenso e aflitivo.

Cada vez que tinha de encarar um Delta, horizontalmente e não de cima para baixo, sentia-se humilhado. Aquela criatura o trataria com o respeito devido à sua casta? Essa pergunta o atormentava. E não sem razão. Porque os Gamas, os Deltas e os ípsilons haviam sido, até certo ponto, condicionados de forma a associarem a massa corporal com a superioridade social. Na verdade, um leve preconceito hipnopédico em favor da estatura era universal. Daí o riso das mulheres a quem ele fazia propostas, as peças que lhe pregavam os homens de sua classe.

A zombaria fazia com que se sentisse um pária e, sentindo-se um pária, portava-se como tal, o que fortalecia a prevenção contra ele e intensificava o desprezo e a hostilidade que seus defeitos físicos despertavam. Isso, por sua vez, aumentava nele o sentimento de exclusão e solidão. Um temor crônico de ser desdenhado fazia-o evitar seus pares, fazia-o ostentar diante de seus inferiores uma atitude de arrogância e de sentimento exacerbado do eu.

Com que amargura invejava homens como Henry Foster e Benito Hoover! Homens que nunca eram obrigados a gritar com um ípsilon para que suas ordens fossem cumpridas; homens para quem sua posição era uma coisa lógica e natural; homens que se moviam no sistema de castas como um peixe na água - tão completamente à vontade que não tinham consciência de si próprios, nem do elemento benfazejo e confortável dentro do qual existiam.

Com moleza e má vontade, segundo lhe pareceu, os empregados gêmeos rodaram seu aparelho até o terraço.

- Depressa! - disse Bernard, irritado. Um deles olhou-o. Seria uma espécie de mofa bestial o que ele percebia naqueles olhos cinzentos e vazios? - Depressa! - gritou mais alto, e sua voz tinha um timbre desagradável mente áspero.

Subiu para o helicóptero, e um minuto depois voava para o sul, na direção do rio.

Os diversos Escritórios de Propaganda e o Colégio de Engenharia Emocional estavam instalados em um mesmo edifício de sessenta andares em Fleet Street. No subsolo e nos primeiros andares achavam-se as oficinas e os escritórios dos três grandes jornais de Londres - *O Rádio Horário*, jornal para as castas superiores, *A Gazeta dos Gamas*, verde-pálido, e, em papel caqui e exclusivamente em palavras monossilábicas, *O Espelho dos Deltas*. Depois vinham, sucessivamente, os Escritórios de Propaganda pela Televisão, pelo Cinema Sensível, e pela Voz e Música Sintéticas - que ocupavam vinte e dois andares. A seguir, vinham os laboratórios de pesquisa e as câmaras acolchoadas onde os autores de Trilhas Sonoras e os Compositores Sintéticos realizavam seu delicado trabalho. Os dezoito últimos andares eram ocupados pelo Colégio de Engenharia Emocional.

Bernard pousou no terraço da Casa da Propaganda e desceu do aparelho.

- Telefone ao Sr. Helmholtz Watson - ordenou ao porteiro Gama-Mais - e diga-lhe que o Sr. Bernard Marx o espera no terraço.

Sentou-se e acendeu um cigarro.

Helmholtz estava escrevendo quando recebeu o recado.

- Diga-lhe que vou em seguida - respondeu, e pendurou o fone. Depois, dirigindo-se à sua secretária, continuou, no mesmo tom de voz oficial e impessoal: - Deixo-lhe o trabalho de arrumar meus papéis - e, fingindo não perceber o sorriso luminoso da moça, levantou-se e encaminhou-se a passos rápidos para a porta.

Era um homem de poderosa compleição, peito amplo ombros largos, maciço e, no entanto, vivo nos seus movimentos, elástico e ágil. O pilar redondo e sólido do pescoço sustentava uma cabeça admiravelmente bem formada. Os cabelos eram escuros e crespos, as feições fortemente pronunciadas. A seu modo vigoroso e enfático, era belo e tinha bem o ar (como sua secretária não se cansava de repetir) de um Alfa-Mais até o último centímetro. Por profissão, era professor do Colégio de Engenharia Emocional (Seção de Redação) e, no intervalo de suas atividades educativas, trabalhava como Engenheiro em Emoção. Escrevia regularmente para o *O Rádio Horário*, compunha cenários para filmes sensíveis e tinha o dom de criar *slogans* e versinhos hipnopédicos.

"Competente" - tal era o veredicto dos chefes a seu respeito. "Talvez" (e sacudiam a cabeça, baixando significativamente a voz) "um pouco competente *demais*".

Sim, um pouco competente demais; eles tinham razão. Um excesso mental produzira em Helmholtz Watson efeitos muito parecidos com os que, em Bernard Marx, resultavam de um defeito físico. A insuficiência óssea e muscular tinha isolado Bernard de seus semelhantes, e o sentimento de ser assim um indivíduo à parte era considerado segundo os padrões correntes, um excesso mental, o qual, por sua vez, se tornava causa de um afastamento mais acentuado. A Helmholtz, o que lhe dava tão penosa consciência de si mesmo, e de estar totalmente só, era um excesso de capacidade. O que esses dois homens tinham em comum era a consciência de serem individualidades.

Mas, enquanto Bernard, o fisicamente deficiente, sofrerá toda a sua vida pela consciência de ser um indivíduo à parte, só recentemente Helmholtz Watson, tendo descoberto seu excesso mental, compreendera também o que o diferenciava das pessoas que o cercavam. Esse campeão de Pelota-Escalátor, esse amante infatigável (dizia-se que possuía seiscentas e quarenta mulheres em menos de quatro anos), esse admirável homem de comitês, eminentemente sociável, percebera de súbito que o esporte, as mulheres e as atividades comunais não eram, no que lhe dizia respeito, senão coisas de

secundária importância.

Na realidade, e no fundo, interessava-se por outra coisa. Mas pelo quê? Pelo quê? Esse era o problema que Bernard tinha vindo discutir com ele, ou melhor - já que era sempre Helmholtz quem falava - tinha vindo ouvir, mais uma vez, seu amigo discutir.

Três encantadoras jovens da Seção de Propaganda pela Voz Sintética abordaram Helmholtz ao sair do elevador.

- Oh, Helmholtz, querido, venha fazer conosco uma ceia campestre nos prados de Exmoor! - Agarravam-se a ele, suplicantes.

Helmholtz sacudiu a cabeça e desvencilhou-se, abrindo caminho entre elas.

- Não, não.

- Não vamos convidar nenhum outro homem.

Ele, porém, permaneceu inabalável, apesar da tentadora promessa.

- Não - repetiu - estou ocupado. - E prosseguiu resolutamente sua marcha.

As jovens deixaram-se arrastar atrás dele. E foi somente quando subiu ao helicóptero de Bernard e fechou a porta que elas abandonaram a perseguição.

- Essas mulheres! - disse, enquanto o aparelho se elevava no ar. - Essas mulheres! - Sacudiu a cabeça e franziu o sobrolho. - São de apavorar.

Bernard concordou hipocritamente, pois, no íntimo, gostaria de poder atrair tantas jovens, e com a mesma facilidade que Helmholtz. Sentiu uma súbita e urgente necessidade de se gabar.

- Vou levar Lenina Crowne comigo ao Novo México - disse, no tom mais despreocupado que lhe foi possível.

- Ah, sim - replicou Helmholtz, com a mais completa indiferença. E, depois de uma pequena pausa: - Faz uma ou duas semanas que larguei todos os meus comitês e todas as minhas mulheres. Você não pode imaginar a celeuma que andaram fazendo no Colégio. Seja como for, valeu a pena, creio. Os efeitos... - Hesitou. - Pois são estranhos, muito estranhos.

Uma insuficiência física podia produzir uma espécie de excesso mental. Ao parecer, o processo era reversível. O excesso mental podia, por sua vez, produzir a cegueira e a surdez da solidão deliberadamente procurada, a impotência artificial do ascetismo. O restante da pequena viagem aérea efetuou-se em silêncio. Uma vez chegados e confortávelmente recostados nos sofás pneumáticos do quarto de Bernard, Helmholtz voltou à carga. Falando muito lentamente, perguntou:

- Você nunca sentiu a sensação de ter em si alguma coisa que, para se exteriorizar, espera somente que você lhe dê a chance? Uma espécie de força excedente que você não esteja utilizando, algo assim como aquela água toda que se precipita na cachoeira em vez de passar pelas turbinas?

Dirigiu a Bernard um olhar interrogativo.

- Você se refere às emoções que se poderia experimentar se as coisas fossem diferentes?

Helmholtz sacudiu a cabeça.

- Não é bem isso. Estou pensando numa sensação estranha que experimento às vezes, a sensação de ter alguma coisa de importante a dizer e o poder de exprimi-la... só que eu não sei o que é, e não posso utilizar esse poder. Se houvesse algum outro modo de escrever... Ou, então, outros assuntos a tratar... - Calou-se; depois: - Você vê, eu sou bastante hábil em inventar frases, quero dizer, essas expressões que nos dão um sobressalto, quase como se a gente se sentasse sobre um alfinete, tão novas e excitantes elas parecem, muito embora se refiram a alguma coisa hipnopedicamente óbvia. Mas isso não parece suficiente. Não basta que as frases sejam boas, seria preciso que o que delas se fizesse também fosse bom.

- Mas as coisas que você produz, Helmholtz, são boas.

- Ah, sim, dentro dos seus limites. - Helmholtz encolheu os ombros. - Mas são limites tão estreitos! O que eu faço, de certo modo, não é bastante importante. Sinto que poderia fazer coisas bem

mais importantes. Sim, e mais intensas, mais violentas. Mas o quê? O que é que há de mais importante para dizer? E como é possível dizer algo violento sobre assuntos do gênero que se é forçado a tratar? As palavras podem ser como os raios X, se as usarmos adequadamente: penetram tudo. A gente lê, e é trespassado. Essa é uma das coisas que eu procuro ensinar aos meus alunos: como escrever de modo penetrante. Mas de que diabo serve uma pessoa ser trespassada por um artigo sobre Cantos Comunitários, ou sobre o último aperfeiçoamento dos órgãos aromáticos? Além disso, será possível fazer com que as palavras sejam verdadeiramente penetrantes - quero dizer, como os raios X mais duros - quando se trata de assuntos desse gênero? Pode-se dizer alguma coisa a respeito de nada? É a isso, afinal, que se reduz a questão. Eu tento, eu me esforço...

- Psit! - fez subitamente Bernard, levantando um dedo; os dois escutaram. - Creio que há alguém atrás da porta - sussurrou.

Helmholtz levantou-se, atravessou a peça nas pontas dos pés e, num movimento rápido, abriu a porta de par em par. Não havia ninguém, naturalmente.

- Desculpe - disse Bernard, desconcertado. - Devo andar com os nervos um pouco excitados. Quando as pessoas desconfiam de nós, acabamos também por desconfiar delas.

Passou a mão pelos olhos, suspirou, sua voz tornou-se lamentosa. Estava justificando-se.

- Se você soubesse o que tenho suportado nestes últimos tempos! - continuou, quase chorando, e o acesso de piedade de si mesmo parecia uma fonte que, de repente, se pusesse a jorrar. - Se você soubesse!

Helmholtz Watson ouvia-o com certo constrangimento.

"Pobre Bernard!" pensou. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se um tanto envergonhado por seu amigo. Teria preferido que Bernard mostrasse um pouco mais de amor-próprio.

Capítulo V

1

Pelas oito horas da tarde, estava começando a escurecer. Os alto-falantes da torre do edifício principal do Clube de Stoke Poges puseram-se a anunciar, com uma voz de tenor que tinha algo de mais que humano, o fechamento dos campos de golfe. Lenina e Henry abandonaram a partida e voltaram para o Clube. Dos prados do Truste de Secreções Internas e Externas chegavam os mugidos dos milhares de reses que forneciam, com seus hormônios e seu leite, as matérias-primas para a grande usina de Farnham Royal.

Um zumbir incessante de helicópteros enchia o crepúsculo. A intervalos regulares de dois minutos e meio, uma campainha e apitos agudos anunciavam a partida de um dos trens ligeiros, monotrilhos, que reconduziam à metrópole, do seu campo separado, os jogadores de golfe pertencentes às castas inferiores.

Lenina e Henry subiram ao seu aparelho e partiram. A duzentos e cinqüenta metros de altitude Henry diminuiu a velocidade das hélices e ambos permaneceram suspensos, por um ou dois minutos, sobre a paisagem que se diluía nas sombras. A floresta de Burnham Beeches estendia-se, como um vasto lago de obscuridade, para a linha brilhante do céu a oeste. Rubra no horizonte, a luz que ainda restava do sol poente espalhava-se para o alto, passando do alaranjado ao vermelho e a um verde muito pálido.

Para o norte, além e acima das árvores, a usina de Secreções Internas e Externas projetava ásperos resplendores elétricos por todas as janelas de seus vinte andares. Abaixo deles jaziam as construções do Clube de Golfe — os enormes quartéis das castas inferiores e, do outro lado de um muro divisório, as casas menores reservadas aos sócios Alfas e Betas. As vias de acesso à estação do monotrilho estavam negras do fervilhar das castas inferiores, que se moviam como formigas. De sob a abóbada de vidro, um trem iluminado precipitou-se no espaço aberto. Seguindo-lhe a rota em direção a sudeste através da planície ensombrecida, seus olhos foram atraídos pelos majestosos edifícios do Crematório de Slough. A fim de garantir a segurança dos vôos noturnos, as quatro altas chaminés estavam iluminadas por projetores e encimadas por sinais vermelhos de perigo. Era um ponto de referência.

- Por que é que as chaminés têm em redor aquelas coisas que parecem balcões? - perguntou Lenina.

- Recuperação do fósforo - explicou Henry num estilo telegráfico. - Durante o trajeto para o alto da chaminé, os gases sofrem quatro tratamentos diferentes. Em outros tempos, quando se fazia uma cremação, o P2 O5 era completamente desperdiçado. Hoje, recupera-se mais de noventa e oito por cento. Mais de quilo e meio por corpo de adulto. Isso representa, só para a Inglaterra, quase quatrocentas toneladas de fósforo por ano. - Henry falava cheio de orgulho feliz, regozijando-se sinceramente com tal resultado, como se fosse obra sua. - É uma bela coisa pensar que podemos continuar sendo socialmente úteis mesmo depois de mortos. Fazendo crescer as plantas.

Lenina, entretanto, desviara os olhos e observava verticalmente a estação do monotrilho abaixo deles.

- É uma bela coisa - concordou. - Mas é estranho que os Alfas e Betas não façam crescer mais plantas do que aquelas horríveis Gamas, Deltas e ípsilons que vão ali.

- Todos os homens são físico-quimicamente iguais - disse Henry em tom sentencioso. - Além disso, até mesmo os Ipsilons prestam serviços indispensáveis. - Até os Ipsilons... - Lenina lembrou-se repentinamente de certa ocasião em que, ainda meninazinha de colégio, despertara no meio da noite e se dera conta, pela primeira vez, do murmúrio que enchia todas as suas horas de sono. Reviu o raio de luar, a fila de caminhas brancas; ouviu de novo aquela voz suave, suave, que dizia (as palavras, tinha-as presentes, inesquecidas, inesquecíveis depois de tantas repetições durante as noites): "Cada um trabalha para todos. Não podemos prescindir de ninguém. Até os Ipsilons são úteis. Não poderíamos passar sem os Ipsilons. Cada um trabalha para todos. Não podemos prescindir de ninguém..." Relembrou o seu primeiro choque de medo e surpresa; as especulações de seu espírito em meia hora de insônia; e depois, sob a influência das repetições sem fim, sua mente acalmando-se pouco a pouco, à aproximação sedativa, acariciadora, do sono, deslizando de mansinho... - Suponho que, na realidade, os Ipsilons não se importam de serem Ipsilons - disse em voz alta.

- Está claro que não. Por que haveriam de se importar? Eles não concebem outro gênero de vida. Nós, naturalmente, nos importariamos. Mas acontece que nós fomos condicionados de outro modo e, além disso, começamos com uma hereditariedade diferente.

- Estou muito contente por não ser uma Ipsilon - observou Lenina com convicção.

- E se você fosse uma ípsilon - retorquiu Henry - o seu condicionamento a deixaria não menos satisfeita por não ser uma Beta ou uma Alfa.

Embreou a hélice propulsora e dirigiu o aparelho para Londres. Detrás deles, para oeste, o carmesim e o alaranjado quase se haviam dissipado; uma nuvem escura avançara para o zênite. Voando por cima do Crematório, o helicóptero subiu verticalmente sobre a coluna de ar aquecido que se elevava das chaminés, para recair, também de súbito, quando penetrou na corrente descendente de ar frio que se lhe seguia.

- Que maravilhosa montanha-russa! - Lenina teve um riso deleitado.

Mas o tom da resposta de Henry foi, durante um momento, quase melancólico.

- Você sabe o que era essa montanha-russa? Era o desaparecimento final e definitivo de algum ser humano. Subindo num jato de ar quente. Seria curioso saber quem era; um homem, uma mulher, um Alfa, um ípsilon... - Suspirou. Depois, resolutamente alegre, concluiu: - De qualquer forma, há uma coisa de que podemos estar certos; fosse quem fosse, em vida foi feliz. Agora todos são felizes.

- Sim, agora todos são felizes - ecoou Lenina. Tinham ouvido essas palavras repetidas cento e cinquenta vezes por noite, durante doze anos.

Pousando em Westminster, no terraço de um edifício de apartamentos de quarenta andares onde Henry morava, dirigiram-se logo para o salão de refeições. Aí, em companhia ruidosa e alegre, comeram um excelente jantar. Com o café, foi-lhes servido *soma*. Lenina tomou dois comprimidos de meia grama, e Henry, três. Às nove e vinte atravessaram a rua para irem ao recentemente inaugurado Cabaré da Abadia de Westminster. A noite estava límpida, sem lua e estrelada; porém Lenina e Henry, por sorte, não tomaram conhecimento desse fato, afinal de contas desalentador. Os anúncios luminosos em pleno céu excluía eficazmente a escuridão exterior. "Calvin Stopes e seus Dezesseis Saxofonistas."

Na fachada da nova Abadia, as letras gigantescas fulguravam convidativamente. "O Melhor Órgão de Perfumes e Cores de Londres. A Música Sintética mais Recente."

Entraram. Com o perfume de âmbar cinzento e de sândalo, o ar parecia quente e pesado. No teto em cúpula da sala, o órgão de cores pintara momentaneamente um pôr-de-sol tropical. Os Dezesseis Sexofonistas tocavam um velho sucesso popular: "Não há bocal nenhum que no mundo se iguale a ti, meu

Bocal adorado". Quatrocentos pares dançavam um *five-step* sobre o assoalho encerado. Lenina e Henry formaram logo o par quatrocentos e um. Quais gatos melódiosos ao luar, os sexofones gemeram, nos registros alto e tenor, como se estivessem desmaiando. Com uma riqueza prodigiosa de sons harmônicos, seu coro trêmulo se foi elevando a alturas mais sonoras, cada vez mais sonoras - até que, por fim, com um gesto da mão, o maestro desencadeou a arrasadora nota final de música do éter, varrendo para fora de toda existência os dezesseis artistas meramente humanos. Trovão em lá-bemol maior. E então, num quase silêncio, numa quase obscuridade, seguiu-se uma deturgescência gradual, um *diminuendo* que deslizava por graus, por quartos de tom, até um acorde de dominante fracamente murmurado, que se arrastava ainda (enquanto os ritmos de cinco-quatro continuavam seus compassos no violoncelo), carregando os segundos obscurecidos de uma expectativa intensa. E enfim a expectativa foi satisfeita. Houve um súbito nascer-do-sol explosivo e, simultaneamente, os Dezesseis entoaram a canção:

O amado Bocal, foi a ti que exaltei!
O amado Bocal, por que me decantei?
Dentro de ti o céu é puro e sossegado,
E o tempo é suave e bom como um vale;
Ah!
Não há Bocal nenhum que no mundo se iguale
A ti, meu Bocal adorado!

Fazendo evoluções de *five-step* com os outros quatrocentos pares no salão da Abadia de Westminster, Lenina e Henry dançavam, entretanto, em outro mundo – o mundo quente, cheio de cores vivas, o mundo infinitamente acolhedor criado pelo *soma*. Como todos eram bons, e belos, e deliciosamente divertidos! "Ô amado Bocal, foi a ti que exaltei!..." Mas Lenina e Henry possuíam o que eles exaltavam...

Nesse mesmo momento e nesse mesmo lugar, eles estavam no interior do bocal - a salvo no seu interior, gozando o tempo radioso, o céu perpetuamente azul.

E quando, esgotados, os Dezesseis depuseram os seus sexofones, e o aparelho de Música Sintética começou a executar o que havia de mais moderno em Blues Malthusianos lentos, Lenina e Henry eram como dois embriões gêmeos, embalados docemente pelas vagas de um oceano de pseudo-sangue.

"Boa noite, caros amigos. Boa noite, caros amigos." Os alto-falantes encobriam suas ordens com uma polidez complacente e musical. "Boa noite, caros amigos..."

Obedientemente, como todos os demais, Lenina e Henry abandonaram o edifício.

No céu, as deprimentes estrelas haviam percorrido um longo trajeto. Mas, embora a cortina separadora dos anúncios luminosos se tivesse em grande parte desfeito, os dois jovens continuaram mergulhados na feliz inconsciência da noite.

Uma segunda dose de *soma*, ingerida meia hora antes do encerramento, erguera um muro intransponível entre o universo real e seus espíritos. Foi num bocal que eles atravessaram a rua; num bocal tomaram o elevador para subirem ao quarto de Henry, no vigésimo oitavo andar. No entanto, embora estivesse encerrada no bocal, e a despeito daquela segunda grama de *soma*, Lenina não se esqueceu de tomar todas as precauções anticoncepcionais prescritas pelos regulamentos. Anos de hipnopédia intensiva e, dos doze aos dezessete, exercícios malthusianos três vezes por semana, tinham tornado a prática desses cuidados quase tão automática como o pestanejar.

- Ah, isto me faz lembrar... - disse ela, voltando do quarto de banho. – Fanny Crowne quer saber onde você conseguiu aquela linda cartucheira de pseudo-marroquim verde que me deu.

De duas em duas semanas, às quintas-feiras, era para Bernard dia da Cerimônia de Solidariedade. Depois de jantar cedo no Afroditeu (para o qual Helmholtz recentemente fora eleito em virtude do Artigo 29 do Regulamento), despediu-se do amigo e, chamando um táxi no terraço, ordenou ao condutor que voasse para o Orfeão Comunitário Fordson. O aparelho subiu uns duzentos metros, depois rumou para leste, e, ao fazer essa volta, diante dos olhos de Bernard surgiu o Orfeão, gigantescamente belo.

Iluminados por projetores, seus trezentos e vinte metros de pseudomármore branco de Garrara brilharam numa incandescência nívea acima de Ludgate Hill; em cada um dos quatro ângulos de sua plataforma para helicópteros, um T imenso luzia, escarlate, no céu noturno, e pelas bocas de vinte e quatro enormes trombetas de ouro ressoava uma solene música sintética.

- Diabo, estou atrasado! - murmurou Bernard ao avistar Big Henry, o relógio do Orfeão. E, com efeito, quando ele deixava o táxi, Big Henry deu a hora. "Ford", bramiu uma formidável voz de baixo, saindo de todas as trombetas de ouro. "Ford, Ford, Ford..."

Nove vezes. Bernard correu para o elevador.

O grande auditório para as cerimônias do Dia de Ford e outros Cantos Comunitários gerais estava situado no andar térreo do edifício. Acima, à razão de cem por andar, estavam as sete mil salas que serviam aos Grupos de Solidariedade para realizarem as cerimônias quinzenais. Bernard desceu ao trigésimo terceiro andar, enfiou-se apressadamente pelo corredor, hesitou um momento diante da Sala 3210 e, decidindo-se, abriu a porta e entrou.

Graças a Ford! Ele não era o último a chegar. Das doze cadeiras dispostas em torno da mesa circular, ainda havia três desocupadas. Deslizou para a mais próxima, procurando fazer-se notar o menos possível, e preparou-se para acolher de sobreceño franzido os outros retardatários que chegassem. O sino maior da torre do Parlamento de Westminster (e, por extensão, a própria torre) chama-se "Big Ben".

- Que foi que você jogou esta tarde? - perguntou, voltando-se para ele, a moça que estava sentada à sua esquerda. - Golfe Obstáculo ou Eletromagnético?

Bernard olhou-a (Ford! Era Morgana Rothschild!) e teve de confessar, corando, que não tinha jogado nenhum dos dois. Morgana fitou-o espantada. Houve um silêncio embaraçoso.

Depois, ostensivamente, ela virou as costas e dirigiu-se ao homem mais esportivo que estava à sua esquerda.

"Bonito começo para uma Cerimônia de Solidariedade", pensou Bernard, desconsolado, e previu que mais uma vez não conseguiria a comunhão de pensamento.

Se ao menos tivesse tido o cuidado de olhar em roda, em vez de se precipitar para a cadeira mais próxima! Teria podido sentar-se entre Fifi Bradlaugh e Joana Diesel. Entretanto, fora plantar-se cegamente ao lado de Morgana. Morgana! Ford! Aquelas sobranceiras negras - ou melhor, aquela sobranceira, pois elas se uniam acima do nariz! Ford! E à sua direita estava Clara Deterding. Sem dúvida, as sobranceiras de Clara não se juntavam. Mas a moça era verdadeiramente pneumática *demais*. Ao passo que Fifi e Joana eram exatamente como convinha. Rechonchudas, louras, não muito grandes...

E era aquele grande lorpa Tom Kawaguchi que agora se sentava na cadeira livre entre as duas.

A última pessoa a chegar foi Sarojini Engels.

- A senhora está atrasada - disse com severidade o Presidente do Grupo. - Que isso não se repita.

Sarojini desculpou-se e tomou o seu lugar entre Jim Bokanovsky e Herbert Bakunin. O grupo estava agora completo, o círculo de solidariedade estava perfeito e sem falhas. Um homem, uma mulher,

um homem - num anel de alternância sem fim ao redor da mesa. Eram doze, prontos a se reunirem em um, esperando aproximarem-se, fundirem-se, perderem em um ser maior suas doze identidades distintas.

O Presidente levantou-se, fez o sinal do T e, ligando a música sintética, desencadeou o suave, infatigável rufar de tambores e um coro de instrumentos – de quase-sopro e supercordas - que repetiram expressivamente, muitas e muitas vezes, a melodia breve e obsedante do Primeiro Cântico de Solidariedade. Outra vez, mais outra - e não era o ouvido que percebia o ritmo martelado, era o diafragma; o gemido e o clangor daquelas harmonias reiteradas obsedavam, não o espírito, mas as entranhas, criando uma ardente compaixão. O Presidente fez de novo o sinal do T e sentou-se. A cerimônia tinha começado.

Os comprimidos de *soma* consagrados foram colocados no centro da mesa. A taça da amizade, cheia de refresco de morango com *soma*, foi passada de mão em mão e, com a fórmula "Bebo ao meu aniquilamento", levada doze vezes aos lábios. Depois, com o acompanhamento da orquestra sintética, cantaram o Primeiro Cântico de Solidariedade.

Nós somos doze, ó Ford; em tuas mãos reunidos Como as gotas que caem no Ribeiro Social; Ah! Faz com que corramos destemidos Como teu Calhambeque sem rival!

Doze estrofes anelantes. Depois, a taça da amizade passou novamente de mão em mão. "Bebo ao Ser Maior", tal era a fórmula. Todos beberam. Infatigável mente, a música continuava a se fazer ouvir. Os tambores rufavam. Os sons plangentes e atroadores das harmonias eram uma obsessão nas entranhas enternecidas. Cantaram o segundo Cântico de Solidariedade:

Vem, Amigo Social, ó Ser Supremo e forte, O Aniquilador dos Doze em Um, gigante! Todos morrer queremos, porque a morte É desta vida o mais sublime instante!

Novamente, doze estrofes. A essa altura, o *soma* já começara a atuar. Os olhos brilhavam, as faces estavam coradas, a luz interior da benevolência universal irradiava-se de cada rosto, em sorrisos felizes e amistosos. O próprio Bernard sentiu-se um pouco enternecido. Quando Morgana Rothschild se virou e lhe dirigiu um sorriso radiante, ele fez o que pôde para retribuí-lo. Mas a sobancelha, aquela escura duas-em-uma, continuava ali; Bernard não podia deixar de vê-la - por mais esforços que fizesse, não podia. O enternecimento ainda não fora bastante longe. Se ele estivesse sentado entre Fifi e Joana, quem sabe... Pela terceira vez, a taça da amizade circulou. "Bebo à iminência de Sua Vinda", disse Morgana Rothschild, a quem tocava a vez de dar começo ao rito circular. Sua voz era forte, exultante. Ela passou a taça a Bernard. "Bebo à iminência de Sua Vinda", repetiu ele, com um esforço sincero para sentir que a Vinda era iminente; mas aquela sobancelha continuava a obcecá-lo, e a Vinda, para ele, era horivelmente remota. Bebeu e passou a taça a Clara Deterding. "Será outro fracasso, eu sei", disse consigo mesmo, mas continuou a fazer o possível para ostentar um sorriso radiante.

A taça da amizade completara o seu circuito. Erguendo a mão, o Presidente fez um sinal; o coro entoou o Terceiro Cântico da Solidariedade.

Senti que vem a vós o Grande Ser dos dias! Alegrai-vos com a sorte ideal que ele vos deu! Fundi-vos ao cantar das melodias, Porque enfim eu sou vós e vós sois eu.

A medida que uma estrofe sucedia a outra, as vozes vibravam com uma excitação cada vez mais intensa. O sentimento da iminência da Vinda era como uma tensão elétrica no ar. O Presidente fez parar a música e, com a última nota da derradeira estrofe, fez-se um silêncio absoluto - o silêncio da expectativa tensa, a vibrar e a ofegar com uma vida galvânica. O Presidente estendeu a mão e, de súbito, uma Voz, uma Voz forte e profunda, mais musical do que qualquer voz simplesmente humana, mais cheia, mais quente, mais vibrante de amor, de desejo ardente e de compaixão, uma Voz maravilhosa, misteriosa, sobrenatural, falou-lhes por sobre suas cabeças. "Oh, Ford! Ford! Ford!" disse ela muito devagar, decrescendo de volume e numa escala descendente. Uma sensação de calor suave se irradiou do plexo solar a cada uma das extremidades do corpo dos que escutavam; as lágrimas subiram-lhes aos olhos; parecia-lhes que o coração, as entranhas, se moviam no interior do corpo como se tivessem vida

independente. "Ford!"

Eles se fundiam. "Ford!" Estavam fundidos. Depois, em outro tom, de repente, sobressaltando-os: "Escutem!" trombeteou a Voz. "Escutem!" Eles escutaram. Depois de uma pausa, ela decresceu até não ser mais que um murmúrio, mas um murmúrio que, de algum modo, era mais penetrante que o grito mais agudo. "Os pés do Grande Ser", disse; e repetiu: "Os pés do Grande Ser". O murmúrio tornou-se quase inaudível: "Os pés do Grande Ser estão na escada". E outra vez houve um silêncio, e a expectativa, que se distendera momentaneamente, tornou a retesar-se, como uma corda que se estira, mais tensa, mais tensa ainda, quase a ponto de romper-se. Os pés do Grande Ser - ah! Eles os ouviam, eles os ouviam, descendo suavemente os degraus, aproximando-se cada vez mais pela escada invisível. Os pés do Grande Ser. E, de súbito, o ponto de ruptura foi atingido. Com os olhos arregalados, os lábios abertos, Morgana Rothschild levantou-se de um salto.

- Ouço-o! - exclamou. - Ouço-o!

- Ele chega! - bradou Sarojini Engels.

- Sim, ele chega, ouço-o! - Fifi Bradlaugh e Tom Kawaguchi se ergueram simultaneamente.

- Oh! Oh! Oh! - fez Joana, num testemunho inarticulado.

- Ele chega! - urrou Jim Bokanovsky.

O Presidente inclinou-se para diante e, com um leve toque da mão, desencadeou um delírio de címbalos e de instrumentos de metal, uma febre de marteladas em tantas.

- Oh, ele chega! - gritou Clara Deterding. - Ai! -e era como se lhe cortassem a garganta.

Sentindo que era o momento de fazer alguma coisa, Bernard também se pôs de pé num pulo e bradou:

- Ouço-o! Ele chega!

Mas não era verdade. Não ouvia nada e, para ele, ninguém chegava. Ninguém - apesar da música, apesar da excitação crescente. Todavia, agitou os braços, gritou como os outros; e, quando os demais se puseram a bambolear-se, a bater com os pés e a caminhar a passos arrastados, ele também se bamboleou, também arrastou os pés.

Deram a volta à sala, uma procissão circular de dançarinos, cada um com as mãos nos quadris do dançarino precedente - e assim continuaram, volta após volta, gritando em uníssono, batendo com os pés ao ritmo da música, marcando vigorosamente a cadência com as mãos nas nádegas dos que estavam à sua frente; doze pares de mãos batendo como uma só; como uma só, doze pares de nádegas ressoando viscosamente.

Doze em um, doze em um. "Ouço-o, ouço-o chegar!" A música acelerou-se, os pés bateram mais rápido; mais rápido, ainda mais rápido bateram as mãos rítmicas. E subitamente uma poderosa voz sintética de baixo rugiu as palavras que anunciavam a expiação próxima e a consumação final da solidariedade, a vinda do Doze-em-Um, a encarnação do Grande Ser. "Orgião-espadão", cantou ela, enquanto os tantas continuavam a martelar seu rufo febril: Orgião-espadão, Ford e alegria a rodo, Com beijos unir-se às moças num só Todo! E cada moça vá com seu rapaz; Orgião-espadão assim vos satisfaz.

"Orgião-espadão. . ." Os dançarinos retomaram o refrão litúrgico: "Orgião-espadão, Ford e alegria a rodo, com.." E, enquanto cantavam, as luzes iam amortecendo lentamente - amortecendo e, ao mesmo tempo, tornando-se mais quentes, mais ardentes, mais rubras, de tal modo que, por fim, eles dançavam na penumbra vermelha de um Depósito de Embriões. "Orgião-espadão..." Na sua obscuridade fetal e cor de sangue, os dançarinos continuaram por algum tempo a circular, a bater, a bater incessantemente o ritmo infatigável. "Orgião-espadão..." Depois a ronda oscilou, rompeu-se, desagregando-se parcialmente sobre os divas que rodeavam - um círculo encerrando outro círculo - a mesa e suas cadeiras planetárias. "Orgião-espadão..."

Ternamente, a Voz, profunda, cantarolava e arrulhava; na penumbra vermelha, parecia que um enorme pombo negro planava, benfazejo, acima dos dançarinos agora deitados sobre o ventre ou sobre o

dorso.

Estavam de pé no terraço; Big Henry acabava de dar as onze. A noite estava calma e tépida.

- Foi maravilhoso, não acha? - comentou Fifi Bradlaugh. – Simplesmente maravilhoso.

Ela fitou Bernard com uma expressão de enlevo, mas um enlevo em que não havia nenhum vestígio de agitação ou de superexcitação - pois estar superexcitado ainda é estar insatisfeito. Seu êxtase era o êxtase calmo da perfeição atingida, a paz, não da simples saciedade e do nada, mas da vida em equilíbrio, das energias em repouso e contrabalançadas. Uma paz rica e viva. Porque a Cerimônia de Solidariedade havia dado tanto quanto tomara, não tendo esgotado parcialmente senão para reencher. Ela estava completa, tinha-se tornado perfeita, ainda era mais que simplesmente ela mesma.

- Não achou maravilhoso? - insistiu, fixando no rosto de Bernard seus olhos brilhantes, de um fulgor sobrenatural.

- Sim, achei maravilhoso - mentiu ele, e desviou o olhar; a vista daquela fisionomia transfigurada era uma acusação e, ao mesmo tempo, uma lembrança irônica do que o afastava dos demais.

Sentia-se tão aflitivamente só, agora, como no começo da Cerimônia – mais isolado ainda, em virtude do vácuo que nele não tinha sido preenchido, em virtude de sua saciedade inerte. Isolado e irremediado, enquanto os outros se fundiam no Grande Ser; só, mesmo no amplexo de Morgana - bem mais só, na verdade, mais irremediavelmente ele mesmo do que nunca o fora em sua vida. Tinha saído da penumbra vermelha para o fulgor banal da eletricidade com o sentimento do eu intensificado a ponto de tornar-se um martírio. Sentia-se totalmente infeliz, e talvez (os olhos luminosos de Fifi o acusavam), talvez fosse por sua própria culpa.

- Absolutamente maravilhoso - repetiu. Mas a única coisa em que podia pensar era nas sobranceiras de Morgana.

Capítulo VI

1

"Estranho, estranho, *estranho*", tal o juízo formado por Lenina acerca de Bernard Marx. Tão estranho, na verdade, que durante as semanas seguintes ela se perguntou mais de uma vez se não deveria mudar de idéia a respeito de suas férias no Novo México e ir, de preferência, ao Pólo Norte com Benito Hoover. O inconveniente era que ela já conhecia o Pólo Norte, onde estivera ainda no último verão com George Edzel, e, além do mais, achara tudo simplesmente horrível. Nada que fazer, e o hotel desoladoramente antiquado - sem televisão nos quartos, sem órgão aromático, nada mais que música sintética, e essa mesmo infecta, e somente vinte e cinco Quadras de Pelota Escalátor para mais de duzentos hóspedes. Não, de modo algum poderia suportar de novo o Pólo Norte. Além disso, ela só fora uma vez à América. E mesmo assim, por.tão pouco tempo! Um fim-de-semana barato em Nova Iorque - fora com Jean Jacques Habibullah, ou com Bokanovsky Jones? Não se lembrava. Aliás, isso não tinha a mínima importância. A perspectiva de tornar a voar para o ocidente, e por uma semana inteira, era muito sedutora. Além do que, passariam pelo menos três dos sete dias na Reserva de Selvagens. Do pessoal do Centro, somente meia dúzia, quando muito, já havia estado no interior de uma dessas Reservas. E, em sua qualidade de psicólogo Alfa-Mais, Bernard era um dos poucos homens de suas relações que tinha direito a uma autorização. Para Lenina, a oportunidade era única. No entanto, os modos estranhos de Bernard eram de tal forma únicos também, que ela hesitava em aproveitá-la, e até pensara em se arriscar a ir de novo ao Pólo com aquele Benito tão divertido. Benito pelo menos era normal. Ao passo que Bernard...

"É o álcool no pseudo-sangue" - tal a explicação que dava Fanny a cada uma de suas excentricidades. Mas Henry com quem, uma noite em que estavam deitados juntos, Lenina havia, não sem um pouco de ansiedade, discutido o caráter de seu novo amante - Henry comparara o pobre Bernard com um rinoceronte.

- Não se pode ensinar habilidades a um rinoceronte - explicou ele no seu estilo conciso e vigoroso. - Há homens que são quase rinocerontes, não reagem de maneira adequada ao condicionamento. Pobres coitados! Bernard é um desses. Felizmente para ele, é bastante competente em seu trabalho. Se não fosse isso, o Diretor decerto não o teria conservado. Contudo - acrescentou consoladoramente - acho que é bastante inofensivo.

Bastante inofensivo, talvez; mas também bastante inquietante. Para começar, aquela mania de fazer as coisas na intimidade. O que equivalia, na prática, a não fazer absolutamente nada. Afinal, que se poderia fazer na intimidade? (Salvo, é claro, ir para a cama; mas isso não se podia fazer constantemente.) Sim, o quê? Muito pouca coisa. Na primeira tarde em que saíram Juntos, o tempo estava maravilhoso. Lenina tinha proposto ir nadar no Torquay Country Club e depois jantarem no Oxford Union. Mas Bernard achou que haveria gente demais. E se fossem jogar uma partida de Golfe Eletromagnético em Saint Andrews? Ele recusou outra vez; considerava o Golfe Eletromagnético um desperdício de tempo.

- Mas, então, para que serve o tempo? - perguntou Lenina, não sem espanto.

Aparentemente, para fazer passeios na Região dos Lagos; pois era isso o que ele propunha. Aterrissar no cume do Skiddaw e caminhar durante uma ou duas horas por entre as urzes.

- Sozinho com você, Lenina.

- Mas, Bernard, nós ficaremos sós toda a noite. Bernard ruborizou-se e desviou o olhar.

- Eu queria dizer... sós para conversar - murmurou.

- Para conversar? Mas sobre o quê? - Caminhar e conversar parecia-lhe um modo bem estranho de passar a tarde.

Afinal ela o convenceu, bem contra a sua vontade, a voar com ela até Amsterdam para assistirem às Quartas-de-Final do Campeonato Feminino de Luta Livre de Pesos-Pesados.

- No meio da multidão - resmungou ele. - Como sempre.

Manteve-se obstinadamente taciturno a tarde inteira, recusou-se a falar com as amigas de Lenina (que encontraram às dúzias no bar onde se tomavam sorvetes de *soma*, nos intervalos das lutas); e, apesar de seu estado de espírito lamentável, recusou terminantemente o *sundae* de framboesa na dose de meia grama, que ela lhe oferecia com insistência.

- Prefiro ser eu mesmo - disse ele; - eu mesmo e desagradável. E não outro, por mais alegre que seja.

- Uma grama a tempo nos poupa muito mais - retrucou Lenina, servindo-lhe uma brilhante pérola de sabedoria hipnopedica.

Bernard repeliu com impaciência o copo que a moça lhe oferecia.

- Vamos, não se zangue - disse ela. - Lembre-se: Com um centímetro cúbico se curam dez sentimentos lúgubres.

- Ora, pelo amor de Deus, cale-se! - gritou ele.

Lenina encolheu os ombros.

- Uma grama vale mais do que o "ora" que se clama - concluiu com dignidade, e tomou o *sundae*.

No regresso, durante a travessia da Mancha, Bernard quis por força parar o propulsor e ficar suspenso no helicóptero a menos de trinta metros das ondas. O tempo mudara, soprava um vento ríspido, o céu estava nublado.

- Olhe - ordenou ele.

- Mas é horrível - disse Lenina, afastando-se da janela. Estava aterrorizada pelo vácuo envolvente da noite, pelas negras ondas espumantes que se encapelavam abaixo deles, pelo disco pálido da lua, espantado e atormentado entre as nuvens que corriam. - Vamos ligar o rádio. Depressa.

Estendeu a mão para o botão de sintonia no quadro de comando de bordo e fê-lo girar ao acaso: "... dentro de ti o céu é puro e sossegado," cantaram em trêmulo dezesseis vozes de falsete, "e o tempo é suave como num vale..."

Depois, um soluço, e o silêncio. Bernard cortara a corrente.

- Eu quero contemplar o mar, em paz - disse. - Não se pode nem olhar, com esse barulho infernal nos ouvidos.

- Mas eu acho delicioso. E, além disso, não quero olhar.

- Mas eu quero - insistiu ele. - Isso me dá a sensação... - hesitou, procurando as palavras - ... a sensação de ser mais eu, se é que você compreende o que quero dizer. De agir mais por mim mesmo, e não tão completamente como parte de alguma outra coisa. De não ser simplesmente uma célula do corpo social. Você não tem a mesma sensação, Lenina?

Mas Lenina estava chorando.

- É horrível, é horrível - repetia. - E como é que você pode falar assim de não querer ser parte do corpo social? Não podemos prescindir de ninguém. Até os ipsilons...

- Sim, já sei - disse Bernard com sarcasmo. - "Até os ipsilons são úteis!" Eu também. E gostaria

imensamente de não servir para nada!

Lenina scandalizou-se com a blasfêmia.

- Bernard! - protestou, espantada e aflita. - Como pode falar assim?

Bernard, em outro tom, respondeu meditativamente:

- Como posso? Não, o verdadeiro problema é este: Como é que não posso, ou antes - porque eu sei perfeitamente por que é que não posso - o que sentiria eu se pudesse, se fosse livre, se não estivesse escravizado pelo meu condicionamento?

- Mas, Bernard, você diz as coisas mais espantosas!

- Você não tem o desejo de ser livre, Lenina?

- Não sei o que é que você quer dizer. Eu sou livre. Livre de me divertir da melhor maneira possível. Todos são felizes agora.

Ele riu.

- Sim, "Todos são felizes agora". Nós começamos a dar isso às crianças a partir dos cinco anos. Mas você não sente o desejo de ter liberdade para ser feliz de algum outro modo, Lenina? De um modo pessoal, por exemplo, não como os outros.

- Não sei o que você quer dizer - repetiu Lenina. Depois, voltando-se para ele, suplicou: - Oh, Bernard, vamos voltar. Como eu detesto estar aqui!

- Não gosta de estar comigo?

- Claro que sim, Bernard! É este lugar horroroso.

- Achei que, estaríamos mais... mais *juntos* aqui, sem nada além do mar e da lua. Mais juntos do que na multidão, ou mesmo do que em minha casa. Você não compreende isso?

- Não, eu não compreendo nada - respondeu ela com decisão, disposta a conservar sua incompreensão intacta. - Nada. E o que eu compreendo ainda menos que tudo - continuou em outro tom - é por que você não toma *soma* quando tem essas idéias horríveis. Você as esqueceria completamente. E, em vez de se sentir infeliz, você ficaria alegre. Sim, *tão* alegre - repetiu, e, apesar de todo o desassossego que transparecia em seus olhos, sorriu com um ar que ela procurava tornar convidativo e voluptuoso.

Ele olhou-a em silêncio, com a fisionomia muito séria, sem retribuir o sorriso - olhou-a fixamente. Após alguns segundos, os olhos de Lenina desviaram-se; ela teve um risinho nervoso, procurou dizer alguma coisa e não pôde. O silêncio prolongou-se. Quando por fim Bernard falou, fê-lo em voz fraca e cansada.

- Está bem, então; vamos voar.

E, pisando forte no acelerado, fez o aparelho subir para o céu como um foguete. A mil e duzentos metros de altitude, pôs em movimento a hélice propulsora. Voaram em silêncio um ou dois minutos. Depois, subitamente, Bernard pôs-se a rir. De um modo esquisito, pensou Lenina, mas, em todo o caso, era uma risada.

- Você está melhor? - arriscou-se a perguntar. Como única resposta, ele tirou uma das mãos dos controles e, passando os braços em volta do corpo de Lenina, acariciou-lhe os seios.

"Graças a Ford", pensou a moça, "ele voltou à normalidade."

Meia hora depois, chegavam à casa de Bernard. Ele engoliu de uma só vez quatro comprimidos de *soma*, ligou o rádio e a televisão, e começou a despir-se.

- E então - perguntou Lenina, com um ar significativamente malicioso, quando se encontraram na tarde seguinte no terraço - não acha que nos divertimos ontem?

Bernard anuiu com um sinal de cabeça. Subiram ao helicóptero. Uma pequena sacudida, e ei-los a caminho.

- Todos me dizem que sou extremamente pneumática - disse Lenina em tom pensativo, acariciando as próprias pernas.

- Extremamente. - Mas havia uma expressão de dor nos olhos de Bernard.

"Como carne", pensou.

Ela ergueu os olhos com certa inquietação.

- Mas você não me acha gorducha demais?

Bernard sacudiu a cabeça negativamente. "Tal como um pedaço de carne."

- Você me acha bem feita? - Novo sinal afirmativo.

- Sob todos os pontos de vista?

- Perfeita - respondeu ele em voz alta. E, interiormente: "É assim que ela encara a si mesma. Não se importa de ser somente carne".

Lenina esboçou um sorriso de triunfo. Mas sua satisfação era prematura.

- Entretanto - disse ele, após pequena pausa - eu preferiria que as coisas tivessem terminado de outro modo.

- De outro modo? Havia então outros modos de terminar?

- Eu preferiria que não tivessem terminado na cama - especificou ele.

Lenina espantou-se.

- Não em seguida, no primeiro dia.

- Mas então, como...?

Ele começou a dizer-lhe uma porção de absurdos incompreensíveis e perigosos. Lenina fez o que pôde para tapar mentalmente os ouvidos, mas de vez em quando um fragmento insistia em se tornar perceptível.... "para experimentar o efeito produzido pela repressão dos meus impulsos", ouviu-o dizer. Essas palavras pareceram despertar algo em seu espírito.

- Nunca deixe para amanhã o prazer que puder gozar hoje - disse ela gravemente.

- Duzentas repetições, duas vezes por semana, dos quatorze aos dezesseis anos e meio - foi o único comentário dele. As palavras loucas e perversas continuaram. - Quero saber o que é a paixão - ela o ouviu dizer - Quero sentir alguma coisa com intensidade.

- Quando o indivíduo sente, a comunidade treme - declarou Lenina.

- E por que não havia de tremer um pouco?

- Bernard!

Mas Bernard não se desconcertou.

- Adultos intelectualmente e durante as horas de trabalho - continuou. - Criancinhas, no que diz respeito ao sentimento e ao desejo.

- Nosso Ford amava as criancinhas.

Sem fazer caso da interrupção, ele prosseguiu:

- Um dia destes me ocorreu de repente a idéia de que talvez fosse possível ser adulto sempre.

- Não compreendo - retrucou Lenina em tom firme.

- Eu sei. E é por isso que dormimos juntos ontem, como crianças, em vez de sermos adultos e esperarmos.

- Mas foi divertido - insistiu Lenina. - Não foi?

- Oh, imensamente divertido - respondeu ele, mas com uma voz tão desolada, tão profundamente infeliz, que Lenina sentiu de súbito evaporar-se por completo seu triunfo. Talvez ele a tivesse achado gorducha demais, no fim de contas.

- Eu não lhe disse? - foi o único comentário de Fanny quando Lenina veio fazer-lhe confidências.

- É o álcool que lhe puseram no pseudo-sangue.

- Mesmo assim - insistiu Lenina - eu gosto dele. Tem umas mãos tão lindas! E aquela maneira de mover os ombros, como é atraente! - Suspirou. - Mas eu gostaria que ele não fosse tão esquisito.

Detendo-se por um momento diante da porta do gabinete do Diretor, Bernard respirou fundo e ergueu os ombros, preparando-se para enfrentar a animosidade e a censura que, tinha certeza, ia encontrar lá dentro. Bateu e entrou.

- Uma autorização que venho pedir-lhe para rubricar senhor Diretor - disse, com ar tão despreocupado quanto possível, e colocou o papel sobre a mesa.

O Diretor lançou-lhe um olhar azedo. Mas o papel trazia o timbre do Gabinete do Administrador Mundial, e a assinatura de Mustafá Mond, nítida e preta, se estendia embaixo da página. Tudo estava perfeitamente em ordem. O Diretor não tinha outro remédio. Escreveu a lápis sua rubrica - duas pálidas e pequenas letras, humildemente prostrada aos pés de Mustafá Mond - e ia entregar o papel sem uma palavra de comentário ou despedida benevolente, quando seu olhar foi atraído por qualquer coisa escrita no texto da autorização.

- Para a Reserva do Novo México? - perguntou, e o tom de sua voz, o olhar que levantou para Bernard, exprimiam uma espécie de agitado espanto. Surpreendido com a surpresa do Diretor, Bernard balançou afirmativamente a cabeça. Houve um silêncio. O Diretor reclinou-se para trás na cadeira, franzindo a testa.

- Quanto tempo fará? - disse, falando mais consigo mesmo que com Bernard. - Vinte anos, suponho. Mais perto dos vinte e cinco, talvez. Eu devia ter a sua idade... - Suspirou e sacudiu a cabeça.

Bernard sentiu-se extremamente embaraçado. Um homem tão respeitador das convenções, tão escrupulosamente correto como o Diretor, cometendo tão grosseira inconveniência? Dava-lhe vontade de esconder o rosto, de sair da sala correndo. Não que, pessoalmente, visse qualquer coisa de intrinsecamente repreensível no fato de uma pessoa aludir ao passado longínquo; era um daqueles preconceitos hipnopédicos de que (assim imaginava) se havia libertado completamente. O que o constrangia era saber que o Diretor condenava isso - e que, embora condenando, se traía a ponto de infringir a proibição. Impelido por que força interior? Apesar do seu embaraço, Bernard escutou com uma curiosidade ávida.

- Tive a mesma idéia que o senhor - dizia o Diretor. - Eu queria ver os selvagens. Obtive uma autorização para ir ao Novo México e lá fui durante minhas férias de verão. Acompanhado da moça com quem eu andava naquela ocasião. Era uma Beta-Menos e creio - fechou os olhos - creio que tinha cabelos louros. Em todo caso, era pneumática, excepcionalmente pneumática; disso me recordo. Pois bem, nós fomos, observamos os selvagens, passeamos a cavalo e tudo o mais. E então... (foi quase no fim da minha licença); e então... bem, ela se perdeu. Nós havíamos escalado a cavalo uma daquelas abomináveis montanhas, estava horivelmente quente e o ar pesado, e depois do almoço adormecemos. Ou, pelo menos, eu adormeci. Com certeza, ela foi dar um pequeno passeio sozinha. Seja como for, quando acordei, ela não estava lá. E a tormenta mais espantosa que jamais vi desabou sobre mim. Chovia a cântaros, trovejava, relampejava; os cavalos soltaram-se e fugiram; eu caí ao tentar pegá-los, machuquei o joelho a ponto de não poder caminhar senão com muita dificuldade. Apesar disso, procurei por toda parte, gritei, vasculhei os arredores. Mas não encontrei vestígios dela. Pensei então que devia ter voltado sozinha para a hospedaria. Por isso me arrastei até o vale, percorrendo o caminho por onde tínhamos vindo. O joelho me doía atrozmente e eu tinha perdido o meu *soma*. Levei muitas horas. Só cheguei à hospedaria depois da meia-noite. E ela não estava lá... Ela não estava lá - repetiu o Diretor. Houve um silêncio. - Bem - continuou por fim — no dia seguinte fizeram-se buscas, mas não conseguimos encontrá-la. Com certeza caiu em algum barranco, ou foi devorada por um leão das montanhas. Só Ford sabe! De qualquer modo, foi horrível. Isso me perturbou muito, na ocasião. Mais do que era devido, sem dúvida. Porque, afinal de contas, foi um acidente de tal natureza que poderia ter ocorrido a qualquer um; e, por

certo, o corpo social subsiste embora as células componentes mudem. - Mas esse consolo hipnópédico não parecia ter sido bastante eficaz. Sacudindo a cabeça, o Diretor continuou em voz mais baixa: - Às vezes ainda sonho com isso. Sonho que sou despertado pelo estrondo do trovão e descubro que ela não está mais ali, sonho que saio à sua procura sob as árvores, que procuro por toda parte... - Mergulhou no silêncio das recordações.

- O senhor deve ter tido um choque terrível - disse Bernard, quase com inveja.

Ao som de sua voz, o Diretor teve consciência, num sobressalto, do lugar onde se achava; lançou um olhar a Bernard e, desviando os olhos, ruborizou-se intensamente; tornou a olhá-lo com súbita suspeita e, em tom irritado, disse do alto de sua dignidade:

- Não pense que eu mantinha relações indecorosas com aquela moça. Nada de emocional, nada que se prolongasse indefinidamente. Tudo era perfeitamente sadio e normal. Entregou a autorização a Bernard. - Não sei, verdadeiramente, por que o aborreci com essa anedota trivial. - Irritado consigo mesmo por ter deixado escapar um segredo vergonhoso, descarregou sua cólera sobre Bernard. Seu olhar era agora francamente malévolos. - Desejo aproveitar esta oportunidade Sr. Marx, para lhe dizer que não estou nem um pouco satisfeito com as informações que recebo sobre o seu comportamento fora das horas de trabalho. O senhor dirá, sem dúvida, que não tenho nada que ver com isso. Mas tenho que ver sim. Devo preocupar-me com a boa reputação do Centro. É preciso que meus colaboradores estejam acima de qualquer suspeita, especialmente os das castas superiores. Os Alfes são condicionados de tal forma que não são necessariamente infantis no seu comportamento emocional. Mas isso é uma razão a mais para que façam um esforço especial no sentido de se adaptarem. É de seu dever serem infantis, mesmo contra as próprias inclinações. Assim, pois, Sr. Marx, advirto-o lealmente. - A voz do Diretor vibrava com uma indignação que se havia tornado agora virtuosa e impessoal, e que era a expressão da censura da própria Sociedade. - Se eu ouvir falar outra vez em alguma infração às normas de decore infantil, pedirei sua transferência para um Subcentro, de preferência na Islândia. Passe bem. - E virando-se na cadeira giratória, retomou a pena e pôs-se a escrever.

"Isso lhe servirá de lição", disse consigo mesmo. Mas enganava-se. Pois Bernard saiu do gabinete de cabeça erguida, exultando, enquanto batia a porta atrás de si, com a idéia de enfrentar sozinho a ordem das coisas; exaltado pela consciência embriagadora de sua significação e importância pessoais. A própria idéia da perseguição deixava-o impávido e em lugar de deprimi-lo, atuava antes como um tônico. Sentia-se bastante forte para fazer face às calamidades e vencê-las, bastante forte para enfrentar até a Islândia. E essa confiança tornava-se ainda maior pelo fato de ele não acreditar realmente, por um só instante, que teria de enfrentar fosse o que fosse. As pessoas simplesmente não eram transferidas por motivos dessa espécie. A Islândia era uma simples ameaça. Uma ameaça muito estimulante e vivificante. Caminhando ao longo do corredor, atreveu-se até a assobiar.

Foi um relatório heróico o que ele fez aquela noite sobre sua entrevista com o D. I. C. "E então", assim terminava, "eu lhe disse simplesmente que fosse para o Passado sem Fundo, e saí a passos firmes. E pronto." Dirigiu a Helmholtz Watson um olhar de expectativa, aguardando a recompensa de simpatia, de encorajamento, de admiração que lhe era devida. Mas não ouviu uma palavra sequer. Helmholtz ficou sentado em silêncio, de olhos fixos no chão.

Gostava muito de Bernard, era-lhe reconhecido por ser ele o único homem de suas relações com quem podia conversar sobre assuntos que sentia serem importantes. Contudo, havia em Bernard coisas que detestava. Aquela jactância, por exemplo. E as explosões, com as quais ela alternava, de uma piedade de si mesmo que era verdadeiramente abjeta. E o seu hábito deplorável de mostrar-se ousado após o fato, e cheio, à distância, da mais extraordinária presença de espírito. Ele detestava essas coisas - justamente porque gostava de Bernard. Os segundos passaram. Helmholtz continuou com os olhos postos no chão. E, de súbito, Bernard corou e desviou o olhar.

3

A viagem transcorreu sem nenhum incidente. O Foguete Azul do Pacífico chegou a Nova Orleans com dois minutos e meio de atraso, perdeu quatro minutos em um tornado sobre o Texas, mas, encontrando uma corrente aérea favorável na longitude de 95° oeste, pôde chegar a Santa Fé apenas quarenta segundos fora do horário.

- Quarenta segundos num voo de seis horas e meia. Nada mau – admitiu Lenina.

Dormiram essa noite em Santa Fé. O hotel era ótimo – incomparavelmente superior, por exemplo, àquele horrível Aurora Bora Palace onde Lenina tanto sofrera no verão anterior. O ar líquido, a televisão, a massagem a vibro-vácuo, o rádio, a solução de cafeína a ferver, os anticoncepcionais quentes e os perfumes de oito diferentes qualidades estavam instalados em todos os quartos. O aparelho de música sintética estava funcionando no momento em que eles entraram no *ha/1*, e nada deixava a desejar.

Um aviso afixado no elevador anunciava que havia no hotel sessenta Quadras de Pelota-Escalátor e que se podia jogar tanto Golfe Obstáculo como Golfe Eletromagnético no parque.

- Acho isto simplesmente maravilhoso! - exclamou Lenina. - Quase desejaria que pudéssemos ficar aqui. Sessenta Quadras de Pelota-Escalátor...

- Não haverá nenhuma na Reserva - advertiu Bernard. - E também não haverá perfumes, nem televisão, e nem mesmo água quente. Se você acha que não pode suportar isso, fique aqui até a minha volta.

Lenina ofendeu-se.

- Claro que posso suportar. Se eu disse que aqui era maravilhoso foi somente porque... ora, porque o progresso realmente é uma coisa maravilhosa, não é?

- Quinhentas repetições, uma vez por semana, dos treze aos dezessete anos - disse Bernard desalentado, como se falasse consigo mesmo.

- Que foi que você disse?

- Eu disse que o progresso é uma coisa maravilhosa. É por isso que você não deve ir à Reserva, a menos que tenha muita vontade.

- Mas eu tenho muita vontade.

- Está bem, então - respondeu Bernard; e suas palavras eram quase uma ameaça.

A autorização que traziam tinha de ser assinada pelo Conservador da Reserva, no gabinete do qual eles se apresentaram, como cumpria, na manhã seguinte. Um porteiro negro *ipsilon-Mais* levou o cartão de Bernard e os fez entrar quase imediatamente.

O Conservador era um Alfa-Menos louro e braquicéfalo, baixo, vermelho, de cara de lua-cheia, espáduas largas, voz forte e atoadora muito apropriada para a transmissão de saber hipnopédico. Era uma verdadeira mina de informações desconexas e de bons conselhos gratuitos. Tendo começado a falar, continuava incessantemente, trovejando:

- ... quinhentos e sessenta quilômetros quadrados, divididos em quatro Sub-Reservas, cada uma delas cercada de tela metálica em alta tensão...

Nesse momento, e sem razão aparente, Bernard lembrou-se de súbito que deixara completamente aberta a torneira de água-de-colônia de seu banheiro.

- ... percorrida por uma corrente proveniente da estação hidrelétrica do Grande Canyon.

"Vai me custar uma fortuna, até que eu volte!" Bernard via mentalmente a agulha do contador de

perfume avançar volta após volta no mostrador, como uma formiga, infatigavelmente. "É preciso telefonar com urgência a Helmholtz Watson."

- ... mais de cinco mil quilômetros de cerca de tela a sessenta mil volts.

- Não diga - fez Lenina cortesmente, sem ter a mínima idéia do que o Conservador dissera, mas aproveitando a pausa dramática do homem. Quando o Conservador começara a dissertar com sua voz tonitruante, ela havia ingerido discretamente meia grama de soma, o que lhe permitira ficar ali sentada, serena, sem ouvir e sem pensar em absolutamente nada, mas fixando seus grandes olhos azuis no Conservador, com um ar de profunda atenção.

- Tocar na cerca é morte instantânea - declarou solenemente o Conservador. - Não há meio de escapar de uma Reserva de Selvagens.

A palavra "escapar" era sugestiva.

- Talvez seja conveniente pensarmos em partir - disse Bernard, fazendo menção de levantar-se. A pequena agulha negra avançava, como um inseto, mordiscando o tempo, devorando o seu dinheiro.

- Não há meios de escapar - repetiu o Conservador, fazendo-o sentar com um gesto da mão; e, como a autorização ainda não estava assinada, Bernard não teve outro remédio senão obedecer. - Aqueles que nascem na Reserva... e não esqueça, prezada senhorita - acrescentou, dirigindo a Lenina uma olhadela obscena e falando num sussurro inconveniente - não esqueça que na Reserva as crianças ainda *nascem*, sim, elas nascem de fato, por mais revoltante que isso possa parecer...

Esperava que essa alusão a um assunto vergonhoso fizesse Lenina corar; porém ela contentou-se em esboçar um sorriso de simulada compreensão e retrucar:

- Não diga!

Decepcionado, o Conservador prosseguiu:

- Aqueles, repito, que nascem na Reserva estão destinados a morrer nela.

"Destinados a morrer"...

Um decilitro de água-de-colônia por minuto. Seis litros por hora.

- Talvez - tentou novamente Bernard - devamos... Inclinando-se para a frente, o Conservador bateu com o dedo indicador na mesa.

- Os senhores me perguntam quantas pessoas vivem na reserva. E eu respondo - triunfante - eu respondo que não sei. Somente podemos fazer um cálculo aproximado.

- Não diga!

- Digo, minha cara senhorita.

Seis vezes vinte e quatro - não, estaria mais perto de seis vezes trinta e seis. Bernard estava pálido e trêmulo de impaciência. Mas a exposição reboante continuava, inexorável.

- ... cerca de sessenta mil índios e mestiços... absolutamente selvagens... nossos inspetores visitam de tempos em tempos... fora disso, nenhuma comunicação com o mundo civilizado... ainda conservam seus hábitos e costumes repugnantes... o casamento, se sabe o que isso quer dizer, minha cara senhorita; famílias... nenhum condicionamento... superstições monstruosas... o cristianismo, o totemismo, o culto dos antepassados... línguas extintas, como o zuni, o espanhol, o atabasco... pumas, porcos-espinhos e outros animais ferozes... moléstias contagiosas... sacerdotes... lagartos venenosos...

- Não diga!

Conseguiram finalmente desvencilhar-se. Bernard correu para o telefone. Depressa, depressa; mas teve de esperar três minutos para obter comunicação com Helmholtz Watson.

- Parece até que já estamos entre os selvagens - queixou-se. - Maldita incompetência!

- Tome uma grama de *soma* - sugeriu Lenina. Ele recusou, preferindo sua raiva. Até que enfim, graças a Ford, obteve a ligação e, sim, era Helmholtz, a quem explicou o que havia acontecido e que prometeu ir à sua casa imediatamente, sim, imediatamente, e fechar a torneira, sim, imediatamente, mas que aproveitou a oportunidade para lhe repetir o que o D. I. C. havia dito em público, na véspera à

noite...

- O quê? Está procurando alguém para me substituir? -A voz de Bernard soava angustiada. - Então está mesmo decidido? Ele falou na Islândia? Você diz que sim? Ford!

A Islândia...

Pendurou o fone e virou-se para Lenina. Seu rosto estava pálido, sua expressão era de completo acabrunhamento.

- Que é que há? - perguntou ela.

- O que há? - Deixou-se cair pesadamente numa cadeira. - Vão me mandar para a Islândia.

Muitas vezes, no passado, ele se perguntara o que sentiria se fosse submetido (sem *soma* e sem poder contar com outra coisa senão seus próprios recursos interiores) a alguma grande provação, a alguma dor; tinha mesmo desejado ardentemente que tal acontecesse. Apenas uma semana antes, no gabinete do Diretor, imaginara-se resistindo corajosamente, aceitando estoicamente, sem uma palavra, o sofrimento. As ameaças do Diretor haviam-no realmente estimulado, haviam-lhe dado a sensação de ser mais do que era. Isso, porém, ele o percebia agora, era porque não tinha levado a sério as ameaças, não acreditara que, chegado o momento, o D. I. C. as cumprisse. Agora que elas, segundo parecia, iam ser efetivamente postas em execução, Bernard sentia-se aterrado. Daquele estoicismo que imaginara, daquela coragem teórica, não restava nenhum vestígio.

Deblaterou contra si mesmo - que imbecil tinha sido! - contra o Diretor – como era injusto em não lhe proporcionar uma última oportunidade para emendar-se, essa oportunidade que, agora, não tinha a menor dúvida, ele sempre tivera a intenção de aproveitar. E a Islândia, a Islândia...

Lenina sacudiu a cabeça.

- "Fui" e "serei" me deixam doente - citou; - uma grama, e com o "sou" fico contente.

Conseguiu, por fim, convencê-lo a engolir quatro comprimidos de *soma*. Ao cabo de cinco minutos, as raízes e os frutos haviam desaparecido; a flor do presente desabrochava, inteiramente rósea. Um recado trazido pelo porteiro anunciou-lhes que, por ordem do Conservador, um guarda da Reserva estava à disposição deles, com um helicóptero, e esperava-os no terraço do hotel. Um oitavão de uniforme verde-Gama cumprimentou-os e passou a expor o programa da manhã.

Uma vista de olhos, do alto, a dez ou doze dos principais *pueblos*, depois uma aterrissagem para o almoço no vale de Malpaís. A hospedaria era confortável, e lá em cima, no *pueblo*, os selvagens estariam provavelmente celebrando sua festa de verão.

Seria o melhor lugar para passarem a noite.

Embarcaram no helicóptero e partiram. Dez minutos depois, cruzaram a fronteira que separava a civilização do estado selvagem. Por montes e vales, cortando os desertos de sal ou de areia, atravessando florestas, descendo às profundidades violáceas dos *canyons*, franqueando penhascos, picos e *mesas*, a cerca corria irresistivelmente em linha reta, símbolo geométrico do desígnio humano triunfante. E junto a ela, aqui e ali, um mosaico de ossamentas brancas, uma carcaça ainda não apodrecida, escura sobre o solo fulvo, marcava o lugar onde veados ou touros, pumas, porcos-espinho ou coiotes, ou senão urubus vorazes atraídos pelas exalações da carniça e fulminados como por uma justiça poética - se haviam aproximado demais dos fios metálicos destruidores.

- Eles nunca aprendem - disse o piloto de uniforme verde, apontando para os esqueletos lá embaixo. - E nunca aprenderão - acrescentou, e riu como se, de algum modo, se atribuísse um triunfo pessoal sobre os animais eletrocutados.

Bernard pôs-se também a rir; depois de duas gramas de *soma*, a piada parecia boa, sem que ele soubesse por quê. Riu e quase em seguida adormeceu; e dormindo sobrevoou Taos e Tesuque, Nambe, Picuris e Pojoaque, Sia e Cochiti, Laguna, Acoma e a Mesa Encantada, Zufii, Cibola e Ojo Caliente, acordando por fim quando o aparelho estava pousado em terra, Lenina carregava as valises para uma

pequena casa e o oitavão verde-Gama falava uma linguagem incompreensível com um jovem índio.

- Malpaís - explicou o piloto enquanto Bernard saltava do helicóptero. – Aquela é a hospedaria. E há danças hoje à tarde no *pueblo*. Ele os levará. - Apontou para o jovem selvagem de ar sombrio. - Deve ser engraçado. - Sorriu, mostrando os dentes. - Tudo o que eles fazem é engraçado. - Dito isso, subiu ao aparelho e pôs o motor em marcha. - Voltarei amanhã. E lembre-se - acrescentou em tom tranquilizador para Lenina - eles são absolutamente inofensivos; os selvagens não lhes farão mal algum. Eles têm bastante experiência das bombas de gás para saberem que não devem fazer brincadeiras de mau gosto.

Rindo sempre, embreou as hélices, acelerou e partiu.

Capítulo VII

A mesa parecia um navio retido por uma calmaria num estreito de poeira cor de leão. O canal serpenteava entre margens alcantiladas, e, descendo obliquamente de um a outro dos paredões, corria um filete verde: o rio e os campos que regava. Na proa desse navio de pedra no centro do estreito, erguia-se o *pueblo* de Malpaís como se fizesse parte dele, um afloramento de forma definida e geométrica da rocha nua. Bloco sobre bloco, cada andar menor que o inferior, as casas altas elevavam-se, como pirâmides com degraus e truncadas, no céu azul. A seus pés, um montão irregular de construções baixas, uma rede de muros; e de três lados, os precipícios caindo a prumo no vale.

Algumas colunas de fumaça subiam verticalmente no ar pesado, e nele se diluíam.

- Estranho - disse Lenina. - Muito estranho. - Era seu modo habitual de expressar reprovação. - Isto não me agrada. E esse homem também não me agrada. - Apontou para o guia índio que tinha sido designado para levá-los ao *pueblo* lá em cima. Seu sentimento era evidentemente retribuído: até as costas do homem, que caminhava adiante deles, eram hostis, sombriamente desdenhosas. - E além disso - baixou a voz - ele cheira mal.

Bernard não tentou negar. Continuaram sua marcha.

De repente, parecia que todo o ar tinha adquirido vida, e pulsava, pulsava com o movimento incansável do sangue. Lá em cima, em Malpaís, os tambores rufavam. Seus pés acompanharam o ritmo daquele coração misterioso; eles apressaram o passo. O caminho que palmilhavam levou-os ao pé do precipício. Os flancos do enorme naviomesa os dominavam de toda a sua altura - noventa metros até a amurada.

- Se pelo menos pudéssemos ter trazido o helicóptero até aqui! - disse Lenina, olhando com ressentimento a superfície nua do rochedo saliente. - Tenho horror de caminhar, e a gente se sente tão pequena quando está no sopé de uma montanha.

Continuaram a andar por algum tempo à sombra da *mesa*, contornaram um esporão e, finalmente, em um barranco cavado pelas águas, depararam com a subida pela escada do tombadilho. Galgaram-na. Era uma trilha muito íngreme, que ziguezagueava de um lado a outro do barranco. Em certos momentos o pulsar dos tambores era quase inaudível, em outros parecia que estavam rufando logo além da primeira curva.

Quando iam a meio caminho, uma águia passou voando tão perto deles, que sentiram no rosto o vento frio produzido pelo bater das asas. Em uma brecha do rochedo jazia um montão de ossos. Tudo era opressivamente estranho e o índio cheirava cada vez mais. Saíram, por fim, do barranco para a plena luz do sol. O topo da *mesa* era um convés chato de pedra.

- Parece a Torre de Charing-T - comentou Lenina. Mas não lhe foi dado gozar por muito tempo a descoberta dessa semelhança tranqüilizadora. Um ruído de passos amortecidos fê-la virar-se. Nus do pescoço ao umbigo, com o corpo castanho-escuro raiado de riscas brancas ("como quadras de tênis asfaltadas", explicaria Lenina tempos depois), rosto tornado inumano pela pintura com tinta escarlate, preta e ocre, dois índios vinham correndo ao longo da trilha. Seus cabelos negros estavam trançados com tiras de pele de raposa e de flanela vermelha. Mantos de plumas de peru flutuavam sobre seus ombros, enormes diademas de penas explodiam em cores vistosas em torno de suas cabeças. A cada passo que

davam, ouvia-se o retinir das pulseiras de prata, o chocalhar dos pesados colares de ossos e de contas de turquesa. Aproximavam-se calados, correndo sem ruído com seus mocassins de camurça. Um deles segurava um espanador; o outro trazia em cada mão, coisas que de longe pareciam ser três ou quatro pedaços de corda grossa. Uma das cordas retorcia-se de modo inquietante e, de súbito, Lenina percebeu que eram cobras.

Os homens aproximaram-se mais e mais; seus olhos sombrios encararam-na, porém sem darem o menor sinal de a terem visto ou de terem conhecimento da sua existência. A cobra que antes se retorcia, agora pendia flacidamente como as outras. Os homens passaram.

- Isto não está me agradando - disse Lenina. - Isto não está me agradando.

Agradou-lhe ainda menos o que a esperava à entrada do povoado, onde o guia os deixou para ir em busca de instruções. A sujeira, em primeiro lugar, os montes de imundície, o pó, os cães, as moscas. O rosto de Lenina franziu-se numa careta de nojo. Levou o lenço ao nariz.

- Mas como é que podem viver assim? - exclamou, numa voz de incredulidade indignada. (Não era possível.)

Bernard encolheu os ombros filosoficamente.

- Seja como for, faz cinco ou seis mil anos que vivem assim. De modo que já devem estar habituados, suponho.

- Mas a limpeza está próxima da fordeza - insistiu ela.

- Sim, e "civilização é esterilização" - replicou Bernard, completando em tom irônico a segunda lição hipnopédica de higiene elementar. - Mas essa gente nunca ouviu falar em Nosso Ford, e não é civilizada, de modo que não há por que...

- Oh! - Ela agarrou-se no braço de Bernard. - Olhe!

Um índio quase nu descia muito vagarosamente a escadinha do terraço do primeiro andar de uma casa ali perto - um degrau após o outro, com a cautela trêmula da extrema velhice. Seu rosto estava encarquilhado e negro como uma máscara de obsidiana. A boca, sem dentes, era chupada. Nos cantos dos lábios, e de cada lado do queixo, luziam alguns pêlos espetados, quase brancos contra a pele escura. Os cabelos compridos, não trançados, caíam-lhe em madeixas grisalhas pelo rosto. O corpo era curvado e tão magro que parecia não ter quase mais carne sobre os ossos. Muito devagar ele descia, parando em cada degrau antes de arriscar outro passo.

- O que é que ele tem? - sussurrou Lenina. Estava com os olhos arregalados de horror e espanto.

- Ele é velho, simplesmente - respondeu Bernard, com toda a indiferença que lhe foi possível aparentar. Estava também sobressaltado, mas fez um esforço para se mostrar imperturbável.

- Velho? - repetiu ela. - Mas o Diretor é velho, e há uma porção de gente que é velha, e no entanto não são assim.

- É porque não deixamos que fiquem assim. Nós os preservamos de doenças, mantemos artificialmente as secreções internas ao nível de equilíbrio da juventude. Não deixamos cair a taxa de magnésio e o cálcio abaixo do que era aos trinta anos. Fazemos transfusões de sangue jovem. Mantemos o metabolismo estimulado permanentemente. Por isso, sem dúvida, eles não têm esse aspecto. Em parte - acrescentou - também porque a maioria morre antes de atingir a idade daquele velho. A juventude quase intata até os sessenta anos, e depois, zás! o fim.

Lenina, porém, não o ouvia. Observava o ancião. Ele descia devagar, devagar. Seus pés tocaram o chão. Virou-se; profundamente encovados, seus olhos ainda eram extraordinariamente vivos. Eles a fitaram muito tempo, vazios de expressão, sem surpresa, como se ela não estivesse ali. Depois, lentamente, curvado e arrastando-se, o velho passou diante deles e desapareceu.

- Mas é terrível - murmurou Lenina. - É espantoso. Não devíamos ter vindo aqui.

Tateou no bolso à procura do *soma* - e só então descobriu que, por um descuido sem precedentes, deixara o vidro na hospedaria. Os bolsos de Bernard também estavam vazios.

Não restava a Lenina senão afrontar, sem socorro exterior, os horrores de Malpaís. Estes se abateram sobre ela, abundantes e rápidos. O espetáculo de duas mulheres moças dando o seio a seus bebês fê-la corar e virar o rosto. Nunca tinha visto, em toda sua vida, coisa tão indecente. E o que tornava aquilo ainda pior era que, em vez de fechar os olhos discretamente, Bernard se pôs a fazer comentários francos sobre o revoltante espetáculo vivíparo. Envergonhado, agora que os efeitos do *soma* tinham desaparecido, da fraqueza de que dera mostras pela manhã no hotel, ele se esforçava para mostrar-se forte e libertado de opiniões ortodoxas.

- Que relações maravilhosamente íntimas! - disse ultrapassando deliberadamente todos os limites. - E que intensidade de sentimentos devem criar! Penso muitas vezes que talvez nos tenha faltado algo por não termos tido mãe. E talvez também tenha faltado alguma coisa a você por não *ser* mãe, Lenina. Imagine-se sentada ali, com um pequeno bebê seu...

- Bernard! Como é que você pode... ? - A passagem de uma velha com oftalmia e uma doença da pele distraiu-a de sua indignação. - Vamos embora - suplicou. - Tudo isto não me agrada nem um pouco.

Nesse instante, porém, o guia voltou e, fazendo-lhes sinal para que o seguissem, conduziu-os ao longo da estreita rua, entre as casas. Dobraram uma esquina. Um cão morto jazia sobre um monte de lixo; uma mulher com bócio catava piolhos na cabeça de uma menina. O guia deteve-se junto a uma escada, levantou a mão verticalmente, depois estendeu-a horizontalmente para diante. Obedeceram à ordem muda - subiram a escada e, transpondo a porta a que ela dava acesso, penetraram numa comprida e estreita peça, um tanto escura, que cheirava a fumaça, gordura queimada e roupa muito tempo usada sem lavar. Na outra extremidade da peça via-se uma porta pela qual penetrava um raio de sol, assim como o barulho, muito forte e próximo, dos tambores.

Franquearam o umbral e encontraram-se num espaçoso terraço. Abaixo deles, encerrada entre as casas altas, achava-se a praça da aldeia, fervilhante de índios. Mantos brilhantes, penas espetadas em cabeleiras negras, o refulgir de turquesas, peles escuras lustrosas com o calor. Lenina levou novamente o lenço ao nariz. No espaço livre no centro da praça havia duas plataformas circulares de alvenaria e argila socada - telhados, evidentemente, de câmaras subterrâneas, porque no centro de cada uma das plataformas se abria um alçapão, com uma escada que subia da obscuridade interior. Dali vinha um som de flautas subterrâneas que quase se perdia no rufar persistente e implacável dos tambores.

Lenina gostou dos tambores. Fechando os olhos, entregou-se ao seu trovejar velado e repetido, deixou que lhe invadisse por completo o eu consciente, até que, para ela, não existissem mais do que essa única e profunda pulsação sonora. Lembrava-lhe, tranqüilizadoramente, os ruídos sintéticos das Cerimônias de Solidariedade e das comemorações do Dia de Ford. "Orgião-espadao", murmurou consigo mesma. Os tambores rufavam exatamente no mesmo ritmo.

Houve uma súbita explosão de canto que a sobressaltou - centenas de vozes masculinas gritando numa unissonância rouca e metálica. Algumas notas prolongadas, e o silêncio, o silêncio atroz dos tambores; depois, estrídula, como um relincho agudo, a resposta das mulheres. Em seguida, de novo, os tambores; e, ainda uma vez, emitida pelos homens, a afirmação profunda e bravia de sua virilidade. Estranho - sim. O lugar era estranho, a música também o era; os vestuários, os bócios, as moléstias da pele, os velhos, tudo era estranho. Mas quanto ao espetáculo em si - não parecia haver nada de particularmente estranho nele.

- Isso me lembra os cantos comunitários das castas inferiores - disse Lenina a Bernard.

Dentro em pouco, porém, a semelhança com aquela cerimônia inócua lhe pareceu muito menor. Pois, repentinamente, surgiu como um enxame, do fundo daquelas câmaras redondas do subterrâneo, um grupo pavoroso de monstros. Horrendamente mascarados, ou pintados a ponto de perderem todo aspecto humano, começaram a dançar em torno da praça, batendo com os pés no chão, numa estranha dança claudicante; davam voltas sem parar, cantando e marchando, outra vez, ainda outra - um pouco mais depressa a cada volta; e os tambores mudaram e aceleraram o ritmo que se tornou semelhante ao latejar

da febre nos ouvidos; e a multidão começou a fazer coro com os dançarinos, em tom cada vez mais alto; e uma primeira mulher urrou, depois outra, e outra mais, como se as estivessem matando; e depois, subitamente, o que ponteava a dança destacou-se do círculo, correu para um grande baú de madeira que havia na extremidade da praça, ergueu a tampa e tirou um par de cobras negras. Um urro vigoroso se ergueu na multidão, e todos os demais dançarinos correram para ele com as mãos estendidas. O homem atirou as cobras para os primeiros que chegaram, depois tornou a mergulhar as mãos no baú. Novas serpentes, negras, pardas, malhadas - ele as ia tirando e arremessando para os outros. Então a dança recomeçou num ritmo diferente. Fizeram e refizeram a volta da praça, com suas serpentes, serpenteando com um leve movimento ondulatório dos joelhos e dos quadris. Volta após volta. Depois o ponteiro fez um sinal e, uma após outra, todas as serpentes foram atiradas ao chão, no meio da praça; um ancião saiu do subsolo e polvilhou-as com farinha de trigo; pelo outro alçapão surgiu uma mulher que as borrifou com água de um jarro preto.

A seguir, o velho ergueu a mão e logo, surpreendente e aterrorantemente, se fez um silêncio absoluto. Os tambores cessaram de rufar, a vida parecia ter acabado. O ancião apontou para os dois alçapões que davam acesso ao mundo inferior. E lentamente, erguidas por mãos invisíveis, emergiram, de um, a imagem pintada de uma águia, e de outro, a de um homem nu pregado numa cruz. Ali ficaram aparentemente gravitando, como se observassem. O velho bateu palmas. Quase nu, com apenas uma tanga de algodão branco, um rapaz de cerca de dezoito anos destacou-se da multidão e manteve-se diante do velho, com as mãos cruzadas sobre o peito e a cabeça baixa. O ancião fez sobre ele o sinal da cruz e afastou-se. Lentamente, o rapaz se pôs a caminhar ao redor do monte de serpentes que se estorciam. Tinha terminado a primeira volta e estava no meio da segunda quando um homem de elevada estatura, com máscara de coio e trazendo na mão um relho de couro trançado, saiu da roda dos dançarinos e avançou para ele. O rapaz continuou sua marcha como se não o tivesse percebido. O homem-coio levantou o relho; houve um longo momento de expectativa, depois um movimento rápido, o sibilar do látigo e seu impacto sonoro e seco na carne.

O corpo do rapaz teve um estremecimento, mas ele não exalou nenhum gemido e continuou sua marcha no mesmo passo lento e regular. O coio deu outro golpe, e outro, e mais outro; a cada chicotada elevava-se da multidão um suspiro convulsivo, depois um gemido profundo. O rapaz continuou a caminhar. Duas, três, quatro vezes fez a volta da praça. O sangue escorria abundantemente. Cinco voltas, seis voltas. Súbito, Lenina tapou o rosto com as mãos e pôs-se a soluçar. "Oh, faça-os parar, faça-os parar!" implorou. Mas o látigo batia, batia inexoravelmente. Sete voltas. Então, de repente, o rapaz tropeçou e sempre, sem emitir um som sequer, caiu para a frente. Inclinando-se sobre ele, o ancião tocou-lhe as costas com uma comprida pena branca, ergueu-a no ar um momento, rubra, para que todos a vissem, depois sacudiu-a três vezes sobre as cobras. Dela caíram algumas gotas, e repentinamente os tambores rufaram de novo em torrentes de notas precipitadas; ouviu-se um grande brado.

Os dançarinos lançaram-se para diante, recolheram as serpentes e saíram correndo da praça. Homens, mulheres, e crianças, toda a multidão saiu a correr atrás deles. Um minuto depois, a praça estava vazia; ficara apenas o rapaz, estendido de bruços, no lugar onde caíra, absolutamente imóvel. Três velhas saíram de uma das casas, ergueram-no com alguma dificuldade e o levaram para dentro. A águia e o homem crucificado permaneceram algum tempo de guarda sobre o *pueblo* deserto; depois, como se já tivessem visto bastante, baixaram lentamente, cada um por seu alçapão, desaparecendo no mundo subterrâneo. Lenina continuava a soluçar.

- Mas é horroroso! - repetia sem cessar, e todas as consolações de Bernard foram vãs. - É horroroso! Aquele sangue! - estremeceu. - Ah, se eu tivesse o meu *soma*!

Ouviu-se um ruído de passos na peça interior.

Lenina não se moveu, permaneceu sentada, o rosto escondido nas mãos, sem nada ver, alheada. Somente Bernard se virou.

O vestuário do jovem que apareceu nesse momento, no terraço, era o de um índio; mas seus cabelos trançados eram cor de palha, tinha os olhos azul-claros, sua pele era branca, bronzeada.

- Olá! Bom dia! - disse o desconhecido, em inglês impecável mas peculiar. - São civilizados, não? Vêm do Outro Lado, de fora da Reserva?

- Quem, grande Ford? ... ? - começou Bernard, espantado.

O jovem suspirou e sacudiu a cabeça.

- Um homem bem infeliz. - E, apontando com o dedo as manchas de sangue no centro da praça, perguntou, com voz trêmula de emoção: - Vêem essa "mancha maldita"1 ?

- Uma grama vale mais que o mal que se proclama" - disse maquinalmente Lenina por entre as mãos que lhe cobriam o rosto. - Ah, se ao menos eu tivesse o meu soma!

- Eu é que devia ter estado ali - prosseguiu o jovem.

- Por que não me aceitaram como vítima? Eu teria dado dez voltas, quinze, vinte. Palowhtiwa não foi além de sete. De mim eles poderiam ter obtido duas vezes mais sangue. "Tingir de sangue os mares tumultuosos..." - Abriu os braços num gesto largo; depois, com desespero, deixou-os cair. - Mas não me permitiram. "Eu lhes desagradava por causa da minha cor." Foi sempre assim. Sempre. - Tinha os olhos rasos de lágrimas; sentiu vergonha e virou o rosto.

O espanto fez Lenina esquecer a falta de soma. Tirou as mãos das faces e, pela primeira vez, olhou o desconhecido.

- Quer dizer que desejava ser chicoteado?

Ainda com os olhos desviados, o jovem fez um sinal afirmativo.

- Para o bem do *pueblo*, para fazer vir a chuva e crescer o trigo. E para agradar a Pukong e a Jesus. E também para mostrar que sou capaz de suportar a dor sem gritar. Sim - e sua voz subitamente tomou um timbre novo; virou-se, ergueu altivamente os ombros, levantou a cabeça com orgulho, com um ar de desafio - para mostrar que sou um homem... Oh!

Teve uma respiração convulsa e calou-se, boquiaberto. Pela primeira vez na vida via o rosto de uma moça cujas faces não eram cor de chocolate ou de pele de cão, cujos cabelos eram castanho-claros e permanentemente ondulados, e cuja expressão (surpreendente novidade!) era de benévolo interesse. Lenina sorria-lhe; que rapaz simpático, pensava ela, e quê corpo bonito! O sangue afluíu ao rosto do jovem; baixou os olhos, levantou-os um instante, somente para ver que ela continuava a sorrir-lhe, e ficou de tal modo perturbado que teve de virar-se e fingir que estava olhando atentamente alguma coisa do outro lado da praça.

As perguntas de Bernard lhe desviaram a atenção. Quem? Como? Quando? De onde? Mantendo os olhos fixos no rosto de Bernard (pois ele sentia um desejo tão intenso de ver Lenina sorrindo que simplesmente não se atrevia a olhá-la), o jovem procurou explicar sua presença. Linda e ele - Linda era sua mãe (essa palavra deixou Lenina contrafeita) - eram estranhos na Reserva. Linda viera de longe, do Outro Lado, havia muito tempo, antes de ele ter nascido, com um homem de quem era filho. (Bernard prestou mais atenção.) Ela saíra a caminhar por aquelas montanhas que ficavam lá para o norte, caíra de um lugar escarpado e ferira-se na cabeça.

- Continue, continue - disse Bernard com excitação. Caçadores de Malpaís acharam-na e levaram-na para o *pueblo*. Quanto ao homem de quem era filho. Linda nunca mais o viu. Chamava-se Tomakin. (Sim, o prenome do D. I. C era Thomas.) Decerto havia ido embora para o Outro Lado, sem ela - um homem mau, desapiedado, sem entranhas.

- De modo que nasci em Malpaís - disse em conclusão. - Em Malpaís. - E sacudiu a cabeça.

A sordidez daquela casinha nas cercanias do *pueblo*! Um terreno coberto de poeira e imundície separava-a da aldeia. Dois cães famintos remexiam de maneira repelente o lixo espalhado diante da porta. No interior, quando eles entraram, a penumbra cheirava mal e zumbia com o vôo das moscas.

- Linda! - chamou o rapaz.

Do fundo da outra peça, uma voz feminina um tanto rouca respondeu: "já vou".

Eles esperaram. No chão, em tigelas, viam-se restos de uma refeição, talvez de várias refeições.

A porta abriu-se. Uma mulher loura muito gorda transpôs o umbral e ficou parada, fitando os visitantes com um olhar incrédulo, boquiaberta. Lenina notou com repugnância que lhe faltavam dois dentes da frente. E a cor dos que ainda restavam!... Teve um estremecimento. Era pior do que o velho. Tão gorda! E todas aquelas rugas no rosto, aquelas carnes moles pendentes, aquelas dobras! E as bochechas caídas, com aquelas manchas arroxeadas! E as veias vermelhas no nariz, os olhos injetados! E aquele pescoço - aquele pescoço; e a manta que usava sobre a cabeça - esfarrapada e imunda. E sob a túnica parda, em forma de saco, aqueles seios enormes, a saliência do ventre, as ancas! Oh, muito pior que o velho, muito pior! E, de repente, aquela criatura prorrompeu numa torrente de palavras, precipitou-se para ela com os braços abertos e - Ford! Ford! era repugnante demais, ainda um minuto e ela teria náuseas - apertou-a contra aquela saliência, contra aquele peito, e pôs-se a beijá-la, Ford! a *beijá-la*, babando - e o seu cheiro era abominável, evidentemente nunca tomava banho, e recendia àquele produto horrível que se punha nos frascos dos Deltas e dos Ipsiions (não, não era verdade o que se dizia a respeito de Bernard), positivamente cheirava a álcool! Lenina desprendeuse dela o mais depressa que pôde.

Achou-se frente a frente com um rosto desfigurado e banhado em lágrimas; a criatura estava chorando.

- Oh, minha querida, minha querida! - A torrente de palavras fluía entre soluços. - Se soubesse como estou contente, depois de tantos anos! Um rosto civilizado! Sim, e roupas civilizadas! Porque eu pensava que nunca mais tornaria a ver um pedaço de legítima seda de acetato! Tateou com os dedos a manga da blusa de Lenina. Suas unhas estavam pretas. - E esse adorável calção de belbutina de viscose! Sabe, minha querida, eu ainda tenho minhas velhas roupas, aquelas com que vim, guardadas numa caixa. Eu lhe mostrarei mais tarde. Se bem que, naturalmente, o acetato está todo esburacado. Mas a cartucheira branca é *tão* linda... embora deva reconhecer que a sua, de marroquim verde, é ainda mais bonita. Verdade é que não me serviu para muita coisa aquela cartucheira. - Suas lágrimas recomeçaram a correr. - John deve ter-lhes contado isso. O que eu sofri, e sem possibilidade de conseguir uma grama *de soma*. Apenas um gole de mescal de tempos em tempos, quando Pope me trazia. Pope é um rapaz que eu conheci. Mas o mescal deixa a gente tão indisposta depois, e o *peyot* dá náuseas; e, além disso, tornava ainda mais penosa aquela horrível sensação de vergonha no dia seguinte. E eu tinha tanta vergonha! Imagine: eu, uma Beta, ter um bebê; ponha-se no meu lugar!

- A simples sugestão fez Lenina estremecer de horror. - Se bem que não foi por minha culpa, juro; porque até hoje não sei como foi isso, visto que fiz todos os exercícios malthusianos; você sabe, contando: um, dois, três, quatro. Sempre, juro; o que não impede que, apesar de tudo, tenha acontecido; e naturalmente não havia aqui nada parecido com um Centro de Abortos. A propósito, ele continua em Chelsea? - perguntou. Lenina fez com a cabeça um sinal afirmativo. - E sempre iluminado com projetores nas terças e sextas? - Lenina fez novamente que sim. - Aquela linda torre de vidro rosa! - A pobre Linda ergueu o rosto e, de olhos cerrados, contemplou extasiada a imagem brilhante da recordação. - E o Tâmis, à noite... - murmurou.

Grossas lágrimas escoaram-se lentamente por entre as pálpebras fechadas.

- E a volta de helicóptero, ao entardecer, de Stoke Poges. E depois o banho quente e uma massagem a vibro-vácuo... Mas aí está. - Respirou profundamente, sacudiu a cabeça, abriu os olhos, fungou uma ou duas vezes, por fim assoou-se nos dedos e limpou-os na fralda da túnica. - Oh, desculpe - disse, em resposta à involuntária careta de nojo que Lenina fez. - Não devia ter feito isso..Desculpe. Mas que é que se vai fazer quando não se tem um lenço? Eu me lembro como isso me atormentava, toda esta imundície, e nada de asséptico! Estava com um talho horrível na cabeça, quando me trouxeram para cá. Você não imagina o que punham na ferida. Imundície, pura imundície. "Civilização é Esterilização", eu

dizia a eles. E "No meu estreptococo alado, Voa a Banbury-T, Ver meu banheiro niquelado Com um W.C. como se fossem crianças. Mas não compreendiam, está visto. Como poderiam compreender? E afinal de contas, acabei me habituando, suponho. De qualquer forma, como seria possível conservar tudo limpo, sem água quente encanada? E olhe esta roupa. Esta lã horrível não é como o acetato. Ela dura, dura!... E a gente é obrigada a remendá-la, se por acaso se rasga. Mas eu sou uma Beta; trabalhava na Sala de Fecundação; nunca ninguém me ensinou a fazer essas coisas. Não era minha obrigação. Além disso, nunca foi direito remendar roupa. É atirar fora quando estiverem estragadas e comprar novas. "Quanto mais se remenda, menos se aproveita." Não é verdade? Remendar é anti-social. Mas aqui tudo é diferente. É como se a gente vivesse no meio de loucos. Tudo o que fazem é loucura. - Lançou um olhar em redor, viu que John e Bernard as tinham deixado e caminhavam de um lado para outro lá fora, na poeira e no lixo; mesmo assim, baixou confidencialmente a voz, inclinando-se de tal modo, enquanto Lenina se retesava e recuava, que seu hálito empestado de veneno para embriões agitava os cabelos que caíam no rosto da jovem. - Por exemplo - disse, num murmúrio rouco - veja como os casais se unem aqui. É uma loucura, uma completa loucura. Cada um pertence a todos, não é? Não é? - insistiu, puxando a manga de Lenina. Esta, virando a cabeça, fez um sinal afirmativo, expirou o ar que havia retido e conseguiu tomar uma inspiração de ar - mais de uma pessoa. E se a gente procede como de costume, os outros acham isso imoral e anti-social. A gente é odiada e desprezada. Uma vez, estiveram aqui umas quantas mulheres e me fizeram uma cena porque os homens vinham me visitar. E por que não? E depois se atiraram sobre mim... Não, foi horrível demais. Nem posso lhe contar isso. - Linda cobriu o rosto com as mãos e estremeceu. - Como as mulheres aqui são odiosas! Loucas, loucas e cruéis. E, é claro, não sabem nada de exercícios malthusianos, bocais, decantação, essas coisas todas. E por isso estão sempre tendo filhos, como cadelas. É revoltante! E pensar que eu... Oh, Ford, Ford, Ford!... Entretanto, John foi um grande consolo, é verdade. Não sei o que teria sido de mim sem ele. Apesar de que se eriçava todo quando um homem... Mesmo no tempo em que era pequeno. Uma vez (mas ele já era maior, nessa época) tentou matar o pobre do Waihusiwa (ou seria Pope?) simplesmente porque eu o recebia às vezes. Nunca consegui fazê-lo compreender que é assim que devem proceder as pessoas civilizadas. A loucura é contagiosa, acho. Em todo caso, parece que John a contraiu com os índios. Porque, naturalmente, convivia muito com eles. Embora tenham sido sempre tão maus com ele, não o deixando fazer o que as outras crianças faziam; o que, por outro lado, era uma vantagem, porque me facilitava o trabalho de condicioná-lo um pouco. Mas você não faz idéia como isso é difícil. Há tanta coisa que a gente não sabe; não era minha obrigação saber. Quero dizer: se uma criança pergunta como funciona um helicóptero, ou quem foi que fez o mundo... bem, que é que se vai responder, quando se é uma Beta que sempre trabalhou na Sala de Fecundação? Que é que se vai responder?

Capítulo VIII

Lá fora, no meio da poeira e do lixo (havia agora quatro cães), Bernard e John caminhavam lentamente de um lado para outro.

- Para mim é tão difícil de compreender, de reconstruir - dizia Bernard. – Como se vivêssemos em planetas diferentes, em séculos diferentes. Uma mãe, e toda esta sujeira, e os deuses, a velhice, a doença... - Sacudiu a cabeça. - É quase inconcebível. Não chegarei nunca a compreender, a menos que você me explique.

- Que explique o quê?

- Isto. - Indicou o *pueblo*. - Aquilo. - E dessa vez era a casinha fora da aldeia. - Tudo. Toda a sua vida.

- Mas que é que devo dizer?

- Desde o começo. Desde a época mais afastada que você possa recordar.

- Desde a época mais afastada que eu possa recordar. - John franziu a testa.

Houve um longo silêncio.

Fazia muito calor. Tinham comido muitas *tortillas* e milho doce. Linda disse-lhe:

"Vem te deitar, Nenê". Deitaram-se juntos na cama grande. "Canta." E Linda cantou...

Cantou: "No meu estreptococo alado, Voá a Banbury-T" e "Adeus, bebezinho, em breve serás decantado" Sua voz tornou-se cada vez mais indistinta...

Houve um ruído forte e ele acordou sobressaltado. Um homem estava em pé ao lado da cama, enorme, pavoroso. Dizia qualquer coisa a Linda, que ria. Ela puxara o cobertor até o queixo, mas o homem tornou a descobri-la. Os cabelos dele pareciam duas cordas pretas, e em torno do braço tinha uma bonita pulseira de prata, com pedras azuis. John gostou da pulseira, mas, ainda assim, teve medo; escondeu o rosto contra o corpo de Linda. Esta pousou a mão sobre ele, que se sentiu mais seguro. Empregando aquelas outras palavras que ele não compreendia muito bem, ela disse ao homem: "Não com John aqui". O homem olhou para ele, depois novamente para Linda e disse algumas palavras em voz suave. Linda tornou a dizer: "Não". Mas o homem inclinou-se para ele sobre a cama, e sua cara era enorme, terrível; as cordas negras dos cabelos tocavam nas cobertas. "Não", repetiu Linda, e ele sentiu que sua mão o segurava com mais força.

"Não, não!" Então o homem o agarrou por um braço e ele sentiu dor. Gritou. O homem estendeu a outra mão e levantou-o. Linda continuava a segurá-lo e dizia sempre: " Não, não". O homem disse umas poucas palavras em tom irritado, e de repente as mãos de Linda soltaram-no. "Linda, Linda!" Esperneou, torceu-se, mas o homem levou-o até a porta, abriu-a, deitou-o no chão no meio da outra peça e fechou a porta atrás de si. Ele se levantou e correu para a porta. Espichando-se na ponta dos pés, mal pôde alcançar a tranqueta de madeira. Levantou-a e empurrou; mas a porta não se abriu. "Linda!" gritou. Ela não respondeu.

Lembrava-se de uma peça imensa, um pouco escura; e havia ali grandes armações de madeira, às quais estavam atados cordões, e uma porção de mulheres em redor - tecendo cobertores, disse Linda. Esta mandou que ele se sentasse ao canto com as outras crianças, enquanto ela ia ajudar as mulheres. Ele brincou um bom tempo com os garotinhos. De repente, começaram a falar muito alto, e lá estavam as

mulheres empurrando Linda, e ela estava chorando. Linda dirigiu-se para a porta e ele correu atrás.

Perguntou-lhe porque elas estavam zangadas. "Porque eu quebrei qualquer coisa." E então ela também se enraiveceu. "Como é que eu ia saber lidar com essas malditas máquinas de tecer?" disse. "Selvagens nojentos!" Ele então perguntou-lhe o que eram selvagens. Quando chegaram a sua casa, Pope estava esperando à porta e entrou com eles. Trazia uma cabaça grande cheia de uma coisa que parecia água; mas não era água, era uma coisa que tinha mau cheiro, queimava a boca e fazia a gente tossir. Linda bebeu e também Pope, e então Linda riu muito e falou muito alto. Depois ela e Pope foram para a outra peça. Quando Pope foi embora, ele entrou. Linda estava deitada na cama e dormia tão profundamente que ele não pôde acordá-la.

Pope vinha com frequência. Dizia que a coisa que trazia na cabaça se chamava *mescal*; mas Linda dizia que deveria chamar-se *soma*, com a diferença que deixava a gente doente, depois. Ele detestava Pope. Detestava todos - todos os homens que vinham visitar Linda. Uma tarde em que tinha estado brincando com as outras crianças - fazia frio, lembrava-se, e havia neve nas montanhas - voltou para casa e ouviu vozes irritadas no quarto de dormir. Eram vozes de mulheres, e diziam palavras que ele não compreendia, mas sabia que eram palavras horríveis. Depois, de súbito, craque! - derrubaram alguma coisa, e ouviu gente ir e vir rapidamente; houve um novo estrondo e depois um barulho semelhante ao produzido quando se dá numa mula, mas não tão seco; então Linda gritou: "Oh, não, não, não!" Ele correu para dentro do quarto. Havia três mulheres vestidas com mantos escuros. Linda estava deitada. Uma das mulheres segurava-lhe os pulsos. Outra estava deitada, atravessada sobre suas pernas, para que ela não pudesse dar pontapés. A terceira batia-lhe com um chicote. Uma, duas, três vezes, e de cada vez Linda gritava.

Chorando, ele puxou as franjas do manto da mulher. "Por favor, por favor!" Com a mão livre, a mulher o manteve à distância. O chicote desceu, e de novo Linda gritou. Ele agarrou nas suas a enorme mão bronzeada da mulher e mordeu-a com toda a força. Ela deu um grito, libertou a mão com uma sacudida e empurrou-o com tamanha violência que o fez cair. Enquanto estava caído no chão, a mulher deu-lhe três chicotadas. Doeram-lhe mais que tudo que já havia sentido - como fogo. O chicote sibilou novamente e desceu. Dessa vez, porém, foi Linda quem gritou.

- Mas por que é que elas queriam te fazer sofrer Linda? - perguntou, aquela noite. Ele chorava porque os vergões vermelhos do chicote nas costas ainda lhe doíam horripelantemente. Mas também chorava porque as pessoas eram tão más e injustas e porque ele era apenas um menino e não podia fazer nada contra elas. Linda também chorava. Ela era grande, mas não era bastante forte para lutar contra as três. Para ela também não era justo. - Mas por que é que elas queriam te fazer sofrer, Linda?

- Não sei. Como é que eu vou saber? - Era difícil ouvir o que ela dizia, porque estava deitada de bruços, com o rosto no travesseiro. - Disseram que esses homens são os homens *delas* - continuou, e não parecia estar falando com ele; parecia estar falando com alguém que estivesse dentro dela mesma. Uma conversa comprida que ele não compreendeu; e, por fim, recomeçou a chorar, mais alto que nunca.

- Oh, não chore, Linda. Não chore. Chegou-se para ela. Passou-lhe o braço em volta do pescoço.

Linda deu um grito:

- Ah! Cuidado! Meu ombro! Oh! - e repeliu-o brutalmente. Sua cabeça bateu na parede. - Pequeno idiota! - gritou ela e, de repente, começou a dar-lhe tapas. Zás! Zás!...

- Linda! - exclamou ele. - Oh, mãe, não faça isso!

- Eu não sou tua mãe! Não quero ser tua mãe!

- Mas Linda... Oh! - Ela deu-lhe uma bofetada.

- Transformada numa selvagem! - vociferou.

- Tendo filhos como um animal!. . .Se não fosse por tua causa, eu poderia ter ido procurar o Inspetor, poderia ter saído daqui. Mas não com um bebê. Teria sido vergonhoso demais!

Viu que ela ia bater-lhe outra vez e levantou o braço para proteger o rosto.

- Oh, não, Linda, não, por favor!

- Animalzinho! - Ela baixou-lhe o braço, descobrindo-lhe o rosto.

- Não, Linda! - Fechou os olhos, esperando o golpe. Mas o golpe não veio. Ao cabo de um instante, abriu os olhos e viu que ela o fitava. Tentou sorrir-lhe. Repentinamente, ela envolveu-o em seus braços e cobriu-o de beijos.

Às vezes, durante dias. Linda nem sequer se levantava. Ficava na cama, mergulhada em tristeza. Ou então bebia o líquido que Pope trazia, ria muito e adormecia. Algumas vezes vomitava. Com frequência esquecia-se de lavá-lo, e não havia nada que comer, a não ser *tortillas* frias... Lembrava-se da primeira vez que ela achara aqueles bichinhos nos seus cabelos, como ela gritara, gritara.

Os momentos mais felizes eram aqueles em que ela lhe falava sobre o Outro Lado.

"E a gente pode mesmo ir voar sempre que tem vontade?"

"Sempre que tem vontade." E ela lhe falava na linda música que saía de uma caixa; em todos os jogos encantadores que havia, nas coisas deliciosas para comer e beber; na luz que aparecia quando se apertava uma pequena coisa na parede; nas imagens que era possível não só ver, mas também ouvir, tocar e cheirar; em outra caixa para fazer cheiros agradáveis; nas casas róseas, verdes, azuis, prateadas, altas como montanhas; ela lhe contava como todos eram felizes, sem que jamais alguém estivesse triste ou zangado; como cada um pertencia a todos; falava-lhe de caixas em que se podia ver e ouvir o que se passava do outro lado do mundo; de bebês em lindos bocais limpos - tudo tão limpo, sem maus cheiros, sem sujeira e lhe contava que ninguém se sentia só, mas todos viviam juntos, alegres e felizes, como durante as danças de verão aqui em Malpaís, mas muito mais felizes, com a felicidade permanente, cada dia, todos os dias...

Ele a ouvia horas a fio. E, por vezes, quando ele e as outras crianças estavam cansados de brincar, um dos velhos do *pueblo* falava-lhes, com aquelas outras palavras, do grande Transformador do Mundo e da longa luta entre a Mão Direita e a Mão Esquerda, entre o Úmido e Seco; do Awonawilona, que, uma noite, só com o pensamento, fez um nevoeiro espesso e desse nevoeiro criou em seguida o mundo; da Mãe Terra e do Pai Céu; de Ahaiyuta e Marsailema, os gêmeos da Guerra e do Acaso; de Jesus e de Pukong; de Maria e de Etsanatilehi, a mulher que se faz novamente jovem; da Pedra Negra de Laguna e da Grande Águia e de Nossa Senhora de Acoma. Histórias estranhas, tanto mais maravilhosas para ele porque eram contadas por meio daquelas outras palavras e, por isso, menos completamente entendidas. Deitado na cama, ele pensava no Céu e em Londres, em Nossa Senhora de Acoma e nas fileiras e mais fileiras de bebês em bonitos bocais bem limpos, em Jesus voando para o alto e em Linda também voando, no grande Diretor Mundial de Incubação e em Awonawilona.

Muitos homens vinham visitar Linda. Os meninos começavam a apontá-lo com o dedo. Empregando também aquelas outras palavras estranhas, diziam que Linda era má; chamavam-na por nomes que ele não compreendia, mas que sabia serem nomes feios. Um dia, cantaram uma cantiga sobre ela, várias vezes seguidas. Ele atirou-lhes pedras. Os meninos revidaram; uma pedra pontuda cortou-lhe o rosto. O sangue não parava de correr; ficou todo coberto de sangue.

Linda ensinou-o a ler. Com um pedaço de carvão de lenha, ela desenhava figuras na parede - um animal sentado, um bebê num bocal; depois escrevia letras. O Gato está no Mato. O Bebê está no Bobó. Ele aprendia depressa e com facilidade. Quando soube ler todas as palavras que ela escrevia na parede, Linda abriu sua grande caixa de madeira e tirou debaixo daquele esquisito calção vermelho que não usava nunca, um livro pequeno e fino. Ele já o vira muitas vezes. "Quando for maior", tinha ela dito, "poderá lê-lo." Bem, agora ele já estava bastante grande. Sentiu-se orgulhoso. "Receio que não ache isso muito interessante, mas é só o que tenho", disse ela. Suspirou. "Se pudesse ver as lindas máquinas de leitura que temos em Londres!" Ele começou a ler: *O Condicionamento Químico e Bacteriológico do Embrião. Instruções Práticas para os Trabalhadores Betas dos Depósitos de Embriões*. Precisou de um quarto de hora só para ler o título. Atirou o livro no chão. "Livro nojento, livro nojento!" exclamou, e

pôs-se a chorar.

Os garotos continuavam cantando sua horrível cantiga acerca de Linda. Às vezes também faziam troça dele por andar tão maltrapilho. Quando ele rasgava as roupas, Linda não sabia remendá-las. No Outro Lado, dizia ela, as pessoas atiravam fora as roupas rasgadas e compravam outras, novas. "Esfarrapado, esfarrapado!" gritavam-lhe os meninos. "Mas eu sei ler", dizia consigo mesmo, "e eles não sabem. Nem sequer sabem o que é ler." Era-lhe mesmo fácil, se se concentrava suficientemente na idéia de saber ler, fingir que não se importava quando os outros o debicavam. Pediu a Linda que lhe desse novamente o livro.

Quanto mais os garotos o apontavam com o dedo, mais se aplicava à leitura. Logo se achou em condições de ler perfeitamente bem todas as palavras. Até as mais compridas. Mas o que significavam? Interrogava Linda; porém, mesmo quando ela podia responder, isso não lhe esclarecia muito. E, em geral, ela era absolutamente incapaz de responder.

- O que são produtos químicos? - perguntava ele.

- Oh, são coisas como sais de magnésio, e álcool para manter retardados os Deltas e Ipsilons, e carbonato de cálcio para os ossos, e todas as coisas do mesmo gênero.

- Mas como é que são feitos os produtos químicos, Linda? De onde é que eles vêm?

- Bom, isso eu não sei. Eles estão em frascos. E quando os frascos se esvaziam, manda-se buscar mais no Depósito de Produtos Químicos. É o pessoal do Depósito que os faz, penso eu. Ou senão mandam buscá-los na fábrica. Mas não sei bem. Nunca estudei Química. Meu trabalho sempre foi com os embriões.

O mesmo acontecia com todas as outras coisas sobre as quais ele a interrogava. Linda parecia que nunca sabia nada. Os anciãos do *pueblo* tinham respostas bem mais categóricas.

"A semente do homem e de todas as criaturas, a semente do sol e a da terra, e a semente do céu - foi Awonawilona quem as criou todas, a partir do Nevoeiro do Crescimento. Ora, o mundo tem quatro matrizes, e ele depôs as sementes na mais baixa das quatro. E pouco a pouco as sementes começaram a crescer... "

Um dia (John calculou, mais tarde, que devia ter sido pouco depois do seu décimo segundo aniversário), entrou em casa e achou no chão do quarto de dormir um livro que nunca tinha visto. Era um livro grosso, que parecia muito antigo. A encadernação tinha sido roída pelos ratos, algumas páginas estavam soltas e amarrotadas. Apanhou-o e olhou a primeira página; o livro intitulava-se *Obras Completas de William Shakespeare*.

Linda estava deitada na cama, bebericando uma xícara daquele horrível e malcheiroso mescal.

- Foi Pope quem o trouxe - disse ela com uma voz espessa e rouca, como se fosse a de outra pessoa. - Estava numa das arcas da Kiva do Antílope? Dizem que estava lá há centenas de anos. Deve ser verdade, porque passei os olhos por ele e me pareceu cheio de bobagens. Incivilizado. De qualquer modo, sempre servirá para se exercitar na leitura.

Tomou um último sorvo, pôs a xícara no chão perto da cama, virou-se para o lado, teve um ou dois soluços e adormeceu.

Ele abriu o livro ao acaso:

Ah! não, mas viver No suor fétido de um leito imundo, Mergulhado na corrupção, acariciando e fazendo amor Por sobre a asquerosa pocilga...

As palavras estranhas redemoinharam em seu espírito, reboando como um trovão que falasse; como os tambores das danças de verão, se pudessem expressar-se em palavras; como os homens cantando a Canção do Trigo, bela, bela de fazer chorar; como o velho Mitsima pronunciando fórmulas mágicas sobre suas penas, seus bastões esculpidos e seus pedaços de pedra e de ossos - *kiathla tsilu silokwe silokwe silokwe. Kiai silu silu, tsithl* - mas ainda melhores do que as fórmulas mágicas de Mitsima, porque possuíam mais sentido; porque era a ele que se dirigiam; porque falavam de modo

maravilhoso e apenas em parte compreensível, em fórmulas terríveis e esplêndidas, de Linda; de Linda deitada ali e ressonando, a xícara vazia no chão ao lado da cama; de Linda e de Pope, de Linda e de Pope.

Cada vez mais odiava Pope. Um homem pode prodigalizar sorrisos e não ser mais que um celerado. Traidor, devasso, celerado sem remorsos e sem entranhas. Que significavam exatamente essas palavras? Não sabia bem. Mas sua magia era poderosa e continuava retumbando em sua cabeça, e, de algum modo, era como se nunca houvesse antes realmente odiado Pope; como se não o houvesse verdadeiramente odiado porque nunca pudera dizer quanto o odiava. Agora, porém, ele tinha aquelas palavras, aquelas palavras que semelhavam rufar de tambores, cantos e fórmulas mágicas. Aquelas palavras, e a estranha, estranha história de onde eram tiradas (história que não tinha pés nem cabeça para ele, mas ainda assim era maravilhosa, maravilhosa) - davam-lhe uma razão para odiar Pope, tornavam seu ódio mais real; tornavam mais real o próprio Pope.

Um dia em que entrou em casa depois de brincar, estava aberta a porta do quarto, e viu-os deitados na cama, adormecidos - Linda bem branca e Pope quase preto ao lado dela, um braço passado sob seus ombros, a outra mão bronzeada descansando sobre seu peito e uma das trancas dos compridos cabelos do homem atravessada na garganta de Linda, como uma serpente negra que tentasse estrangulá-la. A cabaça de Pope e uma xícara estavam no chão, perto da cama. Linda ressonava.

Pareceu-lhe que seu coração se desvanecera, deixando um vácuo. Sentia-se vazio. Vazio, com frio, um pouco nauseado, e tonto. Encostou-se na parede para firmar-se.

Traidor, devasso, sem remorsos... Como tambores, como os homens cantando o encantamento do trigo, como fórmulas mágicas, as palavras repetiam-se, repetiam-se em sua cabeça. Depois da sensação de frio, sentiu subitamente um grande calor. Estava com as faces ardendo sob o afluxo do sangue, o quarto girava e escurecia diante de seus olhos. Rangeu os dentes. "Vou matá-lo, vou matá-lo, vou matá-lo", repetia sem cessar. E subitamente lhe ocorreram outras palavras.

Quando ele estiver embriagado a dormir, ou em sua cólera,

Ou no incestuoso prazer de seu leito...

As fórmulas mágicas estavam de seu lado, a magia explicava e dava ordens.

Voltou para a peça da frente. "Quando ele estiver embriagado a dormir..." A faca de cozinha estava no chão, junto à lareira. Pegou-a e encaminhou-se novamente para a porta nas pontas dos pés. "Quando ele estiver embriagado a dormir..." Atravessou o quarto correndo e golpeou - oh, o sangue! - golpeou de novo enquanto Pope se acordava num arranco, levantou a mão para golpear mais uma vez, porém sentiu seu pulso agarrado, dominado e - oh! oh! - torcido. Não podia se mover, achava-se preso numa armadilha, e ali estavam os olhinhos negros de Pope, muito próximos, cravados nos seus. Desviou o olhar. Havia dois talhos no ombro esquerdo de Pope. "Oh, olha o sangue!" gritou Linda. "Olha o sangue!" Ela nunca pudera suportar a vista do sangue. Pope levantou a outra mão - para bater-lhe, pensou. Retesou-se para receber o golpe.

Mas a mão limitou-se a segurar-lhe o queixo e virar-lhe o rosto de modo que ele fosse obrigado a cruzar novamente o olhar com Pope. Por longo tempo, por horas e horas. E de repente - não pôde conter-se - começou a chorar. Pope deu uma gargalhada. "Vá", disse ele, empregando as outras palavras, as dos índios. "Vá, meu bravo Ahaiyuta."

Saiu correndo para a outra peça a fim de esconder as lágrimas.

- Você tem quinze anos - observou o velho Mitsima, nas palavras dos índios. - Agora posso te ensinar a trabalhar a argila.

Agachados na beira do rio, trabalharam juntos.

- Em primeiro lugar - disse Mitsima, tomando entre as mãos uma porção de argila úmida - vamos fazer uma pequena lua.

O velho amassou a argila para dar-lhe a forma de um disco; depois recurvou os bordos; a lua tornou-se uma tigela rasa.

Lenta e desajeitadamente, ele imitou os gestos delicados do velho.

- Uma lua, uma tigela e agora uma cobra. - Mitsima preparou outra porção de argila fazendo um longo cilindro flexível, recurvou-o em círculo e comprimiu-o contra o bordo da tigela. - Outra cobra. Mais outra. Outra ainda. - Rodela após rodela, Mitsima modelou o pote; a princípio estreito, depois largo, estreitando-se outra vez no gargalo.

Mitsima amassou, bateu, alisou e raspou, e eis que o objeto surgiu enfim: o jarro de água usado em Malpaís, quanto à forma, porém de um branco leitoso em vez de negro, e ainda mole ao tato. Paródia disforme do de Mitsima, o seu perfilava-se ao lado. Olhando os dois potes, teve que rir.

- Mas o próximo será melhor - disse, e pôs-se a umedecer outro pedaço de argila. Modelar, dar forma, sentir os dedos adquirirem mais destreza e poder - isso lhe dava um prazer extraordinário.

"A, B, C, Vitamina D", cantava para si mesmo enquanto trabalhava. "No fígado o óleo, o bacalhau no mar." E Mitsima também cantava - uma canção sobre a matança de um urso. Trabalharam assim todo o dia, e durante todo o dia sentiu uma felicidade intensa, absorvente.

- No inverno que vem - prometeu o velho Mitsima - vou te ensinar a fazer um arco.

Ficou de pé muito tempo, diante da casa; finalmente, as cerimônias que se realizavam no interior terminaram. A porta se abriu e eles saíram. Kothlu vinha na frente com o braço direito estendido e a mão bem fechada como se tivesse nela uma jóia preciosa; também com o braço estendido e a mão fechada, Kiakimé seguia-o. Caminhavam em silêncio, e em silêncio atrás deles vinham os irmãos, as irmãs, os primos e todo o grupo dos velhos.

Saíram do *pueblo*, atravessaram a *mesa*. Na beira do penhasco detiveram-se, de frente para o sol nascente. Kothlu abriu a mão. Via-se na sua palma uma pitada de alva farinha de trigo; soprou sobre ela, murmurou algumas palavras, depois atirou-a, um punhado de poeira branca, em direção ao sol. Kiakimé fez o mesmo. Então o pai de Kiakimé adiantou-se e, brandindo um bastão de orações guarnecido de penas, fez uma longa prece e atirou-o na mesma direção da farinha.

- Acabou-se - disse o velho Mitsima em voz forte. - Estão casados.

- Bem - comentou Linda, enquanto se afastavam - o que posso dizer é que essa gente faz muita encenação para tão pouca coisa. Nos países civilizados, quando um rapaz deseja uma moça, simplesmente... Mas onde é que vai, John?

Ele não deu atenção ao seu chamado e continuou a correr, para longe, para qualquer lugar onde pudesse estar só.

Acabou-se. As palavras do velho Mitsima martelavam em seu espírito. Acabou-se, acabou-se.. Em silêncio e de longe, mas violentamente, desesperadamente, havia amado Kiakimé. E agora estava acabado. Ele tinha dezesseis anos.

Por ocasião da lua cheia, na Kiva do Antílope, iam ser ditos segredos, segredos iam ser realizados e sofridos. Eles iam baixar à Kiva meninos e de lá saíam homens. Os rapazes estavam todos com medo e, ao mesmo tempo, impacientes. Por fim, chegou o dia, o sol se pôs e a lua surgiu. Ele foi com os outros. Homens mantinham-se de pé, sombrios, na entrada da Kiva: a escada mergulhava nas profundezas iluminadas por um clarão vermelho. Já os primeiros rapazes tinham começado a descer. De repente, um dos homens avançou, pegou-o pelo braço e puxou-o para fora da fileira. Ele escapou e voltou ao seu lugar junto dos outros. Então o homem bateu-lhe, puxou-o pelos cabelos: "Não para você, cabelo-branco!" "Não para o filho da cadela!" disse outro homem. Os rapazes riram. "Vá embora!" E, como ele ficasse perto do grupo, os homens gritaram novamente: "Vá!"

Um deles abaixou-se, pegou uma pedra, atirou-a. "Vá, vá, vá!" Choveram pedras. Sangrando, ele fugiu noite adentro. Da Kiva iluminada pelo clarão vermelho, vinha um rumor de cantos. O último rapaz descera a escada. Ele estava inteiramente só. Inteiramente só, fora do *pueblo*, na planície nua da *mesa*. O

rochedo lembrava ossamentas embranquecidas ao luar. Lá embaixo, no vale, os coiotes uivavam à lua. Ele estava ainda dolorido das suas contusões, os ferimentos recebidos sangravam ainda; mas não era pela dor que ele soluçava, era porque estava inteiramente só, porque havia sido escorraçado, sozinho, para aquele mundo sepulcral de rochas e luar. À beira do precipício, sentou-se. Tinha a lua pelas costas, mergulhou o olhar na sombra negra da *mesa*, na sombra negra da morte. Não precisava dar mais que um passo, um pequeno salto... Estendeu a mão direita ao luar. Do corte no pulso, o sangue ainda escorria. A pequenos intervalos caía uma gota, escura, quase sem cor na luz morta. Uma gota, outra, outra... "Amanhã, e amanhã e ainda amanhã..."

Tinha descoberto o Tempo, a Morte, e Deus.

- Só, sempre só - dizia o jovem.

Essas palavras despertaram um eco doloroso no espírito de Bernard. Só, só...

- Eu também - respondeu, num impulso confidencial. - Terrivelmente só.

- Você também? - John mostrou-se surpreso. - Pensei que no Outro Lado... É que Linda sempre dizia que lá ninguém jamais estava só.

Bernard corou, contrafeito.

- Você vê - disse, balbuciando e desviando os olhos - eu acho que sou um pouco diferente da maioria das pessoas. Quando, por acaso, alguém é diferente desde a decantação...

- Sim, é isso mesmo. - O jovem confirmou com um sinal de cabeça. - Se uma pessoa é diferente, é fatal que se torne solitária. A gente é tratado de um modo abominável. Acredita que eles me conservaram afastado de tudo, absolutamente tudo? Quando os outros rapazes foram passar a noite nas montanhas - você sabe, quando a gente deve ver em sonho qual é o seu animal sagrado - eles não consentiram que eu fosse com os outros; não quiseram me revelar nenhum dos segredos. O que não impediu que eu o fizesse sozinho. Fiquei cinco dias sem comer e então fui só, uma noite, para aquelas montanhas, lá. - Apontou com o dedo.

Bernard teve um sorriso protetor.

- E você viu alguma coisa em sonho? - perguntou.

O outro fez um sinal afirmativo.

- Mas não posso lhe dizer. - Calou-se uns momentos; depois, em voz baixa, prosseguiu: - Um dia, fiz uma coisa que os outros nunca tinham feito: fiquei em pé contra um rochedo, ao meio-dia, no verão, com os braços abertos, como Jesus na cruz.

- Ora, para quê?

- Queria saber o que era ser crucificado. Suspenso ali, em pleno sol...

- Mas por quê?

- Por quê? Bem... - Hesitou. - Porque sentia que devia fazê-lo. Se Jesus pôde suportar... E, além disso, se se fez alguma coisa de mau... Por outro lado, eu me sentia infeliz; essa era outra razão.

- Acho isso um modo bastante estranho de curar-se quando se é infeliz - objetou Bernard. Mas, refletindo, concluiu que, afinal de contas, aquilo tinha algum sentido. Melhor do que tomar *soma*...

- Desmaiei depois de algum tempo - disse o jovem. - Caí para a frente. Vê o sinal do corte que recebi? - E afastou da testa a espessa cabeleira loura. A cicatriz era visível, pálida e enrugada, na têmpora direita.

Bernard olhou-a e depois, vivamente, com um pequeno arrepio, desviou o olhar. Seu condicionamento o inclinava menos à piedade que a uma profunda repugnância. A simples alusão a doenças ou a ferimentos era, para ele, não somente uma coisa apavorante, como, sobretudo, um tanto desagradável e até repulsiva. Tal como a sujeira, a deformidade, a velhice. Mudou apressadamente de assunto.

- Será que não lhe agradaria vir conosco para Londres? - perguntou, dando o primeiro passo de uma campanha cujo plano estratégico ele tinha começado a elaborar secretamente desde que, na pequena

casa, compreendera quem devia ser o "pai" do jovem selvagem. - Não lhe agradaria isso?

A fisionomia do rapaz iluminou-se.

- Você fala sério?

- Certamente; isto é, se eu puder obter autorização.

- E Linda também?

- Bom... - Hesitou, preso de dúvidas. Aquela criatura repugnante! Não, era impossível. A menos que... A menos que... Ocorreu-lhe de súbito que o próprio fato de ser ela assim tão repugnante poderia constituir um grande trunfo. - Mas claro! - exclamou, compensando sua hesitação inicial com um excesso de cordialidade ruidosa. O jovem suspirou profundamente.

- Pensar que vai se tornar realidade aquilo que eu sonhei toda a vida... Lembra-se do que disse Miranda?

- Quem é Miranda?

Mas o moço, evidentemente, não ouvira a pergunta.

- Oh, maravilha! - dizia ele, e seus olhos luziam, a fisionomia estava iluminada por um rubor vivo. - Como há aqui seres encantadores! Como é bela a humanidade! - Seu rubor se acentuou subitamente; ele pensava em Lenina, num anjo vestido de viscose verde-garrafa, resplandecente de mocidade e de cremes de beleza, rechonchudo, sorrindo benignamente. Teve um tremor na voz. - Oh, admirável mundo novo... - começou, depois interrompeu-se de repente; o sangue fugiu de seu rosto, que ficou branco como papel. - Você é casado com ela? - perguntou.

- Se eu sou... o quê?

- Casado. Você sabe: para sempre. Diz-se "para sempre" nas palavras dos índios; não se pode desfazer.

- Ford, não! - Bernard não pôde deixar de rir.

John também riu, mas por outro motivo - riu de pura alegria.

- Oh, admirável mundo novo! - repetiu. - Oh, admirável mundo novo, que encerra criaturas tais! ... Partamos em seguida.

- Você tem às vezes um modo de falar bem curioso - disse Bernard, admirado e perplexo, encarando-o. - E, de qualquer modo, não seria melhor se você esperasse para ver esse mundo novo?

Capítulo IX

Lenina, depois desse dia cheio de coisas estranhas e de horrores, sentia-se com direito a um descanso completo e absoluto. Mal chegaram à hospedaria, tomou seis comprimidos de meia grama de *soma*, deitou-se na cama e ao cabo de dez minutos vagava numa eternidade lunar. Passar-se-iam pelo menos dezoito horas antes que voltasse ao mundo real.

Bernard, enquanto isso, estava deitado a pensar, de olhos abertos na escuridão. Só muito depois da meia-noite adormeceu. Muito depois da meia-noite; mas sua insônia não fora estéril; ele tinha um plano. Pontualmente, na manhã seguinte às dez horas, o oitavão de uniforme verde desceu do helicóptero. Bernard o esperava entre as agaves.

- Miss Crowne tomou *soma* para gozar um repouso - explicou. - Dificilmente poderá despertar antes das cinco. Isso nos deixa sete horas.

Teria tempo de voar até Santa Fé, fazer tudo o que pretendia e estar de volta a Malpaís muito antes que ela acordasse.

- Ela estará em completa segurança aqui, sozinha?

- Como se estivesse num helicóptero - asseverou-lhe o oitavão.

Subiram ao aparelho e partiram imediatamente. Às dez e trinta e quatro aterrissavam no terraço do Correio de Santa Fé; às dez e trinta e sete Bernard estava em comunicação com o Gabinete do Administrador Mundial em Whitehall; às dez e trinta e nove falava com o quarto secretário particular de sua Fordeza; às dez e quarenta e quatro repetia sua história ao primeiro secretário, e às dez e quarenta e sete e meio foi a voz profunda e sonora do próprio Mustafá Mond que ressoou nos seus ouvidos.

- Tomei a liberdade de pensar - gaguejou Bernard - que Vossa Fordeza talvez achasse o caso de interesse científico suficiente...

- Sim, eu o acho de interesse científico suficiente - interrompeu a voz profunda. - Traga essas duas pessoas consigo para Londres.

- Vossa Fordeza não ignora que precisarei de uma autorização especial...

- As ordens especiais estão sendo dadas neste momento ao Conservador da Reserva - disse Mustafá Mond.

- Queira ir imediatamente ao gabinete dele. Passe bem, Sr. Marx.

E fez-se silêncio. Bernard pendurou o fone e subiu apressadamente ao terraço.

- Gabinete do Conservador - ordenou ao oitavão de verde-Gama.

As dez e cinquenta e quatro Bernard apertava a mão do Conservador.

- Encantado, Sr. Marx, encantado. - Sua voz trovejante expressava deferência. - Acabamos de receber ordens especiais...

- Já sei - disse Bernard, interrompendo-o. - Estive conversando por telefone com sua Fordeza, há um momento. - Seu tom de indiferença dava a entender que ele tinha o hábito de falar com Sua Fordeza todos os dias da semana. Deixou-se cair numa cadeira. - Se quer ter a bondade de tomar todas as providências necessárias o mais depressa possível... O mais depressa possível - acentuou. Estava se divertindo imensamente.

Às onze horas e três minutos tinha no bolso todos os papéis necessários.

- Adeus - disse com ar protetor ao homem, que o acompanhara até o elevador. - Adeus.

Foi a pé para o hotel, tomou um banho, fez uma massagem a vibro-vácuo, barbeou-se com o aparelho eletrolítico, ouviu pelo rádio as notícias da manhã, olhou a televisão durante meia hora, saboreou descansadamente o almoço e às duas e meia voou com o oitavão de regresso a Malpaís.

O jovem estava na frente da hospedaria.

- Bernard! - chamou. - Bernard!

Não obteve resposta.

Andando sem ruído com os mocassins de camurça, subiu os degraus às pressas e tentou abrir a porta. Estava fechada a chave.

Tinham partido! Partido! Era a coisa mais terrível que jamais lhe acontecera. Ela lhe pedira que fosse vê-los, e agora tinham partido. Sentou-se nos degraus da porta e chorou.

Meia hora mais tarde, teve a idéia de olhar pela janela. A primeira coisa que viu foi uma mala verde, com as iniciais L. C. pintadas na tampa. A alegria explodiu nele como uma chama que se aviva. Apanhou uma pedra. O vidro quebrado retiniu no chão. Um instante depois estava dentro do quarto. Abriu a mala verde e logo respirou o perfume de Lenina, enchendo os pulmões com a essência do seu ser. Sentiu o coração bater desordenadamente; por um instante, esteve a ponto de desmaiar. Depois, inclinando-se sobre a preciosa caixa, tocou no seu conteúdo, ergueu-o para a luz, examinou-o. O fecho ecler no calção de belbutina de viscosa que Lenina trouxera de sobressalente foi, a princípio, um enigma; depois, decifrado, um deslumbramento. Zip, e logo zip; zip, e novamente zip; estava encantado. As chinelinhas verdes da moça eram as coisas mais lindas que jamais vira. Desdobrou uma combinação-calcinha com fecho ecler, corou e a repôs apressadamente no lugar; mas beijou um lenço de acetato, perfumado, e enrolou uma mantilha no pescoço. Abrindo uma caixa, levantou uma nuvem de pó perfumado.

Ficou com as mãos brancas como se as tivesse mergulhado em farinha. Limpou-as no peito, nos ombros, nos braços nus. Delicioso perfume! Fechou os olhos; esfregou o rosto no próprio braço empoado. Contato de uma pele macia contra sua face, perfume de pó almiscarado em suas narinas - a presença real dela. "Lenina", sussurrou. "Lenina!"

Um ruído sobressaltou-o, fazendo-o voltar-se com uma sensação de culpa. Socou o produto de seu furto na mala e fechou-a; depois escutou de novo, olhou. Nenhum sinal de vida, nenhum som. No entanto, tinha certeza de que ouvira alguma coisa - algo que se assemelhava a um suspiro, a um estalido no assoalho. Levantou-se nas pontas dos pés para ir até a porta e, abrindo-a cautelosamente, achou-se diante de largo patamar. No lado oposto desse patamar havia outra porta, entreaberta. Saiu, empurrou-a e olhou.

Numa cama baixa, com o lençol atirado para o lado, vestindo um pijama inteiriço com fecho ecler, Lenina dormia um sono profundo, tão bela no meio dos anéis dos seus cabelos, tão comovedoramente infantil com seus pezinhos rosados e seu grave rosto adormecido, tão confiante no abandono de suas mãos finas e de seus ombros distendidos, que as lágrimas subiram aos olhos do jovem.

Com uma infinidade de precauções inteiramente supérfluas - pois teria sido preciso pelo menos o estampido de um tiro de pistola para que Lenina despertasse, antes do tempo, do sono produzido pelo *soma* - ele entrou no quarto, ajoelhou-se junto ao leito. Contemplou-a, entrelaçou os dedos das mãos, seus lábios moveram-se.

- Seus olhos - murmurou, - seus olhos, seus cabelos, suas faces, seu porte, sua voz. Deles dissertas em tua fala; oh, e de sua mão, Em comparação com a qual todo branco é tinta A escrever seu próprio desdouro; ante o suave contato dessa mão, é áspera a penugem do pequeno cisne...

Uma mosca zumbiu junto dela; espantou-a com a mão.

"As moscas", recordou.

Podem pousar na alva maravilha que é a mão querida de Julieta,
E furtar a graça imortal de seus lábios,
Que, no casto pudor de vestal,
Conservam perpétuo rubor, como se os beijos
Que um ao outro se dão fossem pecado.

Muito lentamente, com o gesto hesitante de alguém que se inclina para acariciar um pássaro tímido e talvez perigoso, avançou a mão. Ela ficou ali, trêmula, a dois centímetros daqueles dedos molemente pendidos, quase a tocá-los. Ousaria? Ousaria "profanar com sua mão indigna aquele...?"

Não, ele não ousava. O pássaro era muito perigoso. Sua mão tornou a cair... Como ela era bela! Como era bela!

De repente se surpreendeu a pensar que lhe bastaria pegar o puxador do fecho eclair que aparecia no pescoço e corrê-lo de um só golpe, longo, vigoroso... Fechou os olhos, sacudiu a cabeça rapidamente, como um cão que sacode as orelhas ao sair da água. Pensamento detestável! Teve vergonha de si mesmo. Casto pudor de vestal...

Houve um zumbido no ar. Outra mosca tentando furtar graças imortais? Uma vespa? Olhou, não viu nada. O zumbido tornou-se cada vez mais forte, localizou-se fora da janela guarnecida de persianas. O helicóptero! Tomado de pânico, levantou-se rápido, correu para a outra peça, de um salto pulou a janela aberta e, andando apressadamente ao longo do caminho entre as altas fileiras de agaves, chegou a tempo de receber Bernard quando este descia do aparelho.

Capítulo X

Os ponteiros dos quatro mil relógios elétricos das quatro mil salas do Centro de Bloomsbury marcavam duas horas e vinte e sete minutos. "Esta colméia industriosa", como gostava de chamar-lhe o Diretor, estava em pleno zumbido de trabalho. Todos estavam ocupados, tudo se achava em movimento ordenado. Sob os microscópios, com as longas caudas a agitar-se furiosamente, os espermatozóides insinuavam-se de cabeça nos óvulos; e estes, fecundados, dilatavam-se, segmentavam-se, ou, se eram bokanovskizados, germinavam e fragmentavam-se em populações inteiras de embriões.

Da sala de Predestinação Social, as escadas rolantes desciam ruidosas ao subsolo e ali, na penumbra vermelha, aquecendo-se em seu colchão de peritônio, saciados de pseudo-sangue e de hormônios, os fetos cresciam, cresciam; ou, envenenados, estiolavam-se no estado de Ipsílon. Com um pequeno zumbido, um ligeiro matraquear, os porta-garrafas móveis percorriam num movimento imperceptível as semanas e todas as idades recapituladas, até o lugar em que, na Sala de Decantação, os bebês recém-saídos dos bocais soltavam seu primeiro vagido de horror e de espanto.

Os devíamos ronronavam no andar inferior do subsolo, os elevadores subiam e desciam rapidamente. Em cada um dos doze andares de berçários era hora da alimentação. Em mil e oitocentas mamadeiras, mil e oitocentos bebês cuidadosamente rotulados chupavam ao mesmo tempo seu meio litro de secreção externa pasteurizada.

Acima deles, em dez andares sucessivos de dormitórios, os meninos e meninas ainda bastante novos para precisarem de uma sesta estavam, embora não o suspeitassem, tão ocupados quanto os outros, pois inconscientemente ouviam lições hipnopédicas sobre higiene e sociabilidade, sobre a consciência de classe e a vida amorosa dos pequeninos. Mais acima ainda, havia salas de recreio onde, tendo começado a chover, novecentas crianças de mais idade se distraíam com blocos de construção e massa de modelagem, brinquedos de roda e jogos eróticos.

Bzz, bzz! A colméia zumbia, ativamente, alegremente. Jovial era o cantarolar das moças curvadas sobre os tubos de ensaio; os Predestinadores assobiavam enquanto trabalhavam e, na Sala de Decantação, que magníficas piadas esfuziavam acima dos bocais vazios! Mas a fisionomia do Diretor, no momento em que entrou na Sala de Fecundação com Henry Foster, era grave, rígida em sua severidade.

- Um exemplo público - dizia ele. - Nesta sala, porque ela contém mais trabalhadores das classes superiores que qualquer outra do Centro. Eu disse a ele que viesse procurar-me aqui às duas e meia.

- Ele faz muito bem o seu trabalho - ponderou Henry, com generosidade hipócrita.

- Eu sei. E isso é mais uma razão para ser severo. Sua elevada condição intelectual traz consigo responsabilidades morais correspondentes. Quanto maior é o talento de um homem, mais poder tem ele para desviar os outros. É preferível o sacrifício de um à corrupção de muitos. Encare o caso sem paixão, Sr. Foster, e verá que não há crime mais odioso do que a falta de ortodoxia na conduta. O homicídio mata apenas o indivíduo; e, afinal, que é um indivíduo? - Com um gesto largo, apontou as fileiras de microscópios, os tubos de ensaio, as incubadoras.

- Nós podemos produzir um indivíduo novo com a maior facilidade; tantos quantos quisermos. A falta de ortodoxia, porém, ameaça mais do que a vida de um simples indivíduo; ela atinge a própria Sociedade. Sim, a própria Sociedade - repetiu. - Ah! Aí vem ele.

Bernard entrara na sala e dirigia-se para eles por entre as fileiras de Fecundadores. Um tênue verniz de desembaraçada segurança mal dissimulava seu nervosismo. O tom de voz com que disse "Bom dia, senhor Diretor" foi absurdamente forte; porém ridiculamente suave, como um guincho de camundongo, foi o tom em que, retificando seu erro, disse: "O senhor me pediu para vir falar-lhe aqui".

- Sim, Sr. Marx. - retorquiu o Diretor com ominosa solenidade. - Pedi-lhe efetivamente que viesse procurar-me aqui. O senhor voltou de suas férias ontem, não é?

- Sim - respondeu Bernard.

- S-sim - repetiu o Diretor, sibilando como uma serpente ao prolongar o s. Depois, erguendo subitamente a voz: - Minhas senhoras e meus senhores - trombeteou - minhas senhoras e meus senhores.

O cantarolar das moças curvadas sobre os tubos de ensaio, o assobio absorto dos microscopistas, cessaram repentinamente. Houve um silêncio profundo, todos se voltaram.

- Minhas senhoras e meus senhores - repetiu mais uma vez o Diretor - desculpem-me interromper os seus trabalhos. Um dever penoso a isso me obriga. A segurança e a estabilidade da Sociedade estão em perigo. Sim, minhas senhoras e meus senhores, em perigo. Este homem - e apontou para Bernard seu dedo acusador - este homem que aqui está diante de todos, este Alfa-Mais a quem tantas coisas foram dadas, e de quem, portanto, muito se deveria esperar, este colega dos senhores (ou devo antecipar e dizer ex-colega?) traiu grosseiramente a confiança de que era depositário. Por suas idéias heréticas sobre o esporte e o *soma*, pela escandalosa irregularidade de sua vida sexual, pela sua recusa em obedecer aos ensinamentos de Nosso Ford e em comportar-se fora das horas de trabalho "como um bebê no bocal" - neste ponto do seu discurso o Diretor fez o sinal do T - ele se revelou um inimigo da Sociedade, um subversor, minhas senhoras e meus senhores, de toda Ordem, de toda Estabilidade, um conspirador contra a própria Civilização. Por esse motivo, eu me proponho exonerá-lo, exonerá-lo ignominiosamente do posto que ocupava neste Centro; proponho-me pedir imediatamente sua transferência para um Subcentro da mais baixa categoria, e, para que seu castigo possa servir aos melhores interesses da Sociedade, o mais afastado possível de todo Centro populacional importante. Na Islândia ele terá muito poucas oportunidades de desencaminhar os outros com seu exemplo antifordiano. - O Diretor calou-se um instante; depois, cruzando os braços, voltou-se com ar imponente para Bernard. - Marx - disse - pode apresentar alguma razão para que eu não execute neste instante a sentença que acaba de ser pronunciada contra o senhor?

- Sim, posso - respondeu Bernard, em voz muito alta.

Um pouco desconcertado, mas sempre majestosamente, o Diretor falou:

- Então, apresente-a.

- Certamente. Mas está no corredor. Um momento.

Bernard dirigiu-se rapidamente para a porta e abriu-a de par em par.

- Entre - ordenou: e a "razão" entrou e apresentou-se.

Houve um resfolegar convulsivo, um murmúrio de espanto e de horror; uma das moças gritou; alguém que trepara numa cadeira, para ver melhor, derrubou três tubos de ensaio cheios de espermatozóides. Balofa, de carnes pendentes, um monstro de meia idade estranho e aterrorizador entre aqueles corpos juvenis e rijos, aqueles rostos lisos, Linda adiantou-se, sorrindo coquetemente seu sorriso desdentado e descolorido, e meneando as enormes ancas com o que pretendia ser uma ondulação voluptuosa.

Bernard caminhava a seu lado.

- Ali está ele - disse, apontando para o Diretor. - Pensou que eu não o reconheceria? - perguntou Linda, indignada. Depois, voltando-se para o Diretor: - Claro que o reconheci. Tomakin, eu reconheceria você em qualquer parte, entre mil. Mas talvez você tenha me esquecido. Não se lembra? Não se lembra, Tomakin? Sua Linda! - Ela ficou ali a olhá-lo, a cabeça para um lado, sorrindo sempre, mas com um sorriso que, antea expressão de nojo que imobilizara o rosto do Diretor, se tornava progressivamente

menos confiante, um sorriso que vacilava e acabou por extinguir-se. - Você não se lembra, Tomakin? - repetiu ela com voz trêmula. Seus olhos estavam ansiosos, angustiados. O rosto pustuloso e inchado contorceu-se grotescamente ao assumir uma expressão de sofrimento extremo. - Tomakin! - Ela estendeu-lhe os braços. Alguém deu uma risadinha espremida.

- Que significa - começou o Diretor - esta monstruosa...

- Tomakin! - Ela arremessou-se para a frente, arrastando sua manta, atirou-lhe os braços ao pescoço e escondeu o rosto em seu peito.

As risadas explodiram em urros irreprimíveis.

- ... esta monstruosa farsa? - vociferou o Diretor. Com o rosto vermelho, procurou desvencilhar-se do abraço de Linda. Ela aferrou-se a ele desesperadamente.

- Mas sou eu, Linda; sou eu, Linda. - Sua voz foi abafada pelos risos. - Você me fez ter um bebê - gritou, dominando o tumulto. Houve um silêncio súbito e apavorante. Os olhares vagueavam constrangidos, não sabendo onde se fixar. O Diretor empalideceu de repente, cessou de debater-se e ficou ali, as mãos nos pulsos de Linda, fitando-a horrorizado. - Sim, um bebê, e eu sou a mãe. - Atirou essa obscenidade, como um desafio, no silêncio escandalizado; depois, afastando-se repentinamente dele, envergonhada, envergonhada, cobriu os olhos com as mãos, soluçando.

- A culpa não foi minha, Tomakin. Porque sempre fiz meus exercícios malthusianos, não é? Não é? Sempre... Eu não sei como... Se você soubesse como é horrível, Tomakin... Mas ele foi um grande consolo para mim, apesar de tudo. - Virando-se para a porta, chamou: - John! John!

Ele entrou em seguida, deteve-se um instante ao transpor a soleira da porta, lançou um olhar em redor, depois atravessou a peça, rápida e silenciosamente, com seus mocassins, caiu de joelhos diante do Diretor e disse em voz clara:

- Meu pai!

Essa palavra (porque "pai" não era uma expressão tão obscena; mais afastada dos aspectos repugnantes e imorais da gestação, era simplesmente grosseira, era antes uma inconveniência escatológica do que pornográfica), essa palavra comicamente indecorosa veio aliviar uma tensão que se tornara absolutamente intolerável. Estrugiram gargalhadas, enormes, quase histéricas, em rajadas sucessivas, como se não fosse acabar mais. "Meu pai" - e era o Diretor! "Meu pai!" Oh, Ford! Oh, Ford! Essa era verdadeiramente colossal.

Os uivos e rugidos de riso renovaram-se, os rostos pareciam estar a ponto de desintegrar-se, as lágrimas corriam. Outros seis tubos de espermatozóides foram derrubados. "Meu *pai*!"

Lívido, de olhos desvairados, o Diretor circunvagava o olhar numa agonia de humilhação perplexa.

"Meu *pai* !" As gargalhadas, que pareciam querer aplacar-se, recrudesceram outra vez, mais fortes do que nunca. Ele tapou os ouvidos com as mãos e precipitou-se para fora da sala.

Capítulo XI

Depois da cena na Sala de Fecundação, toda Londres das castas superiores ardia em desejos de ver aquela criatura deliciosa que se ajoelhara diante do Diretor de Incubação e Condicionamento - ou antes, do ex-Diretor, pois o pobre homem se demitira imediatamente e não tornara a pôr os pés no Centro - aquela criatura que se havia prostrado chamando-o (a piada era quase boa demais para ser verdadeira!) "meu pai".

Linda, pelo contrário, não provocava o menor entusiasmo; ninguém manifestava o menor desejo de vê-la. Dizer que era mãe - aquilo já passava dos limites do gracejo: era uma obscenidade. Além disso, ela não era uma selvagem autêntica, pois fora incubada num bocal, decantada e condicionada como qualquer outra pessoa, de modo que não podia ter idéias verdadeiramente singulares. Enfim - e era esse o motivo mais poderoso para que ninguém desejasse ver a pobre Linda - havia o seu aspecto pessoal. Gorda, com a mocidade perdida, os dentes cariados, a cutis pustulosa, e aquele corpo - Ford! Era simplesmente impossível olhá-la sem sentir náuseas; sim, náuseas. Por isso, as pessoas das mais altas camadas estavam firmemente decididas a *não* ver Linda. E, quanto a esta, também não tinha desejo algum de vê-las. A volta à civilização era, para ela, a volta ao *soma*; era a possibilidade de ficar na cama e ter fugas sobre fugas, sem delas voltar com dor de cabeça ou vômitos; sem ter de sentir o que sempre sentia depois de tomar *peyotl* - a sensação de ter feito algo tão vergonhosamente anti-social que não poderia mais andar de cabeça erguida. O *soma* não trazia nenhuma dessas conseqüências desagradáveis. Proporcionava um esquecimento perfeito, e, se o despertar era desagradável, não o era intrinsecamente, mas apenas em comparação com as alegrias desfrutadas. O recurso era tornar contínua a fuga. Avidamente, ela reclamava doses cada vez mais fortes, cada vez mais freqüentes. O Dr. Shaw a princípio hesitou, depois consentiu que tomasse quanto quisesse. Linda chegou a tomar vinte gramas por dia.

- Isso acabará com ela em um mês ou dois - disse confidencialmente o médico a Bernard. - Um belo dia, o centro respiratório ficará paralisado. Cessará a respiração.

Tudo acabado. E será melhor assim. Se pudéssemos rejuvenescê-la, o caso seria diferente, sem dúvida. Mas não podemos.

Coisa surpreendente para todos (pois, durante suas fugas pelo *soma*, Linda ficava convenientemente afastada do caminho), John opôs objeções.

- Mas não vão encurtar-lhe a vida, dando-lhe doses tão grandes?

- Sob certo ponto de vista, sim - reconheceu o Dr. Shaw. - Mas, sob outro, nós realmente a estamos prolongando. - O jovem arregalou os olhos sem compreender. - O *soma* pode fazer perder alguns anos no tempo - continuou o médico. - Mas pense nas durações enormes, imensas, que ele é capaz de proporcionar fora do tempo. Todo sono produzido pelo *soma* é um fragmento daquilo que os nossos antepassados chamavam eternidade.

John começava a compreender.

- "A eternidade estava em nossos lábios e em nossos olhos" - murmurou.

- Como?

- Nada.

- É claro - continuou o Dr. Shaw - que não se pode permitir essas fugas para a eternidade às

pessoas que têm algum trabalho sério a fazer. Mas como ela não tem nenhum trabalho sério...

- Mesmo assim - insistiu John - não me parece direito.

O doutor encolheu os ombros.

- Bom, naturalmente, se o senhor prefere vê-la todo o tempo gritando como uma louca...

Por fim, John foi obrigado a ceder. Linda conseguiu o seu *soma*. Daí por diante, ela se conservou em seu pequeno quarto no trigésimo sétimo andar do edifício de apartamentos de Bernard, deitada na cama, com o rádio e a televisão permanentemente ligados, a torneira de patchuli a gotejar o perfume, e os comprimidos de *soma* ao alcance da mão - ali ficou ela; e, no entanto, não era ali que ela estava; achava-se sempre em outra parte, infinitamente longe, fora da realidade, em algum outro mundo onde a música do rádio era um labirinto de cores sonoras, um labirinto deslizante, palpitante, que levava (por que voltas maravilhosamente inevitáveis!) a um centro brilhante de convicção absoluta; onde as imagens dançantes do aparelho de televisão eram os atores de algum filme sensível e cantado, indescritivelmente delicioso; onde o patchuli, caindo gota a gota, era mais do que um perfume - era o sol, um milhão de sexofones, Pope fazendo o amor, mas muito mais intensamente, muitíssimo mais, sem cessar.

- Não, não podemos rejuvenescer - concluiu o Dr. Shaw. - Mas estou muito satisfeito por ter tido esta oportunidade de observar um caso de senilidade num ser humano. Muito obrigado por ter-me chamado.

E apertou cordialmente a mão de Bernard.

Era, pois, em John que todos estavam interessados. E como era exclusivamente por intermédio de Bernard, seu curador credenciado, que se poderia conhecer John, aquele viu-se então, pela primeira vez na vida, tratado não apenas normalmente, mas como pessoa de preeminente importância. Não mais se falava de álcool no seu pseudosangue, não mais se fazia troça do seu físico. Henry Foster fez questão de lhe demonstrar amizade; Benito Hoover deu-lhe de presente seis pacotes de chicletes de hormônio sexual; o Predestinador Adjunto veio suplicar-lhe quase abjetamente um convite para uma de suas recepções. Quanto às mulheres, bastava que Bernard deixasse entrever a possibilidade de um convite para ter qualquer delas que lhe agradasse.

- Bernard me convidou para conhecer o Selvagem quinta-feira próxima - anunciou Fanny com ar de triunfo.

- Como fico satisfeita - respondeu Lenina. - E agora você tem de reconhecer que estava enganada a respeito de Bernard. Não acha que ele é bastante gentil?

Fanny aquiesceu com um sinal de cabeça.

- E devo confessar - acrescentou - que me senti agradavelmente surpreendida.

O Enfrascador-Chefe, o Diretor de Predestinação, três Subadjuntos do Fecundador Geral, o Professor de Cinema Sensível do Colégio de Engenharia Emocional, o Deão do Coro Comunitário de Westminster, o Supervisor da Bokanovskização - a lista de notabilidades de Bernard era interminável.

- E tive seis mulheres na semana passada - contou a Helmholtz Watson.. - Uma na segunda-feira, duas na terça, outras duas na sexta e uma no sábado. E, se tivesse tido tempo ou desejo, havia pelo menos uma dúzia mais que não queria outra coisa...

Helmholtz ouviu suas gabolices num silêncio tão sombriamente desaprovador que Bernard se ofendeu.

- Você está com inveja - disse.

Helmholtz sacudiu a cabeça.

- Estou um pouco triste, nada mais.

Bernard saiu amuado. Nunca mais, prometeu a si mesmo, nunca mais tornaria a falar com Helmholtz.

Os dias passaram. O êxito subiu à cabeça de Bernard como um vinho capitoso e reconciliou-o completamente (como deve fazê-lo um bom produto inebriante) com um mundo que, até então, achara

muito pouco satisfatório. Enquanto esse mundo reconhecesse sua importância, a ordem das coisas parecia-lhe boa. Mas, embora reconciliado pelo êxito, recusava-se a abandonar o direito de criticar essa ordem. Porque o fato de criticar exaltava nele o sentimento de sua importância, dava-lhe a impressão de ser maior. Além disso, ele acreditava sinceramente que havia coisas a criticar. (Ao mesmo tempo, agradava-lhe genuinamente ter sucesso e possuir todas as mulheres que quisesse).

Diante daqueles que agora, por causa do Selvagem, o procuravam, Bernard ostentava uma atitude crítica pouco ortodoxa. Ouviam-no cortesmente. Mas, pelas costas, sacudiam a cabeça. "Esse rapaz acabará mal", diziam, profetizando com tanto mais confiança quanto era certo que eles próprios, chegada a ocasião, tratariam de fazer com que Bernard tivesse efetivamente um mau fim. "Ele não encontrará outro Selvagem para tirá-lo de apuros pela segunda vez", comentavam. Entrementes, havia o primeiro Selvagem, e por isso eram cortes. E porque se mostravam polidos, Bernard sentia-se positivamente gigantesco - gigantesco e, ao mesmo tempo, todo leveza, mais leve que o ar.

- Mais leve que o ar - disse Bernard, apontando para cima: Como uma pérola no céu, lá no alto, muito acima deles, o balão cativo do Serviço Meteorológico brilhava, inteiramente róseo, ao sol.

"... Deverá ser mostrada ao referido Selvagem", rezavam as instruções recebidas por Bernard, "a vida civilizada em todos os seus aspectos."

Mostravam-lha agora, em vista panorâmica, do alto da plataforma da Torre de Charing-T. O Chefe do Posto e o Meteorologista Residente serviam de guias. Mas era sobretudo Bernard quem falava. Embriagado, portava-se como se fosse, no mínimo, um Administrador Mundial em inspeção. Mais leve que o ar.

O Foguete Verde de Bombaim desceu do céu. Os passageiros desembarcaram. Oito gêmeos dravidianos idênticos, vestidos de caqui, olharam para fora pelas oito portinholas da cabina - os aeromoços.

- Mil duzentos e cinquenta quilômetros por hora disse o Chefe do Posto, em tom impressionado. - Que acha disto, Sr. Selvagem?

John achou que era muito bonito.

- Entretanto - acrescentou - Puck era capaz de dar uma volta ao redor da terra em quarenta minutos.

"O Selvagem", escreveu Bernard em seu relatório a Mustafá Mond, "manifesta surpreendentemente pouca admiração ou reverência diante das invenções da civilização. Isso talvez seja, em parte, devido ao que já lhe contara a mulher Linda, sua m..."

(Mustafá Mond franziu a testa. "O imbecil estará pensando que sou tão suscetível que não posso ver a palavra escrita com todas as letras?")

"... e, em parte, ao fato de seu interesse se concentrar no que denomina 'a alma', que ele persiste em considerar como uma entidade independente do meio físico; ao passo que, como procurei demonstrar-lhe..."

O Administrador pulou as linhas seguintes e estava a ponto de virar a página, à procura de alguma coisa mais concreta e interessante, quando seu olhar foi atraído por uma série de frases absolutamente extraordinárias: "... embora eu tenha de reconhecer", leu ele, "que estou de acordo com o Selvagem em achar que a infantilidade civilizada é fácil demais, ou, como ele diz, não exige um preço bastante alto; e eu gostaria de aproveitar a oportunidade de chamar a atenção de Vossa Fordeza para..."

A irritação de Mustafá Mond cedeu lugar quase imediatamente ao riso. A idéia de aquela criatura vir fazer-lhe - a *ele* - uma preleção solene sobre a ordem social era verdadeiramente grotesca demais. O homem devia ter enlouquecido. "Preciso dar-lhe uma lição", pensou; depois atirou a cabeça para trás e riu a bom rir. Por enquanto, pelo menos, a lição não seria dada.

Era uma pequena fábrica de equipamento de iluminação para helicópteros, uma sucursal da Companhia Geral de Acessórios Elétricos. Foram recebidos no próprio terraço (pois a carta circular de

recomendação enviada pelo Administrador era mágica em seus efeitos) pelo Técnico-Chefe e pelo Diretor do Elemento Humano. Desceram à fábrica.

- Cada tarefa - explicou o Diretor do Elemento Humano - é realizada, tanto quanto possível, por um único grupo Bokanovski.

E, com efeito, oitenta e três Deltas negros braquicéfalos quase sem nariz estavam ocupados com a prensagem a frio. Os cinquenta e seis tornos de quatro brocaseram manejados por cinquenta e seis Gamas cor de gengibre, de nariz aquilino. Cento e sete Ipsilons senegaleses condicionados ao calor trabalhavam na fundição. Trinta e três mulheres Deltas de cabeça alongada e cabelos cor de areia, de pelve estreita, todas com a estatura aproximada (uns 20 milímetros a mais ou a menos) de um metro e sessenta e nove centímetros, roscavam parafusos. Na sala de montagem, os dínamos eram armados por suas turmas de anões Gamas-Mais. As duas mesas baixas defrontavam-se; entre elas, o transportador de correia, com sua carga de peças, avançava lentamente. Quarenta e sete cabeças louras faziam face a quarenta e sete cabeças morenas; quarenta e sete narizes chatos, a quarenta e sete narizes aduncos; quarenta e sete queixos fugidios, a quarenta e sete queixos prognatas. As máquinas, depois de montadas, eram examinadas por dezoito moças idênticas, de cabelos castanhos encaracolados, vestidas de verde-Gama; eram então encaixotadas por trinta e quatro homens Deltas-Menos, de pernas curtas e arqueadas, e carregadas nas plataformas, depois nos caminhões que ali estavam à espera, por sessenta e três Ipsilons Semi-Aleijões de olhos azuis, cabelos cor de linho e pele sardenta.

"Oh, admirável mundo novo..." Por algum capricho perverso de sua memória, o Selvagem deu consigo repetindo as palavras de Miranda. "Oh, admirável mundo novo que encerra criaturas tais!"

- E asseguro-lhe - concluiu o Diretor do Elemento Humano, ao deixarem a fábrica - que quase nunca temos dificuldades com a mão-de-obra. Encontramos sempre...

Mas o Selvagem se afastara repentinamente de seus companheiros e, atrás de uma moita de loureiros, fazia esforços violentos para vomitar, como se a terra firme fosse um helicóptero numa bolsa de baixa pressão.

"O Selvagem", escreveu Bernard, "recusa-se a tomar *soma* e parece muito aflito porque a mulher Linda, sua m... vive em permanente fuga da realidade. É digno de nota que, apesar da senilidade de sua m... e de seu aspecto extremamente repulsivo, o Selvagem vai vê-la freqüentemente e parece ser-lhe muito apegado - exemplo interessante de como o condicionamento precoce pode modificar e até contrariar os impulsos naturais (no caso presente, o impulso de recuar ante um objeto desagradável)."

Em Eton, pousaram no terraço da Alta Escola. No lado oposto do Pátio, os cinquenta e dois andares da Torre de Lupton branquejavam ao sol. O Colégio à sua esquerda, e à direita o Coro Comunitário Escolar, erguiam suas massas veneráveis de cimento armado e *vita-glass*. No centro do quadrângulo, via-se a velha e curiosa estátua de aço cromado de Nosso Ford.

O Chanceler, Dr. Gaffney, e a Diretora, Srta. Keate, os receberam ao descerem do helicóptero.

- Há muitos gêmeos aqui? - perguntou o Selvagem, um tanto apreensivo, enquanto se punham a caminho para a visita de inspeção.

- Oh, não - respondeu o Chanceler. - Eton é reservado exclusivamente para rapazes e moças das castas superiores. Um ovo, um adulto. Isso torna mais difícil a educação, naturalmente. Mas, como serão chamados a assumir responsabilidades e enfrentar emergências imprevistas, não há outro remédio. - Suspirou.

Bernard, entretanto, achara a Srta. Keate muito de seu agrado.

- Se estiver livre uma destas noites, segunda, quarta ou sexta... - dizia ele. E, indicando o Selvagem com o polegar: - Ele é interessante, sabe? Singular.

A Srta. Keate sorriu (seu sorriso era realmente encantador, pensou Bernard) e disse que muito obrigada, que teria muito prazer em comparecer a uma de suas reuniões.

O Chanceler abriu uma porta.

Cinco minutos passados nessa aula para Alfas-Mais-Mais deixaram John um pouco aturdido.

- Que vem a ser a relatividade elementar? - perguntou em voz baixa a Bernard.

Este tentou explicar-lhe, mas mudou de idéia e propôs que fossem visitar outra aula. Enquanto seguiam pelo corredor que levava à aula de geografia dos Betas-Menos, ouviram uma voz sonora de soprano gritar, atrás de uma porta: "Um, dois, três, quatro" e depois, com uma impaciência cheia de lassidão: "Descansar".

- Exercícios Malthusianos - explicou a Diretora. - A maioria das nossas moças são neutras, já se vê. Eu própria sou uma neutra. - E sorriu para Bernard. - Mas temos umas oitocentas que não são esterilizadas e precisam praticar exercícios constantemente.

Na aula de geografia dos Betas-Menos, John ficou sabendo que "uma Reserva de Selvagens é um lugar que, devido a condições climáticas ou geológicas desfavoráveis, ou à pobreza de recursos naturais, não compensa as despesas necessárias para civilizá-lo".

Um estalido, e a peça ficou mergulhada na escuridão; subitamente, na tela acima da cabeça do Professor, apareceram os *Penitentes* de Acoma, prosternando-se diante de Nossa Senhora e gemendo como John os ouvira gemer, confessando seus pecados diante de Jesus crucificado, diante da imagem de Pukong sob a forma de uma águia. Os jovens estudantes de Eton explodiram em gargalhadas. Sempre gemendo, os *Penitentes* ergueram-se, despiram-se até a cintura e começaram a flagelar-se com azorragues, golpe após golpe. As explosões de riso, redobradas, abafaram até mesmo a reprodução ampliada dos gemidos.

- Mas por que é que eles riem? - perguntou o Selvagem com perplexidade magoada.

- Por quê? - O Chanceler virou para ele o rosto ainda enrugado pelo riso. - *Porquê?* Ora, porque é tão extraordinariamente engraçado.

Na penumbra cinematográfica, Bernard arriscou um gesto que, outrora, mesmo na mais completa escuridão, não teria ousado esboçar. Seguro de sua recente importância, passou o braço pela cintura da Diretora. Ela cedeu, flexível como um salso. Ele ia colher um ou dois beijos, e talvez beliscá-la de leve, quando, com um novo estalido, se abriram as persianas das janelas.

- Talvez seja melhor continuarmos a nossa visita - disse a Srta. Keate, e dirigiu-se para a porta.

- E isto aqui - disse o Chanceler um momento depois - é a Sala de Controle Hipnopédico.

Centenas de caixas de música sintética, uma para cada dormitório, se alinhavam em prateleiras ao longo de três paredes da sala; na quarta parede, classificados em pequenos compartimentos, achavam-se os rolos de fita em que estavam gravadas as diversas lições hipnopédicas.

- Introduz-se o rolo aqui - explicou Bernard, interrompendo o Dr. Gaffney - aperta-se este interruptor...

- Não, aquele - retificou o Chanceler, agastado.

- Aquele, então. O rolo gira. As células de selênio transformam os impulsos luminosos em vibrações sonoras e...

- E pronto - disse o Dr. Gaffney, concluindo.

- Eles lêem Shakespeare? - perguntou o Selvagem quando, a caminho dos Laboratórios Bioquímicos, passavam diante da Biblioteca da Escola.

- De modo algum - respondeu a Diretora, corando.

- Nossa biblioteca - disse o Dr. Gaffney - contém somente obras de consulta. Se os nossos jovens precisarem de distrações, poderão encontrá-las no cinema sensível. Nós não os estimulamos a procurar qualquer tipo de diversão solitária.

Cinco ônibus cheios de rapazes e moças a cantar, ou abraçados em silêncio, passaram diante deles pela rua vitrificada.

- Estão voltando neste instante do Crematório de Slough - explicou o Dr. Gaffney, enquanto Bernard, em voz baixa, marcava um encontro com a Diretora para aquela mesma noite. - O

condicionamento para a morte começa aos dezoito anos. Cada garotinho passa semanalmente duas semanas em um Hospital para Moribundos. Lá encontram os melhores brinquedos e, nos dias em que ocorre algum falecimento, ganham creme de chocolate. Aprendem, desse modo, a considerar a morte como uma coisa natural.

- Como qualquer outro processo fisiológico - acrescentou a Diretora, em tom profissional.

As dez horas, no Savoy. Estava tudo combinado.

De regresso a Londres, detiveram-se na fábrica da Companhia Geral de Televisão de Brentford.

- Quer me esperar aqui um instante, enquanto vou telefonar? - pediu Bernard.

O Selvagem esperou e ficou observando. Era justamente a hora de saída da turma principal do dia. Uma multidão de trabalhadores das castas inferiores fazia fila diante da estação de monotrilho - setecentos a oitocentos homens e mulheres Gamas, Deltas e ipsilons que, em sua totalidade, não tinham mais de, uma dúzia de fisionomias e estaturas diferentes. A cada um deles o bilheteiro dava, juntamente com a passagem, uma caixinha de papelão contendo pílulas. A longa fila de homens e mulheres avançava lentamente.

- Que é que há nesses... - (lembrando-se do *Mercador de Veneza*) - nesses escrínios? - perguntou o Selvagem, quando Bernard voltou.

- A ração diária de *soma* - respondeu Bernard em voz um tanto indistinta, pois estava mascando um pedaço do chiclete de Benito Hoover. - Eles a recebem quando terminam o trabalho. Quatro comprimidos de meia grama. Seis aos sábados.

Tomou afetuosamente o braço de John e voltaram para o helicóptero.

Lenina entrou cantando no Vestiário.

- Parece muito satisfeita contigo mesma - observou Fanny.

- E *estou* satisfeita - respondeu ela. Zip! - Bernard me telefonou há meia hora. - Zip, zip! Tirou o calção. - Tem um compromisso inesperado... - Zip! - Ele me pediu para levar o Selvagem ao cinema sensível hoje de noite. Tenho que me apressar. - E precipitou-se para a sala de banho.

"É uma garota de sorte", pensou Fanny, enquanto via Lenina afastar-se.

Não havia nenhuma inveja nesse comentário; Fanny, com sua boa índole, enunciava simplesmente um fato. Lenina tinha sorte mesmo; sorte de partilhar com Bernard uma generosa porção da imensa celebridade do Selvagem; sorte de, em sua insignificante pessoa, refletir a glória suprema do momento. A Secretária da Associação Fordiana de Moças não a convidara a pronunciar uma conferência acerca de suas aventuras? Não fora ela convidada para o Jantar Anual do Clube Afroditeu? Não aparecera já num filme das Últimas Novidades Sensíveis - de modo perceptível à vista, ao ouvido e ao tato de incontáveis milhões de espectadores em todo o planeta? As atenções que lhe dispensavam personagens de destaque não tinham sido menos lisonjeiras. O Segundo Secretário do Administrador Mundial da região a convidara a jantar e tomar o café da manhã. Passara um fim-de-semana com Sua Fordeza o Presidente do Supremo Tribunal de Justiça e outro com o Arquichante de Canterbury. O Presidente da Companhia Geral de Secreções Internas e Externas lhe telefonava constantemente e ela fora a Deauville com o Vice-Diretor do Banco da Europa.

- É maravilhoso, sem dúvida. Entretanto, de certo modo - confessou ela a Fanny - tenho a sensação de que estou conseguindo alguma coisa de má fé. Porque, naturalmente, a primeira coisa que todos desejam saber é o que se sente ao manter relações amorosas com um Selvagem. E sou forçada a dizer que não sei. - Sacudiu a cabeça. - A maioria dos homens não acredita, claro. Mas é a verdade. Bem desejaria que não fosse - acrescentou com tristeza, e suspirou. - Ele é lindo de morrer, você não acha?

- Mas ele não gosta de você? - perguntou Fanny.

- Às vezes me parece que sim e, outras vezes, que não. Ele faz sempre o que pode para me evitar. Sai da sala quando entro; não quer tocar em mim, nem mesmo me olhar. Mas às vezes, se me viro de

repente, eu o surpreendo a me olhar fixamente; e então... ora, você sabe como os homens olham quando gostam da gente.

Sim, Fanny sabia.

- Não posso compreender isso - continuou Lenina. Não podia compreender; e estava não somente perplexa, mas também bastante desgostosa. - Porque você vê, Fanny, eu gosto dele.

Gostava cada vez mais dele. Bem, agora se apresentava uma verdadeira oportunidade, pensou, enquanto se perfumava após o banho. Puf, puf, puf – uma verdadeira oportunidade. Seu otimismo exuberante transbordou numa canção: Beija-me, abraça-me com rudeza; Esgota-me até o coma; Conserva-me a ti presa; O amor é como o *soma*.

O órgão de perfumes tocava um Capricho Herbáceo deliciosamente fresco - arpejos saltitantes de tomilho e alfazema, de alecrim, manjerição, murta e estragão; uma série de modulações audaciosas, passando por todos os tons das especiarias até o âmbar cinzento; e um lento retorno, através do sândalo, da cânfora, do cedro e do feno recém-ceifado (com tonalidades sutis, por momentos, de notas discordantes - uma baforada de pastel de rins, uma pitada mínima de estéreo de porco) aos aromas simples com os quais a melodia começara. O último acorde de tomilho desvaneceu-se, ouviram-se aplausos, as luzes se reacenderam. Na máquina de música sintética, o rolo de fita sonora começou a girar. Foi um trio para hiperviolino, supervioloncelo e pseudo-oboé que saturou então o ar com sua agradável languidez. Trinta a quarenta compassos – e depois, sobre esse fundo instrumental, uma voz muito mais que humana começou a cantar: ora voz de garganta, ora voz de cabeça, ora singela como uma flauta, ora carregada de anelantes sons harmônicos, ela passava sem esforço do recorde de baixo de Gaspard Foster nos extremos limites dos sons musicais, a um trinado agudo como o grito do morcego, muito acima do dó mais elevado que deu uma vez (em 1770, na Opera Ducal de Parma e para espanto de Mozart) Lucrezia Ajugari, única cantora a fazê-lo em toda a história.

Comodamente instalados em suas poltronas pneumáticas, Lenina e o Selvagem aspiravam e ouviam. Chegou então a vez também dos olhos e da pele. As luzes da sala apagaram-se; letras chamejantes destacaram-se em relevo, como suspensas na escuridão. Três Semanas em Helicóptero. Superfilme Cantante, Falante, Sintético, Colorido, Estereoscópico e Sensível. Com Acompanhamento Sincronizado de Órgão de Perfumes.

- Coloque suas mãos nesses botões metálicos que estão nos braços de sua poltrona - sussurrou Lenina. - Sem isso você não terá nenhum dos efeitos do Sensível.

O Selvagem fez o que lhe fora indicado.

Entrementes, aquelas letras chamejantes tinham desaparecido; houve dez segundos de escuridão completa; depois, de súbito, deslumbrantes e parecendo incomparavelmente mais sólidas do que se se apresentassem em carne e osso, muito mais reais do que a própria realidade, surgiram as imagens estereoscópicas estreitamente abraçadas de um negro gigantesco e de uma jovem Beta-Mais braquicéfala, de cabelos cor de ouro.

O Selvagem sobressaltou-se. Aquela sensação nos seus lábios! Ergueu a mão para levá-la à boca; o leve roçar nos lábios cessou; deixou recair a mão no botão metálico; a sensação recomeçou. Ao mesmo tempo, o órgão de perfumes exalava almíscar puro. Em tom expirante, uma superpomba de trilha sonora arrulhou: "U-uh"; e, não vibrando mais de trinta e duas vezes por segundo, uma voz de baixo, mais que africana em sua profundidade, respondeu: "Aa-aah!" "Uh-ah! Uh-ah!" os lábios estereoscópicos uniram-se de novo, e mais uma vez as zonas erógenas faciais dos seis mil espectadores do Alhambra titilaram com um prazer galvânico quase intolerável. "Uuh"...

O enredo do filme era extremamente simples. Alguns minutos depois dos primeiros "uuhs" e "aahs" (tendo sido cantado um dueto e realizados alguns contatos amorosos sobre aquela famosa pele de urso, da qual cada pêlo - o Predestinador Adjunto tinha razão - se deixava sentir separada e nitidamente), o negro era vítima de um acidente de helicóptero e caía de cabeça. Pan! Que ferroada de um lado a outro

da testa! Um coro de *uis* e *ais* elevou-se dentre os espectadores.

O choque transtornou todo o condicionamento do negro. Este sentiu-se tomado de uma paixão exclusiva e demente pela Beta loura. Ela protestou. Ele insistiu. Houve lutas, perseguições, agressão a um rival e, finalmente, um sensacional seqüestro. A Beta loura foi raptada e mantida em pleno céu, pairando, durante três semanas, em um *tête-à-tête* ferozmente anti-social com o negro louco. Por fim, depois de uma longa série de aventuras e muitas acrobacias aéreas, três jovens e belos Alfas conseguiram libertá-la. O negro foi mandado para um Centro de Recondicionamento de Adultos e o filme terminou de um modo feliz e decoroso, com a Beta loura tornando-se amante de seus três salvadores. Interromperam-se por um instante para cantar um quarteto sintético com acompanhamento de superorquestra e de gardêneas no órgão de perfumes. Depois a pele de urso apareceu uma última vez e, em meio a um clangor de sexofones, o último beijo estereoscópico esvaiu-se na escuridão, a última titilação elétrica amorteceu-se nos lábios, como uma mariposa em agonia, que palpita, palpita, cada vez mais fracamente, cada vez mais imperceptivelmente, e acaba por ficar imóvel, completamente imóvel.

Para Lenina, porém, a mariposa não morrera completamente. Mesmo depois que as luzes se reacenderam, enquanto caminhavam lentamente com a multidão para os elevadores, o fantasma palpitava ainda nos seus lábios, traçando na pele finos arabescos frementes de angústia e de prazer. Estava com as faces coradas, tinha um brilho orvalhado nos olhos, respirava profundamente. Tomou o braço do Selvagem, apertou-o, inerte, contra o seu corpo. Ele baixou os olhos um segundo para ela, pálido, atormentado, cheio de desejo e envergonhado por isso. Ele não era digno, não era... Seus olhares cruzaram-se um momento. Que tesouros prometiam os de Lenina! Quanto a temperamento, valiam o resgate de uma rainha. Ele apressou-se a desviar os olhos, desprendeu seu braço aprisionado. Obscuramente, sentia o terror de que ela deixasse de ser algo de que ele pudesse considerar-se indigno.

- Acho que você não deveria ver coisas assim - disse, apressando-se a transferir de Lenina para as circunstâncias ambientes a culpa de qualquer imperfeição passada ou possível no futuro.

- Assim como, John?

- Como esse filme horrível.

- Horrível? - Lenina ficou sinceramente espantada. - Mas eu o achei encantador.

- Era vil - tornou ele, indignado - era ignóbil.

Ela sacudiu a cabeça.

- Não sei o que você quer dizer... - Por que era ele tão esquisito? Por que se empenhava em estragar as coisas?

No taxicóptero, mal olhou para ela. Preso por votos poderosos que nunca tinham sido proferidos, obediente a leis caídas em desuso havia muito tempo, ficou sentado, desviando os olhos, em silêncio. Por vezes, como se um dedo tocasse numa corda tensa prestes a romper-se, todo o seu corpo era sacudido por um brusco sobressalto nervoso.

O taxicóptero pousou no terraço do edifício de apartamentos de Lenina. "Enfim", pensou ela, exultante, quando desceu do aparelho. Enfim - muito embora ele tivesse sido tão esquisito havia pouco. De pé, sob uma lâmpada, ela olhou-se no seu espelho de mão. Enfim. Sim, ela estava realmente com o nariz um nadinha lustroso. Sacudiu o pó solto de sua pluma. Enquanto ele pagava o táxi, teria tempo de empoar-se. Esfregou a parte lustrosa, pensando. "Ele é terrivelmente bonito. Não tem nenhum motivo de ser tímido como Bernard. E, no entanto... Qualquer outro homem já o teria feito há muito tempo. Mas agora, enfim!" Aquele fragmento de rosto refletido em seu espelhinho redondo, sorria-lhe de repente.

- Boa noite - disse uma voz embargada, atrás dela. Lenina voltou-se vivamente.

Ele estava junto à porta do táxi, os olhos fixos, muito abertos; era evidente que estivera olhando durante todo esse tempo, enquanto ela empoava o nariz, esperando - mas o quê? Ou hesitando, procurando decidir-se e pensando continuamente, pensando - ela não podia imaginar que pensamentos extraordinários seriam os seus.

- Boa noite, Lenina - repetiu ele, e esboçou um estranho arremedo de sorriso.

- Mas, John... Pensei que você ia... Quero dizer, você não vai...?

Ele fechou a porta e inclinou-se para dizer qualquer coisa ao condutor. O aparelho subiu de um salto.

Olhando para baixo através da janela do piso, o Selvagem pôde ver o rosto de Lenina voltado para cima, pálido sob a luz azulada das lâmpadas. Ela estava com a boca aberta, e chamava. Seu vulto, em perspectiva reduzida, afastou-se dele a toda velocidade; o quadrado do terraço, diminuindo cada vez mais, parecia afundar nas trevas.

Cinco minutos depois, ele estava de volta ao seu quarto. Tirou dum esconderijo o volume roído pelos ratos, virou com cuidado religioso as páginas manchadas e amarfanhadas, e começou a ler *Otelo*. Otelo, lembrou-se, parecia-se com o herói de *Três Semanas em Helicóptero* - era um negro.

Enxugando os olhos, Lenina atravessou o terraço até o elevador. Enquanto descia ao vigésimo sétimo andar, pegou o seu frasco de *soma*. Uma grama não bastaria decidiu; seu desgosto correspondia a uma dose maior. Mas, se tomasse duas gramas, correria o risco de não se acordar a tempo, na manhã seguinte. Optou por um meio-termo e, sacudindo o frasco, fez cair na palma da mão esquerda, aberta em concha, três comprimidos de meia grama.

Capítulo XII

Bernard teve de gritar através da porta fechada a chave; o Selvagem não queria abrir.

- Mas todos estão lá esperando por você.

- Que esperem - foi a resposta que veio em voz abafada.

- Mas você sabe muito bem, John - (como é difícil ser persuasivo falando em altos brados!) - que eu os convidei expressamente para conhecê-lo.

- Devia ter perguntado primeiro a mim se queria conhecê-los.

- Mas você sempre veio nas outras vezes, John.

- É justamente por isso que agora não quero ir mais.

- Só para me ser agradável - suplicou Bernard com voz tonitruante. – Você não quer vir, para me ser agradável?

- Não.

- Está falando sério?

- Sim.

Em desespero, Bernard gemeu:

- Mas então, que hei de fazer?

- Vá para o inferno! - berrou lá de dentro a voz exasperada.

- Mas o Arquichante de Canterbury está aí hoje. - Bernard estava quase chorando.

- *Ai yaa tákwa!* - somente em zuni podia o Selvagem expressar adequadamente o que pensava a respeito do Arquichante. - *Háni!* - acrescentou, como se refletisse melhor; em seguida (com que sarcástica ferocidade!):

- Sons éso tse-ná. - E cuspiu no chão, como o teria feito Pope.

No fim, Bernard foi obrigado a retirar-se de cabeça baixa, diminuído, para o seu apartamento, e comunicar aos impacientes convidados que o Selvagem não apareceria aquela noite. A notícia foi recebida com indignação. Os homens ficaram furiosos por terem sido induzidos a tratar cortesmente aquela criatura insignificante, de reputação duvidosa e opiniões heréticas. Quanto mais elevada era a posição deles na hierarquia, mais profundo era o seu ressentimento.

- Pregar uma peça destas a mim! - repetia constantemente o Arquichante. – A mim!

Quanto às mulheres, estavam indignadas por sentirem, que haviam sido possuídas dolosamente - por um homenzinho miserável em cujo bocal fora posto álcool por engano - por uma criatura que tinha o físico de um Gama-Menos. Era uma afronta, e elas o proclamaram, em tom cada vez mais alto. A Diretora de Eton foi particularmente dura.

Somente Lenina não disse nada. Pálida, com os olhos azuis velados por uma melancolia pouco habitual, estava sentada a um canto, separada dos que a cercavam por uma emoção de que não participavam. Fora àquela reunião dominada por um estranho sentimento de exultação ansiosa. "Dentro em pouco", pensara ao entrar na sala, "eu o estarei vendo, falando com ele, dizendo-lhe" (pois viera com sua resolução tomada) "que gosto dele - mais do que de qualquer outro homem que eu tenha jamais conhecido. E então ele dirá, talvez..."

Que diria ele? O sangue subira-lhe às faces.

"Por que se mostrou tão estranho aquela noite, depois do cinema sensível? Tão esquisito. E, no entanto, estou absolutamente certa de que ele gosta mesmo um pouco de mim. Estou certa..."

Foi nesse momento que Bernard fez sua comunicação: o Selvagem não compareceria.

Lenina sentiu, de súbito, todas as sensações normalmente experimentadas no início de um tratamento de Sucedâneo de Paixão Violenta - uma sensação de vácuo atroz, uma apreensão ofegante, náuseas. Parecia-lhe que o coração deixara de pulsar.

"Talvez seja porque não gosta de mim", pensou. E em seguida essa possibilidade se tornou uma certeza indiscutível: John se recusara a vir porque não gostava dela. Não gostava dela...

- É realmente demais - declarou a Diretora de Eton ao Diretor dos Crematórios e da Recuperação do Fósforo.

- Quando penso que cheguei a...

- Sim - fez-se ouvir a voz de Fanny Crowne - é a pura verdade essa história do álcool. Conheço alguém que conhecia uma pessoa que trabalhava no depósito de embriões naquele tempo. Essa pessoa contou à minha amiga, que por sua vez me contou...

- É verdadeiramente lamentável - disse Henry Foster, manifestando sua simpatia ao Arquichantre.

- Talvez lhe interesse saber que o nosso ex-Diretor esteve a ponto de transferi-lo para a Islândia.

Perfurado por cada uma das palavras que se diziam, o inflado balão da autoconfiança de Bernard se esvaziava agora por mil orifícios. Pálido, aturdido, abjeto e agitado, ia e vinha por entre seus convidados, gaguejando desculpas incoerentes, assegurando-lhes que, na próxima vez, o Selvagem por certo estaria presente, suplicando-lhes que se sentassem e aceitassem um sanduíche de carotina, uma fatia de torta de vitamina A, uma taça de pseudochampanha. Os convidados comiam, mas não lhe davam atenção; bebiam e mostravam-se francamente rudes com ele, ou falavam a seu respeito uns com os outros, em voz alta e de maneira ofensiva, como se ele não estivesse presente.

- E agora, meus amigos - disse o Arquichantre de Canterbury, com aquela bela voz sonora com que dirigia os coros durante as cerimônias do Dia de Ford - agora, meus amigos, creio que é chegado, talvez, o momento...

Levantou-se, pôs o copo sobre a mesa, sacudiu de seu colete de viscosa roxa as migalhas de uma abundante refeição e dirigiu-se para a porta.

Bernard precipitou-se para detê-lo.

- Será realmente preciso, senhor Arquichantre?... Ainda é muito cedo. Esperava que o senhor...

Sim, o que não tinha ele esperado quando Lenina lhe dissera, em confidencia, que o Arquichantre aceitaria um convite, se lhe fosse enviado? "Na realidade, ele é muito amável, sabe?" E ela mostrara a Bernard o pequeno fecho eclair de ouro, em forma de T, que o Arquichantre lhe dera como lembrança do fim-de-semana que os dois haviam passado no Instituto Coral Diocesano. "*Estarão presentes o Arquichantre de Canterbury e o Sr. Selvagem.*" Bernard proclamara seu triunfo em cada um dos convites. Mas o Selvagem havia escolhido justamente essa reunião para fechar-se no quarto, para gritar "*Háni !*" e até (por sorte Bernard não compreendia o zuni) "*Sons éso tse-ná!*" O que deveria ter sido o momento culminante da carreira de Bernard tornara-se o momento da sua maior humilhação.

- Tanto que eu esperava... - balbuciou ele, erguendo os olhos suplicantes e desvairados para o alto dignitário.

- Meu jovem amigo - disse o Arquichantre em voz alta e de solene severidade; houve um silêncio geral. - Permita que lhe dê um conselho. - Sacudiu o dedo na direção de Bernard. - Antes que seja muito tarde. Um útil e precioso conselho. - (O tom de sua voz tornou-se sepulcral.) - Corrija-se, meu jovem amigo, corrija-se. - Fez-lhe o sinal do T e virou-se. - Lenina, minha cara - chamou em outro tom - venha comigo.

Obediente, mas sem sorrir e (completamente insensível à honra que se lhe fazia) sem entusiasmo, Lenina saiu da sala atrás dele. Os demais convidados retiraram-se depois de um respeitoso intervalo. O

último bateu com a porta. Bernard ficou só. Esmagado, completamente desinflado, atirou-se numa cadeira e cobrindo o rosto com as mãos, começou a chorar. Ao fim de alguns minutos, entretanto, mudou de parecer e tomou quatro comprimidos de *soma*.

Lá em cima, no seu quarto, o Selvagem lia *Romeu e Julieta*.

Lenina e o Arquichante desceram no terraço do Instituto Coral.

- Vamos depressa, meu jovem amigo... quero dizer, Lenina - chamou com impaciência o Arquichante, que esperava junto à porta do elevador.

Lenina, que se havia retardado um momento para contemplar a lua, baixou os olhos e apressou-se a atravessar o terraço para reunir-se a ele.

"Uma Nova Teoria Biológica" era o título do trabalho que Mustafá Mond acabava de ler. Ficou sentado algum tempo, as sobancelhas franzidas meditativamente; depois tomou a pena e escreveu sobre a página de rosto: "A maneira pela qual o autor trata matematicamente a concepção de finalidade é nova e extremamente engenhosa, mas herética e, no que diz respeito à ordem social presente, perigosa e potencialmente subversiva. *Não publicar*." Sublinhou essas palavras. "O autor será mantido sob vigilância especial. Sua transferência para o Posto de Biologia Marinha de Santa Helena poderá tornar-se necessária." Uma lástima, pensou, enquanto assinava. Era um trabalho magistral. Mas se se comesse a admitir explicações de ordem finalística... bem, não se sabia qual poderia ser o resultado. Era o tipo da idéia que poderia facilmente descondicionar os espíritos menos estáveis das castas superiores - que poderia fazê-los perder a fé na felicidade como Soberano Bem, e levá-los a crer, ao invés disso, que o objetivo estava em alguma parte além e fora da esfera humana presente; que a finalidade da vida não era a manutenção do bem-estar, e sim uma certa intensificação, um certo refinamento da consciência, uma ampliação do saber... O que, refletiu o Administrador, bem podia ser verdade. Mas inadmissível nas circunstâncias presentes. Retomou a pena e, sob as palavras "*Não publicar*", riscou um segundo traço, mais espesso, mais preto do que o primeiro; depois suspirou. "Como seria divertido", pensou, "se não se tivesse de pensar na felicidade!"

De olhos fechados, a fisionomia radiante e extática, John declamava docemente no vazio:

Ah! é dela que a tocha aprende a luzir com fulgor! Sua beleza junto ao rosto escuro da noite, É qual jóia soberba presa à orelha de um etíope: Bela demais para os usos da vida, preciosa demais para a terra...

O T de ouro brilhava no peito de Lenina. Brincalhonamente, o Arquichante tomou-o entre os dedos; brincalhonamente puxou, puxou.

- Creio - disse Lenina de súbito, quebrando um longo silêncio - que seria melhor eu tomar umas duas gramas de *soma*.

A essa hora, Bernard dormia profundamente e sorria no paraíso pessoal dos seus sonhos. Sorria, sorria. Mas, inexoravelmente, a cada trinta segundos o ponteiro dos minutos do relógio elétrico acima de sua cabeça pulava para a frente com um estalido quase imperceptível. Clique, clique, clique, clique... E amanheceu. Bernard retornou às misérias do espaço e do tempo. Foi num estado de desânimo total que tomou o táxi para o trabalho no Centro de Condicionamento. A embriaguez do sucesso havia-se dissipado; voltara sobriamente ao seu velho eu; e, em contraste com o balão temporário das últimas semanas, o eu antigo parecia ser, como nunca, mais pesado do que a atmosfera ambiente. A esse Bernard desinflado, o Selvagem demonstrou uma inesperada simpatia.

- Você está mais parecido com o que era em Malpaís - disse ele, quando Bernard lhe contou sua lastimosa história. - Lembra-se da primeira vez que nós conversamos? Na frente da pequena casa? Você se parece com o que era então.

- Porque sou infeliz de novo, essa a razão.

- Pois bem, eu preferiria ser infeliz a ter essa espécie de felicidade falsa e mentirosa que você gozava aqui.

- Essa é boa! - retrucou Bernard com amargura. - Quando foi você a causa de tudo! Recusando comparecer à minha reunião e voltando todos contra mim!

Ele sabia que o que estava dizendo era absurdamente injusto; reconhecia intimamente, e por fim admitiu em voz alta, a verdade do que o Selvagem lhe dizia agora sobre o nenhum valor de amigos que, por motivos tão insignificantes, podiam transformar-se em inimigos e perseguidores. Mas, embora soubesse e reconhecesse tudo isso, embora o apoio e a simpatia do amigo fossem agora seu único consolo, Bernard continuou a alimentar perversamente, ao mesmo tempo que uma afeição sincera, um secreto ressentimento contra o Selvagem, e a meditar uma campanha de pequenas vinganças contra ele. Guardar ressentimento contra o Arquichante era inútil; tampouco havia possibilidade de vingar-se do Enfrascador-Chefe ou do Predestinador-Adjunto. Como vítima, o Selvagem tinha, para Bernard, uma superioridade enorme sobre os outros: era acessível. Uma das principais funções de um amigo é suportar (sob forma atenuada e simbólica) os castigos que nós gostaríamos, mas não temos possibilidade, de infligir aos nossos inimigos.

O outro amigo-vítima era Helmholtz. Quando, derrotado, Bernard voltou para pedir-lhe novamente a amizade que, em seu período de prosperidade, havia julgado inútil conservar, Helmholtz tornou a dar-lha; e restituiu-lha sem uma censura, sem um comentário, como se tivesse esquecido que entre eles houvera um estremecimento.

Bernard sentiu-se comovido e, ao mesmo tempo, humilhado por aquela magnanimidade - uma magnanimidade tanto mais extraordinária e, por isso mesmo, tanto mais humilhante porque não era devido ao *soma*, e sim, exclusivamente, ao caráter de Helmholtz. Era o Helmholtz da vida cotidiana que esquecia e perdoava, não o Helmholtz das fugas proporcionadas por meia grama de *soma*. Bernard ficou devidamente agradecido (era um grande conforto reencontrar o amigo) e também devidamente ressentido (seria um prazer vingar-se de Helmholtz por sua generosidade).

No primeiro encontro depois da separação, Bernard contou a história de suas desventuras e aceitou o consolo oferecido. Foi somente alguns dias depois que ele veio a saber com surpresa e uma pontada de vergonha, que não era o único que estava em dificuldade. Helmholtz também entrara em conflito com a Autoridade.

- Foi a propósito de uns versos - explicou. - Estava dando meu curso costumeiro de Engenharia Emocional Avançada para Alunos do Terceiro Ano. Doze conferências, das quais a sétima trata de versos. "Do Emprego dos Versos na Propaganda Moral e na Publicidade", para ser exato. Sempre ilustro minhas preleções com uma porção de exemplos técnicos. Desta vez, pensei em apresentar-lhes um que eu próprio acabara de escrever. Pura insensatez, é claro; mas não pude resistir. - Riu. - Tinha curiosidade de ver quais seriam as reações dos alunos. Além disso - acrescentou gravemente - queria fazer um pouco de propaganda; estava tentando levá-los a experimentar o que eu havia sentido quando escrevi os versos. Ford! - Riu novamente. - Que escândalo! Fui chamado pelo Diretor e ameaçado de expulsão imediata. Sou um homem marcado.

- Mas que versos eram esses? - perguntou Bernard.

- Eram sobre a solidão.

Bernard arqueou as sobrancelhas.

- Vou recitá-los, se você quiser. - E Helmholtz começou:

A sombra de um dia de Conselho Vaga em torno;

em eco veloz Meia-noite por sobre a Cidade

ressoa em toda a cena vazia:

Lábios fechados, rostos a dormir,

Máquinas quietas, paralisadas,
Lugares mudos, ora desertos
Que não faz muito o povo habitava...
Esses silêncios, ao mesmo tempo
Tristes, alegres, doces, sonoros,
Todos falando - mas com que voz?
Sim, com que voz? Ah! isso ignoro.
A ausência dos braços de Susana,
A falta dos beijos de Egéria,
Seus corpos sem motivo ausentes,
Este vazio que me contraria
Acaba formando uma presença.
Loucura vã!...
E entretanto, Por absurda que seja a origem,
Esta sombra em que só o nada
Povoa melhor - miragem, bolha
O grande vácuo sutil da noite
Do que o objeto com que se copula
Tão tristemente - assim me parece!

- Bem, eu lhes apresentei isso como exemplo e eles me denunciaram ao Diretor.

- Não me surpreende - disse Bernard. - Isso está completamente em desacordo com tudo o que
lhes foi ensinado durante o sono. Lembre-se: martelaram-lhes pelo menos um quarto de milhão de vezes a
advertência contra a solidão.

- Eu sei. Mas queria ver que efeito produziria.

- Pois bem, agora você viu. Helmholtz limitou-se a rir.

- Sinto - disse, após um silêncio - que estou começando a ter alguma coisa sobre a qual escrever;
que estou começando a ser capaz de usar aquele poder que sinto existir em mim, aquele poder
suplementar, latente. Alguma coisa parece que está vindo a mim.

Apesar de todas as suas dificuldades, pensou Bernard, ele parecia profundamente feliz.

Helmholtz e o Selvagem logo simpatizaram um com o outro. Tanto, na verdade, que Bernard
sentiu uma ferroadada de ciúme. Em todas aquelas semanas, ele nunca pudera chegar a uma intimidade tão
completa com o Selvagem quanto a que Helmholtz alcançara imediatamente. Observando-os, ouvindo
suas conversas, arrependia-se às vezes, cheio de ressentimento, de os ter aproximado. Tinha vergonha de
seu ciúme e, para não o sentir, alternadamente empregava a sua força de vontade e recorria *ao soma*.

Os seus esforços, porém, não tiveram muito êxito, e entre as fugas do *soma* havia forçosamente
intervalos. O odioso sentimento voltava sempre. No terceiro encontro com o Selvagem, Helmholtz
recitou-lhe seus versos sobre a Solidão.

- Que acha deles? - perguntou, ao terminar.

O Selvagem sacudiu a cabeça.

- Ouça isto - foi a sua resposta; e, abrindo com a chave a gaveta onde guardava seu livro roído
pelos ratos, tirou-o e leu:

Que o pássaro de forte gorjeio.
Sobre a solitária árvore da Arábia,
Seja arauto triste
e seja trombeta...

Helmholtz ouviu com uma excitação crescente. Depois de "solitária árvore da Arábia", teve um sobressalto; depois de "tu, mensageiro ruidoso", sorriu de súbito prazer; depois de "todo pássaro de asa tirânica", o sangue subiu-lhe às faces; mas depois de "música funérea", empalideceu e tremeu com uma emoção inteiramente nova. O Selvagem continuou a ler:

O sentido do ser ficou aterrado
Por esse eu que não era o mesmo;
Natureza única e duplo nome,
Que não se chamava dois nem um.
E a própria *razão*, confusa,
Via a divisão amalgamar-se...

- Orgião-espadão! - disse Bernard, interrompendo a leitura com uma risada sonora e desagradável. - É, pura e simplesmente, um cântico da cerimônia de Solidariedade.

Vingava-se assim dos seus dois amigos por sentirem um pelo outro mais afeição do que por ele. Durante as duas ou três reuniões seguintes, repetiu com frequência esse pequeno ato de vingança. Era simples, mas extremamente eficaz, pois tanto Helmholtz como o Selvagem sofriam profunda mortificação ao verem assim despedaçado e maculado um cristal poético que lhes era caro. Por fim, Helmholtz ameaçou expulsá-lo a pontapés se ousasse interrompê-los outra vez. No entanto, coisa bastante estranha, a seguinte interrupção, a mais vergonhosa de todas, partiu do próprio Helmholtz.

O Selvagem lia em voz alta *Romeu e Julieta* - lia com paixão intensa e fremente, pois via a si mesmo no lugar de Romeu, e Lenina no de Julieta. Helmholtz ouvira com interesse intrigado a cena do primeiro encontro dos dois amantes. A cena do pomar o tinha encantado por sua poesia; mas os sentimentos expressados fizeram-no sorrir. Chegar a tal estado por causa de uma mulher - parecia-lhe um tanto ridículo. Mas, examinando os detalhes verbais um por um, que trabalho soberbo de engenharia emocional!

- Esse bom velho - disse - faz parecerem tolos os nossos melhores técnicos de propaganda.

O Selvagem teve um sorriso de triunfo e prosseguiu na leitura. Tudo foi razoavelmente bem até o ponto em que, na última cena do terceiro ato, Capuleto e sua esposa começam a intimidar Julieta para induzi-la a desposar Paris. Helmholtz mostrara-se agitado durante toda a cena. Quando, porém, na mímica patética do Selvagem, Julieta exclamou:

Não há, pois, para mim um olhar de piedade,
Que do alto das nuvens veja o abismo de minha dor?
Oh, minha doce mãe, não me repilas!
Retarda esse consórcio de um mês, de uma semana.
Ou, senão, faz estender meu leito nupcial
Na capela sombria onde repousa Tybalt. . .

Quando Julieta disse isso, Helmholtz explodiu numa gargalhada incontrolável. A mãe e o pai (obscenidade grotesca) obrigando a filha a ser de alguém a quem não queria! E essa jovem idiota, que não dizia que se daria a um outro, a quem (de momento, pelo menos) preferia! No seu absurdo indecoroso, a situação era irresistivelmente cômica. Ele conseguira, com um esforço heróico, conter a pressão crescente de sua hilaridade; mas "doce mãe" (no tom trêmulo de angústia com que o dissera o Selvagem) e a alusão a Tybalt estendido morto, porém manifestamente não cremado e desperdiçando seu fósforo numa capela escura - isso foi demais para ele. Riu às gargalhadas, até lhe escorrerem as lágrimas

pelas faces - riu com um riso inextinguível, enquanto pálido e ofendido, o Selvagem o olhava por cima do livro, e depois, continuando sempre as risadas, fechou-o com indignação, levantou-se e, com o gesto de alguém que retira suas pérolas da frente dos porcos, guardou-o na gaveta, que fechou a chave.

- E no entanto - disse Helmholtz quando, depois de recuperar suficientemente o fôlego para poder desculpar-se, conseguira acalmar o Selvagem a ponto de fazê-lo ouvir suas explicações - eu sei perfeitamente que são necessárias situações ridículas e loucas como essas; não se pode escrever verdadeiramente bem sobre qualquer outro assunto. Por que é que esse bom velho era um maravilhoso técnico de propaganda? Porque tinha tantas coisas insensatas e excruciantes pelas quais podia exaltar-se. É preciso estar ferido e perturbado, sem o que não se acham as expressões verdadeiramente boas, penetrantes, as frases de raios X. Mas pais e mães!... – Sacudiu a cabeça. - Você não vai esperar que eu fique sério a propósito de pais e mães. Ê quem é que pode ficar excitado com a questão de saber se um homem vai ou não tomar uma mulher? - (O Selvagem teve um estremecimento; mas Helmholtz, os olhos pensativamente fixos no chão, nada viu.) - Não - concluiu, com um suspiro - isso não serve. Precisamos de outra espécie de loucura e violência. Mas qual? Qual? Onde se poderá encontrar? - Calou-se; depois, abanando a cabeça: - Não sei - disse por fim; - não sei.

Capítulo XIII

O vulto de Henry Foster apareceu na penumbra do Depósito de Embriões.

- Quer ir esta noite ao cinema sensível?

Lenina sacudiu a cabeça, sem nada dizer.

- Você vai sair com alguém? - Interessava-lhe saber quais de seus amigos, homens e mulheres, andavam presentemente juntos. - É com Benito? - perguntou.

Lenina sacudiu a cabeça.

Henry percebeu a fadiga naqueles olhos roxos, a palidez sob aquele verniz de lupo, a tristeza nos cantos dos lábios carmesins que não sorriam.

- Você não está doente, não é? - perguntou um pouco inquieto, temendo que ela estivesse afetada de uma das poucas moléstias contagiosas que ainda subsistiam.

Mais uma vez, Lenina fez que não com a cabeça.

- Em todo caso, você devia ir ao médico - disse Henry. - "Um médico por dia dá vigor e alegria" - acrescentou efusivamente, dando-lhe uma palmada no ombro para acentuar bem o adágio hipnopédico. - Quem sabe se você não está precisando de um Sucedâneo de Gravidez - sugeriu. - Ou talvez de um tratamento de Sucedâneo de Paixão Violenta extraforte. Às vezes, você sabe, o Sucedâneo normal não é...

- Oh! Pelo amor de Ford, cale a boca! - retrucou Lenina, quebrando seu mutismo obstinado. E virou-se para os embriões que descuidara.

Um tratamento de S.P.V., na verdade! Ela teria ido se não estivesse a ponto de chorar. Como se já não tivesse bastante P.V. ao natural! Suspirou profundamente enquanto enchia a seringa. "John", murmurou para si mesma, "John"... Depois: "Meu Ford, será que eu dei a injeção de doença do sono a este aqui, ou não?" Simplesmente não conseguia lembrar-se. Afinal, decidiu não correr o risco de dar-lhe uma segunda dose e avançou ao longo da fileira para o bocal seguinte. (Vinte e dois anos, oito meses e quatro dias depois, um jovem e promissor Alfa-Menos, administrador em Muanza-Muanza, morria de tripanossomíase - o primeiro caso em mais de meio século.) Suspirando, Lenina recomeçou seu trabalho. Uma hora mais tarde, no vestiário, Fanny protestava energicamente:

- É absurdo você se deixar chegar a esse estado. - Simplesmente absurdo - repetiu. - E por quê? Por causa de um homem, um homem!

- Mas é o homem que eu quero.

- Como se não houvesse milhões de outros homens no mundo.

- Mas eu não quero esses.

- Como é que você pode saber, se não experimentou?

- Eu experimentei.

- Mas quantos? - perguntou Fanny, erguendo os ombros desdenhosamente. - Um? Dois?

- Dúzias. Mas - e Lenina sacudiu a cabeça - isso não me serviu de nada.

- Pois é preciso insistir - sentenciou Fanny. Contudo, era evidente que sua confiança na própria receita fora abalada. - Não se pode alcançar nada sem perseverança.

- Mas, enquanto isso...

- Não pense nele.

- Não posso deixar de pensar.
 - Tome *soma*, então.
 - É o que eu faço.
 - Pois continue.
 - Mas nos intervalos continuo gostando dele. Gostarei dele sempre.
 - Bem, se a coisa é assim - disse Fanny com decisão - por que você não vai lá e o agarra, simplesmente, quer ele queira, quer não?
 - Ah, se você soubesse como ele é terrivelmente estranho!
 - Razão a mais para você adotar uma linha de conduta firme.
 - É muito fácil dizer isso.
 - Não tolere subterfúgios. Aja! - A voz de Fanny era um clarim; parecia uma conferencista da Associação Fordiana de Moças fazendo uma palestra noturna às Betas-Menos adolescentes. - Sim, aja, imediatamente. Em seguida.
 - Eu ficaria apavorada - objetou Lenina.
 - Ora! Basta tomar meia grama de soma. E agora vou para o meu banho.
- E se afastou com passo decidido, arrastando a toalha.

A campainha soou. O Selvagem, que esperava, impaciente, que Helmholtz viesse aquela tarde (pois, tendo-se enfim decidido a falar-lhe de Lenina, não podia retardar por um minuto mais suas confidências), pôs-se em pé de um salto e correu para a porta.

- Tive um pressentimento que era você, Helmholtz - gritou, enquanto abria.

Diante dele, vestida com um traje branco de marinheiro, de cetim de acetato, com um gorro branco inclinado audaciosamente sobre a orelha esquerda, estava Lenina.

- Oh! - fez o Selvagem, como se lhe tivessem aplicado um vigoroso murro.

Meia grama fora suficiente para fazer Lenina esquecer seus receios e constrangimentos.

- Olá, John! - disse sorrindo, e, passando junto a ele, entrou na peça. Maquinalmente, ele fechou a porta e seguiu-a. Lenina sentou-se. Houve um longo silêncio.

- Você não parece muito contente de me ver, John - disse ela afinal.

- Não pareço contente? - O Selvagem olhou-a com ar de censura; e logo caiu de joelhos diante dela e, tomando-lhe a mão, beijou-a com reverência. - Não pareço contente? Ah! Se você soubesse! - murmurou, e, animando-se a erguer os olhos para ela: - Admirada Lenina, píncaro mesmo de toda admiração, digna do que há de mais precioso no mundo... - Ela sorriu-lhe com deliciosa ternura. - Oh, perfeição - (ela inclinava-se para ele, os lábios entreabertos) - criatura tão perfeita e incomparável - (cada vez mais próxima) - criada com tudo que há de melhor em todos os seres... - Ainda mais próxima. O selvagem pôs-se em pé de repente - É por isso - disse ele, desviando os olhos - que eu queria primeiro realizar alguma coisa... Quero dizer, para provar que era digno de você. Não que eu creia que pudesse consegui-lo nunca. Mas queria ao menos provar que não sou completamente indigno. Queria fazer alguma coisa.

- Por que é que você acha necessário... ? - começou Lenina, mas deixou a frase inacabada. Havia uma nota de irritação em sua voz. Quando a gente se inclinou para diante, cada vez mais, com os lábios entreabertos, para ver-se de repente, sem mais nem menos (enquanto um pateta imbecil se levanta), inclinada sobre um lugar vazio... meu Ford, tem-se algum motivo, mesmo com meia grama *de soma* circulando no sangue, tem-se um motivo sério para estar contrariada.

- Em Malpaís - gaguejava incoerentemente o Selvagem - a gente devia trazer a pele de um leão das montanhas... quero dizer, quando queria casar com alguém. Ou então um lobo.

- Não há leões na Inglaterra - retrucou Lenina em voz quase ríspida.

- E mesmo que houvesse - tornou o Selvagem com um ressentimento súbito e desdenhoso - seriam

mortos com gases tóxicos ou qualquer coisa semelhante, lançados de helicóptero, suponho. Mas eu, Lenina, não faria isso! - Endireitou os ombros, animou-se a olhá-la e deparou com seu olhar de incompreensão. Confuso e com crescente incoerência, recomeçou: - Farei não importa o quê. Tudo o que me ordenar. Existem jogos dolorosos, você sabe. Mas a dificuldade realça-lhes as delícias. Eis o que sinto. Quero dizer que eu varreria o chão se você quisesse.

- Mas aqui nós temos aspiradores - disse Lenina, desorientada. - Não é necessário.

- Não, sem dúvida não é necessário. Mas há coisas vis que nobremente se suportam.³ Eu quisera suportar alguma coisa nobremente. Não me compreende?

- Mas uma vez que temos aspiradores...

- Não é essa a questão.

- E Ipsi-lons Semi-Aleijões para fazê-los funcionar, então *por quê?*

- Por quê? Mas por você, por você, simplesmente para provar que eu...

- E que é que os aspiradores têm que ver com os leões...

- Para mostrar quanto...

- Ou os leões com o seu prazer em me ver... - Ela estava ficando cada vez mais exasperada.

- Quanto eu a amo, Lenina — conseguiu ele dizer, quase com desespero.

Como um emblema da onda interior de júbilo repentino, o sangue subiu às faces de Lenina.

- É verdade, John?

- Mas eu não tinha a intenção de dizê-lo - exclamou o Selvagem, unindo as mãos como num paroxismo de angústia. - Não antes de... Escute, Lenina, em Malpaís as pessoas casam-se.

- As pessoas... o quê? - A irritação recomeçara a invadir sua voz. De que estaria ele falando agora?

- Para sempre. Fazem-se a promessa de viverem juntos para sempre.

- Que idéia horrorosa! - Lenina ficou sinceramente chocada.

- Durando mais que o brilho exterior da beleza, com uma alma que se renova mais depressa do que o sangue se empobrece e se fana.

- *O quê?*

- Também é assim em Shakespeare: "Mas, se romperes o nó virginal antes que todas as santas cerimônias, na plenitude de seus ritos sagrados..."

- Pelo amor de Ford, John, fale direito. Não compreendo uma única palavra do que você está dizendo. Primeiro você me vem com aspiradores, depois com um nó. Você está me deixando louca!

Levantou-se de um salto e, como se receasse que ele pudesse fugir-lhe fisicamente, como o fazia em espírito, segurou-o pelo pulso.

- Responda a esta pergunta: Você gosta realmente de mim, ou não?

Houve um momento de silêncio; depois, em voz baixa, ele disse:

- Eu a amo mais do que tudo no mundo.

- Mas então por que não dizia? - exclamou ela, e estava tão intensamente exasperada que lhe enterrou as unhas no pulso. - Em vez de ficar aí dizendo baboseiras sobre um nó, aspiradores e leões, e de me fazer sofrer semanas e semanas!

Ela soltou-lhe a mão, que repeliu com cólera.

- Se eu não gostasse tanto de você - disse - ficaria furiosa.

E subitamente passou-lhe o braço em torno do pescoço; ele sentiu os lábios de Lenina unidos suavemente aos seus. Tão deliciosamente macios, tão tépidos, tão elétricos, que inevitavelmente se lembrou dos beijos de *Três Semanas em Helicóptero*.

Uh! uh! a loura estereoscópica, e aah! o negro mais do que real. Horror, horror, horror...

Tentou desprender-se, mas Lenina apertou-o com mais força.

- Por que você não disse? - murmurou ela, afastando o rosto para contemplá-lo. Tinha os olhos

carregados de terna censura.

"O antro mais escuro, o lugar mais propício" (clamava poeticamente a voz da consciência), "a mais forte sugestão do nosso pior demônio, nada poderá jamais transformar minha honra em desejos impuros. Jamais, jamais!" decidiu ele.

- Tolinho! - dizia Lenina. - Eu o desejava tanto! E se você também me queria, por que é que não... ?

- Mas, Lenina... - começou a protestar ele; e, como ela afrouxasse imediatamente os braços e recuasse, acreditou, por um instante, que Lenina procedia de acordo com sua muda sugestão. Quando, porém, ela desafiou a cartucheira de couro branco envernizado e pendurou-a com cuidado no espaldar da cadeira, começou, a suspeitar que se enganara. - Lenina! - repetiu, apreensivo.

Ela levou a mão ao pescoço e puxou com um longo gesto vertical; sua blusa branca de marinheiro abriu-se até embaixo; a suspeita condensou-se em certeza concreta, muito concreta.

- Lenina, que é que você está fazendo?

Zip, zip! Sua resposta dispensava palavras. Ela desembaraçou-se das calças de boca de sino. Sua combinação-calcinha com fecho eclair era de um rosa-pálido de concha. O T de ouro do Arquichante pendia sobre seu peito.

"Porque esses lácteos seios que, através das grades das janelas, perfuram os olhos dos homens..." As palavras cantantes, ribombantes, mágicas, faziam-na parecer duplamente perigosa, duplamente tentadora. Doces, doces, mas quão penetrantes!

Perfurando e brocando a razão, cavando um túnel através da resolução. "Quando o sangue está em chamas, os juramentos mais fortes não são mais do que palha. Contémte mais, senão. . ."

Zip! O róseo arredondado abriu-se como uma maçã habilmente partida. Uma contorção dos braços, o levantamento, primeiro do pé direito, depois do esquerdo; a combinação-calcinha jazia no chão, sem vida, como se tivesse sido desinflada. Ainda com as meias e os sapatos, conservando na cabeça o gorro branco audaciosamente caído para um lado, ela avançou para John.

- Querido. Querido! Se ao menos você tivesse dito isso antes! - Estendeu-lhe os braços.

Mas, em vez de dizer também "Querida" e de estender-lhe igualmente os braços, o Selvagem recuou aterrorizado, agitando as mãos para ela, como se tentasse afugentar um animal importuno e perigoso. Quatro passos para trás, e ele ficou apertado contra a parede.

- Meu bem! - disse Lenina, e, pousando-lhe as mãos nos ombros, achegou-se a ele. - Envolve-me em teus braços - pediu. - Beija-me, abraça-me com rudeza. - Ela também tinha poesia ao seu dispor, conhecia palavras que cantavam, que enfeitiçavam e faziam rufar os tambores.

- Beija-me... - Fechou os olhos, sua voz tornou-se como um murmúrio sonolento. - Esgota-me até o coma; conserva-me a ti presa...

O Selvagem tomou-lhe os pulsos, arrancou de seus ombros as mãos de Lenina e repeliu-a brutalmente.

- Ai, você está me machucando, você... oh! - Ela calou-se de repente. O terror fizera-lhe esquecer a dor. Abrindo os olhos, vira aquele rosto... não, não era o rosto de John, mas o de um estranho feroz, um rosto pálido, desfeito, contraído por um furor insensato e inexplicável. Apavorada, sussurrou: - O que é que há, John? - Ele não respondeu, limitando-se a encará-la com aqueles olhos dementes. As mãos que seguravam os pulsos de Lenina tremiam. A respiração de John era profunda e irregular. Fracamente, a ponto de ser um ruído quase imperceptível, mas assustador, ela ouviu-o de súbito ranger os dentes.

- O que é? - gritou, quase num uivo.

E ele, como se tivesse sido despertado por seu grito, segurou-a pelos ombros, sacudiu-a.

- Prostituta! - urrou. - Prostituta! Impudente cortesã!

- Oh! não, não-ão... - protestou ela, com uma voz que as sacudidas que ele lhe dava tornavam grotescamente trêmula.

- Prostituta!
- Por favo-or!
- Maldita prostituta!
- Uma gra-ama é melho-or... - começou ela.

O Selvagem repeliu-a com tal violência que ela cambaleou e caiu.

- Vá embora - vociferou ele de pé ao lado dela, dominando-a com um olhar ameaçador. - Vá para longe de minha vista, ou eu te mato! - Cerrou os punhos. Lenina levantou o braço para proteger o rosto.

- Não, John, por favor...
- Anda. Depressa!

Com o braço sempre erguido e seguindo com os olhos aterrorizados todos os movimentos de John, ela se pôs em pé, e, ainda abaixada, ainda protegendo a cabeça, arremessou-se na direção do banheiro. O estrondo do prodigioso tapa que acelerou a sua saída for como um tiro de pistola.

- Ai! - e Lenina pulou para a frente. Finalmente em segurança no quarto de banho, onde se fechou a chave, teve tempo de passar em revista seus ferimentos. De pé, de costas para o espelho, torceu a cabeça para trás. Olhando por cima do ombro esquerdo, viu a marca de uma mão aberta destacar-se nítida e vermelha na carne nacarina.

Delicadamente esfregou a região magoada. Fora, na outra peça, o Selvagem caminhava de um lado para outro, caminhava, caminhava, ao ritmo dos tambores e da música das palavras mágicas. "A carriça e a mosquinha dourada entregam-se à libertinagem sob meus olhos." Elas retumbavam enlouquecedoramente em seus ouvidos. "Nem a doninha, nem o cavalo fechado em sua estrebaria, se atiram a ela com tão desordenado apetite. Do busto para baixo são centauros, para cima são mulheres. Para os deuses a parte de cima, tudo o que fica abaixo pertence aos demônios; aí é o inferno, as trevas, o abismo sulfuroso, que queima, que ferve, a fetidez, a corrupção... puah, puah, puah! Dá-me uma onça de almíscar, bom boticário, para me purificar a imaginação."

- John! - atreveu-se a dizer, do banheiro, uma vozinha insinuante. - John!

"O tu, flor dos bosques, que és tão bela e exalas um perfume tão doce que me fere os sentidos! Esse livro admirável foi, pois, feito para nele se escrever 'prostituta'? O céu, à sua aproximação, tapa o nariz..."

Mas o perfume de Lenina ainda recendia em torno dele, sua roupa estava toda branca do pó que perfumara o corpo aveludado da jovem. "Impudente cortesã, impudente cortesã, impudente cortesã." O ritmo inexorável martelava sempre. "Impudente..."

- John, você não acha que eu podia apanhar as minhas roupas?
- Ele juntou as calças de boca de sino, a blusa, a combinação-calcinha com fecho eclair.
- Abra! - ordenou, dando um pontapé na porta.
- Não, não abro. - A voz era medrosa e rebelde.
- Então, como quer que eu lhe dê a roupa?
- Jogue pela abertura acima da porta.

Ele assim fez, e recomeçou suas inquietas passadas pelo quarto. "Impudente cortesã, impudente cortesã. O demônio Luxúria com suas ancas gordas e dedo abatado..."

- John!
- Ele não respondia. "Ancas gordas e dedo abatado."
- John!
- Que é? - perguntou rispidamente.
- Você não se importaria de me alcançar meu cinto malthusiano?

Lenina ficou sentada, escutando os passos na outra peça, perguntando-se, enquanto escutava, até quando continuaria ele caminhando assim de um lado para outro; se lhe seria preciso esperar que ele saísse do apartamento; ou se seria prudente, depois de dar um prazo razoável à loucura de John para

acalmar-se, abrir a porta do banheiro e tentar uma fuga rápida.

Foi interrompida nas suas cogitações inquietas pelo som da campainha do telefone, que tilintou na outra peca. As idas e vindas pelo quarto cessaram abruptamente. Ouviu a voz do Selvagem conversando com o silêncio.

- Alô!

- Sim.

- Sou, se é que não usurpo minha própria pessoa.

- Sim, não me ouviu? É o Sr. Selvagem que está falando.

- Hein? Quem é que está doente? Claro que me interessa.

- Mas é coisa séria? Ela está realmente mal? Irei em seguida...

- Ela não está mais no apartamento? Para onde a levaram?

- Oh! Meu Deus! Qual é o endereço?

- Park Lane, três. É isso? Três? Obrigado.

Lenina ouviu o estalido do fone ao ser reposto no lugar; depois, passos precipitados. Uma porta fechou-se com estrondo. Fez-se um silêncio. Teria realmente saído?

Com precauções infinitas, entreabriu a porta, meio centímetro; espiou pela fresta; animou-se ao ver a peça vazia; abriu um pouco mais, passou a cabeça pela abertura; e, finalmente, entrou nas pontas dos pés; parou alguns segundos com o coração a bater violentamente, escutando, escutando; depois correu para a porta do apartamento, abriu-a, deslizou para fora, bateu a porta e fugiu. Somente quando se viu no elevador, e já descendo por ele, começou a sentir-se em segurança.

Capítulo XIV

O Hospital de Park Lane para Moribundos era uma torre de sessenta andares de blocos cerâmicos de um amarelo desmaiado. No momento em que o Selvagem descia do taxicóptero, um comboio de carros fúnebres aéreos de cores alegres elevou-se zumbindo do terraço e seguiu sobre o Parque para oeste, rumo ao Crematório de Slough. Na porta do elevador o porteiro-chefe deu-lhe as informações necessárias, e ele desceu à Sala 81 (uma sala para Senilidade Galopante, explicou o porteiro), no décimo sétimo andar.

Era uma peça vasta, clara graças ao sol e à pintura amarela, com vinte leitos, todos ocupados. Linda morria acompanhada - acompanhada e com todo o conforto moderno. O ar era constantemente animado por alegres melodias sintéticas. Ao pé de cada cama, diante do ocupante moribundo, havia um aparelho de televisão. Deixava-se funcionar a televisão, como uma torneira aberta, da manhã à noite. A cada quarto de hora, o perfume dominante na sala era automaticamente mudado.

- Nós tentamos - explicou a enfermeira que tomara a seu cargo o Selvagem desde a porta - criar aqui uma atmosfera inteiramente agradável, algo assim entre um hotel de primeira categoria e um palácio de Cinema Sensível, se é que o senhor me compreende.

- Onde está ela? - perguntou o Selvagem, sem prestar a menor atenção àquelas explicações cortesias.

A enfermeira sentiu-se ofendida.

- Como o senhor está com pressa!

- Há alguma esperança? - perguntou ele.

- Quer saber se há alguma esperança de ela não morrer? - O Selvagem fez que sim com a cabeça.
- Não, é claro que não há. Quando mandam alguém para cá, não há nenhuma... - Sobressaltada com a expressão de sofrimento do rosto pálido de John, interrompeu-se de repente. - Que é que há? - perguntou. Não estava acostumada com manifestações dessa natureza nos visitantes. (De qualquer modo, nunca havia muitos visitantes, nem razão para que os houvesse em quantidade.) - O senhor não está se sentindo mal, não é?

Ele sacudiu a cabeça.

- É minha mãe - respondeu em voz apenas perceptível.

A enfermeira lançou-lhe um olhar horrorizado e, em seguida, desviou os olhos. Do pescoço às têmporas, seu rosto nada mais era que um rubor ardente.

- Conduza-me para junto dela - disse o Selvagem, esforçando-se para falar em tom natural.

Sempre ruborizada, ela conduziu-o através da sala. Fisionomias ainda jovens e sem rugas (pois a senilidade galopava tão depressa que não tinha tempo de envelhecer as faces - somente o coração e o cérebro) voltaram-se à passagem deles. Sua marcha foi acompanhada pelos olhares vagos e sem curiosidade da segunda infância. O Selvagem sentiu um estremecimento ao vê-los.

Linda estava deitada no último da longa fila de leitos, junto à parede. Amparada por travesseiros, olhava as Semifinais do Campeonato Sul-Americano de Tênis em Superfície de Riemann, que se desenrolavam em reprodução silenciosa e reduzida no vídeo do televisor colocado ao pé do seu leito. Os pequenos vultos corriam para cá e para lá no quadrado de vidro iluminado, como peixes num aquário - habitantes silenciosos, mas agitados, de um outro mundo.

Linda contemplava o espetáculo, sorrindo vagamente e sem compreender. Seu rosto pálido e inchado tinha uma expressão de felicidade imbecil. A todo momento suas pálpebras fechavam-se, e durante alguns segundos ela parecia dormir. Depois, com um pequeno sobressalto, despertava novamente - despertava para os jogos de aquário dos Campeões de Tênis, para a execução em Super-Vox Wurlitzeriana de "Beija-me, abraça-me com rudeza", para a baforada tépida de verbena soprada através da abertura existente acima de sua cabeça - despertava para todas essas coisas, ou antes, para um sonho de que essas coisas, transformadas e embelezadas pelo *soma* que tinha no sangue, eram os elementos maravilhosos, e sorria novamente o seu sorriso irregular e descorado de contentamento infantil.

- Bem, preciso deixá-lo - disse a enfermeira - Tenho o meu grupo de crianças que está por chegar. E, além disso, há o número 3. - Apontou para a outra extremidade da sala. - Poderá ir a qualquer momento, agora. Mas fique à vontade. - Afastou-se a passos rápidos.

O Selvagem sentou-se junto ao leito.

- Linda - murmurou, tomando-lhe a mão.

Ao ouvir seu nome, ela virou a cabeça. Seus olhos vagos tiveram um lampejo de reconhecimento. Apertou-lhe a mão, sorriu, moveu os lábios; mas de súbito sua cabeça recaiu para diante. Tinha adormecido. Ele ficou ali, olhando-a, procurando através daquelas feições destroçadas, procurando e reencontrando a fisionomia jovem e vivaz que se inclinara sobre sua infância em Malpaís, recordando (e fechou os olhos) sua voz, seus gestos, todos os acontecimentos de sua vida em comum. "No meu estreptococo alado - Voa a Banbury T..." Como suas canções eram lindas! E aqueles versos infantis, como eram magicamente estranhos e misteriosos!

A, B, C, Vitamina D.

No fígado o óleo, o bacalhau no mar.

Sentiu as lágrimas ardentes acumularem-se atrás das pálpebras, enquanto se lembrava das palavras e da voz de Linda a repeti-las. E, mais tarde, as lições de leitura: o bebê está no bobó, o gato está no mato; e as Instruções Elementares para Trabalhadores Betas do Depósito de Embriões. E os longos serões junto à lareira, ou, durante o verão, no terraço da pequena casa, quando ela lhe contava histórias do Outro Lado, de fora da Reserva: daquele maravilhoso, maravilhoso Outro Lado, cuja lembrança, como a de um paraíso de bondade e de beleza, ele ainda conservava completa e intata, não poluída pelo contato com a realidade daquela Londres real, daqueles civilizados autênticos.

Um alarido súbito de vozes agudas obrigou-o a abrir os olhos e, depois de ter enxugado apressadamente as lágrimas, a voltar-se. O que parecia ser um fluxo contínuo de gêmeos idênticos, de oito anos, invadiu a sala. Vinham um gêmeo após outro, um após outro - um verdadeiro pesadelo. Seus rostos, ou antes, aquele rosto que se repetia - pois era um único para todos - alargava-se, de nariz achatado, narinas enormes e olhos pálidos esbugalhados. Seu uniforme era caqui. Todos tinham a boca aberta. Entraram gritando e pairando. Em um momento, a sala parecia inçada deles. Amontoavam-se entre as camas, trepavam nelas, arrastavam-se por baixo, olhavam para os aparelhos de televisão, faziam caretas para os pacientes.

Linda causou-lhes espanto e algum alarma. Um grupo reuniu-se ao pé do leito, encarando-a com a curiosidade medrosa e estúpida dos animais que se defrontam subitamente com o desconhecido.

- Oh! Olhem, olhem! - Falavam em voz baixa e assustada. - Que é que ela tem? Por que será que ela é tão gorda?

Nunca tinham visto um rosto como o de Linda - nunca tinham visto um rosto que não fosse jovem e liso, nem um corpo que não fosse fino e aprumado. Todas aquelas sexagenárias moribundas tinham o aspecto de mocinhas. Aos quarenta e quatro anos, Linda parecia, por contraste, um monstro de senilidade flácida e deformada.

- Não é que ela é horrível? - Tais os comentários murmurados. - Olhem os dentes dela!

De repente, de sob a cama, um gêmeo de rosto achatado surgiu entre a cabeça de John e a parede,

e pôs-se a olhar o rosto adormecido de Linda.

- Escute... - começou; mas sua frase terminou prematuramente num guincho.

O Selvagem segurara-o pela gola, suspendera-o por cima da cadeira e, com uma sonora bofetada, fizera-o sair berrando.

Seus gritos chamaram a atenção da Enfermeira-Chefe, que acudiu em socorro.

- Que foi que o senhor lhe fez? - perguntou enfurecida. - Não admito que bata nas crianças.

- Pois então afaste-as desta cama. - A voz do Selvagem tremia de indignação. - E, afinal, que é que estão fazendo aqui esses fedelhos repugnantes? É uma vergonha!

- Vergonha? Mas o que é que o senhor quer dizer com isso? Estão sendo condicionados para a morte. E vou lhe dizer uma coisa - continuou, advertindo-o com truculência - se o descobro outra vez perturbando o condicionamento deles, chamo os carregadores e mando pô-lo na rua.

O Selvagem levantou-se e deu dois passos para ela. Seus movimentos e a expressão do seu rosto eram tão ameaçadores que a enfermeira recuou, aterrorizada. Com grande esforço ele se conteve e, sem dizer uma palavra, voltou e sentou-se novamente junto à cama. Tranqüilizada, mas com uma dignidade um tanto estridente e incerta, a enfermeira insistiu:

- Eu o avisei; portanto, tenha cuidado.

Mesmo assim, ela afastou os gêmeos mais curiosos e os fez entrar no brinquedo de zipfurão que uma de suas colegas organizara na outra extremidade da sala.

- Pode ir agora tomar sua xícara de solução de cafeína, minha cara - disse para a outra enfermeira. O exercício da autoridade restabeleceu sua confiança em si e fez-lhe bem. - Vamos, crianças! - chamou.

Linda se agitara, inquieta, abrira os olhos um instante lançara um olhar vago em redor, e mais uma vez adormecera.

Sentado ao seu lado, o Selvagem esforçou-se por retornar ao estado de espírito anterior. "A, B, C, Vitamina D", repetia a si mesmo, como se essas palavras fossem um sortilégio, capaz de chamar à vida um passado morto. Mas o sortilégio não produziu efeito. Obstinadamente, as belas recordações recusavam-se a aparecer; houve apenas uma ressurreição detestável de ciúmes, fealdades e misérias. Pope sujo do sangue que escorria de seu ombro cortado e Linda horrendamente adormecida, enquanto as moscas zumbiam em roda do mescal derramado no chão ao lado da cama; e os garotos gritando aqueles nomes quando ela passava... Ah! não, não! Fechou os olhos, sacudiu a cabeça numa negação vigorosa dessas recordações. "A, B, C, Vitamina D..." Procurou pensar nos momentos em que ele se aninhava no colo de Linda, em que ela o envolvia nos seus braços e cantava, sem cessar, embalando-o, embalando-o para o fazer dormir: "A, B, C, Vitamina D, Vitamina D, Vitamina D..."

A Super-Vox Wurlitzeriana elevava-se num crescendo soluçante; e subitamente a verbena foi substituída, no aparelho de circulação de perfume, por um patchuli intenso.

Linda agitou-se, acordou, olhou com espanto alguns momentos os semifinalistas, depois, erguendo o rosto, aspirou uma ou duas vezes o ar de perfume renovado e sorriu de repente - um sorriso de êxtase infantil.

- Pope - murmurou, e fechou os olhos. - Oh, como gosto disto, como gosto... - Suspirou e deixou-se cair novamente sobre os travesseiros.

- Mas, Linda! - implorou o Selvagem. - Você não me conhece? - Ele esforçara-se tanto, fizera tudo o que lhe era possível; por que não lhe permitia ela esquecer? Apertou quase violentamente a mão flácida, como se quisesse obrigá-la a deixar aquele sonho de prazeres ignóbeis, aquelas recordações vis e detestáveis, para voltar ao presente, à realidade; presente assustador e realidade espantosa, mas sublimes, carregados de significação, desesperadoramente importantes justamente por causa da iminência daquilo que os tornava tão aterradores. - Você não me reconhece, Linda?

Recebeu em resposta uma ligeira pressão da mão. As lágrimas vieram-lhe aos olhos; inclinou-se

sobre ela e beijou-a. Ela moveu os lábios.

- Pope! - murmurou de novo, e ele teve a sensação de que lhe atiravam ao rosto um balde de imundícies.

A cólera ferveu subitamente nele. Contrariada pela segunda vez, a paixão de sua dor achou outra válvula, transformou-a em paixão de atormentada raiva.

- Mas eu sou John! - gritou. - Eu sou John! - E, na sua dor enfurecida, agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a.

Os olhos de Linda abriram-se com um adejar de pálpebras; ela viu-o, reconheceu-o

- "John!" - mas situou o rosto real, as mãos reais e violentas, num mundo imaginário - entre os equivalentes interiores e pessoais do patchuli e do Super-Wurlitzer, entre as recordações transfiguradas e as sensações estranhamente transpostas que constituíam o universo de seu sonho. Ela o reconhecia como John, seu filho, mas imaginava-o como um intruso naquele Malpaís paradisíaco, onde passava sua fuga de *soma* com Pope. Ele estava zangado porque ela amava Pope, sacudia-a porque Pope estava ali na sua cama - como se houvesse algum mal nisso, como se todas as pessoas civilizadas não fizessem o mesmo. - "Cada um pertence a..." - A voz de Linda esvaiu-se subitamente, até não ser mais que um crocitar ofegante, quase inaudível; sua boca abriu-se; ela fez um esforço desesperado para encher os pulmões de ar. Mas era como se não soubesse mais respirar. Tentou chamar - mas não emitiu som algum; somente o terror dos olhos arregalados revelava o que ela estava sofrendo. Levou as mãos à garganta, depois agitou-as como se tentasse agarrar avidamente o ar - o ar que não podia mais respirar, o ar que para ela cessara de existir.

O Selvagem estava de pé, inclinado sobre ela.

- O que é, Linda? O que é? - Sua voz implorava; parecia que ele lhe suplicava que o tranqüilizasse.

O olhar que ela lhe dirigiu estava carregado de terror indizível - de terror e, pareceu-lhe, de censura. Linda tentou soerguer-se, mas recaiu sobre os travesseiros.

Tinha o rosto horripelantemente contorcido, os lábios azuis.

O Selvagem virou-se e correu para a outra extremidade da sala.

- Depressa, depressa! - gritou. - Depressa! De pé no meio de uma roda de gêmeos que brincavam de zipfurão, a Enfermeira-Chefe voltou-se. A surpresa do primeiro instante foi quase imediatamente substituída por um gesto de reprovação.

- Não grite! Lembre-se das crianças - disse, franzindo as sobrançelas. - Poderia descondicioná-las... Mas que está fazendo? - Ele rompera a roda. - Tenha cuidado! - Um dos meninos berrava.

- Depressa, depressa! - Ele pegou a enfermeira pela manga e levou-a de arrasto. - Depressa! Aconteceu alguma coisa! Eu a matei!

Quando chegaram junto a Linda, ela estava morta.

O Selvagem permaneceu um momento de pé, mudo, depois caiu de joelhos junto a cama e, cobrindo o rosto com as mãos, soluçou perdidamente.

A enfermeira estava sem saber o que fazer, olhando ora a figura ajoelhada ao pé da cama (que exibição escandalosa!), ora (pobres crianças!) os gêmeos que tinham interrompido o brinquedo de zipfurão e, do outro extremo da sala, olhavam embasbacados, com os olhos esbugalhados e as narinas abertas, a cena chocante que se desenrolava junto ao Leito 20. Deveria falar-lhe? Procurar despertar nele o senso de decoro? Lembrar-lhe onde se achava? O prejuízo fatal que poderia causar àqueles pobres inocentes? Destruindo assim todo o saudável condicionamento deles para a morte, com aquele repugnante alarido - como se a morte fosse uma coisa horrível, como se alguém tivesse tanta importância! Isso poderia dar-lhes as idéias mais desastrosas sobre o assunto, desorientá-los e fazê-los reagir de modo inteiramente errado, completamente anti-social. Deu um passo à frente e tocou-lhe no ombro.

- Não pode comportar-se de modo conveniente? - disse em voz baixa e irritada.

Mas, virando a cabeça, viu que uma meia dúzia de gêmeos já estavam de pé e atravessavam a sala. A roda se desintegrava. Mais um instante, e... Não, o risco era muito grande; o grupo inteiro poderia ficar retardado seis ou sete meses no seu condicionamento. Ela voltou correndo para seus pupilos em perigo.

- Vamos, quem é que quer uma bomba de chocolate? - perguntou, em voz forte e alegre.

- Eu! - berrou em coro todo o Grupo Bokanovisky.

O Leito 20 estava completamente esquecido.

"Oh! Deus, Deus, Deus!..." repetia consigo mesmo o Selvagem. No caos de dor e de remorso que lhe enchia o espírito, era a sua única palavra articulada. - Deus! - sussurrou audível mente. - Deus...

- O que é que ele está dizendo? - perguntou uma voz muito próxima, distinta e penetrante, através do chilrear do Super-Wurlitzer.

O Selvagem teve um sobressalto violento e, descobrindo o rosto, olhou em redor. Cinco gêmeos vestidos de caqui, cada um segurando na mão direita a ponta de uma bomba de chocolate, os rostos idênticos diversamente lambuzados, estavam em linha, a fitá-lo de olhos esbugalhados.

Cruzaram seus olhares com o dele e arreganharam os dentes ao mesmo tempo. Um deles apontou com o doce:

- Ela está morta? - perguntou.

O Selvagem encarou-o um momento em silêncio. Depois, em silêncio, levantou-se, em silêncio dirigiu-se lentamente para a porta.

- Ela está morta? - repetiu o gêmeo curioso, trotando a seu lado.

O Selvagem baixou os olhos para ele e, sempre mudo, empurrou-o. O gêmeo caiu no chão e pôs-se logo a berrar. O Selvagem nem sequer se virou.

Capítulo XV

O pessoal subalterno do Hospital de Park Lane para Moribundos compunha-se de cento e sessenta e dois Deltas, divididos em dois grupos Bokanovsky, de oitenta e quatro gêmeas ruivas e setenta e oito gêmeos dolicocefalos morenos, respectivamente. Às seis horas, terminado o seu dia de trabalho, reuniam-se no vestíbulo do Hospital e recebiam do Subecônomo Assistente a sua ração de *soma*.

Saindo do elevador, o Selvagem irrompeu por entre eles. Mas seu espírito estava longe dali - com a morte, com a sua dor, com o seu remorso; maquinalmente, sem ter consciência do que fazia, começou a abrir caminho, aos empurrões, através da multidão.

- Quem é você para empurrar assim? Onde pensa que está?

Duas únicas vozes, uma aguda e outra grave, guincharam ou rosnaram, provenientes da multidão de gargantas distintas. Multiplicadas indefinidamente como por uma série de espelhos, duas fisionomias só - uma em forma de lua cheia picotada de sardas e cercada de uma auréola cor de laranja, a outra em forma de máscara de ave, fina e adunca, hirsuta, com barba de dois dias - voltaram-se para ele com raiva. Suas palavras e algumas cotoveladas vigorosas nas costelas conseguiram romper a crosta de alheamento do Selvagem. Ele despertou novamente para a realidade exterior, olhou em torno de si, reconheceu o que estava vendo - reconheceu, com uma desalentadora sensação de horror e repugnância, o delírio incessantemente renovado de seus dias e suas noites, o pesadelo da pulutante mesmice indistinguível. Gêmeos, gêmeos... Como gusanos, tinham vindo em enxames macular o mistério da morte de Linda. Gusanos ainda, porém maiores, completamente adultos, rastejavam agora sobre sua dor e seu arrependimento. Estacou, circunvagou os olhos aturdidos e horrorizados pela multidão vestida de íáqui no meio da qual se achava, com sua cabeça sobressaindo acima dela.

"Como há aqui seres encantadores!" As palavras cantantes vergastaram-no com seu sarcasmo. "Como é bela a humanidade! Oh! admirável mundo novo... !"

- Distribuição de soma! - gritou uma voz forte. - Em boa ordem, por favor. Apressem-se, vocês aí!

Uma porta se abriu, uma mesa e uma cadeira haviam sido trazidas para o vestíbulo. A voz era a de um jovem Alfa desembaraçado, que entrara com uma pequena caixa preta de ferro. Um murmúrio de satisfação correu entre os gêmeos à espera. Esqueceram completamente o Selvagem. Sua atenção se concentrava agora na caixa que o rapaz colocara sobre a mesa e que estava abrindo. A tampa foi levantada.

- Uh-uuh! - fizeram simultaneamente os cento e sessenta e dois, como se estivessem assistindo a fogos de artifício.

O jovem tirou da caixa um punhado de caixinhas de comprimidos.

- Agora - disse em tom peremptório - façam o favor de aproximar-se. Um de cada vez e nada de empurrões.

Um por um, e sem atropelos, os gêmeos adiantaram-se. Primeiro, dois homens; depois, uma mulher; a seguir, outro homem; logo após, três mulheres; depois... - O Selvagem permanecia ali, contemplando a cena. "Oh, admirável mundo novo! Oh, admirável mundo novo! ..." Em seu espírito, as palavras cantantes pareciam ter mudado de tom. Elas o haviam escarnecido na sua dor e no seu remorso;

havam-no escarnecido, e com que horrendo acento de zombaria cínica! Rindo como demônios, elas tinham insistido sobre a sordidez ignóbil, a fealdade nauseante daquele pesadelo. Agora, de repente, elas clarinavam um chamado às armas. "Oh, admirável mundo novo!"

Miranda proclamava a possibilidade da beleza, a possibilidade de transformar até mesmo aquele pesadelo em algo de magnífico e nobre. "Oh,, admirável mundo novo!" Era um desafio, uma ordem.

- Não empurrem! - bradou o Subecônomo Assistente, furioso. Fechou com estrépito a tampa da caixa. - Suspendo a distribuição se vocês não se portarem bem. Os Deltas murmuraram, empurraram-se um pouco uns aos outros, depois ficaram quietos. A ameaça fora eficaz. A privação *de soma* — espantosa idéia!

- Assim está melhor - disse o jovem, e reabriu a caixa.

Linda tinha sido uma escrava, Linda morrera; outros, pelo menos, viveriam livres e a beleza brilharia sobre o mundo. Era uma reparação, um dever. E, subitamente, o Selvagem viu com uma clareza cristalina o que tinha a fazer; foi como se tivessem aberto uma janela, como se tivessem afastado uma cortina.

- Vamos - disse o Subecônomo. Outra mulher de daqui adiantou-se.

- Parem! - gritou o Sei vagem, com voz retumbante. - Parem!

Abriu caminho até a mesa; os Deltas fitaram-no com assombro.

- Ford! - disse o Subecônomo Assistente, a meia voz. - É o Selvagem! - Estava assustado.

- Ouçam-me, suplico-lhes - bradou o Selvagem com ardor. - Emprestem-me seus ouvidos... - Nunca falara em público, e tinha muita dificuldade em expressar o que queria dizer. - Não tomem essa droga horrível. É veneno, é veneno.

- Escute, Sr. Selvagem - disse o Subecônomo Assistente, com um sorriso conciliador - não se importaria de deixar que eu. . .

- Veneno para a alma, assim como para o corpo.

- Eu sei, mas deixe-me continuar minha distribuição, sim? Seja camarada. - Com a doçura cautelosa de quem acaricia um animal sabidamente mau, ele deu umas palmadinhas no braço do Selvagem. - Deixe-me...

- Nunca! - bradou o Selvagem.

- Mas olhe aqui, meu amigo...

- Atire fora tudo isso, esse horrível veneno!

As palavras "atire fora" conseguiram penetrar as camadas envolventes de incompreensão e chegar ao âmago da mente dos Deltas. Um murmúrio irado elevou-se do seio da multidão.

- Venho trazer-lhes a liberdade - disse o Selvagem, voltando-se para os gêmeos. - Venho...

O Subecônomo Assistente não ouviu mais nada; tinha-se esgueirado para fora do vestíbulo e estava procurando um número no guia telefônico.

- Não está no apartamento dele - resumiu Bernard. - Não está no meu, nem no seu; tampouco no Afroditeu, no Centro ou no Colégio. Onde se terá metido?

Helmholtz encolheu os ombros. Tinham vindo do trabalho pensando encontrar o Selvagem à sua espera em um ou outro de seus pontos de encontro habituais, mas em parte alguma haviam encontrado vestígios dele. Era uma contrariedade, pois pretendiam fazer uma visita a Biarritz no esporticóptero de quatro lugares de Helmholtz. Iam chegar atrasados para o jantar, se ele tardasse.

- Vamos conceder-lhe mais cinco minutos - disse Helmholtz. - Se até então não tiver aparecido, nós...

A campanha do telefone interrompeu-o. Ele tomou o fone.

- Alô? Sim, é ele mesmo. - E, depois de um longo intervalo de escuta: - Ford dos Calhambeques! - blasfemou. - Irei em seguida.

- Que é ? - perguntou Bernard.

- Um camarada que eu conheço no Hospital de Park Lane – respondeu Helmholtz. - É lá que está o Selvagem. Parece que enlouqueceu. Em todo caso é urgente. Quer vir comigo?

Precipitaram-se corredor a fora, em direção aos elevadores.

- Mas vocês gostam de ser escravos? - dizia o Selvagem quando eles entraram no Hospital. Seu rosto estava rubro, seus olhos chamejavam de ardor e indignação.

- Gostam de ser bebês? Sim, bebês, choramingas e babões - acrescentou, exasperado com aquela estupidez bestial, a ponto de lançar injúrias contra os que viera salvar. As injúrias escorregavam sobre a crosta de estupidez espessa; eles o encaravam com uma expressão atônita de ressentimento embrutecido e sombrio. - Sim, babões - vociferou o Selvagem. A dor e o remorso, a compaixão e o dever, tudo estava agora esquecido e de algum modo absorvido num ódio intenso e irresistível àqueles monstros menos que humanos. - Vocês não querem ser livres, ser homens? Nem sequer compreendem o que significa ser homem, o que é a liberdade? - A raiva tornava-o um orador fluente, as palavras ocorriam-lhe com facilidade, em catadupas. - Não compreendem? - insistiu, mas não obteve resposta. - Pois bem! Então - prosseguiu em tom feroz - então eu vou ensiná-los; vou obrigá-los a ser livres, queiram ou não queiram! - E, abrindo uma janela que dava para o pátio interno do Hospital, pôs-se a atirar para fora, aos punhados, as caixinhas de comprimidos de *soma*.

Por um instante, a multidão caqui ficou muda, petrificada de assombro e horror diante do espetáculo daquele sacrilégio inaudito.

- Ele está louco - murmurou Bernard, olhando com os olhos arregalados. - Vão matá-lo. Vão...

Um grande grito se elevou subitamente do meio da multidão; uma onda de movimento ímpeliu-a, ameaçadora, para o lado do Selvagem.

- Que Ford o ajude! - disse Bernard, e desviou os olhos.

- Ford ajuda a quem ajuda a si mesmo. - E, com uma risada, uma verdadeira risada de exultação, Helmholtz Watson abriu caminho através da turba.

- Livres, livres! - bradava o Selvagem, e com uma das mãos continuava a atirar o *soma* ao pátio, enquanto com a outra, esmurrava os rostos indistinguíveis de seus assaltantes. - Livres! - E eis que, de súbito, lhe aparece Helmholtz a seu lado - Ah, meu bom Helmholtz! - também esmurrando - Enfim, homens! - e, nos intervalos, também atirando o veneno pela janela a mancheias. — Sim, homens, homens! - e acabara-se o veneno. Ele ergueu a caixa e mostrou-lhes o interior vazio e negro. - Vocês são livres!

Urrando, os Deltas avançaram com furor redobrado.

Hesitante, conservando-se à margem da batalha, Bernard pensou: "Eles estão perdidos" e, movido por um impulso repentino, correu para a frente em seu auxílio; depois reconsiderou e deteve-se; envergonhado, avançou novamente; reconsiderou outra vez, e ali estava numa agonia de indecisão humilhada - pensando que *eles* poderiam ser mortos se não os ajudasse e que *ele* se expunha a sofrer o mesmo fim se o fizesse - quando (Ford seja louvado!), com os olhos redondos e o focinho de porco das máscaras contra gases, os policiais irromperam no local.

Bernard precipitou-se ao encontro deles. Agitou os braços; aquilo já era ação, ele estava fazendo alguma coisa. Bradou várias vezes "Socorro!" cada vez mais alto para se dar a ilusão de que era útil : - Socorro! Socorro ! Socorro!

Os policiais anedaram-no do caminho e continuaram o seu trabalho. Três homens, que traziam pulverizadores presos aos ombros por correias, espalharam no ar densas nuvens de vapores de *soma*. Dois outros trataram de fazer funcionar a Caixa de Música Sintética portátil. Munidos de pistolas de água carregadas com um anestésico poderoso, outros quatro abriram caminho no meio da multidão e punham metodicamente fora de combate, com jatos sucessivos, os combatentes mais ferozes.

- Depressa, depressa - berrava Bernard. - Eles serão mortos se vocês não se apressarem. Eles... Oh!

Irritado com a sua tagarelice, um dos policiais disparara sobre ele a pistola de água. Bernard ficou de pé um ou dois segundos, bamboleando-se como um ébrio sobre pernas que pareciam ter perdido os ossos, os tendões, os músculos, transformando-se em meros bastões de gelatina e, por fim, nem mesmo em gelatina - em água, desabou no chão como uma massa.

Subitamente, da Caixa de Música Sintética, uma Voz começou a falar. A Voz da Razão, a Voz da Benevolência. O cilindro girava com o Discurso Sintético Número Dois (Força Média) Contra Motins, brotado do fundo de um coração inexistente. "Meus amigos, meus amigos!" dizia a Voz, num tom tão patético, com uma nota de censura tão infinitamente terna, que, por trás de suas máscaras contra gases, os olhos dos próprios policiais instantaneamente se marejaram de lágrimas, "que significa tudo isto? Por que não são todos felizes e bons uns com os outros? Felizes e bons", repetiu a Voz. "Em paz, em paz." A Voz tremeu, desceu a um murmúrio e expirou por um momento. "Oh, como desejo que vocês sejam felizes", recomeçou, com ardente sinceridade. "Como desejo que vocês sejam bons! Peço-lhes, por favor, sejam bons e..."

Ao fim de dois minutos, a Voz e os vapores de *soma* tinham produzido seu efeito.

Em lágrimas, os Deltas abraçavam-se e beijavam-se - em grupos de meia dúzia de gêmeos unidos em largo amplexo. Até mesmo Helmholtz e o Selvagem estavam a ponto de chorar. Nov/a provisão de caixinhas de comprimidos foi trazida do Almoxarifado; fez-se às pressas uma nova distribuição e, ao som das despedidas abaritonadas e expressivamente afetuosas da Voz, os gêmeos dispersaram-se, soluçando como se seus corações estivessem prestes a romper-se. "Adeus, meus caros amigos, meus caríssimos amigos, Ford os guarde! Adeus, meus caros amigos, meus caríssimos amigos, Ford os guarde! Adeus, meus caros amigos, meus..."

Depois que o último Delta se retirara, o policial desligou a corrente. A Voz angelical silenciou.

- Os senhores estão dispostos a vir por bem? - perguntou o sargento. - Ou será preciso que os anestesiemos? - Apontou ameaçadoramente a pistola de água.

- Oh, nós iremos por bem - respondeu o Selvagem, estancando alternadamente um lábio partido, o pescoço arranhado e a mão esquerda mordida.

Mantendo sempre o lenço contra o nariz que sangrava, Helmholtz confirmou com um sinal de cabeça.

Reanimado e tendo recuperado o uso das pernas, Bernard escolhera esse momento para dirigir-se à porta o mais discretamente possível.

- Eh! O senhor aí! - chamou o Sargento, e um policial com a máscara de focinho de porco atravessou correndo a peça e pôs a mão no ombro do jovem. Bernard virou-se com uma expressão de inocência ultrajada. Escapar-se? Nem sonhara com semelhante coisa.

- Se bem que eu não consigo imaginar para que diabo poderá precisar *de mim* - disse ele ao Sargento.

- O senhor não é amigo dos detidos?

- Bem... - começou Bernard, e hesitou. Não, ele evidentemente não podia negar. - E por que não havia de ser?

- Então venha - tornou o Sargento, e conduziu-o para o carro da polícia, que esperava lá fora.

Capítulo XVI

A sala em que os três foram introduzidos era o gabinete do Administrador.

- Sua Fordeza descerá dentro de um minuto. O mordomo Gama deixou-os sós.

Helmholtz riu alto.

- Isto parece mais uma reunião de amigos para tomar solução de cafeína do que um julgamento - disse, e deixou-se cair na mais luxuosa poltrona pneumática. - Animo, Bernard! - acrescentou, ao dar com os olhos no rosto esverdeado e infeliz de seu amigo.

Bernard, porém, não desejava ser animado; sem responder, sem mesmo olhar para Helmholtz, foi sentar-se na cadeira menos confortável da peca, escolhida com cuidado na obscura esperança de conjurar de algum modo a cólera dos poderes superiores.

Enquanto isso, o Selvagem caminhava irrequieto pela sala, lançando olhares de vaga e superficial curiosidade sobre os livros das estantes, sobre os rolos de gravação sonora e as bobinas para máquinas de leitura, em seus compartimentos numerados. Em cima da mesa, abaixo da janela, havia um volume maciço encadernado em macio pseudocouro preto e marcado com grandes TT dourados. Tomou-o e abriu-o. Minha Vida e Minha Obra, por Nosso Ford. O livro havia sido publicado em Detroit, pela Sociedade para a Propagação do Conhecimento Fordiano. Folheou descuidadamente as páginas, leu uma frase aqui, um parágrafo ali, e chegara à conclusão de que o livro não o interessava, quando a porta se abriu e o Administrador Mundial Residente para a Europa Ocidental entrou a passos ligeiros na sala. Mustafá Mond apertou a mão dos três; mas foi ao Selvagem que se dirigiu.

- Quer dizer que não gosta muito da civilização, Sr. Selvagem?

O Selvagem olhou-o. Tinha vindo disposto a mentir, a esbravejar, a encerrar-se numa reserva sombria; mas, tranqüilizado pela inteligência bem-humorada da fisionomia do Administrador, resolveu dizer a verdade, com toda a franqueza.

- Não. - E sacudiu a cabeça.

Bernard estremeceu e mostrou-se horrorizado. Que pensaria o Administrador? Ser catalogado como amigo de um homem que confessava não gostar da civilização - que o dizia abertamente e, ainda mais, ao próprio Administrador - era terrível.

- Mas, John... - começou.

Um olhar de Mustafá Mond o reduziu a um silêncio abjeto.

- Naturalmente - reconheceu o Selvagem - existem coisas que são muito agradáveis. Toda essa música no ar, por exemplo...

- Por vezes, mil instrumentos melodiosos sussurram em meus ouvidos, e, por vezes, vozes.

A fisionomia do Selvagem iluminou-se de súbito prazer.

- O senhor também o leu? - perguntou. - Julguei que ninguém tivesse ouvido falar nesse livro aqui na Inglaterra.

- Quase ninguém. Sou uma das raríssimas exceções. O senhor compreende, ele está proibido. Mas, como sou eu que faço as leis aqui, posso também transgredi-las. Impunemente, Sr. Marx - acrescentou, dirigindo-se a Bernard. - O que, lamento dizer-lo, o senhor não pode fazer.

Bernard mergulhou num acabrunhamento ainda mais profundo.

- Mas por que é que ele está proibido? - perguntou o Selvagem. Na excitação de conhecer um homem que havia lido Shakespeare, esquecera momentaneamente tudo o mais.

O Administrador encolheu os ombros.

- Porque é antigo; essa a razão principal. Aqui não queremos saber de coisas antigas.

- Mesmo quando são belas?

- Sobretudo quando são belas. A beleza atrai, e nós não queremos que ninguém seja atraído pelas coisas antigas. Queremos que amem as novas.

- Mas as novas são tão estúpidas e horríveis! Esses espetáculos em que não há senão helicópteros voando de um lado para outro e em que se sente quando as pessoas se beijam! - Fez uma careta. - Bodes e macacos! - somente nas palavras de Otelo podia encontrar um veículo adequado para seu desprezo e seu ódio.

- Animaizinhos simpáticos e inofensivos, em todo o caso - murmurou o Administrador, como num parêntese.

- Por que não lhes faz ver *Otelo*?

- Já lhe disse: é antigo. Além do que, não o compreenderiam.

Sim, era verdade. Ele lembrou-se como Helmholtz rira de *Romeu e Julieta*.

- Pois então - disse, após um silêncio - algo novo que seja como *Otelo* e que eles possam compreender.

- É o que todos nós temos desejado escrever - declarou Helmholtz, rompendo seu prolongado silêncio.

- E o que o senhor nunca há de escrever - respondeu o Administrador. - Porque, se se parecesse realmente com *Otelo*, ninguém poderia compreendê-lo, por mais novo que fosse. E, se fosse novo, não poderia de maneira alguma ser parecido com *Otelo*.

- Por que não?

- Sim, por que não? - repetiu Helmholtz. Ele também esquecera as realidades desagradáveis da situação. Verde de ansiedade e temor, Bernard era o único que se lembrava; os outros não lhe deram atenção. - Por que não?

- Porque o nosso mundo não é o mesmo mundo de Otelo. Não se pode fazer um calhambeque sem aço, e não se pode fazer uma tragédia sem instabilidade social. O mundo agora é estável. As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; não têm esposas, nem filhos, nem amantes, por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se por acaso alguma coisa andar mal, há o *soma*. Que o senhor atira pela janela em nome da liberdade, Sr. Selvagem. Da liberdade... - Riu. - Espera que os Deltas saibam o que é a liberdade! E agora quer que eles compreendam *Otelo* meu caro jovem!

O Selvagem calou-se um momento.

- Apesar de tudo - insistiu obstinadamente - *Otelo* é bom, *Otelo* é melhor do que esses filmes sensíveis.

- Sem dúvida - aquiesceu o Administrador. - Mas esse é o preço que temos de pagar pela estabilidade. É preciso escolher entre a felicidade e aquilo que antigamente se chamava a grande arte. Nós sacrificamos a grande arte. Temos, em seu lugar, os filmes sensíveis e o órgão de perfumes.

- Mas eles não significam nada.

- Significam o que são; representam para os espectadores uma porção de sensações agradáveis.

- É que eles são... são narrados por um idiota.

O Administrador pôs-se a rir.

- O senhor não está sendo muito cortês com seu amigo, o Sr. Watson. Um dos nossos mais notáveis engenheiros em Emoção...

- Mas ele tem razão - disse Helmholtz com ar sombrio. - É realmente idiota. Escrever quando nada há a dizer...

- Justamente. E isso exige a maior habilidade. Os senhores fabricam calhambeques com o mínimo absoluto de aço, obras de arte com praticamente nada mais que sensação pura.

O Selvagem sacudiu a cabeça.

- Tudo isso me parece absolutamente horrível.

- Sem dúvida. A felicidade real sempre parece bastante sórdida em comparação com as supercompensações do sofrimento. E, por certo, a estabilidade não é, nem de longe, tão espetacular como a instabilidade. E o fato de se estar satisfeito nada tem da fascinação de uma boa luta contra a desgraça, nada do pitoresco de um combate contra a tentação, ou de uma derrota fatal sob os golpes da paixão ou da dúvida. A felicidade nunca é grandiosa.

- Pode ser - disse o Selvagem, depois de um silêncio. - Mas será preciso chegar ao horror desses gêmeos? - Passou a mão pelos olhos, como se procurasse apagar da lembrança a imagem daquelas longas filas de anões idênticos nas mesas de montagem, daquelas manadas de gêmeos enfileirados na entrada da estação do monotrilho de Brentford, daquelas larvas humanas que rodeavam o leito de morte de Linda, da fisionomia interminável mente repetida de seus agressores. - Horríveis!

- Mas como são úteis! Estou vendo que o senhor não gosta dos nossos Grupos Bokanovsky; mas, asseguro-lhe, eles são o alicerce sobre o qual está edificado tudo o mais. São o giroscópio que estabiliza o avião-foguete do Estado na sua rota imutável. - A voz profunda vibrava, emocionante; a mão, gesticulando, representava todo o espaço e o impulso da máquina irresistível. A oratória de Mustafá Mond achava-se quase à altura dos modelos sintéticos.

- Eu estava pensando - disse o Selvagem - por que é que os senhores os toleram, afinal de contas, uma vez que podem produzir tudo o que quiserem nesses bocais. Por que, já que lhes custa o mesmo, não fazem de cada um deles um Alfa-Mais-Mais?

Mustafá Mond riu novamente.

- Porque não temos nenhuma vontade de que nos cortem a cabeça - respondeu. - Nós acreditamos na felicidade e na estabilidade. Uma sociedade composta de Alfas não poderia deixar de ser instável e infeliz. Imagine uma usina cujo pessoal fosse constituído por Alfas, isto é, por indivíduos distintos, sem relações de parentesco, com boa hereditariedade e condicionados de modo a tornarem-se capazes (dentro de certos limites) de fazerem livremente uma escolha e de assumirem responsabilidades. Imagine isso! - repetiu.

O Selvagem tentou imaginar, mas sem grande resultado.

- É um absurdo. Um homem decantado como Alfa, condicionado como Alfa, ficaria louco se tivesse de fazer o trabalho de um Ipsilon Semi-Aleijão; ficaria louco ou se poria a destruir tudo. Os Alfas podem ser completamente socializados, mas com a condição de que se lhes dê um trabalho de Alfa. Somente a um Ipsilon se pode pedir que faça sacrifícios de Ipsilon, pela simples razão de que, para ele, não são sacrifícios. São a linha de menor resistência. Seu condicionamento fixou trilhos ao longo dos quais ele tem de correr. Não tem outro remédio, está predestinado. Mesmo depois da decantação, ele fica sempre dentro de um bocal, um bocal invisível de fixações infantis e embrionárias. Cada um de nós, é claro - continuou meditativamente o Administrador - atravessa a vida no interior de um bocal. Mas, se somos Alfas, nosso bocal é relativamente enorme. Sofreríamos intensamente se nos víssemos confinados num espaço mais estreito. Não se pode pôr pseudochampanha para castas superiores em bocais de casta inferior. Teoricamente, isso é óbvio. Mas também foi demonstrado na prática. O resultado da experiência de Chipre foi convincente.

- Que experiência foi essa? - perguntou o Selvagem.

Mustafá Mond sorriu.

- Pois, se quiser, pode chamar-lhe uma experiência de reenfrascamento. Começou no ano 473 D.F. Os Administradores fizeram evacuar a ilha de Chipre e, uma vez retirados todos os seus habitantes, recolonizaram-na com um lote especialmente preparado de vinte e dois mil Alfas. Entregaram-lhes todo um equipamento agrícola e industrial, e deixaram-lhes a responsabilidade de dirigir seus negócios. O resultado correspondeu exatamente a todas as predições teóricas. A terra não era convenientemente trabalhada; houve greves em todas as fábricas; as leis eram desrespeitadas, as ordens desobedecidas; todas as pessoas destacadas para um serviço inferior passavam o tempo intrigando para obter cargos mais elevados e todas as pessoas que ocupavam cargos mais elevados tramavam contra-intrigas para, a qualquer preço, ficar onde estavam. Em menos de seis anos, viram-se às voltas com uma guerra civil de primeira ordem. Quando, dos vinte e dois mil, dezenove mil tinham sido mortos, os sobreviventes fizeram uma petição unânime aos Administradores Mundiais para que estes retomassem o governo da ilha, o que foi feito. E assim acabou a única sociedade de Alfas que o mundo jamais viu.

O Selvagem suspirou profundamente.

- A população ótima - disse Mustafá Mond - obedece ao modelo do *iceberg*: oito nonas partes abaixo da linha de flutuação e uma nona parte acima dela.

- E são felizes os que estão abaixo da linha de flutuação?

- Mais felizes do que os que estão acima dela. Mais felizes do que os seus dois amigos aqui, por exemplo. - E apontou para eles.

- Apesar daquele trabalho horrível?

- Horrível? Eles não acham. Pelo contrário, até gostam. É leve, de uma simplicidade infantil. Nenhum esforço excessivo da mente nem dos músculos. Sete horas e meia de trabalho leve, de modo algum exaustivo, e depois a ração de *soma*, os esportes, a cópula sem restrições e o cinema sensível. Que mais poderiam pedir? É verdade - acrescentou - que poderiam pedir uma jornada de trabalho mais curta. E, por certo, nós poderíamos concedê-la. Do ponto de vista técnico, seria perfeitamente possível reduzir a três ou quatro horas a jornada de trabalho das castas inferiores. Mas isso as faria mais felizes? Não, de modo algum. A experiência foi tentada, há mais de século e meio. Toda a Irlanda foi submetida ao regime de quatro horas de trabalho diário. Qual o resultado? Perturbações e um acréscimo considerável do consumo de *soma*, nada mais. Essas três horas e meia de folga suplementar estavam tão longe de ser uma fonte de felicidade, que as pessoas se viam obrigadas a gastá-las em fugas pelo *soma*. O Departamento de Invenções está cheio de planos destinados a economizar mão-de-obra. Milhares de planos. - Mustafá Mond fez um gesto largo. - E por que não os pomos em execução? Para o bem dos trabalhadores; seria pura crueldade infligir-lhes folgas excessivas. O mesmo ocorre na agricultura. Poderíamos sintetizar cada um dos nossos alimentos, se quiséssemos. Mas não o fazemos. Preferimos conservar um terço da população trabalhando na terra. Para seu próprio bem, porque é preciso mais tempo para obter alimentos tirados da terra do que para fabricá-los numa usina. Além disso, temos que pensar na nossa, estabilidade. Não queremos mudar. Toda mudança é uma ameaça à estabilidade. Essa é outra razão que nos torna pouco propensos a utilizar invenções novas. Toda descoberta da ciência pura é potencialmente subversiva: até a ciência deve, às vezes, ser tratada como um inimigo possível. Sim, a própria ciência.

Ciência? O Selvagem franziu a testa. Conhecia a palavra. O que significava exatamente, porém, ele não o sabia. Shakespeare e os velhos do *pueblo* nunca se haviam referido à ciência, e de Linda ele recebera apenas indicações muito vagas: a ciência era uma coisa com a qual se faziam helicópteros, uma coisa que fazia com que a gente risse das Danças do Trigo, uma coisa que impedia de ter rugas e de perder os dentes. Fez um esforço desesperado para compreender o que o Administrador queria dizer.

- Sim - continuou Mustafá Mond - essa é outra parcela no custo da estabilidade. Não é somente a arte que é incompatível com a felicidade, também o é a ciência. Ela é perigosa; temos de mantê-la cuidadosamente acorrentada e amordaçada.

- O quê? - exclamou Helmholtz, assombrado. - Mas nós vivemos repetindo que a ciência é tudo. É um lugar-comum hipnopédico.

- Três vezes por semana, dos treze aos dezoito anos - recitou Bernard.

- E toda a propaganda da ciência que fazemos no Colégio...

- Sim, mas que espécie de ciência? - perguntou sarcasticamente Mustafá Mond. - Os senhores não receberam instrução científica, de modo que não têm condições de julgar. Quanto a mim, fui um bom físico, no meu tempo. Bom demais, bastante bom para compreender que toda a nossa ciência é simplesmente um livro de cozinha, com uma teoria ortodoxa de arte culinária que ninguém tem o direito de contestar e uma lista de receitas às quais não se deve acrescentar nada, salvo com autorização do cozinheiro-chefe. Sou eu o cozinheiro-chefe, agora. Mas houve tempo em que eu era apenas um jovem lava-pratos cheio de curiosidade. Pus-me a cozinhar um pouco a meu modo. Cozinha heterodoxa, cozinha ilícita. Um pouco de ciência verdadeira, em suma.

Calou-se.

- E que aconteceu? - perguntou Helmholtz Watson.

O Administrador suspirou.

- Quase aconteceu o mesmo que vai acontecer aos senhores, meus jovens amigos. Estive a ponto de ser mandado para uma ilha.

Estas palavras galvanizaram Bernard, provocando nele uma atividade violenta e indecorosa.

- Mandar-me para uma ilha, a mim? - Levantou-se de um pulo, atravessou a sala correndo e ficou a gesticular diante do Administrador. - O senhor não pode me mandar para uma ilha. Eu não fiz nada. Foram os outros. Juro que foram os outros. - Apontou Helmholtz e o Selvagem com um dedo acusador. - Oh, por favor, não me mande para a Islândia. Prometo fazer tudo o que devo. Dê-me outra oportunidade. Por favor, dê-me outra oportunidade! - as lágrimas começaram a correr. - Foi culpa deles, asseguro-lhe - disse, soluçando. - E não para a Islândia. Oh, eu suplico a Vossa Fordeza, por favor...

E, num paroxismo de abjeção, atirou-se de joelhos aos pés do Administrador. Mustafá Mond tentou fazê-lo levantar; mas Bernard persistiu em sua postura aviltante, e o fluxo de palavras continuou, inesgotável. Por fim, o Administrador teve de tocar a campainha para chamar seu quarto secretário.

- Traga três homens - ordenou - e conduza o Sr. Marx a um quarto. Dê-lhe uma boa vaporização de *soma*, ponha-o na cama e deixe-o só.

O quarto secretário saiu e voltou com três lacaios gêmeos de uniforme verde. Ainda gritando e soluçando, Bernard foi levado para fora.

- Parece que vão cortar-lhe a cabeça - comentou o Administrador, quando fecharam a porta. - Ao passo que, se tivesse a mínima parcela de bom-senso, compreenderia que esse castigo é na realidade uma recompensa. Vai ser mandado para uma ilha, isto é, para um lugar onde conhecerá o mais interessante conjunto de homens e mulheres existentes em qualquer parte do mundo. Todas as pessoas que, por esta ou aquela razão, adquiriram demasiada consciência de sua individualidade para poderem adaptar-se à vida comunitária; todas as pessoas a quem a ortodoxia não satisfaz, que têm idéias próprias e independentes; todos aqueles, numa palavra, que são alguém. Quase lhe tenho inveja, Sr. Watson.

Helmholtz riu.

- Então, por que motivo o senhor não está numa ilha?

- Porque, no fim das contas, preferi isto - respondeu o Administrador. - Deram-me a escolher: ser mandado para uma ilha, onde poderia continuar dedicando-me à ciência pura, ou ser admitido no Conselho Supremo, com a perspectiva de ser promovido oportunamente a um posto de Administrador. Escolhi isto e abandonei a ciência. - Depois de um pequeno silêncio, acrescentou: - Às vezes lamento haver renunciado à ciência. A felicidade é uma soberana exigente, sobretudo a felicidade dos outros. Uma soberana muito mais exigente do que a verdade, quando não se está condicionado para aceitá-la sem restrições. - Suspirou, tornou a calar-se, e logo recomeçou, com mais vivacidade: - Enfim, o dever é o

dever. Não podemos consultar as nossas preferências pessoais. Interesse-me pela verdade, gosto da ciência. Mas a verdade é uma ameaça, a ciência é um perigo público. Ela é tão perigosa hoje quanto foi benfazeja no passado. Deu-nos o equilíbrio mais estável que a história registra. O da China era, em comparação, irremediavelmente inseguro. Os próprios matriarcados primitivos não eram tão estáveis quanto nós. Graças, repito-o, à ciência. Mas não podemos permitir que ela desfaça a boa obra que realizou. Por isso limitamos com tanto cuidado o círculo das pesquisas; por isso estive a ponto de ser mandado para uma ilha. Nós permitimos apenas que ela se ocupe dos problemas mais imediatos do momento. Todas as outras pesquisas são ativamente desestimuladas. É curioso - prosseguiu, depois de pequena pausa - ler o que se escrevia na época de Nosso Ford sobre o progresso científico. Segundo parece, imaginavam que se podia permitir que ele continuasse indefinidamente, sem consideração a qualquer outra coisa. O saber era o mais alto bem; a verdade, o valor supremo; tudo o mais era secundário e subordinado. É certo que as coisas já então estavam começando a mudar. Nosso Ford mesmo fez muito para diminuir a importância da verdade e da beleza, em favor do conforto e da felicidade. A produção em massa exigia essa transferência. A felicidade universal mantém as engrenagens em funcionamento regular; a verdade e a beleza são incapazes de fazê-lo. E, é claro, cada vez que as massas tomavam o poder público, era a felicidade, mais do que a verdade e a beleza, o que importava. Não obstante, e apesar de tudo, a pesquisa científica irrestrita ainda era permitida. Continuava-se a falar na verdade e na beleza como se fossem os bens supremos. Até a época da Guerra dos Nove Anos. Ela fez com que mudassem de tom, posso garantir-lhes. Que valor podem ter a verdade, a beleza e o conhecimento quando as bombas de carbúnculo estouram em torno de nós? Foi então que a ciência começou a ser controlada: depois da Guerra dos Nove Anos. Nesse ponto, as pessoas estavam dispostas a deixar controlar até os seus apetites. Qualquer sacrifício em troca de uma vida sossegada. Desde então, nós temos continuado a controlar. Isso não foi muito bom para a verdade, sem dúvida. Mas foi excelente para a felicidade. É impossível obter alguma coisa por nada. A felicidade tem de ser paga. O senhor tem que pagar, Sr. Watson; tem que pagar porque se interessa demais pela beleza. Eu me interessava demais pela verdade; também paguei.

- Mas o senhor não foi para uma ilha - disse o Selvagem, rompendo um longo silêncio.

O Administrador sorriu.

- Foi assim que eu paguei. Optando por servir a felicidade. A dos outros, não a minha. É uma sorte - acrescentou, após uma pausa - que haja tantas ilhas pelo mundo. Não sei o que faríamos sem elas. Seríamos obrigados a metê-los todos na câmara de gás, suponho. A propósito, Sr. Watson, lhe agradaria um clima tropical? As Marquesas, por exemplo, ou Samoa? Ou preferiria algo mais estimulante?

Helmholtz levantou-se da poltrona pneumática.

- Gostaria de um clima fundamentalmente mau - respondeu. - Acredito que se poderia escrever melhor num clima rigoroso. Se houvesse muito vento e muitas tempestades, por exemplo.

O Administrador manifestou sua aprovação com um movimento de cabeça.

- Gosto de sua coragem, Sr. Watson. Gosto muitíssimo. Tanto quanto a desaprovo oficialmente. - Sorriu.

- Que acha das Ilhas Falkland?

- Sim, creio que me servem - retorquiu Helmholtz. - E agora, se me permite, vou ver como está o pobre Bernard.

Capítulo XVII

- A arte, a ciência... Parece-me que os senhores pagaram um preço bastante alto pela sua felicidade - observou o Selvagem, quando ficaram sós. - Mais alguma coisa?

- Bem, a religião, naturalmente - respondeu o Administrador. - Havia outrora algo que se chamava Deus, antes da Guerra dos Nove Anos. Mas esquecia-me: o senhor sabe muito bem o que é Deus, não?

- Ora... - O Selvagem hesitou.

Teria gostado de dizer alguma coisa sobre a solidão, a noite, a *mesa* estendendo-se pálida sob o luar, o precipício, o mergulho nas trevas cheias de sombras, a morte. Teria gostado de falar, mas não encontrava palavras. Nem mesmo em Shakespeare.

O Administrador, entretanto, atravessara a sala e dava volta à chave de um grande cofre embutido na parede, entre as estantes de livros. A porta abriu-se. Remexendo na escuridão do interior do cofre, disse:

- É um assunto que sempre me interessou muito. - Puxou um grosso volume negro. - Nunca leu isto, por exemplo?

O Selvagem pegou o livro.

- *A Bíblia Sagrada, Contendo o Velho e o Novo Testamento* - leu em voz alta no frontispício.

- Nem isto? - Era um livro pequeno, que tinha perdido a capa.

- *A Imitação de Cristo*.

- Nem isto? - Mostrou-lhe outro volume.

- *As Variedades da Experiência Religiosa*. Por William James.

- E tenho ainda muitos outros - continuou Mustafá Mond, voltando à sua poltrona. - Toda uma coleção de velhos livros pornográficos. Deus no cofre e Ford nas estantes.

Indicou, rindo, sua biblioteca, as estantes carregadas de livros, os armários cheios de bobinas para máquinas de leitura e rolos de gravação sonora.

- Mas se os senhores não ignoram Deus, por que não falam nele? - perguntou o Selvagem, indignado. - Por que não permitem a leitura desses livros sobre Deus?

- Pela mesma razão por que não apresentamos *Otelo*: eles são antigos. Tratam de Deus tal qual era há centenas de anos, não de Deus como é agora.

- Mas Deus não muda.

- Acontece que os homens mudam.

- Que diferença faz?

- Um mundo de diferença - retorquiu Mustafá Mond. Levantou-se outra vez e dirigiu-se ao cofre. - Houve um homem que se chamava Cardeal Newman. Um cardeal - explicou, como num parêntese - era uma espécie de Arquichante.

- "Eu, Pandolfo, da bela Milão cardeal." Li alguma coisa sobre eles em Shakespeare.

- Sem dúvida. Bem, como eu ia dizendo, havia um homem que se chamava Cardeal Newman. Ah, eis o livro. - Retirou-o do cofre. - E já que estou aqui, vou tirar também este outro. É de um homem que se chamava Maine de Biran. Era um filósofo, se é que sabe o que quer dizer isso.

- Um homem que sonha menos coisas do que as que existem no céu e na terra - respondeu

prontamente o Selvagem.

- Perfeitamente. Daqui a pouco vou ler-lhe uma das coisas que ele sonhou. Por enquanto, ouça o que diz este velho Arquichantre. - Abriu o livro no lugar marcado com uma tira de papel e começou a ler: - "Nós não pertencemos a nós mesmos, assim como não nos pertence aquilo que possuímos. Não fomos nós que nos fizemos, não podemos ter a jurisdição suprema sobre nós mesmos. Não somos nossos próprios senhores. Somos a propriedade de Deus. Não é para nós uma felicidade encararmos as coisas desse modo? Será a qualquer título uma felicidade, um conforto, considerarmos que pertencemos a nós mesmos? Os que são jovens e prósperos podem acreditar nisso. Podem crer que é uma grande coisa serem capazes de conseguir tudo segundo seus desejos, como supõem - não dependerem de ninguém, não terem de pensar em nada que não esteja ao alcance da vista, dispensarem a obrigação molesta da gratidão constante, da prece contínua, da incessante referência a tudo o que fazem à vontade de outro. Mas, com o correr do tempo, acabam percebendo, como todos, que a independência não foi feita para o homem - que é um estado antinatural - que pode satisfazer por algum tempo, mas não nos leva com segurança até o fim..." - Mustafá Mond parou, pousou sobre a mesa o primeiro livro e, tomando o outro, virou-lhe as páginas. - Veja isto, por exemplo - disse, e com sua voz profunda começou a ler novamente: - "Um homem envelhece; percebe em si mesmo aquela sensação radical de fraqueza, de atonia, de mal-estar que acompanha o avançar da idade; e, sentindo-se assim, julga estar apenas doente, aquietar seus temores com a idéia de que esse estado penoso é devido a alguma causa particular, da qual espera curar-se como de uma moléstia. Vãs imaginações! A moléstia é a velhice; e trata-se de uma doença horrível. Dizem que é o medo da morte, e do que vem depois da morte, que leva os homens a voltar-se para a religião à medida que os anos se acumulam. Todavia, a experiência pessoal me trouxe a convicção de que, completamente à parte de tais temores e imaginações, o sentimento religioso tende a desenvolver-se quando envelhecemos; tende a desenvolver-se porque, à medida que as paixões se acalmam, que a fantasia e a sensibilidade vão sendo menos excitadas e menos excitáveis, a razão é menos perturbada em seu exercício, menos obscurecida pelas imagens, desejos e distrações que a absorviam; então, Deus emerge como se tivesse saído detrás de uma nuvem; nossa alma vê, sente a fonte de toda luz, volta-se natural e inevitavelmente para ela; porque, tendo começado a esvair-se dentro de nós tudo aquilo que dava ao mundo das sensações sua vida e seu encanto, não sendo mais a existência material sustentada por impressões externas e internas, sentimos a necessidade de nos apoiarmos em algo que permaneça, que nunca nos traia - uma realidade, uma verdade, absoluta e eterna. Sim, voltamo-nos inevitavelmente para Deus; pois esse sentimento religioso é por natureza tão puro, tão delicioso para a alma que o experimenta, que compensa todas as nossas outras perdas".

Mustafá Mond fechou o livro e recostou-se na sua poltrona.

- Uma das numerosas coisas do céu e da terra com que não sonharam aqueles filósofos é isto - e agitou a mão; - nós, o mundo moderno. "Só se pode ser independente de Deus enquanto se tem juventude e prosperidade; a independência não nos levará até o fim em segurança." Pois bem, agora nós temos juventude e prosperidade até o fim. O que resulta daí? Evidentemente, que podemos prescindir de Deus. "O sentimento religioso nos compensará de todas as nossas perdas." Mas não há, para nós, perdas a serem compensadas; o sentimento religioso é supérfluo. E por que iríamos em busca de um sucedâneo dos desejos infantis, se esses desejos nunca nos faltam? De um sucedâneo das distrações, quando continuamos desfrutando todas as velhas tolices até o fim? Que necessidade temos de repouso, quando nosso corpo e nosso espírito continuam deleitando-se na atividade? De consolo, quando temos o *soma*. De alguma coisa imutável, quando temos a ordem social?

- Então o senhor acha que não existe um Deus?

- Ao contrário, penso que muito provavelmente existe.

- Então por que... ? Mustafá Mond atalhou-o.

- Mas ele se manifesta de modo diferente a homens diferentes. Nos tempos pré-modernos,

manifestava-se como o ser descrito nesses livros. Agora...

- Como se manifesta ele agora? - perguntou o Selvagem.

- Bem, ele se manifesta como uma ausência; como se absolutamente não existisse.

- A culpa é sua.

- Diga, antes, que a culpa é da civilização. Deus não é compatível com as máquinas, a medicina científica e a felicidade universal. É preciso escolher. Nossa civilização escolheu as máquinas, a medicina e a felicidade. Eis por que é preciso que eu guarde esses livros no cofre. Eles são indecentes. As pessoas ficariam escandalizadas se...

O Selvagem interrompeu-o.

- Mas não é *natural* sentir que há um Deus?

- O senhor poderia igualmente perguntar se é natural fechar as calças com fecho eclair - retrucou o Administrador sarcasticamente. - Faz-me lembrar outro desses antigos, chamado Bradley. Ele definia a filosofia como a arte de encontrar más razões para aquilo que se crê por instinto. Como se nós acreditássemos em alguma coisa, seja o que for, por instinto! Cremos nas coisas porque somos condicionados a crer nelas. A arte de encontrar más razões para aquilo que se crê por outras más razões, isso é a filosofia. As pessoas crêem em Deus porque foram condicionadas para crer em Deus.

- Ainda assim - insistiu o Selvagem - é natural crer em Deus quando se está só, completamente só, à noite, pensando na morte...

- Mas agora nunca se está só - disse Mustafá Mond. - Fazemos com que todos detestem a solidão, e organizamos a vida de tal forma que seja quase impossível conhecê-la.

O Selvagem concordou inclinando a cabeça com tristeza. Em Malpaís, sofrera porque o haviam excluído das atividades comunais do *pueblo*; na Londres civilizada, sofria porque nunca podia fugir dessas atividades comunais, nunca podia estar sossegado e só.

- Lembra-se daquela passagem do *Rei Lear*? - disse por fim. - "Os deuses são justos e de nossos vícios amáveis fazem instrumentos para nos torturar; o lugar sombrio e corrupto em que ele te engendrou custou-lhe os olhos;" e Edmund responde - o senhor se lembra, ele está ferido e agonizante: "Disseste bem; é a verdade. A roda deu a volta completa, e eis-me aqui". Que diz a isso? Não lhe parece que há um Deus dirigindo as coisas, punindo, recompensando?

- E lhe parece? - interrogou, por sua vez, o Administrador. - O senhor pode entregar-se com uma neutra a todos os vícios amáveis que quiser, sem correr o risco de ter os olhos furados pela amante de seu filho. "A roda deu a volta completa, e eis-me aqui." Mas onde estaria Edmund, em nossos dias? Sentado numa poltrona pneumática, com o braço em torno da cintura de uma mulher, chupando seu chiclete de hormônio sexual e assistindo a um filme sensível. Os deuses são justos. Sem dúvida. Mas o seu código de leis é ditado, em última instância, pelas pessoas que organizam a sociedade; a Providência recebe a palavra de ordem dos homens.

- Tem certeza disso? - perguntou o Selvagem. - Tem plena certeza de que Edmund, naquela poltrona pneumática, não foi punido tão severamente quanto o Edmund ferido e esvaindo-se em sangue? Os deuses são justos. Não terão usado seus vícios amáveis para degradá-lo?

- Degradá-lo de que posição? Como cidadão feliz, laborioso, consumidor de riquezas, ele é perfeito. Naturalmente, se o senhor escolher um critério de avaliação diferente do nosso, então talvez possa dizer que ele foi degradado. Mas é preciso que nos atenhamos a um só conjunto de postulados. Não se pode jogar o Golfe Eletromagnético segundo as regras da Balatela Centrífuga.

- Mas o valor de uma coisa não está na vontade de cada um. A sua estima e dignidade vem tanto do seu valor real, intrínseco, como da opinião daquele que a tomou.

- Vamos, vamos - protestou Mustafá Mond. - Isso é ir um pouco longe demais, não lhe parece?

- Se os senhores se permitissem pensar em Deus, não se deixariam degradar por vícios amáveis. Teriam uma razão para suportar as coisas com paciência, para fazer coisas com coragem! Vi isso entre os

índios.

- Estou certo que sim - respondeu Mustafá Mond. - Mas acontece que nós não somos índios. Um homem civilizado não tem por que suportar seja lá o que for de seriamente desagradável. E, quanto a fazer coisas, Ford os preserve de ter jamais tal idéia na cabeça! Toda a ordem social ficaria desorganizada se os homens se pusessem a fazer coisas por iniciativa própria.

- E o desprendimento, então? Se tivessem um Deus, teriam um motivo para o desprendimento.

- Mas a civilização industrial somente é possível quando não há desprendimento. É necessário o gozo até os limites impostos pela higiene e pelas leis econômicas. Sem isso, as rodas cessariam de girar.

- Teriam uma razão para a castidade! - disse o Selvagem, corando levemente ao pronunciar as palavras.

- Mas a castidade significa paixão, a castidade significa neurastenia. E a paixão e a neurastenia significam instabilidade. E a instabilidade é o fim da civilização. Não se pode ter uma civilização duradoura sem uma boa quantidade de vícios amáveis.

- Mas Deus é a razão de ser de tudo o que é nobre, belo, heróico. Se tivessem um Deus...

- Meu jovem amigo, a civilização não tem nenhuma necessidade de nobreza ou de heroísmo. Essas coisas são sintomas de incapacidade política. Numa sociedade convenientemente organizada como a nossa, ninguém tem oportunidade para ser nobre ou heróico. É preciso que as coisas se tornem profundamente instáveis para que tal oportunidade possa apresentar-se. Onde houver guerras, onde houver obrigações de fidelidade múltiplas e antagônicas, onde houver tentações a que se deva resistir, objetos de amor pelos quais se deva combater ou que seja preciso defender, aí, evidentemente, a nobreza e o heroísmo terão algum sentido. Mas não há guerras em nossos dias. Toma-se o maior cuidado em evitar amores extremados, seja por quem for. Não há nada que se assemelhe a obrigações de fidelidade antagônicas; todos são condicionados de tal modo que ninguém pode deixar de fazer o que deve. E o que se deve fazer é, em geral, tão agradável, deixa-se margem a tão grande número de impulsos naturais, que não há, verdadeiramente, tentações a que se deva resistir. E se alguma vez, por algum acaso infeliz, ocorrer de um modo ou de outro qualquer coisa de desagradável, bem, então há o *soma*, que permite uma fuga da realidade. E sempre há o *soma* para acalmar a cólera, para nos reconciliar com os inimigos, para nos tornar pacientes e nos ajudar a suportar os dissabores. No passado, não era possível alcançar essas coisas senão com grande esforço e depois de anos de penoso treinamento moral. Hoje, tomam-se dois ou três comprimidos de meia grama, e pronto. Todos podem ser virtuosos agora. Pode-se carregar consigo mesmo, num frasco, pelo menos a metade da própria moralidade. O cristianismo sem lágrimas, eis o que é o *soma*.

- Mas as lágrimas são necessárias. Não se lembra do que disse Otelo? "Se depois de toda tempestade vêm tais calmarias, então que soprem os ventos até acordar a morte!" Há uma história que os velhos índios costumavam contar, a respeito da Donzela de Mátsaki. Os jovens que desejavam desposá-la deviam passar a manhã capinando o seu jardim com uma enxada. Parecia fácil, mas havia moscas e mosquitos encantados. A maioria dos jovens simplesmente não podia suportar as picadas. Mas aquele que pôde suportá-las ficou com a moça.

- Encantador! Mas nos países civilizados - disse Mustafá Mond - pode-se ter moças sem precisar capinar para elas; e não há moscas nem mosquitos que piquem. Há séculos que nos livramos completamente deles.

O Selvagem inclinou a cabeça em aquiescência, franzindo o sobrolho.

- Livraram-se deles. Sim, é bem o modo dos senhores procederem. Livrar-se de tudo o que é desagradável, em vez de aprender a suportá-lo. Se é mais nobre para a alma sofrer os golpes de funda e as flechas da fortuna adversa, ou pegar em armas contra um oceano de desgraças e, fazendo-lhes frente, destruí-las... Mas os senhores não fazem nem uma coisa nem outra. Não sofrem e não enfrentam. Suprimem, simplesmente, as pedras e as flechas. É fácil demais.

Calou-se repentinamente, pensando na mãe. Em seu quarto do trigésimo sétimo andar. Linda flutuara num mar de luzes cantantes e de carícias perfumadas - e, flutuando, partira para fora do espaço e do tempo, para fora da prisão de suas recordações, de seus hábitos, de seu corpo envelhecido e inchado. E Tomakin, ex-Diretor de Incubação e Condicionamento, estava ainda em fuga pelo *soma* - em fuga da humilhação e da dor, num mundo onde não podia ouvir aquelas palavras, aquele riso zombeteiro, onde não podia ver aquele rosto hediondo, sentir aqueles braços úmidos e flácidos em torno do pescoço, num mundo de beleza...

- O que os senhores precisam - disse - é de alguma coisa com lágrimas, para variar. Nada custa bastante caro aqui.

("Doze milhões e quinhentos mil dólares", tinha protestado Henry Pôster, quando o Selvagem lhe dissera isso. "Doze milhões e quinhentos mil dólares - foi o que custou o novo Centro de Condicionamento. Nem um centavo menos.")

- Expor o que é mortal e inseguro, por uma casca de ovo embora, ao acaso, ao perigo, à morte. Isso não é alguma coisa? - perguntou ele, erguendo os olhos para Mustafá Mond. - Mesmo abstraindo de Deus, embora Deus, por certo, possa ser uma razão. Não é alguma coisa viver perigosamente?

- Sem dúvida nenhuma - respondeu o Administrador. - Os homens e as mulheres necessitam que se-lhes estimulem de tempos em tempos as cápsulas suprenais.

- O quê? - perguntou o Selvagem, que não compreendera.

- É uma das condições da saúde perfeita. Foi por esse motivo que tornamos obrigatórios os tratamentos de S. P. V.

- S. P. V. ?.

- Sucedâneo de Paixão Violenta. Regularmente, uma vez por mês, inundamos todo o organismo com adrenalina. É o equivalente fisiológico completo do medo e da cólera. Todos os efeitos tônicos de assassinar Desdêmona e de ser assassinada por Otelo, sem nenhum dos inconvenientes.

- Mas eu gosto dos inconvenientes.

- Nós, não. Preferimos fazer as coisas confortavelmente.

- Mas eu não quero conforto. Quero Deus, quero a poesia, quero o perigo autêntico, quero a liberdade, quero a bondade. Quero o pecado.

- Em suma - disse Mustafá Mond - o senhor reclama o direito de ser infeliz.

- Pois bem, seja - retrucou o Selvagem em tom de desafio. - Eu reclamo o direito de ser infeliz.

- Sem falar no direito de ficar velho, feio e impotente; no direito de ter sífilis e câncer; no direito de não ter quase nada que comer; no direito de ter piolhos; no direito de viver com a apreensão constante do que poderá acontecer amanhã; no direito de contrair a febre tifóide; no direito de ser torturado por dores indizíveis de toda espécie.

Houve um longo silêncio.

- Eu os reclamo todos - disse finalmente o Selvagem.

Mustafá Mond encolheu os ombros.

- A vontade - respondeu.

Capítulo XVIII

A porta estava entreaberta; eles entraram.

- John!

Do quarto de banho veio um ruído desagradável e característico.

- Está sentindo alguma coisa? - gritou Helmholtz.

Não houve resposta. O ruído desagradável repetiu-se por duas vezes. Fez-se um silêncio. Depois, com um estalido, a porta do banheiro abriu-se e, muito pálido, o Selvagem apareceu.

- Que é isso, John? - exclamou Helmholtz com solicitude. - Você está mesmo com ar de doente!

- Comeu alguma coisa que não lhe fez bem? - perguntou Bernard.

O Selvagem fez um sinal afirmativo.

- Comi a civilização.

- O quê?

- Ela me envenenou; fiquei contaminado. E então - acrescentou em voz mais baixa - engoli minha própria perversidade.

- Sim, mas o que foi, precisamente... ? Quero dizer, ainda há pouco, você estava...

- Agora estou purificado - retorquiu o Selvagem. - Tomei mostarda com água morna.

Os dois fitaram-no assombrados.

- Quer dizer que fez isso de propósito? - perguntou Bernard.

- É assim que os índios sempre se purificam. - O Selvagem sentou-se e, suspirando, passou a mão pela testa. - Vou repousar alguns minutos. Estou um pouco cansado.

- Bem, isso não me surpreende - disse Helmholtz. Depois de um silêncio, acrescentou em outro tom: - Nós viemos despedir-nos; partimos amanhã pela manhã.

- Sim, nós partimos amanhã pela manhã - confirmou Bernard, em cujo rosto o Selvagem notou uma expressão nova de decisão resignada. - E, a propósito, John - continuou ele, inclinando-se para diante na cadeira e pousando a mão no joelho do Selvagem - eu queria dizer-lhe quanto lamento o que se passou ontem. - Corou. - Quanto estou envergonhado - prosseguiu, apesar do tremor de sua voz - quanto, na verdade...

O Selvagem interrompeu-o e, tomando-lhe a mão, apertou-a afetuosamente.

- Helmholtz foi extremamente bondoso comigo - recomeçou Bernard, depois de pequena pausa. - Se não fosse ele...

- Ora, vamos - protestou Helmholtz.

Houve um silêncio. Apesar da sua tristeza - por causa mesmo dessa tristeza, pois ela era um sintoma da afeição que se tributavam - os três jovens sentiam-se felizes.

- Fui falar com o Administrador esta manhã - disse, por fim, o Selvagem.

- Para quê?

- Para perguntar se eu não poderia ir com vocês para as ilhas.

- E que disse ele? - perguntou vivamente Helmholtz.

O Selvagem sacudiu a cabeça.

- Não consentiu.

- Por que não?

- Disse que queria continuar a experiência. Mas diabos me levem – acrescentou o Selvagem, com súbito furor - diabos me levem se eu continuar a servir de objeto de experiências. Nem por todos os Administradores do mundo. Também parto amanhã.

- Mas para onde? - perguntaram os dois ao mesmo tempo.

O Selvagem deu de ombros.

- Para qualquer parte. Pouco me importa. Contanto que eu possa estar só.

De Guildford, a rota aérea de sudoeste seguia o vale do Wey até Godalming, depois, por Milford e Witley, dirigia-se para Haslemere e continuava por Petersfield até Portsmouth. Com um traçado aproximadamente paralelo, a rota de retorno passava por Worplesden, Tongham, Puttenham, Elstead e Grayshott. Entre a crista do Hog's Back e Hindhead, havia pontos em que as duas rotas não distavam mais de seis ou sete quilômetros da outra. Essa distância era muito pequena para os aviadores descuidados - sobretudo à noite e quando tinham ingerido meia grama além da dose normal. Houvera acidentes. Graves. Resolvera-se por isso desviar a rota de retorno alguns quilômetros para oeste. Entre Grayshott e Tongham, quatro faróis aéreos abandonados assinalavam o traçado da antiga rota de Portsmouth a Londres. O céu, acima deles, tornara-se silencioso e deserto. Era por Selborne, Borden e Farnham, que, zumbindo e rugindo, passavam agora sem interrupção os helicópteros.

O Selvagem escolhera para seu eremitério o velho farol que se erguia sobre a crista da colina entre Puttenham e Elstead. A construção era de cimento armado e estava em excelentes condições - quase confortável demais, pensara o Selvagem, ao explorar o local pela primeira vez, quase excessivamente luxuosa e civilizada. Aplacou a consciência prometendo impor-se, como compensação, uma disciplina pessoal mais dura, purificações completas e rigorosas. Sua primeira noite no novo eremitério foi deliberadamente uma noite de insônia. Passou-a de joelhos, dirigindo preces ora àquele Céu a que o culpado Cláudio mendigara perdão, ora em zuni a Awonawilona, ora a Jesus e Pukong, ora ao seu próprio animal guardião, a águia.

De quando em quando, abria os braços como se estivesse pregado numa cruz e mantinha-os assim por longos minutos, sentindo dores que aumentavam gradualmente até se tornarem uma agonia trêmula e cruciante; mantinha-os assim numa crucificação voluntária, repetindo entre os dentes semicerrados (ao mesmo tempo que o suor lhe escorria pelo rosto): "Oh! Perdoai-me! Purificai-me! Oh! Ajudai-me a ser virtuoso!" muitas e muitas vezes até quase desmaiar de dor.

Quando raiou a manhã, ele sentiu que havia conquistado o direito de habitar o farol; sim, embora ainda houvesse vidraças na maioria das janelas, embora a vista da plataforma fosse tão bela. Pois a razão que o levava a escolher o farol tinha-se tornado quase imediatamente uma razão para preferir outro lugar. Ele decidira viver ali porque a paisagem era belíssima; porque, desse ponto elevado, parecia-lhe contemplar a encarnação de um ser divino. Mas quem era ele, para ser agraciado com o espetáculo diário, e mesmo horário, da beleza? Quem era ele, para viver na presença visível de Deus? Tudo o que merecia, como habitação, era alguma pocilga suja, algum escuro buraco no chão. Ainda dolorido e com as juntas emperradas depois da longa noite de sofrimentos, mas, por isso mesmo, acalmado interiormente, subiu até a plataforma da sua torre e contemplou o luminoso mundo matinal em que agora tinha novamente o direito de viver.

Ao norte, a paisagem era limitada pela longa aresta de giz da crista de Hog's Back, atrás de cuja extremidade oriental se erguiam as torres dos sete arranha-céus que constituíam Guildford. Vendo-as, o Selvagem fez uma careta; mas ainda iria reconciliar-se com elas, porque, à noite, cintilavam alegremente em constelações geométricas, ou então, iluminadas por projetores, dirigiam seus dedos luminosos, solenemente (num gesto que ninguém na Inglaterra, exceto o Selvagem, compreendia agora), para os

mistérios insondáveis do céu.

No vale que separava o Hog's Back da colina arenosa sobre a qual se erguia o farol, Puttenham era uma pequena e modesta aldeia, alta de nove andares, com silos, uma granja avícola e uma pequena fábrica de vitamina D. Do outro lado do farol, para o sul, o terreno descia em pendentes cobertas de urzes até uma série de pequenas lagoas.

Além, acima dos bosques intermediários, erguia-se a torre de quatorze andares de Elstead. Vagamente perceptíveis através do ar brumoso da Inglaterra, Hindhead e Selborne solicitavam o olhar para um longínquo e romântico azul. Mas não era só a paisagem distante o que atraía o Selvagem ao farol; as cercanias não eram menos sedutoras. Os bosques, as extensões abertas de urzes e tojos amarelos, os grupos de pinheiros-silvestres, as lagoas brilhantes com suas bétulas inclinadas, seus nenúfares, suas moitas de junco - tudo isso era magnífico e, para olhos habituados à aridez do deserto americano, surpreendente. E, além do mais, a solidão! Passavam-se dias inteiros sem que ele visse um único ser humano. O farol estava a apenas um quarto de hora de vôo da Torre de Charing-T; mas as montanhas de Malpaís eram pouco mais desertas do que aquela charneca do Surrey. As multidões que deixavam diariamente Londres só o faziam para jogar Golfe Eletromagnético ou Tênis. Puttenham não tinha campo de golfe; as superfícies de Riemann mais próximas achavam-se em Guildford. As flores e a paisagem eram ali as únicas atrações. De modo que, como não havia razão plausível para vir, ninguém vinha. Durante os primeiros dias o Selvagem viveu só, sem ser incomodado.

Do dinheiro que recebera ao chegar, para suas despesas pessoais, tinha gasto a maior parte com o seu equipamento. Antes de deixar Londres, comprara quatro cobertores de lã de viscose, corda, barbante, pregos, cola, algumas ferramentas, fósforos (se bem que tivesse a intenção de fazer uma broca de fogo), algumas panelas e caçarolas, duas dúzias de pacotes de sementes e dez quilos de farinha de trigo. "Não, nada de pseudofarinha de amido sintético e resíduos de algodão", insistira, "mesmo que seja mais nutritiva." Mas, quanto aos biscoitos panglandulares e à pseudocarne vitaminada, não pudera resistir às palavras persuasivas do vendedor. Contemplando agora as latas, censurou-se amargamente por sua fraqueza. Asquerosos produtos civilizados! Tinha resolvido não os comer nunca, ainda que estivesse morrendo de fome.

"Isso lhes servirá de lição", pensou vingativamente. Também serviria de lição a ele. Contou o dinheiro. O pouco que sobrara bastaria, segundo esperava, para passar o inverno. Na próxima primavera sua horta produziria o necessário para torná-lo independente do mundo exterior. Enquanto isso, sempre haveria a caça. Tinha visto coelhos em quantidade, e também aves aquáticas nas lagoas. Imeditamente se pôs a preparar um arco e flechas.

Havia freixos perto do farol e, para as hastes das flechas, uma mata de amendoeiras novas, maravilhosamente retas. Começou por derrubar um freixo novo, cortou um pedaço de tronco de dois metros, sem galhos, descascou-o e, camada após camada, tirou toda a madeira branca, como o velho Mitsima lhe havia ensinado, até obter uma haste de arco da sua altura, rígida no centro mais grosso, flexível e vibrátil nas extremidades afinadas. O trabalho causou-lhe intenso prazer. Depois de todas aquelas semanas de ócio em Londres, durante as quais nada mais tinha a fazer, quando desejava alguma coisa, do que apertar um botão ou dar volta a uma manivela, era uma delícia dedicar-se a uma ocupação que exigia habilidade e paciência.

Já tinha quase terminado de desbastar a vara até lhe dar a forma desejada, quando percebeu, com sobressalto, que estava cantando – *cantando*. Foi como se, vindo do exterior e encontrando a si mesmo por acaso, se tivesse apanhado em flagrante delito.

Corou como um culpado. No fim de contas, não era para cantar e ser feliz que tinha ido para lá. Era para escapar à contaminação da imundície da vida civilizada; era para purificar-se e tornar-se virtuoso; era para redimir-se ativamente. Para sua consternação, deu-se conta de que, absorvido pela fabricação do arco, esquecera o que tinha jurado recordar constantemente - a pobre Linda e sua própria

dureza assassina para com ela, e aqueles gêmeos repulsivos, formigando como piolhos sobre o mistério de sua morte, insultando com sua presença não somente a dor e o arrependimento dele, como até os próprios deuses. Tinha jurado lembrar-se, tinha jurado consagrar-se incessantemente ao resgate de tudo aquilo. E ali estava sentado, feliz, trabalhando na vara do seu arco, cantando, incrivelmente cantando...

Então, abriu a lata de mostarda e pôs água para ferver.

Meia hora depois, três trabalhadores agrícolas Deltas-Menos de um dos Grupos Bokanovsky de Puttenham passavam em um caminhão para Elstead e, no alto da colina, surpreenderam-se ao ver um jovem de pé, diante do farol abandonado, nu da cintura para cima e flagelando-se com um azorrague. Tinha as costas riscadas horizontalmente de carmesim, e entre as riscas corriam delgados filetes de sangue. O motorista parou à beira da estrada e, com os dois companheiros, contemplou, de olhos arregalados e boca aberta, o extraordinário espetáculo. Um, dois, três — eles contaram os golpes. Depois do oitavo, o jovem interrompeu o castigo que se estava impondo, para correr à orla do bosque e vomitar violentamente. Quando acabou, apanhou o chicote e recomeçou a golpear-se. Nove, dez, onze, doze...

- Ford! - murmurou o motorista. E os seus gêmeos foram da mesma opinião. - Meu Ford! - disseram.

Três dias depois, como urubus descendo sobre a carniça, chegaram os repórteres. Secado e endurecido a fogo lento de madeira verde, o arco ficara pronto. O Selvagem estava ocupado na confecção de flechas. Trinta varinhas de amendoeira tinham sido cortadas e secadas, munidas, na ponta, de um prego aguçado e, no cabo, de um pequeno entalhe cuidadosamente cortado. Ele fizera, certa noite, uma incursão à granja avícola de Puttenham, e tinha agora penas em quantidade suficiente para suprir todo um arsenal de flechas. Foi em pleno trabalho de guarnecer de penas as suas setas que o primeiro repórter o encontrou. Sem ruído, graças aos seus sapatos pneumáticos, o homem aproximou-se dele pelas costas.

- Bom dia, Sr. Selvagem - disse. - Sou o representante do *Rádio Horário*.

Sobressaltado como pela picada de uma serpente, o Selvagem ergueu-se de um pulo, espalhando flechas, penas, pote de cola e pincel em todas as direções.

- Peço-lhe desculpas - disse o repórter, com sincero pesar. - Não tinha a intenção... - Levou a mão ao chapéu, à cartola de alumínio em que levava seu receptor e transmissor de rádio. - Desculpe-me se não o tiro - excusou-se. - É um pouco pesado... Como estava dizendo, sou o representante do *Rádio*...

- Que é que quer? - perguntou o Selvagem, carrancudo.

Em resposta, o repórter dirigiu-lhe seu sorriso mais insinuante.

- É que, naturalmente, nossos leitores se interessariam muito em... - Inclinou a cabeça para um lado, seu sorriso tornou-se quase sedutor. - Apenas algumas palavras suas, Sr. Selvagem.

Rapidamente, com uma série de gestos rituais, desenrolou dois fios metálicos ligados à bateria portátil que trazia presa ao cinto; conectou-os simultaneamente às paredes do chapéu de alumínio; tocou em uma mola na copa - e duas antenas ergueram-se no ar; tocou em outra mola na margem da aba - e, como um boneco de uma caixa de surpresas, saltou um microfone que ficou ali suspenso, balançando-se a quinze centímetros do seu nariz; baixou dois receptores sobre as orelhas; apertou um comutador no lado esquerdo do chapéu - e do interior saiu um leve zumbido de abelha; torceu um botão à direita - e o zumbido foi interrompido por uma crepitação e um chiado estetoscópico, por soluços e guinchos súbitos.

- Alô - falou ele ao microfone. - É você, Edzel? Aqui, Primo Mellon. Sim, encontrei-o. O Sr. Selvagem vai agora tomar o microfone e dizer algumas palavras. Não é, Sr. Selvagem? - Ergueu os olhos para o Selvagem com outro daqueles sorrisos cativantes. - Queira simplesmente dizer aos nossos leitores por que veio para cá. O que o fez deixar Londres (não corte, Edzel!) de maneira tão repentina. E, naturalmente, fale-lhes do seu chicote. - (O Selvagem sobressaltou-se. Como sabiam do azorrague?) - Nós estamos todos ansiosos por ouvi-lo falar a respeito do chicote. E, depois, diga-nos alguma coisa

sobre a Civilização. O senhor sabe a que espécie de coisa me refiro. "O que penso da Mulher Civilizada." Algumas palavras somente, umas poucas...

O Selvagem obedeceu ao pé da letra, de modo desconcertante. Pronunciou cinco palavras, não mais - cinco palavras, as mesmas que dissera a Bernard acerca do Arquichante de Canterbury. - *Hánil Sons éso tse-ná!* - E, segurando o repórter pelos ombros, fê-lo girar (o rapaz revelou-se convidativamente bem fornido), apontou e, com toda a força e precisão de um campeão de futebol, desferiu-lhe um pontapé verdadeiramente prodigioso.

Oito minutos mais tarde, uma nova edição do *Rádio Horário* era vendida nas ruas de Londres.

"Repórter do Rádio Horário Recebe do Selvagem Misterioso um Pontapé no Cóccix", dizia a manchete da primeira página. **"Sensação no Surrey."**

"Sensação mesmo em Londres", pensou o repórter quando, ao voltar, leu essas palavras. E, o que era mais, uma sensação bastante dolorosa. Sentou-se com muito cuidado para almoçar.

Sem se deixarem intimidar por aquela contusão admonitória no cóccix de seu colega, quatro outros repórteres, representando o *Times* de Nova Iorque, o *Continuum Quadridimensional* de Francforte, 9 *Monitor da Ciência Fordiana* e o *Espelho dos Deltas*, foram na mesma tarde ao farol, sendo recebidos com uma violência progressivamente maior.

A uma distância suficiente para sentir-se em segurança, e ainda esfregando as nádegas, o homem do *Mphitor da Ciência Fordiana* gritou:

- Imbecil ignorante! Por que não toma soma?

- Vá embora! - O Selvagem mostrou-lhe o punho cerrado.

O outro recuou alguns passos, depois voltou-se novamente:

- O mal é uma irrealidade se se tomam duas gramas.

- *Kohakwa iyathtokyai!* - O tom de voz do Selvagem era ameaçadoramente zombeteiro.

- A dor é uma ilusão.

- Ah, sim? - replicou o Selvagem; e, pegando uma grossa vara de amendoeira, avançou para ele.

O homem do *Monitor* correu para o helicóptero.

Depois disso, deixaram o Selvagem em paz durante algum tempo. Uns poucos helicópteros vieram pairar inquiridoramente em volta da torre. Ele atirou uma flecha no mais importunamente próximo. A seta furou o piso de alumínio da cabina. Houve um urro estridente, e o aparelho deu no ar um salto correspondente ao máximo de aceleração que lhe pôde imprimir o piloto. Os outros, desde então, conservaram-se a uma distância respeitosa. Sem dar atenção ao zumbido fastidioso dos helicópteros (ele comparava-se, na imaginação, a um dos candidatos à Donzela de Mátsaki, impassível e persistente ante a vermina alada), o Selvagem cavava o que viria a ser a sua horta. No fim de algum tempo, a vermina evidentemente se cansava e ia embora; durante horas a fio, o céu acima dele ficaria vazio e silencioso, não fossem as cotovias.

Estava quente e pesado, o ar carregado de eletricidade. Ele cavara toda a manhã e repousava deitado no chão. De repente, a lembrança de Lenina tornou-se uma presença real, nua e tangível, dizendo: "Meu querido!" e "Aperta-me em teus braços!" - vestida somente com suas meias e sapatos, e perfumada. Cortesã impudente! Mas - oh! oh! - seus braços rodeando o pescoço de John, o arfar de seus seios, sua boca! "A eternidade estava em nossos lábios e em nossos olhos\ Lenina... Não, não, não, não!

Ergueu-se de um salto e, tal como se achava, seminu, saiu da casa correndo. Na orla da mata erguia-se um maciço de zimbros velhos. Atirou-se sobre eles e apertou contra si, não o corpo macio de seus desejos, mas uma braçada de espinhos verdes. Acerados, com suas mil pontas, eles picaram-no. Tentou pensar na pobre Linda, ofegante e muda, com suas mãos que faziam o gesto de agarrar e os olhos cheios de terror indizível - na pobre Linda, de quem tinha jurado lembrar-se sempre. Mas era ainda a presença de Lenina que o obsidiava. Mesmo sob os arranhões e as picadas do zimbro, sua carne fremente

tinha consciência dela, da sua presença real, à qual não podia fugir. "Meu querido, meu querido... E .se você também me queria, por que é que não... ?"

O azorrague estava pendurado num prego ao lado da porta, ao alcance da mão para o caso de chegarem repórteres. Num frenesi, o Selvagem voltou correndo à casa, apanhou-o e brandiu-o. Os nós do açoite morderam-lhe a carne.

- Cortesã, cortesã! - bradava a cada golpe, como se fosse Lenina (e com que furor, sem o saber, desejava que fosse ela!), aquela Lenina infame de corpo branco, tépido, perfumado, que ele flagelava assim. - Cortesã! - E depois, com voz desesperada: - Oh! Linda, perdoa-me. Perdoai-me, Deus! Eu sou vil! Eu sou mau. Eu sou... Não, não, cortesã! Cortesã!

Do seu esconderijo construído cuidadosamente no bosque, a trezentos metros dali, Darwin Bonaparte, o mais hábil fotógrafo de caça grossa da Companhia Geral de Filmes Sensíveis, observara toda a cena. A paciência e a habilidade tinham sido recompensadas. Ele passara três dias sentado no tronco oco de um carvalho artificial, três noites a arrastar-se através das urzes, escondendo microfones nas touceiras de tojo, enterrando fios na areia cinzenta e mole. Setenta e duas horas de profundo desconforto. Mas agora chegara o grande momento - o maior, teve tempo de refletir Darwin Bonaparte enquanto se deslocava entre seus aparelhos, o maior desde aquela tomada de vistas do famoso Sensível cem por cento urrante e estereoscópico do casamento dos gorilas. "Esplêndido!" dissera consigo mesmo quando o Selvagem começara suas estranhas atividades.

"Esplêndido!" Manteve suas câmeras telescópicas cuidadosamente focadas no alvo móvel coladas nele; instalou uma objetiva mais poderosa para obter um *close-up* da fisionomia frenética e contorcida (admirável!); tomou durante meio minuto a vista em câmara lenta (efeito de uma comicidade deliciosa, prometeu a si mesmo); ouviu durante esse tempo, no receptor, os golpes, os gemidos, as palavras ferozes e desvairadas que se gravavam na trilha sonora, à margem da fita; ensaiou o efeito de uma leve ampliação (sim, decididamente era melhor assim); ficou encantado ao ouvir, num silêncio momentâneo, o canto estridente de uma cotovia; desejou que o Selvagem se virasse, para que ele pudesse obter um *close-up* do sangue que escorria pelas costas - e, quase em seguida (que sorte assombrosa!) o jovem, complacente, virou-se e ele pôde tomar um *close-up* perfeito.

- Sim, senhor! Foi formidável! - disse, quando tudo terminou. - Realmente formidável! - Enxugou o rosto. Depois que introduzissem os efeitos do sensível, no estúdio, seria um filme estupendo. Quase tão bom, pensou Darwin Bonaparte, como a *Vida Amorosa do Cachalote*; e isso, por Ford, não era pouca coisa!

Doze dias depois, *O Selvagem do Surrey* era projetado, e podia ser visto, ouvido e sentido em todas as salas de cinema sensível de primeira ordem da Europa Ocidental. O efeito produzido pelo filme de Darwin Bonaparte foi imediato e enorme. Na tarde que se seguiu à apresentação ao público, a solidão rústica de John foi subitamente violada por um enxame de helicópteros.

Ele estava cavando com a pá a sua horta - e cavando igualmente em seu espírito, trazendo laboriosamente à tona a substância dos seus pensamentos. A morte - e enterrava a pá uma vez, e outra, e ainda outra. "E todos os nossos dias passados iluminaram o caminho da morte para os tolos." Ribombava através dessas palavras um trovão convincente. Levantou mais uma pá de terra. Por que morrerá Linda? Por que tinham permitido que ela se tornasse gradualmente menos que humana, e por fim... ?

Estremeceu. Um cadáver putrefato bom para beijar. Pôs o pé sobre a pá e enterrou-a raivosamente no chão duro. Para os deuses, somos como moscas para as crianças travessas; matam-nos para se divertirem. Outra vez, o ribombar; palavras que se proclamavam verdadeiras - mais verdadeiras, de algum modo, que a própria verdade. E no entanto esse mesmo Gloucester chamara-os de deuses sempre benévolos. Além do mais, o melhor do teu repouso é o sono, e tu mesmo o provocas muitas vezes; no entanto, temes intensamente a morte, que não é mais do que ele. 3 Não mais do que o sono. Dormir. Talvez sonhar... A pá topou numa pedra, ele abaixou-se para tirá-la. E nesse sono da morte, que sonhos...

?

Um zumbido sobre sua cabeça tinha-se transformado em rugido; e, de repente, achou-se na sombra, havia algo entre ele e o sol. Sobressaltado, ergueu os olhos de sua pá e de seus pensamentos; ergueu os olhos num aturdimento deslumbrado, o espírito ainda vagando naquele mundo mais verdadeiro que a verdade, ainda concentrado na imensidade da morte e dos deuses; ergueu os olhos e viu, acima de sua cabeça e bem perto, o enxame dos aparelhos planando. Chegavam como gafanhotos, ficavam suspensos, imóveis, desciam em torno dele sobre as urzes. E do ventre desses gafanhotos gigantescos saíam homens em traje de flanela branca de viscose, mulheres (pois fazia calor) em pijama de xantungue de acetato, ou em calções de belbutina e jérsei sem mangas, de fecho eclair semi-aberto - um casal por aparelho. No fim de alguns minutos havia ali dúzias deles, numa vasta circunferência em roda do farol, olhando, rindo, tirando fotografias, atirando-lhes (como a um macaco) amendoim, pacotes de chiclete de hormônio sexual, *petits beurres* panglandulares. E a todo instante - pois, sobrevoando a crista de Hog's Back, a torrente de tráfego corria sem parar - seu número aumentava.

Como num pesadelo, as dúzias tornavam-se vintenenas, centenas.

O Selvagem recuara em busca de abrigo; e agora, na posição de um animal acossado, encostara-se na parede do farol, dirigindo o olhar de um rosto a outro, num horror mudo, como um homem demente.

Despertou-o desse estupor o choque contra seu rosto de um pacote de chiclete atirado com precisão, trazendo-o a uma consciência mais imediata da realidade. Um sobressalto de dor e de surpresa - e ele estava completamente desperto, desperto e tomado de uma cólera feroz.

- Vão embora! - bradou.

O macaco falara; houve uma explosão de risos e aplausos. "Este bom Selvagem! Hurra! Hurra!" E, no meio da algazarra ouviu gritos de "Chicote, chicote, chicote!"

Obedecendo à sugestão dessa palavra, tirou do prego, atrás da porta, o feixe de açoites trançados e brandiu-o diante dos seus atormentadores.

Houve um urro de aplausos irônicos.

Avançou ameaçadoramente para eles. Uma mulher soltou um grito de medo. A linha oscilou no seu ponto mais imediatamente exposto, depois se refez e manteve-se firme. A consciência da esmagadora superioridade numérica dava aos curiosos uma coragem que o Selvagem não esperava. Surpreendido, parou e lançou um olhar em redor.

- Por que não me deixam em paz? - Havia uma nota quase queixosa em sua cólera.

- Tome estas amêndoas salgadas com magnésio - disse o homem que, se o Selvagem avançasse, seria o primeiro a sofrer o ataque. E estendeu a mão com um pacote. - São realmente boas, garanto-lhe - acrescentou com um sorriso propiciatório um pouco nervoso - e os sais de magnésio ajudam a conservar sua mocidade.

O Selvagem não deu atenção ao oferecimento.

- Que querem de mim? - perguntou, voltando os olhos de um rosto sarcástico a outro. - Que querem de mim?

- O chicote! - responderam confusamente cem vozes. - As chicotadas! Queremos ver as chicotadas!

Depois, em coro e num ritmo lento, pesado:

- Nós-queremos-o-chicote! - gritou um grupo no extremo da linha. - Nós-queremos-o-chicote!

Outros retomaram logo o grito e a frase foi repetida como por papagaios, muitas e muitas vezes, com um volume de som sempre crescente, até que, depois da sétima ou oitava repetição, não se ouvia nenhuma outra palavra. "Nós-queremos-o-chicote!" Todos gritavam juntos; e, embriagados pelo clamor, pela unanimidade, pelo sentimento de comunhão rítmica, teriam podido, segundo parecia, continuar durante horas - quase indefinidamente. Mas, pela vigésima quinta repetição, a cena foi de súbito interrompida. Outro helicóptero tinha chegado de além da crista de Hog's Back, ficou pairando acima da

multidão, depois pousou a alguns metros do lugar onde estava o Selvagem, no espaço livre entre a linha de curiosos e o farol. O barulho das hélices dominou momentaneamente os gritos; depois, quando o aparelho pousou no chão e os motores pararam, eles recomeçaram:

"Nós-queremos-o-chicote! Nós-queremos-o-chicote!" - no mesmo tom invariável, insistente e forte.

A porta do helicóptero abriu-se, saindo um rapaz louro de rosto vermelho; depois com um calção de belbutina verde, uma blusa branca e, na cabeça, um boné de jôquei, apareceu uma moça.

À vista da jovem, o Selvagem estremeceu, recuou, empalideceu.

A moça ficou de pé, sorrindo para ele - um sorriso hesitante, púplice, quase abjeto. Passaram-se alguns segundos. Seus lábios moveram-se - ela dizia qualquer coisa; mas sua voz foi abafada pelo estribilho forte e repetido dos curiosos; "Nós-queremos-o-chicote! Nós-queremos-o-chicote!"

A jovem apoiou as duas mãos no coração, e no seu rosto corado como um pêssego, lindo como o de uma boneca, apareceu uma expressão estranhamente incôgrua de aflição anelante. Seus olhos azuis pareceram dilatar-se, tornar-se mais brilhantes; e, subitamente, duas lágrimas rolaram-lhe pelas faces. Em voz inaudível, falou outra vez; depois, com um gesto vivo e apaixonado, estendeu os braços para o Selvagem e deu um passo à frente.

"Nós-queremos-o-chicote! Nós-queremos..."

E, de repente, eles tiveram o que pediam.

- Cortesã! - O Selvagem avançou para ela como um louco. - Fuinha! - Como um louco, pôs-se a vergastá-la com seu chicote de cordas finas.

Aterrorizada, ela virou-se para fugir, tropeçou e caiu no meio das urzes.

- Henry! Henry! - gritou.

Mas seu rubicundo companheiro correria a abrigar-se do perigo atrás do helicóptero.

Com um bramido de excitação deliciada, a linha rompeu-se. Houve uma corrida convergente para aquele centro de atração magnética. A dor era um horror que fascinava.

- Ferve, luxúria, ferve! - Com frenesi, o Selvagem vergastou-a outra vez.

Avidamente os curiosos os rodearam, empurrando-se e atropelando-se como porcos em redor do cocho.

- Oh! A carne!, - O Selvagem rangeu os dentes. Dessa vez foi sobre seus próprios ombros que se abateu o chicote. - Mata! Mata!

Atraídos pela fascinação do horror do sofrimento e, interiormente, impelidos pelo hábito da ação em comum, pelo desejo de unanimidade e comunhão, que o condicionamento neles implantara de forma tão indelével, os curiosos puseram-se a imitar o frenesi dos gestos do Selvagem, batendo uns nos outros, enquanto ele fustigava sua própria carne rebelde, ou aquela encarnação roliça da torpeza que se contorcia nas urzes a seus pés.

- Mata, mata, mata... - continuava gritando o Selvagem.

Depois, subitamente, alguém começou a cantar: "Orgião-espadão!" Num instante, todos repetiram o estribilho, e, cantando, puseram-se a dançar. Orgião-espadão, girando, girando, girando em círculo, batendo uns nos outros, em compasso de seis-oito. Orgião-espadão.. .

Passava da meia-noite quando o último helicóptero levantou vôo. Entorpecido pelo *soma* e esgotado por um prolongado frenesi de sensualidade, o Selvagem jazia adormecido sobre as urzes. O sol já ia alto no céu quando ele acordou. Ficou imóvel um momento, os olhos piscando à luz, numa incompreensão de mocho; depois, repentinamente, lembrou-se de tudo.

-Oh! Meu Deus, meu Deus! - cobriu os olhos com as mãos.

Naquela tarde, o enxame de helicópteros que vinham zumbindo por sobre a crista de Hog's Back era uma nuvem escura de dez quilômetros de comprimento. A descrição da orgia de comunhão da noite anterior fora publicada em todos os jornais.

- Selvagem! - gritaram os primeiros a chegar, enquanto desciam dos aparelhos. - Sr. Selvagem!
Não tiveram resposta.

A porta do farol estava entreaberta. Empurraram-na e entraram numa penumbra de janelas fechadas. Por um arco na outra extremidade da peça viam-se os primeiros degraus da escada que levava aos andares superiores. Exatamente sob o fecho do arco pendiam dois pés.

- Sr. Selvagem!

Lentamente, muito lentamente, como duas agulhas de bússola sem pressa, os pés voltaram-se para a direita: norte, nordeste, leste, sudeste, sul, sul-sudoeste; depois detiveram-se e, passados alguns segundos, começaram a girar, com a mesma lentidão, para a esquerda. Sul-sudoeste, sul, sudeste, leste...

Aldous Huxley

REGRESSO AO ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Tradução de Eduardo Nunes Fonseca

Editora Círculo do Livro –

1ª edição 1987

Em homenagem a Guy Montag

Prefácio

A síntese do espírito de finura pode transformar-se na própria essência da não-verdade. Por mais elegante e resumida que seja, a brevidade nunca pode, pela natureza dos fatos, ter em conta todos os casos de uma atuação complexa. Ao cuidar-se um tema com essas características só se pode ser conciso à custa de omissões e simplificações. A omissão e a simplificação auxilia-nos a compreender, contudo auxiliam-nos, em muitos casos a compreender imperfeitamente; porque a nossa percepção pode ser só a percepção das noções nitidamente formuladas por quem resume, e não a da realidade vasta e ramificada, a partir da qual tais noções foram separadas de modo tão arbitrário.

Porém a vida é curta e o conhecimento ilimitado: ninguém dispõe de tempo para tudo. Na realidade somos, de um modo geral, forçados a optar entre uma exposição impropriamente breve e a impossibilidade de expor. Sintetizar é um mal necessário, e a tarefa daquele que sintetiza é fazer da melhor maneira possível um trabalho que, embora essencialmente mau, ainda seja melhor do que nada. Deve aprender simplificar, mas sem chegar ao extremo de falsificar. Sem aprender a concentrar-se sobre o imprescindível de uma conjuntura, mas sem desconhecer muitos aspectos marginais expressivos da realidade.

Assim sendo, pode suceder que não esteja capacitado a dizer toda a verdade (porque toda a verdade em torno de quase todos os assuntos importantes é incompatível com a concisão), mas poderá dizer avultadamente mais do que as temerárias meias-verdades e quartas-partes da verdade que sempre foram a moeda corrente do pensamento.

A questão da liberdade e dos seus inimigos é colossal, e o que escrevi certamente seja demasiado resumido para o tratar como merece: contudo atingi muitos aspectos do problema. Cada qual desses aspectos talvez tenha sido resumido em excesso na exposição; porém estes contínuos excessos de simplificação justapõem-se num quadro que, espero, oferta uma sugestão da imensidão e complexidade do original.

Foram omitidos do quadro (não porque não sejam valiosos. porém tão somente por conveniência e porque os discuti em ocasiões anteriores) os inimigos mecânicos e militares da liberdade – as armas e os engenhos que fortaleceram em demasia as mãos dos condutores do mundo contra os seus súditos, e os preparativos ainda mais desgraçadamente caros para guerras ainda mais insanos e suicidas. Os capítulos que seguem devem ser lidos contra um pano de fundo de pensamentos sobre a revolta da Hungria e da sua repressão, sobre as bombas H, sobre o orçamento que cada nação reserva para a sua “defesa”, sobre as intermináveis colunas de rapazes uniformizados, que marcham obedientemente para a vala comum.

1. Superpopulação

Em 1931, quando a Admirável Mundo Novo estava para ser escrito, achava-me convencido de que restava ainda muito tempo.

A sociedade completamente organizada, o sistema científico das castas, a abolição da vontade livre através de um condicionamento comedido, a servidão que se tornara aceitável através de doses regulares de felicidade artificialmente transmitidas, as ortodoxias propagadas em cursos noturnos ministrados enquanto se dorme – estas coisas aproximavam-se tais eu as dizia, mas não chegariam no meu tempo, nem mesmo no tempo dos meus netos. Esqueci a data exata dos acontecimentos registrados no Admirável Mundo Novo; ocorreram, contudo, lá pelos séculos VI ou VII d. F. (depois de Ford). Nós, que vivíamos na segunda metade do século XX d. C., éramos os habitantes de um universo na realidade horrível; porém, o pesadelo daqueles anos de depressão era totalmente diferente do pesadelo do futuro, descrito no Admirável Mundo Novo. O nosso era um pesadelo de absoluta falta de ordem; o deles, no século VII d. F., de ordem em excesso. No decurso de passagem de um ao outro extremo, haveria um longo intervalo, imaginava eu, durante o qual a terça parte mais afortunada da raça humana aproveitar-se-ia melhor de ambos os mundos – o mundo desordenado do liberalismo e o demasiado ordenado Admirável Mundo Novo, onde a eficácia perfeita não deixaria lugar para a liberdade ou para a iniciativa pessoal.

Vinte e sete anos depois, no terceiro quartel do século XX d.C., e muito antes do fim do século I d. F., sinto-me muito menos otimista do que quando estava para escrever o Admirável Mundo Novo. As profecias feitas em 1931 estão para realizar-se muito mais depressa do que eu calculava. O abençoado espaço entre a excessiva falta de ordem e o pesadelo da ordem em excesso não surgiu e não apresenta sinais de começar. Verdade é que, no Ocidente, homens e mulheres gozam ainda de uma vasta medida de liberdade individual. Contudo, até nos países que têm uma tradição de governo democrático, esta liberdade, e até o desejo desta liberdade, parece achar-se em declínio. No resto do mundo a liberdade para os indivíduos já desapareceu, ou estão patentemente em vias de desaparecer. O pesadelo da organização total, que eu situara no século VII d. F., surgiu no futuro remoto, e desta forma tranqüilizante, e encontra-se agora aguardando por nós na primeira confluência da estrada.

O 1984 de George Orwell constituía a projeção amplificada, no futuro, de um presente que continha o Estalinismo, e de um passado imediato que testemunhara o florescimento do Nazismo.

O Admirável Mundo Novo foi escrito antes da ascensão de Hitler ao poder supremo na Alemanha e quando o tirano russo ainda não calculara a sua marcha. Em 1931, o terrorismo metódico ainda não era a causa obsessiva nossa contemporânea que se havia torna do em 1948, e a futura ditadura do meu mundo fictício era, em grande parte, menos brutal do que a futura ditadura tão brilhantemente descrita por Orwell. No argumento de 1948, 1984 parecia terrivelmente convincente. Porém, afinal de contas, os tiranos são mortais e as circunstâncias variam. A recente evolução na Rússia, e progressos recentes no campo da ciência e da tecnologia subtraíram do livro de Orwell boa parte da sua medonha verossimilhança. Uma guerra nuclear subtrairia certamente todo o sentido das predições de qualquer pessoa. Mas, afirmando neste momento que as Grandes Potências podem abster-se por algum tempo de nos destruir, justo é dizer-se que tudo se apresenta, no momento, como se todas as vantagens pareçam mais a favor de algo como o Admirável Mundo Novo do que de algo como 1984.

A luz do que verificamos recentemente sobre o comportamento do animal, em geral, e sobre o comportamento humano, em especial, torna-se claro que o controle do comportamento indesejável

através do castigo é menos eficaz, afinal de contas, do que o controle através de reforço do comportamento desejável mediante recompensas, e que o governo, lançando mãos do terror funciona, no conjunto, pior do que o governo realizado pela condução não-violenta do ambiente, e dos pensamentos e sentimentos dos homens, das mulheres e das crianças, como indivíduos. A punição sustém temporariamente o comportamento indesejável, porém não elimina definitivamente a tendência da vítima em sentir-se bem ao agir desse modo. Além disso, as conseqüências psicofísicas do castigo podem ser justamente tão indesejáveis como as causas pelas quais um indivíduo foi castigado. A psicoterapia consagra-se largamente às conseqüências debilitantes ou antisociais das sanções sofridas no passado.

A sociedade descrita no 1984 é uma sociedade controlada quase exclusivamente pelo castigo e pelo receio do castigo. No mundo fictício da minha própria imaginação, o castigo não é freqüente e é, de um modo geral, brando. O controle quase perfeito exercido pelo governo é executado pelo reforço metódico de comportamento desejável, por inúmeras variações de manipulação quase não-violenta, tanto física como psicológica, e pela standardização genética. As crianças geradas em laboratórios e o controle centralizado da reprodução não são talvez improváveis; mas é perfeitamente claro que, por muito tempo ainda, continuaremos a ser uma espécie vivípara que se procria ao acaso. A standardização genética com fins práticos pode ser deixada de lado. Continuará a haver nas sociedades o controle pós-natal – pela repressão, como no passado, e, em extensão cada vez maior, pelos métodos mas eficientes da recompensa e da manipulação científica.

Na Rússia, a ditadura fora de moda, estilo 1984, de Stalin, começou a ceder lugar a uma forma mais atualizada de tirania. Nas camadas superiores da hierarquia social dos Sovietes, o reforço do comportamento desejável principiou a substituir os métodos mais antigos de controle mediante a punição do comportamento indesejável. Os engenheiros e cientistas, os professores e os funcionários são liberalmente pagos pelo trabalho bem feito, e tão comedidamente coletados que se acham sob um incentivo permanente para fazerem melhor e serem, dessa forma, mais recompensados. Em alguns setores cabe-lhes a liberdade de pensar e de fazerem, mais ou menos, o que desejam.

O castigo só os aguarda quando ultrapassam os limites regulados no campo da ideologia e da política. Pelo fato de ter sido garantida uma relativa dose de liberdade profissional é que os professores, cientistas e técnicos russos levaram a cabo realizações tão notáveis. Os que vivem junto à base da pirâmide soviética não usufruem de nenhum dos privilégios outorgados aos afortunados ou à minoria especialmente dotada. Os seus salários são irrisórios e pagam, sob a aparência de preços altos, um imposto disparatadamente grande. A área em que podem fazer o que desejam é bastante restrita, e os seus dirigentes subjugam-nos mais pelo castigo e pela ameaça de castigo do que pela condução não-violenta ou pelo reforço do comportamento desejável através da recompensa. O sistema soviético coordena elementos de 1984 com elementos que vaticinam o que se passava entre as castas mais elevadas no Admirável Mundo Novo.

Contudo, forças impessoais as quais quase não podemos controlar parecem estar a empurrar-nos a todos em direção ao pesadelo descrito no Admirável Mundo Novo; e este impulso impessoal está sendo cuidadosamente acelerado por representantes de organizações comerciais e políticas que desenvolveram um número avultado de notas técnicas de manipulação, em prol dos interesses de uma minoria, dos pensamentos e sentimentos das massas. As técnicas de manipulação serão analisadas em capítulos posteriores. Por ora, limitemos a nossa atenção àquelas forças impessoais que estão, atualmente, tornando o mundo bastante inseguro para a democracia, e rude para a liberdade individual. Quais são estas forças? E por que conseguiu velozmente um avanço em nossa direção o pesadelo que eu havia ideado para o século VII d. F.?

A resposta a estas perguntas pode iniciar-se onde a vida de todas as sociedades, até das mais altamente

civilizadas, teve os seus primórdios – no plano da biologia.

No primeiro Dia de Natal, a população do nosso planeta contava perto de duzentos e cinqüenta milhões de seres humanos – menos da metade da população da China atual. Dezesseis séculos após, quando os peregrinos desembarcaram em Plymouth Rock, o número de seres humanos subiu para um pouco além de quinhentos milhões. Por ocasião da assinatura da Declaração da Independência, a população terrestre ultrapassara a cifra de setecentos milhões. Em 1931, quando estava escrevendo o Admirável Mundo Novo, apresentava um número próximo aos dois bilhões. Hoje, apenas vinte e sete anos após, há dois bilhões e oitocentos milhões de seres. E amanhã – quantos?

Penicilina, DDT e água pura são produtos baratos, cujos efeitos sobre a saúde pública não condizem com a proporção do seu custo. Até um governo paupérrimo tem recursos para prover os seus súditos com os meios fundamentais de controle da mortalidade. O controle da natalidade é um outro assunto bem diferente. O controle da mortalidade é algo que pode ser oferecido a todo um povo por técnicos que trabalham a soldo de um governo benévolo. O controle da natalidade exige a cooperação de todo um povo. Pode ser praticado por grande número de indivíduos, dos quais exige mais inteligência e força de vontade do que possuem a maioria dos analfabetos que pululam pelo mundo, e (onde são usados métodos químicos ou mecânicos anticoncepcionais) um dispêndio maior de capital do que podem suportar muitos destes milhares de seres. Outrossim, não existem mais em parte alguma, quaisquer tradições religiosas que pugnem a favor da morte ilimitada, ao passo que as tradições religiosas e sociais a favor da reprodução ilimitada estão largamente espalhadas. Por todos estes motivos, o controle da mortalidade é executado com muita facilidade, o controle da natalidade é efetuado com grande dificuldade.

As taxas de mortalidade caíram, portanto, nos anos mais recentes, com rapidez assustadora. Porém as taxas de natalidade, ou permaneceram no seu antigo alto nível ou, se caíram, foi muito pouco e muito lentamente. Consequentemente, o número de seres humanos está aumentando atualmente com mais rapidez do que em qualquer outra época da história da espécie.

Outrossim, o crescimento anual está subindo também. Aumentam regularmente, conforme as regras das proporções compostas; e crescem também, irregularmente, com cada emprego dos princípios da Saúde Pública numa sociedade tecnologicamente atrasada. Presentemente, o crescimento anual da população mundial aproxima-se de aproximadamente quarenta e três milhões. Isto indica que, de quatro em quatro anos, a humanidade acrescenta ao seu total o equivalente à população atual dos Estados Unidos, e, de oito anos e meio em oito anos e meio, o equivalente à população da Índia, atualmente. No ritmo de crescimento que predominou entre o nascimento de Cristo e a morte da rainha Isabel I, foram precisos dezesseis séculos a fim de que a população da terra duplicasse. No ritmo atual, a população mundial duplicará em menos de meio século. E esta duplicação incrivelmente rápida do número de seres humanos ocorrerá num planeta cujas áreas mais férteis e produtivas já estão densamente povoadas, cujos solos estão sendo desgastados pelos esforços loucos de maus agricultores, com o objetivo de obterem mais alimento, e cujo capital de minerais facilmente utilizáveis está sendo dissipado à semelhança de um marinheiro embriagado que se priva rapidamente dos vencimentos que acumulou.

No Admirável Mundo Novo da minha fantasia, a questão do número de seres humanos na sua relação com os recursos naturais foi realmente resolvido. Foi calculado um número ideal para a população terrestre e a totalidade da população seria mantida neste nível (um pouco abaixo de dois bilhões, se bem me lembro), geração após geração. No mundo contemporâneo, a questão da população não foi solucionada. Bem ao contrário, o problema está se tornando mais grave e mais tremendo a cada ano que passa.

É contra este sinistro pano de fundo biológico que se desenvolvem todos os dramas políticos, econômicos, culturais e psicológicos de nossa época. A medida que o século XX se aproxima de seu

final, e os novos bilhões são acrescidos aos bilhões existentes (quando minha neta tiver cinquenta anos, o número total de seres humanos ultrapassará os cinco bilhões e meio), este pano de fundo biológico avança, sempre com mais insistência, sempre mais ameaçador, para a vanguarda e para o centro do palco histórico. O problema da relação entre o número total de seres humanos, que aumenta rapidamente, e os recursos naturais, a estabilidade social, e o bem-estar dos indivíduos – é agora o problema crucial da humanidade; e continuará a sê-lo, com certeza, durante mais um século e, talvez durante ainda vários séculos. Supôs-se que uma nova época teve início a 4 de outubro de 1957. Mas na verdade, no presente contexto, toda a nossa exuberante tagarelice pós-Sputnik é imperdoável e destituída de sentido. No que tange às massas de humanidade, a época que se aproxima não será a Idade do Espaço; será a Idade Superpopulação. Podemos parodiar os termos da velha canção e perguntar :

*O espaço de que sois tão ricos
Acenderá um fogo na cozinha,
Ou o pequeno deus do espaço
Volta o espeto,
O espeto, o espeto?*

A resposta, é lógico, é negativa. Um desembarque na Lua poderá ser de alguma utilidade militar para a nação que o conseguir. Mas em nada contribuirá para tornar a vida mais tolerável, durante os cinquenta anos que vamos despende na nossa duplicação, para os bilhões de sub-alimentados que pululam na terra. E mesmo se, em época posterior, a emigração para Marte se tornar viável, mesmo que um número considerável de homens e de mulheres estivessem suficientemente desesperados para escolher uma nova vida em condições semelhantes às que prevalecem numa montanha duas vezes mais elevada do que o Monte Everest, que diferença faria? No transcorrer dos últimos quatro séculos um grande número de pessoas velejou do Velho para o Novo Mundo. Mas, nem a sua partida, nem o fluxo, em sentido contrário, de matérias-primas e alimentares, solucionaram os problemas do Velho Mundo. Da mesma forma, envio de alguns seres humanos em excesso para Marte (com um custo, para transporte e instalação, de vários milhões de cruzeiros por cabeça) em nada contribuiria para anular a explosão de uma população humana crescente do nosso próprio planeta.

Não resolvido, este problema tornará insolúveis todos os outros nossos problemas. Pior ainda, acarretará condições tais que a liberdade individual e as vantagens sociais do sistema democrático de vida tornar-se-ão impossíveis, quase imaginárias.

Nem todas as ditaduras surgem da mesma forma. Há muitos caminhos que vão dar ao Admirável Mundo Novo; mas, o mais curto e mais largo de todos eles talvez seja o caminho que seguimos agora, o caminho que atravessa por entre números imaginários de seres humanos e o seu aumento acelerado.

Passemos em revista, por alto, as razões desta estreita correlação entre povo em excesso, entre povo que se multiplica rapidamente, e a formulação de filosofias autoritárias, o nascimento de sistemas totalitários de governo. Assim que o número elevado e crescente de seres humanos incide mais pesadamente nos recursos disponíveis, a posição econômica da sociedade que sofre esta pressão torna-se ainda mais difícil.

Isto é verdadeiro em relação àquelas regiões subdesenvolvidas, onde uma queda súbita da mortalidade devido ao DDT, à penicilina e à água pura não foi seguida de uma descida correspondente da taxa de natalidade. Em certas regiões da Ásia, e na maior parte da América Central e do Sul, as populações estão crescendo de maneira tal que ver-se-ão duplicadas em pouco mais de vinte anos. Se a produção de

alimentos e de produtos manufaturados, de casas, escolas e professores for aumentada em rapidez superior à do número de habitantes, será possível melhorar a sorte miserável dos que vivem nestas regiões subdesenvolvidas e superpovoadas.

Mas, infelizmente, falta a estas regiões não apenas maquinaria agrícola e unidades industriais para fabricarem essa maquinaria, como também a verba requerida para montar tais fábricas. O capital é o que resta depois de terem sido atendidas as necessidades básicas de uma população. Porém as necessidades básicas de muitos desses seres que vivem em regiões subdesenvolvidas nunca serão totalmente satisfeitas. Quase nada resta ao final de cada ano e, portanto, quase não há verba disponível para criar os equipamentos industrial e agrícola, através dos quais as necessidades da população poderiam ser supridas. Apesar disso, em todos estes países subdesenvolvidos há uma enorme escassez de mão-de-obra especializada, sem a qual não funcionam unidades agrícola ou industrial modernas. As atuais possibilidades educacionais são inadequadas; o mesmo pode-se dizer dos recursos financeiros e culturais, destinados a melhorar as situações vigentes nesses países com a rapidez que a situação exige. Contudo, a população de alguns desses países subdesenvolvidos está crescendo no ritmo de três por cento ao ano.

A trágica condição de tais países foi debatida num importante livro, publicado em 1957 – *The Next Hundred Years*, dos professores Harrison Brown, James Bonner e John Weir do California Institute of Technology. Como é que a humanidade vai pugnar contra o problema do seu aumento sempre crescente?

Não com muito sucesso: *“A evidência sugere claramente que na maioria dos países subdesenvolvidos a sorte da média dos indivíduos decaiu a olhos vistos durante os últimos cinquenta anos. O povo permaneceu pior alimentado. Há menos bens de consumo disponíveis por pessoa. E, praticamente, cada experiência feita no sentido de melhorar a condição tem sido invalidada pela pressão inexorável de um crescimento contínuo da população.”*

Sempre que a vida econômica de uma nação se torna deficitária, o governo central se vê forçado a assumir responsabilidades adicionais pelo bem-estar. Deve apresentar planos meticulosos que lhe dêem condições de enfrentar uma situação crítica; deve impor limitações ainda maiores às atividades dos governados; e se, como é admissível, o agravamento das condições econômicas gera intranquilidade política, ou rebelião aberta, o governo central deve interferir a fim de salvaguardar a ordem pública e a sua própria autoridade. Assim, na direção do executivo e dos burocratas que o administram concentra-se cada vez mais poder. Mas é tal a ordem do poder que mesmo aqueles que o não procuraram, mas sobre quem o poder foi lançado, miram a adquirir gosto por ele. “Não nos deixes cair na tentação”, pedimos – e com bons motivos; porque quando os seres humanos são tentados, de maneira demasiado sedutora ou durante tempo demasiado, geralmente caem. Uma constituição democrática é um achado que impede aos chefes locais de caírem nessas tentações geralmente perigosas que se levantam quando excesso de poder está concentrado em poucas mãos.

Tal constituição funciona muito bem onde, como na Inglaterra ou nos Estados Unidos, há um respeito tradicional pelos sistemas constitucionais. Onde a tradição republicana ou a tradição monárquica atenuada são fracas, a melhor das constituições não impedirá os políticos ambiciosos de se rejubilarem às tentações do poder. E em qualquer país onde o povo começou a exercer severa pressão sobre os recursos disponíveis, estas tentações não podem deixar de aparecer. A superpopulação encaminha à insegurança econômica e à intranquilidade social. Intranquilidade e insegurança conduzem a maior controle por parte dos governos centrais e a um aumento de autoridade. Na ausência de uma tradição constitucional, este poder reforçado será talvez exercido de forma ditatorial.

Ainda que o Comunismo não tivesse sido criado, isto provavelmente sucederia. Porém o Comunismo foi

instituído. Assim sendo, a possibilidade da superpopulação conduzir, através da intranqüilidade, à ditadura, tornou-se uma certeza virtual. Pode-se apostar, sem receio que, daqui a vinte anos, todos os países subdesenvolvidos e superpovoados do mundo estarão sob uma forma de domínio totalitário – provavelmente exercido pelo Partido Comunista.

Como é que esta evolução prejudicará os países europeus superpovoados, porém altamente industrializados e ainda democráticos? Se as ditaduras recentemente criadas lhes fossem adversas, e se o fluxo normal de matérias-primas provindas dos países subdesenvolvidos fosse propositadamente interrompido, os países do Ocidente achar-se-iam, eles próprios em um caminho na realidade muito mau. O seu sistema industrial ruiria, e a tecnologia altamente desenvolvida, que até então lhes permitiu sustentassem uma população muito além do que a que poderia ser mantida pelos recursos locais disponíveis, não mais as protegeria contra as conseqüências de terem excesso de população num território reduzido. Se isto sucedesse, os enormes poderes impostos aos governos centrais pelas condições adversas podem chegar a ser empregados segundo o espírito de ditadura totalitária.

Os Estados Unidos não são, atualmente, um país superpovoado. Se, porém, a população continuar a crescer no ritmo atual (que é mais rápido do que o aumento do da Índia, se bem que uma boa parte, felizmente, menos rápida do que o ritmo agora corrente no México ou na Guatemala), o problema da ligação entre o número de seres humanos e os recursos disponíveis pode alterar-se desde o começo do século XXI. Atualmente, a superpopulação não oferece ameaça direta para a liberdade pessoal dos americanos.

Continua, todavia, uma ameaça indireta, o esboço de uma ameaça. Se a superpopulação levar os países subdesenvolvidos ao totalitarismo, e se essas novas ditaduras se aliassem com a Rússia, então a posição militar dos Estados Unidos tornar-se-ia menos segura e o preparativos de defesa e represália teriam de ser intensificados. Mas a liberdade, como todos sabemos, não pode vicejar num país que está permanentemente em pé de guerra, ou mesmo próximo de uma guerra. As crises contínuas justificam o controle permanente de todo o povo e de todas as coisas pelos responsáveis do governo central. E a, crise contínua é o que esperamos num mundo onde a superpopulação está gerando um estado de coisas em que a ditadura, sob os agouros comunistas, se torna quase inevitável.

2. Quantidade, Qualidade, Moralidade

No Admirável Mundo Novo da minha ficção, o eugenismo e o seu contrário eram metodicamente praticados. Numa série de frascos, óvulos biologicamente superiores, fertilizados por esperma biologicamente superior, recebiam o melhor tratamento pré-natal possível e eram finalmente purificados como Betas, Alfas e até Alfas Positivos. Em outra série de frascos, muito mais numerosa, óvulos biologicamente inferiores, fertilizados por esperma biologicamente inferior, foram sujeitos ao Processo Bokanovsky (noventa e seis gêmeos retirados de um só ovo) e tratados, pré-natalmente, com álcool e outros conteúdos proteínicos. As criaturas finalmente geradas eram quase subumanas; mas eram capazes de realizar trabalhos que não requeriam perícia e, quando adequadamente condicionadas, enfraquecidas por livres e freqüentes relações com o sexo oposto, constantemente distraídas pelo divertimento gratuito, e incitadas a cumprir os padrões do seu bom comportamento por doses diárias de Soma, podiam considerar-se como incapazes de causar qualquer preocupação aos seus superiores.

Nesta segunda metade do século XX, nada realizamos com caráter metódico pela nossa procriação; porém, com a nossa maneira desordenada e irregular, estamos não somente a superpovoar o nosso planeta, como também, parece, agindo seguramente para que esta população, cada vez mais numerosa, seja da mais baixa qualidade biológica. Nos maus dias de antigamente, as crianças com defeitos hereditários consideráveis ou até leves, raramente sobreviviam.

Hoje, graças à higiene, à farmacologia moderna e à consciência social, muitas das crianças nascidas com defeitos hereditários atingem a maturidade e multiplicam a sua espécie. Sob as condições atualmente em vigor, cada avanço na medicina terá tendências a ser superado por um avanço correspondente no ritmo de sobrevivência dos seres atingidos por qualquer insuficiência genética.

Apesar das novas drogas milagreiras e dos melhores tratamentos (de fato, em certo sentido, precisamente devido a estas coisas), a saúde física da população, em geral, não apresentará qualquer melhoria; pelo contrário poderá até regredir. E a par com uma queda da saúde média bem pode surgir um declínio na inteligência média. Na verdade, algumas autoridades idôneas estão convencidas de que tal queda já ocorreu e está em progresso. Escreve o Dr. W. H. Sheldon:

“Sob condições que são fáceis e irregulares”,, “as nossas camadas superiores tendem a ser subvertidas por outras que lhes são inferiores sob todos os aspectos... É costume em certos círculos acadêmicos assegurar aos estudantes que o alarme provocado pelas taxas diferenciais de natalidade não tem fundamento; que estes problemas são apenas econômicos, ou meramente educacionais, ou simplesmente religiosos, ou tampouco culturais, ou qualquer coisa deste gênero é um otimismo exagerado. A delinqüência no tocante à reprodução é biológica e básica.” E acrescenta que *“Ninguém sabe com certeza em que medida o nível do Quociente de Inteligência neste país (Estados Unidos da América) declinou desde 1916, quando Terman tentou fixar com precisão o sentido do Q.I. 100.”*

Num país subdesenvolvida e superpovoado, onde quatro quintos da população recebem menos de duas mil calorias por dia e um quinto goza de uma dieta apropriada, podem as instituições democráticas nascer espontaneamente? Ou se fossem impostas de fora, ou de cima, poderiam sobreviver?

E agora verifiquemos o caso de uma sociedade rica, industrializada e democrática em que, devido à prática ocasional mas eficaz do contrário do eugenismo, o Quociente de Inteligência e o vigor físico estão decaindo. Por quanto tempo pode uma tal sociedade manter as suas tradições de liberdade

individual e de governo democrático? Dentro de cinquenta ou cem anos os nossos filhos obterão a resposta para esta pergunta.

Contudo, achamo-nos a nós próprios frente a um problema moral mais embaraçante. Sabemos que o prosseguimento dos bons fins não justifica o emprego de maus meios. Mas que falar destas situações, agora tão comumente observáveis, em que os bons meios apresentam resultados finais que se constata serem maus?

Por exemplo, dirijamo-nos para uma ilha nos trópicos e com o auxílio do DDT libertemo-la da malária e, dentro de dois ou três anos, salvaremos centenas de milhares de vidas. Isto é simplesmente bom. Mas as centenas de milhares de seres humanos salvos desta maneira, e os milhões que eles geram e trazem à vida, não podem ser normalmente vestidos, alojados, educados ou até alimentados com os recursos locais disponíveis. A morte pela malária foi abolida; mas a vida tornada miserável pela subalimentação e pelo superpovoamento é agora a norma, e a morte lenta, por inanição, ameaça um número cada vez maior de habitantes.

E que dizer a respeito dos organismos congenitamente insuficientes, que a nossa medicina e os nossos serviços sociais agora preservam, de tal maneira que eles possam propagar a espécie? Ajudar os desafortunados é logicamente bom. Porém, a transmissão em massa, aos nossos descendentes, dos resultados de mutações desfavoráveis, e o contágio progressivo da reserva genética o qual os membros da nossa espécie terão de beber, não é menos logicamente mau.

Estamos nas extremidades de um dilema ético, e para acharmos o caminho intermediário serão necessárias toda a nossa inteligência e toda a nossa boa vontade.

3. Superorganização

A estrada mais curta e mais larga em direção ao pesadelo do Admirável Mundo Não passa, como já assinalamos, através da superpopulação e do aumento sempre crescente do número total de seres humanos – dois bilhões e oitocentos milhões hoje, cinco bilhões e quinhentos milhões ao findar do século, com a maior parte da humanidade encarando a escolha entre a anarquia e o controle total.

Porém a pressão crescente do número de seres humanos sobre os recursos disponíveis não é a única força que nos impele em direção ao totalitarismo. Este cego inimigo biológico da liberdade é aliado com forças muitíssimo poderosas, geradas precisamente pelos progressos efetuados no campo da tecnologia, de que mais nos orgulhamos; do que nos orgulhamos justificadamente, pode acrescentar-se; porque estes progressos são os frutos do gênio, e do árduo trabalho persistente da lógica, da imaginação, do sacrifício – enfim, de virtudes morais e intelectuais pelas quais não se pode ter senão admiração.

Mas a Natureza das Coisas é tal que ninguém neste mundo pode atingir coisa alguma sem dar alguma coisa em troca. Tivemos que pagar estes progressos espantosos e de fato admiráveis, tal como a lavadora do ano precedente que ainda não foi paga – e cada prestação é mais elevada do que a imediatamente anterior. Muitos historiadores, muitos sociólogos e psicólogos escreveram longamente, e com profundo pesar, sobre o preço que o homem do Ocidente tem de pagar e continuará a pagar para o progresso técnico. Eles assinalam, por exemplo, que pouca esperança se pode ter em que a democracia floresça em sociedades onde o poder econômico e político será progressivamente concentrado e centralizado.

Porém, o progresso da tecnologia conduziu e ainda conduz precisamente a uma tal concentração e centralização do poder. À medida que o mecanismo de produção em massa se torna mais eficiente tende a tornar-se mais complexo e mais dispendioso – e, portanto, longe do alcance do homem empreendedor que possui poucos recursos. Além disso, a produção em larga escala não pode funcionar sem uma distribuição em grande escala; a distribuição em grande escala apresenta problemas que só os maiores produtores podem resolver razoavelmente. Em um mundo de produção e de distribuição em grande escala os Pequenos, com o seu fundo insuficiente de capital operante, vêem-se em grande desvantagem.

Em competição com os Grandes perdem o seu capital e, finalmente, a sua própria existência como produtores independentes; os. Grandes engoliram-nos. Quando os Pequenos desaparecem, é cada vez maior o poder econômico que passa a ser manipulado por mãos cada vez menos numerosas. Sob uma ditadura, o Alto Negócio, tornado realizável pelo progresso tecnológico e pela conseqüente ruína do Pequeno Negócio, é controlado pelo Estado – isto é, por um grupo pequeno de chefes políticos e de militares, polícias e funcionários civis que lhes executam as ordens. Numa democracia capitalista, como os Estados Unidos, é controlado pelo que o Prof. C. Wright Mills chamou a Elite do Poder.

Esta Elite do Poder emprega diretamente milhões de unidades de mão de obra do país nas suas fábricas, escritórios e armazéns; controla muitos milhões de outros homens, emprestando-lhes dinheiro para adquirirem os seus produtos e, pela sua posse dos meios de comunicação com as massas, influencia os pensamentos, sentimentos e ações de quase toda a gente. Relembrando as palavras de Winston Churchill, nunca tantos foram dirigidos por tão poucos. Estamos de fato muito distante do ideal de Jefferson : uma sociedade francamente livre composta de uma hierarquia de unidades que se autogovernam – *“as repúblicas elementares das circunscrições, as repúblicas das comarcas, as repúblicas dos Estados e a*

República da União, formando um crescimento de autoridade.”

Vemos, pois, que a tecnologia moderna tem conduzido à concentração do poder econômico e político, e ao desenvolvimento de uma sociedade controlada (inflexivelmente nos Estados totalitários, polida e imperceptivelmente nas democracias) pelo Alto Negócio e pelo Alto Governo.

Mas as sociedades são compostas de indivíduos e só são boas à medida em que ajudam os seres a realizar as suas potencialidades e conduzem a uma vida feliz e criadora. Como é que os indivíduos foram simulados pelos progressos técnicos dos anos recentes? Eis a resposta dada a esta pergunta por um filósofo-psiquiatra, Dr. Erich Fromm :

‘A nossa sociedade ocidental contemporânea, apesar do seu progresso material, intelectual e político, dirige-se cada vez menos para a saúde mental, e tende a sabotar a segurança interior, a felicidade, a razão e a capacidade de amor no ser humano; tende a transformá-lo num autômato que paga o seu fracasso com as doenças mentais cada vez mais freqüentes e desespero oculto sob um delírio pelo trabalho e pelo chamado prazer.”

As nossas “doenças mentais cada vez mais freqüentes” podem achar manifestação em sintomas neuróticos. Estes sintomas são patentes e extremamente perigosos. Mas, “cuidemo-nos de definir a higiene mental como prevenção de sintomas. Os sintomas, como tais, não são nossos inimigos, porém, nossos amigos; onde há sintomas há conflito, e conflito indica sempre que as forças da vida, que pugnam pela harmonização e pela felicidade, ainda lutam. As vítimas de doença mental realmente irruinadas encontram-se entre os que parecem mais normais. “Muitos dos que são normais, são-no porque se encontram tão bem adaptados ao nosso modo de viver, porque as suas vozes humanas ficaram reduzidas ao silêncio tão cedo em suas vidas, que nem porfiam, ou sofrem, ou exibem sintomas como o neurótico.

são normais, não no que se pode denominar o sentido restrito da palavra; são normais apenas em relação a uma sociedade imensamente, anormal. O seu perfeito ajustamento a esta sociedade anormal dá a proporção da sua doença mental. Estes milhões de indivíduos anormalmente normais que vivem em aparato numa sociedade a que, se fossem seres plenamente humanos, não deveriam estar adaptados, ainda acariciam “a ilusão da individualidade”, mas de fato foram em larga escala lesindividualizados. A sua conformidade continua evoluindo para algo como a uniformidade. Mas, ‘uniformidade e liberdade são contraditórias. A uniformidade e a saúde mental são igualmente incompatíveis... O homem não foi preparado para ser um autômato, e se se transforma em autômato, a base da saúde mental estará arruinada.”

No transcorrer da sua evolução, a natureza não se furtou a desgraças sem fim para que cada indivíduo fosse diferente dos outros indivíduos. Reproduzimos a nossa espécie estabelecendo contato entre os genes do pai com os genes da mãe. Estes fatores hereditários podem ser dispostos num número quase infinito.

Física e mentalmente, cada um de nós é exclusivo. Qualquer cultura que, no interesse da eficácia, ou em nome de qualquer dogma político ou religioso, procura padronizar o indivíduo humano, comete um ultraje contra a natureza biológica do homem.

A Ciência pode ser determinada como a redução da multiplicidade à unidade. Procura explicar os ilimitadamente diversos fenômenos da natureza ignorando a unicidade das ocorrências particulares, concentrando-se sobre o que eles apresentam de comum e, finalmente, abstraindo uma “lei”, em termos que façam sentido e com os quais possamos realmente lidar. Por exemplo : os frutos caem das árvores e a lua move-se pelo céu. Os homens notaram estes fatos desde tempos imemoriais; como Gertrude Stein,

estavam convencidos de que, uma maçã é uma maçã, ao passo que a lua é a lua. Estava reservado a Isaac Newton aperceber-se do que estes fenômenos dissemelhantes tinham em comum, e o expôs numa teoria da gravitação em termos tais que alguns aspectos do comportamento das maçãs, dos corpos celestes e até de todas as demais coisas do universo físico possam ser explicados e estudados em termos de um único sistema de idéias. Seguindo o mesmo espírito, o artista toma as inumeráveis variedades e unicidades do mundo externo, e a sua própria imaginação, e dá-lhes sentido dentro de um sistema determinado de modelos plásticos, literários ou musicais.

O anelo de conferir ordem à confusão, de originar a harmonia a partir da dissonância, e a unidade da multiplicidade, é uma espécie de instinto intelectual, impulso primário e básico do espírito.

Dentro dos domínios da Ciência, da Arte e da Filosofia os efeitos do que posso denominar “Vontade de Ordem” são sobretudo benéficos. Na verdade, a “Vontade de Ordem” originou muitas sínteses prematuras fundadas em dados insuficientes, muitos sistemas paradoxais de metafísica e de teologia, muita confusão pretenciosa entre as idéias e a realidade, entre os símbolos e abstrações e os dados da experiência imediata. Contudo estes erros, por mais lamentáveis que sejam, não prejudicaram muito, pelo menos diretamente – se bem que aconteça por vezes que um mau sistema filosófico possa prejudicar indiretamente, ao ser aplicado como justificação para ações carentes de sentido e inumanas. É na esfera social, no domínio da política e da economia, que a “Vontade de Ordem” se converte realmente em perigo.

Aqui, a conversão teórica da ingovernável multiplicidade à unidade compreensiva transforma-se na redução prática da diversidade humana à uniformidade sub-humana, da liberdade à servidão. Em política, o equivalente de uma doutrina científica ou de um sistema filosófico plenamente desenvolvido é um sistema totalitário. Em economia, o equivalente a uma obra de arte criada com beleza é uma fábrica que funciona sem obstáculos, na qual os operários se encontram perfeitamente adaptados às máquinas.

A Vontade de Ordem pode converter em tiranos os que aspiram simplesmente a desfazer a confusão. A beleza da, boa ordenação é aplicada como justificação para o despotismo.

A organização é indispensável; porque a liberdade só surge e tem sentido dentro de uma comunidade auto-regulamentada de indivíduos que colaboram livremente. Porém, mesmo que indispensável, a organização pode também ser fatal. A organização em excesso transforma em autômatos homens e mulheres, reprime o espírito criador e elimina a própria possibilidade de liberdade. Como sempre, o único caminho seguro está no meio-termo, entre o excesso do *laissez-faire*^[1], num dos topos da escala, e o controle total, no outro extremo.

Durante o século passado, os progressos sucessivos da tecnologia foram seguidos de progressos adequados no campo da organização. A maquinaria complicada foi contrabalançada por complexas disposições sociais, destinadas a trabalharem tão branda e eficientemente como os novos instrumentos de produção. A fim de se adaptarem nestas organizações, os indivíduos viram-se, eles mesmos, forçados a desindividualizarem-se, renegaram a sua diversidade nativa, e se conformaram com um modelo padronizado, fizeram o máximo, em suma, para se tornar autômatos.

Estes resultados desumanizadores da superorganização são reforçados pelos resultados desumanizadores da superpopulação.

A indústria, quando se expande, atrai uma proporção cada vez maior de homens para os grandes centros. Mas a vida nas grandes cidades não leva à saúde mental (a mais alta incidência de esquizofrenia, dizem-nos, encontra-se entre os enxames de habitantes dos bairros sórdidos dos setores industriais) ; a indústria também não desenvolve o gênero de liberdade responsável dentro de pequenos grupos autônomos, que é a condição *sine-qua-non*^[2] da verdadeira democracia. A vida na cidade é anônima e, por isso mesmo,

abstrata. As pessoas se relacionam umas com as outras, não como personalidades integrais, mas como personificações de funções econômicas ou, quando não estão no emprego como pessoas que procuram irrefletidamente o entretenimento. Sujeitos a uma vida desta espécie, os indivíduos tendem a sentir-se solitários e sem importância. A sua existência deixa de ter qualquer importância ou qualquer sentido.

Biologicamente falando, o homem é um ser moderadamente gregário, e não completamente social – uma criatura mais parecida ao lobo, por exemplo, ou a uma formiga. Na sua forma primitiva, as sociedades humanas nada tinham em comum com um cortiço ou com um formigueiro; eram, apenas, grupos. A Civilização é, entre outras coisas, o processo pelo qual os grupos primitivos são transformados num análogo, grosseiro e mecânico, às comunidades orgânicas dos insetos sociais. Presentemente, a explosão da superpopulação e das modificações tecnológicas estão acelerando este processo. O Cupinzeiro representa agora um ideal realizável e, para alguns, até desejável. É desnecessário repetir que o ideal jamais será, de fato, atingido.

Um grande abismo separa o inseto socializável do mamífero não muito gregário e dotado de um grande cérebro; e ainda que o mamífero aplicasse todos os esforços por imitar o inseto, o abismo continuaria. Por maior que seja a tentativa, os homens não conseguem criar um organismo social, apenas pode criar uma organização. Insistindo nas tentativas de criação de um organismo, os homens instituirão tão somente um despotismo totalitário.

O Admirável Mundo Novo apresenta um quadro fictício e um pouco grosseiro de uma sociedade em que a tentativa de recriar seres humanos à semelhança de cupins foi levada quase até as raias do possível. Que estamos sendo impulsionados em direção do Admirável Mundo Novo é evidente. Porém não é menos lógico o fato de que nos podemos, se assim o quisermos, recusar a cooperar com as forças obscuras que nos impulsionam.

Por ora, todavia, a ânsia de resistir não nos parece ser muito forte ou muito generalizada. Como o sr. William Whyte apresentou no seu notável livro, *The Organization Man*, uma nova Ética Social está substituindo o nosso sistema ético tradicional – o sistema em que o indivíduo se apresenta em primeiro lugar. As palavras-chave desta Ética Social são: “ajustamento”, “adaptação”, “comportamento socialmente orientado”, “integração”, “aquisição de técnicas sociais”, “trabalho de equipe”, “vida em grupo”, “lealdade ao grupo”, “dinâmica de grupo”, “pensamento de grupo” e “criatividade de grupo”.

A sua afirmação fundamental é a de que o todo social tem mais valor e importância do que as suas partes peculiares, que as diferenças biológicas inatas devem ser renunciadas à uniformidade cultural, que os direitos da coletividade têm primazia sobre o que o século XVIII proclamava os Direitos do Homem. De acordo com a Moral Social, Jesus errou completamente ao afirmar que o sabbat fora feito para o homem. Pelo contrário, o homem é que foi feito para o sabbat, e deve sacrificar as suas idiossincrasias herdadas e pretender ser o tipo de bom rapaz sociável que os organizadores da atividade de grupo consideram ideal para os seus objetivos.

Este ser ideal é o homem que exhibe o “conformismo dinâmico” (deliciosa frase!) e uma forte lealdade ao grupo, um incansável desejo de se subordinar, de ser aceito. E o homem ideal deve ter uma mulher ideal, altamente gregária, infinitamente adaptável, e não apenas conformada ao fato de que a primeira lealdade de seu marido seja para a Corporação, senão que também bastante leal por sua conta própria. “Ele só para Deus”, como disse Mílton de Adão e Eva, “ela para Deus nele”. E um aspecto importante, a mulher do homem ideal para a organização é, em grande parte, menos partilhada do que o foi nossa mãe Eva. A ela e a Adão consentiu o Senhor que não tivessem quaisquer inibições em matéria de “carícias juvenis”. Nem Adão se afastava, suponho, de sua alegre esposa, nem Eva recusava os ritos misteriosos do amor conjugal.

Hoje, de acordo com um colaborador da Harvard Business Review, a mulher do homem que procura viver à altura do ideal proposto pela Ética Social :

“Não deve exigir demasiado tempo e interesse de seu marido. Devido ao seu concurso exclusivo para o trabalho, até a sua atividade sexual deve ser relegada para segundo plano.” O monge faz votos de castidade, pobreza e obediência. O homem da organização é autorizado a ser rico, porém promete obediência (“aceita a autoridade sem ressentimento, e admira os seus superiores” – Mussolini tem sempre razão) e deve estar apto, para maior glória da organização que o emprega, a rejeitar até o amor conjugal^[3].

É importante notar que, em 1984, os membros do Partido eram compelidos a conformar-se a uma moral sexual de uma severidade mais do que puritana. No Admirável Mundo Novo, por outro lado, qualquer pessoa tem o direito de satisfazer os seus desejos sem preconceito ou constrangimento. A sociedade exposta na ficção de Orwell é uma sociedade permanentemente em guerra, e o objetivo dos seus dirigentes é, em primeiro plano, decerto, exercer o poder para seu gozo próprio e, em segundo plano, manter os seus súditos num estado de tensão constante que um estado de guerra constante exige daqueles que a travam.

Fazendo cruzada contra a sexualidade, os dirigentes estão aptos a manter a tensão requerida aos seus seguidores e ao mesmo tempo podem satisfazer de uma forma mais amena a sua cobiça de poder.

A sociedade descrita no Admirável Mundo Novo é um Estado mundial em que a guerra foi eliminada e onde o principal objetivo dos que a conduzem é tolher a todo custo que os seus súditos causem quaisquer perturbações. Conseguem isto pela (entre outros métodos) legalização de um relativo grau de liberdade sexual (tornada possível pela abolição da família) que assegura praticamente os habitantes do Admirável Mundo Novo de qualquer forma de tensão emocional destrutiva (ou criadora).

Em 1984 o desejo de poder é satisfeito infligindo-se o sofrimento; no Admirável Mundo Novo, infligindo um prazer pouco menos humilhante.

A Ética Social corrente, é evidente, constitui apenas uma justificação a posteriori das conseqüências menos desejáveis da super-organização. Representa uma tentativa enternecedora para fazer da necessidade virtude para exaurir um valor positivo de um elemento desagradável da experiência. É um sistema de moralidade de fato irrealista e, portanto, bastante perigoso. O todo social, cujo valor se considera maior do que o das suas partes componentes, não é um organismo como um cortiço ou um cupinzeiro podem ser considerados como tal. É apenas uma organização, uma peça do maquinismo social. Só pode ter valor relativamente à vida e à consciência. Uma organização não é consciente nem viva. O seu valor é instrumental e derivado. Não é boa em si; é boa apenas na medida em que promove o bem dos indivíduos que são partes do todo coletivo. Dar primazia às organizações sobre as pessoas é subordinar os fins aos meios. O que sucede quando os fins são subordinados aos meios foi claramente comprovado por Hitler e por Stalin. Sob os seus repugnantes governos, os fins pessoais eram subordinados aos meios da organização devido a uma mistura de violência e de propaganda, terror sistemático e sistemática manipulação de espíritos. Nas mais eficientes ditaduras do futuro haverá, talvez, muito menos violência do que sob Hitler e Stalin.

Os súditos do ditador do futuro serão governados sem sofrimentos por um corpo de Engenheiros Sociais altamente instruídos. Escreve um advogado admirador desta nova ciência: *“O desafio lançado pela engenharia social do nosso tempo é como o desafio lançado pela engenharia técnica há cinquenta anos. Se a primeira metade do século XX foi a era dos engenheiros técnicos, a segunda metade bem pode ser p, era dos engenheiros sociais”*

E o século XXI, cálculo, será a era dos Administradores do Mundo, do sistema científico das casas e do Admirável Mundo Novo.

À pergunta *quis custodiet custodes?* – quem montará guarda em volta dos nossos guardas, quem será o engenheiro desses engenheiros? – a resposta é uma suave negação de que eles precisem de qualquer supervisão. Parece ser uma crença concernente, entre os doutorados em sociologia, a de que os doutorados em sociologia jamais serão corrompidos pelo poder.

Assim como Sir Galahad, a força deles é semelhante à força de dez porque o seu coração é puro – e o coração deles é puro porque são cientistas e despenderam seis mil horas de aulas sobre Ciências Sociais.

Ai de nós, a instrução superior não é precisamente uma certeza de virtude superior, ou de superior sabedoria política. E a estes receios originados por causas morais e psicológicas devem acrescentar-se receios de índole puramente científica. Podemos nós aceitar as teorias nas quais os engenheiros sociais assentam a sua prática, e em cujos termos eles justificam a sua condução dos seres humanos?

Por exemplo, o Prof. Elton Mayo diz-nos formalmente que: *“O desejo que o homem experimenta de estar seguidamente associado aos seus semelhantes no trabalho é uma característica humana relevante, senão a mais relevante.”*

Parece-me que isto é obviamente uma inverdade. Algumas pessoas possuem essa espécie de desejo descrito por Mayo; outras não o experimentam. É apenas uma questão de temperamento e de constituição hereditária.

Qualquer organização social alicerçada no princípio de que o “homem” (seja qual for o “homem” que possa ser) deseja estar seguidamente associado aos seus semelhantes seria, para muitos homens e muitas mulheres, um leito de Procusto^[4]. Seria necessário amputá-los ou levarem-nos ao pelourinho para que se adaptassem a isso.

Depois, como são quimericamente enganadoras as descrições líricas da Idade Média, com as quais muitos teóricos contemporâneos das relações sociais adornam as suas obras!

‘O fato de pertencer a uma guilda, a um domínio senhorial ou a uma aldeia protegia o homem medieval durante sua vida e oferecia-lhe paz e serenidade.’ – protegia-o de quê, pode-se saber? Certamente, não de maus tratos que os seus senhores lhe infligiam sem remorsos. E do mesmo modo que oda essa “paz e serenidade” havia, através de toda a Idade Média, uma grande onda de frustração crônica, infelicidade aflitiva e um ressentimento arrebatado contra o rígido e hierárquico sistema que não permitia qualquer movimento vertical rumo ao topo da escala social e, para aqueles que estavam presos à erra, muito pouco movimento horizontal no espaço.

As forças impessoais da superpopulação e da superorganização, e os engenheiros sociais que estão tentando dirigir essas forças, estão a impelir-nos em direção a um novo sistema medieval. Este ressurgimento será mais aceitável do que o original, através de algumas amenidades do Admirável Mundo Novo, tais como o condicionamento pré-natal, o ensino durante o sono e a euforia provocada por drogas; mas, para a maioria dos homens e das mulheres, isso será ainda um tipo de servidão.

4. A Propaganda Numa Sociedade Democrática

“As doutrinas da Europa”, escreveu Jefferson, “diziam que os homens, dentro de associações numerosas, não podiam ser confinados no interior dos limites da ordem e da justiça, a não ser por forças físicas e morais desencadeadas sobre eles por autoridades alheias ao seu querer... Nós (os fundadores da nova democracia americana) cremos que o homem é um animal racional, dotado de direitos pela natureza, e com um sentido inato de justiça, que pode ser obstado de prejudicar, e conservado no bem, através de poderes moderados, confiados a pessoas de sua própria escolha e ligadas aos seus deveres por dependência da sua própria vontade.”

Para ouvidos pós-freudianos, este tipo de linguagem parece concernentemente extravagante e ingênuo. Os seres humanos são, em grande parte, menos racionais e inatamente justos do que supunham os otimistas do século XVIII. Por outro lado, nem são tão moralmente cegos nem tão incontestemente desrazoáveis como os pessimistas do século XX pretenderam fazer acreditar. A despeito do Id e do Subconsciente, a despeito da neurose endêmica e da supremacia de baixos quocientes de inteligência, a maioria dos homens e das mulheres são, talvez, suficientemente honestos e razoáveis para lhes ser entregue a direção dos seus próprios destinos. As instituições democráticas são preceitos destinados a conciliar a ordem social com a liberdade e a iniciativa individual, e submeter o poder imediato dos governantes de um país ao poder último dos governados.

O fato de estes preceitos, na Europa Ocidental e na América, terem funcionado no final das contas, de forma que não foi de todo má, é prova bastante de que os otimistas do século XVIII não se enganaram completamente. Se lhes oferecem oportunidade, os seres humanos podem governar-se a si próprios, e governar-se a si próprios melhor, ainda que talvez com menos eficiência mecânica, do que podem sê-lo por “autoridades alheias à sua vontade”. Se lhes oferecem boa oportunidade, repito; porque a oportunidade é um requisito prévio indispensável.

A respeito de nenhum povo que passa abruptamente de um estado de servilismo, sob o governo de uma déspota, para um estado ainda não experimentado de independência política, podes-e dizer que teve um grande ensejo para fazer funcionar as instituições democráticas. Além disso, nenhum povo em condições econômicas precárias tem uma grande oportunidade para estar capaz de governar-se democraticamente a si próprio.

O liberalismo prospera numa atmosfera de progresso e declina quando a prosperidade decadente exige do governo a sua intervenção, cada vez mais freqüente e drástica, nos assuntos dos seus súditos. A superpopulação e a superorganização são duas condições que, como já observei, retiram de uma sociedade a boa oportunidade de fazer as instituições democráticas funcionarem efetivamente. Vemos, pois, que há determinadas condições históricas, econômicas, demográficas e tecnológicas que tornam bastante difícil aos animais racionais de Jefferson, dotados pela natureza de direitos inalienáveis e de um sentimento inato da justiça, o exercício da sua razão, a reivindicação dos seus direitos e o agirem de maneira honesta numa sociedade democraticamente organizada.

Nós, no Ocidente, tivemos a felicidade inestimável de nos ter sido oferecida boa oportunidade de realizarmos a grande experiência do auto-governo. Infelizmente, parece agora que, devido a transformações recentes do nosso ambiente, essa oportunidade imensamente preciosa está, pouco a pouco, sendo afastada de nós. E isto talvez não seja tudo. Estas forças impessoais cegas não são as

únicas inimigas da liberdade individual e das instituições democráticas. Há também forças de outra tendência, menos abstrata, forças que podem ser deliberadamente empregadas por homens ávidos de poder, cujo objetivo seja estabelecerem controle parcial ou total sobre os seus semelhantes.

Há cinquenta anos, quando eu era rapaz, parecia evidente que os maus dias de outrora tinham terminado, que a tortura e o massacre, a escravidão e a perseguição do herético eram coisas do passado. Para as pessoas que usavam chapéu alto, viajavam em trens, e tornavam banho todas as manhãs, tais horrores estavam simplesmente fora de discussão. Afinal de contas, vivíamos no século XX. Alguns anos mais tarde, estas pessoas que tornavam um banho diário e iam à igreja, de cartola, praticavam atrocidades em grau tal que os Africanos e os Asiáticos, mergulhados nas trevas da ignorância, jamais sonharam.

À luz da história recente, seria loucura supor que este estado de coisas não possa voltar a suceder outra vez. Pode e, sem dúvida, sucederá. Mas, num futuro imediato, há alguma razão para acreditarmos que os métodos punitivos de 1984 cederão lugar aos reforços e manipulações do Admirável Mundo Novo.

Há dois tipos de propaganda – propaganda racional a favor da ação que é de acordo com o próprio interesse esclarecido daqueles que a fazem e daqueles a quem é dirigida, e a propaganda não-racional, que não é de acordo com o próprio interesse esclarecido de ninguém, mas que é ditada por e apeia para, paixões, impulsos cegos, desejos ou medos inconscientes.

Quando se trata de atos individuais, existem motivos mais elevados do que o interesse próprio bem compreendido, mas quando se trata de uma ação coletiva, nódómino da política e da economia, o próprio interesse bem compreendido é, talvez, o mais importante dos incentivos. Se os Políticos e seus eleitores procedessem sempre com o objetivo de promover o seu próprio interesse durável, ou o do seu país, este mundo seria um paraíso terrestre. Na verdade, procedem muitas vezes contra o seu próprio interesse, apenas para satisfazer as paixões menos dignas de surpresa; o mundo, por conseqüência, é um vale de lágrimas.

A propaganda encaminhada a favor da ação que concorda com o interesse bem compreendido apeia para a razão por meio de indícios lógicos baseados sobre as provas livres mais sólidas, expostas honesta e totalmente. A propaganda a favor da ação inspirada por impulsos que estão abaixo do verdadeiro interesse, apresenta provas falsas, falsificadas ou incompletas, evita os argumentos lógicos e procura influenciar as suas vítimas pela simples repetição de frases feitas, pela denúncia louca de bodes expiatórios, estrangeiros ou domésticos, e pela associação hábil das paixões mais vis com os mais elevados ideais, de modo tal que são perpetradas atrocidades em nome de Deus e a mais cínica espécie de *realpolitik*^[5] chega a converter em algo como um princípio religioso ou um dever patriótico.

Segundo os princípios de John Dewey, *“um rebento de fé na natureza humana comum, nas suas potencialidades em geral, e no seu poder, em particular, de anuir à razão e à verdade, é obstáculo mais seguro contra o totalitarismo do que uma demonstração de êxito material, ou do que a devoção religiosa por uma certa manifestação legal e política.”*

O poder de anuir à razão e à verdade existe em todos nós. Mas, da mesma maneira, infelizmente, também há a tendência para anuirmos à desrazão e à falsidade – particularmente naqueles casos em que a falsidade evoca qualquer emoção deliciosa, ou onde o apelo à desrazão faz vibrar qualquer corda, que lhe corresponde, das profundidades subumanas e primitivas do nosso ser. Em certas atribuições da atividade, os homens aprenderam a responder à razão e à verdade com plena conformidade. Os autores de artigos eruditos não apeiam para as paixões dos seus camaradas cientistas e técnicos.

Expõem o que, em sincera consciência, é a verdade sobre qualquer aspecto particular da realidade, utilizam a razão para explicar os fatos que observaram, e sustentam o seu ponto de vista com testemunhos que apeiam para a razão de outras pessoas. Tudo isto é relativamente simples no setor das ciências

físicas e da tecnologia. É muito mais difícil no setor da política, da religião e da ética. Aqui, os fatos principais fogem-nos muitas vezes, assim como o significado dos fatos que depende obviamente do sistema particular de idéias em cujos termos deliberamos interpretá-los. E estes não são o.; únicos obstáculos com que topa quem procura a verdade razoavelmente. Na vida pública e privada, sucede muitas vezes que não há apenas tempo para colher os fatos relevantes ou para avaliar a importância deles.

Somos forçados a agir firmados em fatos insuficientes e dirigidos por uma luz bem menos refulgente do que a da lógica. Com a melhor das boas vontades do mundo, nem sempre podemos ser totalmente verdadeiros ou logicamente racionais. Tudo o que está ao nosso alcance é sermos tão verdadeiros e racionais quanto as circunstâncias o permitam, e reagirmos como pudermos à limitada verdade e aos raciocínios imperfeitos, oferecidos à nossa consideração por outros.

“Se uma nação diz-se ignorante e livre”, disse Jefferson, “espera o que nunca foi e nunca será... As pessoas nunca podem estar em segurança sem informação. Onde a Imprensa é livre, e cada homem capaz de ler, tudo está salvo.”

Do outro lado do Atlântico, na mesma época, outro crente exaltado da razão, pensava em termos quase precisamente iguais. Observe-se o que John Stuart Mill escrevia a respeito de seu pai, o filósofo utilitarista James Mill. *“Tão completa era a sua confiança no domínio da razão sobre o espírito humano, sempre que lhe é dada a possibilidade de o atingir, que percebia que tudo estaria salvo se toda a população fosse capaz de ler e se permitisse-se que toda espécie de opiniões fosse dirigida aos homens pela palavra ou pela escrita, e se, pelo voto, os homens pudessem eleger uma legislatura que efetuassem as opiniões que tivessem adotado.”*

Tudo está salvo, tudo estaria ganho! Mais uma vez, ouvimos a voz do otimismo do século XVIII. É verdade que

Jefferson era tão realista quanto otimista. Sabia, por amarga experiência, que da liberdade de Imprensa pode-se abusar escandalosamente. Jefferson declarou : *“Em nada do que se lê num jornal pode-se acreditar atualmente”*. Contudo, Jefferson afirmava (e nós só devemos concordar com ele), que *“nos limites da verdade, a Imprensa é uma nobre instituição, igualmente amiga da ciência e da liberdade civil.”*

A comunicação com as massas, em uma palavra, não é boa nem má; é simplesmente um poder e, como qualquer outro poder, pode ser bem ou mal empregado.

Utilizados de uma maneira, a Imprensa, o rádio e o cinema são imprescindíveis para a sobrevivência da democracia. Utilizados de modo diverso, encontram-se entre as armas mais poderosas do arsenal dos ditadores. No campo da comunicação com as massas, como em quase todos os demais campos da indústria humana, o progresso técnico lesou os Pequenos e favoreceu os Grandes.

Há apenas cinquenta anos, todos os países democráticos orgulhavam-se do grande número de pequenos jornais e diários locais. Milhares de editoriais expressavam milhares de opiniões independentes. Por toda parte imprimia-se praticamente o que quisesse. Hoje, a Imprensa é ainda legalmente livre; mas a maioria desses pequenos jornais desapareceu. O custo do papel, das máquinas das modernas tipografias e das agências de informação, é muito elevado para os Pequenos.

No Leste totalitário há uma censura política, e os meios de comunicação com as massas são controlados pelo Estado. No Ocidente democrático há a censura econômica e os meios de comunicação com o povo são controlados pela “Elite do Poder”. A censura, através do aumento das despesas e a concentração do poder de comunicação nas mãos de alguns grandes organismos, é menos censurável do que o monopólio

do Estado e a propaganda governamental; mas não é, com certeza, algo que um democrata jeffersoniano deva aprovar.

No que diz respeito à propaganda, os primeiros defensores da instrução obrigatória e de uma Imprensa livre só enfrentavam duas possibilidades : a propaganda podia ser verdadeira ou falsa. Não previam o que realmente sucedeu, principalmente nas nossas democracias capitalistas acidentais – o crescimento de uma vasta indústria de comunicações com as massas, que na sua maior parte não se preocupa nem com o verdadeiro nem com o falso, mas com o irreal, o mais ou menos totalmente irrelevante. Numa palavra, não levaram em conta o quase infinito apetite humano de distrações.

No passado, a maioria das pessoas nunca teve oportunidade de satisfazer completamente este apetite. Desejavam demais distrações, mas não lhas forneciam. O Natal só surgia uma vez por ano, as festas eram “solenes e raras”, havia poucos leitores e muito pouco que ler, e o que havia mais aproximado de um cinema de bairro era a igreja paroquial, onde os espetáculos, se bem que freqüentes, eram bastante monótonos.

Para encontrar condições, mesmo de longe comparáveis às atualmente existentes, temos de recuar até à Roma Imperial, onde o povo era mantido de bom humor graças a doses repetidas e gratuitas das mais variadas distrações – desde os dramas em verso até os combates dos gladiadores, desde recitais de Virgílio até os combates de pugilismo, desde festivais de música até paradas militares e execuções públicas. Mas, mesmo em Roma, não havia nada de semelhante à distração contínua agora fornecida por jornais e magazines, pelo rádio, televisão e cinema.

No Admirável Mundo Novo, as distrações contínuas da mais fascinante natureza são deliberadamente empregadas como instrumentos de governo, com a finalidade de obstar o povo de prestar demasiada atenção às realidades da situação social e política. O mundo da religião é diferente do mundo do divertimento; mas parecem-se um com o outro por, decididamente, “não serem deste mundo”. Ambos são divertimentos e, se vivemos neles de forma excessivamente contínua, ambos podem tornar-se, segundo a frase de Marx, “*o ópio do povo*”, tornando-se assim uma ameaça à liberdade.

Só uma pessoa vigilante consegue conservar a liberdade, e apenas os que estão constante e inteligentemente despertos podem alimentar a esperança de se governar a si próprios eficazmente por meios democráticos. Uma sociedade, cuja maioria dos membros dissipa uma grande parte do seu tempo não na vigília, não aqui e agora e no futuro previsível, mas em outra parte, nos outros mundos irrelevantes do prazer e das obras superficiais, da mitologia e da fantasia metafísica, terá dificuldade em resistir às investidas daqueles que quiserem orientá-la e controlá-la.

Na sua propaganda, os ditadores atuais limitam-se, na maioria das vezes, à repetição, supressão e racionalização – repetição de estribilhos que pretendem sejam aceitos como verdades, à supressão de fatos que eles pretendem sejam ignorados, ao desencadeamento e à racionalização de paixões que podem ser aplicadas nos interesses do Partido ou do Estado.

Quando a arte e a ciência da manipulação vierem a ser mais bem conhecidas, os ditadores do futuro aprenderão, sem dúvida, a combinar estas técnicas com as distrações ininterruptas que, no Ocidente, ameaçam agora submergir num mar de irrelevância a propaganda racional indispensável à manutenção da liberdade individual e à sobrevivência das instituições democráticas.

5. A Propaganda Sob Uma Ditadura

No seu processo após a Segunda Guerra Mundial, Albert Speer, ministro do Armamento de Hitler, pronunciou um longo discurso em que, com considerável argúcia, descrevia a tirania nazista e analisava-lhe os métodos.

“A ditadura de Hitler”, disse, “diferençou, num ponto fundamental, de todas as que a antecederam historicamente. Foi a primeira ditadura no presente período do progresso técnico moderno, uma ditadura que aplicou um uso total de todos os recursos técnicos para dominar o seu próprio país. Através de artifícios técnicos como o rádio e o altofalante, oitenta milhões de pessoas foram privadas da liberdade de pensar. Desta maneira foi possível sujeitá-las ao desejo de um homem... os ditadores que antecederam Hitler necessitavam de assistentes altamente qualificados mesmo nos escalões mais inferiores – homens que podiam pensar e agir de maneira totalmente livre. O sistema totalitário, no período do moderno desenvolvimento técnico, pode dispensar tais homens; graças a métodos modernos de comunicação, é possível mecanizar a direção dos escalões inferiores. Em consequência disto, surgiu o tipo atual do homem que recebe ordens e se abstém de críticas.”

No Admirável Mundo Novo da minha profética ficção, a tecnologia avançou para muito além do ponto a que chegara no tempo de Hitler; em consequência, os que receberam ordens eram muito menos críticos do que os seus semelhantes nazistas, muito mais submissos à “elite” dirigente. Apesar disso, foram padronizados geneticamente e condicionados após o nascimento, de forma a realizarem as suas funções subalternas e, portanto, a comportarem-se de maneira tão previsível como máquinas.

Conforme veremos noutro capítulo, este condicionamento dos “escalões inferiores” já é praticado nas ditaduras comunistas. Os Chineses e os Russos não se prendem meramente aos efeitos indiretos da tecnologia que sempre progride; trabalham diretamente nos organismos psicofísicos dos subordinados mais inferiores submetendo corpos e espíritos a um sistema de moderação inflexível e, sob todos os aspectos, altamente eficiente. “Quantos homens”, disse Speer, *“têm sido obsediados pela pesadela de que as nações pudessem ser um dia dominadas por meios técnicos. Esse pesadela foi quase concretizado pelo sistema totalitário de Hitler.”*

Quase, mas não totalmente. Os nazistas não tiveram tempo – e talvez não tivessem inteligência e os necessários conhecimentos – para fazer lavagens cerebrais e condicionar os seus escalões inferiores. Talvez seja este um dos motivos do seu fracasso.

Desde o tempo de Hitler, o arsenal de dispositivos técnicos à disposição do aspirante a ditador foi consideravelmente aumentado. Além do rádio, do alto-falante, do cinema e das grandes rotativas, o publicista contemporâneo pode empregar a televisão para transmitir a imagem, assim como a voz, do seu cliente, e pode registrar tanto a voz como a imagem nos carretéis das fitas magnéticas.

Graças ao progresso técnico, o Grande Irmão pode ser agora quase tão onipresente como Deus. E não é apenas na atribuição da técnica que a mão do aspirante a ditador recebeu novas forças. Desde o tempo de Hitler, têm-se realizado trabalhos notáveis nos campos da psicologia e da neurologia aplicadas, que são o campo próprio do propagandista, do doutrinador e do lavador de cérebros.

Antigamente, estes especialistas na arte de transformar os espíritos dos homens eram empiristas. Através ele um método de aproximações constantes tinham apurado um determinado número de técnicas e

métodos, que usavam com grande proveito sem, contudo, conhecerem necessariamente por que eram capazes. Hoje, a arte de controlar os espíritos está em vias de tornar-se uma ciência.

Os praticantes desta ciência sabem o que estão fazendo e por quê. São guiados na sua obra por meio e hipóteses firmemente estabelecidas sobre uma grande massa de fatos experimentalmente constatados. Graças a novos pontos de vista, e a novas técnicas tornadas possíveis por esses novos pontos de vista, o pesadelo que foi “quase concretizado no ‘sistema totalitário de Hitler’” não tardará talvez a ser totalmente realizável.

Mas antes de discutirmos estes novos pontos de vista e estas novas técnicas, demos uma vista de olhos no pesadelo que quase se concretizou na Alemanha nazista. Quais eram os métodos aplicados por Hitler e Goebbels para “*privarem oitenta milhões de pessoas da liberdade do pensamento e para sujeitarem-nas à vontade de um homem*”? E qual seria a teoria e sobre qual natureza humana estes métodos terrivelmente bem ocorridos estavam baseados?

Podemos encontrar a maioria das respostas a estas perguntas nas próprias palavras de Hitler. E como essas palavras são notavelmente claras e sagazes! Quando escreve acerca de devaneios tão amplos como Raça, História e Providência, Hitler é estritamente ilegível. Mas, quando escreve acerca das massas alemãs e dos meios que empregou para dominá-las e dirigi-las, o seu estilo se transforma. A ausência de sentido dá lugar ao sentido, as frases espalhafatosas cedem lugar a uma lucidez amarga e cínica. Nas meditações filosóficas, Hitler sonhava acordado ou traduzia idéias fumarentas e um tanto cruas de outras pessoas. Nas suas notas sobre as multidões e a propaganda Hitler escrevia sobre coisas que conhecia por experiência direta. Segundo as palavras do seu excelente biógrafo, Alan Bullock, “*Hitler era o maior demagogo da história.*”

Aqueles que acrescentam “não além de um demagogo” falham na apreciação da natureza do poder político numa época de política de massas. Como ele próprio dizia, “*ser um dirigente significa estar apto a mover as massas*”. O objetivo de Hitler era, primeiramente, mover as massas e após, tendo-as arrancado às suas fidelidades e moralidades tradicionais, impunha-lhes (com o consentimento hipnotizado da maioria) uma nova ordem autoritária, de sua própria inventiva.

“*Hitler*”, escrevia Herman Rauschning em 1939, “*tem uma profunda reverência pela Igreja Católica e pela ordem dos Jesuítas; não devido à sua doutrina cristã, mas devido ao “maquinismo” que eles elaboraram e controlaram, o seu método hierárquico, as suas táticas bastante hábeis, o seu profundo conhecimento da natureza humana e o sagaz uso da fraqueza humana para dominarem os crentes.*”

Clericalismo sem Cristianismo, a disciplina de uma regra monástica, não para maior glória de Deus ou para execução da salvação pessoal, mas para glória do Estado e para maior glória e poder do demagogo convertido em dirigente político – tal era o fim para que tendia a direção sistemática das massas.

Vamos ver o que julgava Hitler das massas que dirigia, e como as movimentava. O princípio fundamental de que partia era um julgamento de valor : as massas são absolutamente desprezíveis. São incapazes de pensamento concentrado e desinteressadas de qualquer caso que ultrapasse a sua experiência direta. O seu comportamento é regulado, não pelo conhecimento e pela razão, mas por sensibilidades e impulsos inconscientes. É nestes impulsos e sensibilidades que “*as raízes das suas atitudes, tanto positivas como negativas, estão implantadas*”.

Para obter êxito, um propagandista deve aprender a dirigir estes instintos e emoções. “*A força de impulsão que ocasionou as revoluções mais terríveis do mundo nunca foi um corpo de ensinamentos científicos que estendesse a sua influência sobre as massas, porém foi sempre uma afeição que as inspirou, e muitas vezes como uma histeria que as impulsionou para a ação. Quem pretenda arrastar*

as multidões deve conhecer a chave que lhes abre a porta dos corações”. – Em termo pós-freudiano, do seu inconsciente.

Hitler lançou o seu mais forte apelo àqueles membros da pequena burguesia que foram arruinados pela inflação de 1923, e depois arruinados novamente pela depressão de 1929 e dos anos seguintes. “As massas” de que falava eram estes milhões de pessoas desnorteadas, frustradas e inveteradamente ansiosas. Para os tornar mais “massa”, mais identicamente sub-humanos, Hitler reunia-os, por milhares e dezenas de milhares, em recintos e anfiteatros vastos onde os indivíduos normalmente perdiam a identidade pessoal, até mesmo a sua humanidade elementar, e fundiam-se com a multidão. Um homem ou uma mulher tornam contato direto com a sociedade de duas maneiras : como membro de um grupo familiar, profissional ou religioso, ou como membro de uma multidão. Os grupos são capazes de ser tão morais e inteligentes como os elementos que os formam; uma multidão é desordenada, não tem objetivo próprio, e é capaz de qualquer desatino com exceção de ação inteligente e de pensamento realista.

Agrupadas numa multidão, as pessoas perdem o poder de raciocínio e a capacidade da escolha moral. A sugestibilidade pode ser fomentada até o ponto em que cessam de ter qualquer juízo ou vontade própria. Tornam-se excitáveis, perdem todo o senso de responsabilidade individual ou coletiva, são sujeitos a acessos súbitos de ódio, de entusiasmo e de pânico. Numa palavra, uma pessoa numa multidão comporta-se como se tivesse tomado uma grande dose de tóxico. É uma vítima do que eu denominei “envenenamento gregário”.

Como o álcool, o veneno gregário é uma droga ativa e estimulante. Os membros de uma multidão intoxicada fogem à responsabilidade, à inteligência e à moralidade, e entram numa espécie de animalidade frenética e alienada.

Durante a sua longa carreira de agitador, Hitler estudou os efeitos do veneno gregário e aprendeu a expiá-los em benefício dos seus próprios fins. Descobriu que o orador pode apelar para aquelas “forças ocultas” que provocam as ações dos homens, muito mais eficientemente do que o escritor. Ler é uma ocupação privada e não coletiva. O escritor dirige-se apenas a indivíduos, sentados em suas casas, num estado de sobriedade normal. O orador fala para massas de indivíduos, já bastante contaminados pelo “veneno gregário”. Estão à sua mercê e, se conhece bem o seu ofício, pode fazer deles o que lhe agradar.

Como orador, Hitler conhecia o seu ofício de forma elevada. Era capaz, segundo as suas próprias declarações, *“de seguir a indicação da grande massa de maneira tal que, a partir da emoção viva dos seus ouvintes, era-lhe sugerida a palavra adequada de que necessitava e, por sua vez, esta ia direta ao coração dos seus ouvintes.”*

Otto Strasser denominou-o *“um alto-falante, proclamando os desejos mais íntimos, os instintos menos admissíveis, os sofrimentos e revoltas pessoais de todo um país”*. Vinte anos antes da Madison Avenue se ter lançado na “Investigação das Motivações”, Hitler explorava e utilizava metodicamente os temores e esperanças íntimas, os desejos, as ansiedades e frustrações das massas alemãs.

É pelo manuseio de “forças ocultas” que os versados em publicidade nos induzem a comprar-lhes os produtos – um dentifrício, uma marca de cigarros, um candidato político. E foi recorrendo para as mesmas forças ocultas – e para outras demasiado perigosas para que a Madison Avenue tornasse contato com elas – que Hitler levou as massas alemãs a comprarem elas própria um Fuehrer, uma filosofia insana e a Segunda Guerra Mundial.

Ao contrário das massas, os intelectuais têm gosto pela ponderação e interesse pelos acontecimentos. O espírito de crítica torna-os resistentes ao tipo de propaganda que tão bem atua sobre a multidão. Entre as massas *“o instinto é o senhor supremo, e do instinto vem a fé... Enquanto os indivíduos são do povo cerram automaticamente fileiras para formar uma comunidade de pessoas”* (sob um dirigente, é

desnecessário dizê-la), “os intelectuais tentam vários caminhos, assim como galinhas debicam o chão do galinheiro. Com eles não se pode fazer a História; não podem ser empregados como elementos componentes de uma comunidade.” Os intelectuais são o tipo de pessoas que exigem provas e ficam melindrados pelas inconsistências lógicas e pelos falatórios. Olham a super-simplificação como o pecado original do espírito e não fazem qualquer uso de slogans, de afirmações categóricas e generalizações abusivas que são o repertório do publicista.

“Toda propaganda efetiva”, escreveu Hitler, “deve resumir-se ao estritamente indispensável e deve, portanto, exprimir-se em meia dúzia de fórmulas estereotipadas.” Estas fórmulas estereotipadas devem ser constantemente marteladas porque “só pela repetição constante conseguir-se-á imprimir finalmente uma idéia na memória de uma multidão.” A filosofia nos ensina a sentirmos-nos indecisos sobre coisas que nos parecem evidentes por si mesmas.

A propaganda, no extremo oposto, nos ensina a aceitar como por si mesmo evidente aquilo de que seria razoável duvidar ou sustar o nosso juízo. O propósito do demagogo é criar a coesão social sob o seu próprio comando. Mas, como Bertrand Russel observou, “sistemas dogmáticos sem fundamentos empíricos, tais como a Escolástica, o Marxismo e o Fascismo, apresentam a vantagem de gerar uma grande dose de coerência social entre os seus adeptos”.

O propagandista demagógico deve, portanto, ser regularmente dogmático. Todas as suas afirmações são feitas de modo explícito. Na sua visão do mundo não há atenuantes, as coisas ou são diabolicamente pretas ou celestialmente brancas. Segundo as próprias declarações de Hitler, o propagandista deve tomar “uma atitude sistematicamente parcial em relação aos problemas de que cuidar.” Jamais deve admitir que tenha errado ou que as pessoas que defendem um ponto de vista diferente possam ter parcialmente razão. Não se deve altercar com adversários; serão atacados, reduzidos ao silêncio, ou, se se tornam demasiado prejudiciais, liquidados. O intelectual com demasiados escrúpulos morais pode ficar melindrado com este tipo de coisas. Mas as massas estão sempre convictas de que “o direito está do lado do agressor ativo.”

Tal era, pois, a opinião de Hitler sobre a humanidade nas massas. É uma opinião muito vil. Era, por sua vez, uma opinião incorreta? A árvore é conhecida pelos seus frutos, e uma teoria sobre a natureza humana que inspirou o tipo de técnicas que se provaram tão medonhamente eficazes deve conter, pelo menos, um elemento de verdade. A virtude e a inteligência pertencem aos seres humanos como indivíduos livremente interligados com outros indivíduos em pequenos grupos. O pecado e a imbecilidade também.

Mas a ausência sub-humana de espírito a que o demagogo dirige o seu apelo, a imbecilidade moral em que se apoia quando induz as suas vítimas à ação, são características não dos homens e das mulheres como indivíduos, mas dos homens e das mulheres em multidão. A ausência de espírito e a estupidez moral não são atributos especificamente humanos; são sinais de envenenamento gregário. Nas mais altas religiões de todo o mundo, a salvação e a iluminação são para os indivíduos. O reino dos céus está no íntimo de uma pessoa, não dentro da demência coletiva de uma multidão. Cristo prometeu estar presente onde dois ou três se encontrassem reunidos. Nada disse sobre a sua presença onde milhares de pessoas se envenenam umas às outras com tóxico gregário.

Sob os nazistas, grandes grupos de pessoas eram forçadas a despender muito tempo marchando em filas cerradas do ponto A para o ponto B e outra vez para trás, de B para A. “Este desvelo em pôr toda a população em marcha parecia uma insensata perda de tempo e de energia. Só muito mais tarde”, diz Hermann Rauschning, “é que se descobriu nisso uma intenção engenhosa, baseada numa bem considerada adaptação dos fins e dos meios. Marchar diverte o pensamento humano. A marcha distrai

o pensamento. A marcha põe um fim à individualidade. A marcha é o passe de mágica indispensável com o objetivo de habituar o povo a uma atividade mecânica, quase ritual, até que se torne uma segunda natureza.”

Do seu ponto de vista e até o nível que escolheu para realizar a sua terrível obra, Hitler tinha perfeita razão na sua opinião sobre a natureza humana. Nós que olhamos os homens e as mulheres como pessoas mais do que como indivíduos do povo, ou coletividades arregimentadas, julgamos que ele tenha se enganado redondamente. Numa época de superpopulação crescente, de crescente superorganização e de meios de comunicação cada vez mais eficientes com as massas, como podemos manter intacta a integridade e reafirmar o valor do ser humano individual? Eis uma questão que ainda pode ser levantada e que seja talvez possível resolver de maneira eficaz.

Daqui a uma geração poderá ser demasiado tarde para se encontrar uma resposta, e talvez seja até impossível, no asfixiante ambiente coletivo dessas épocas futuras, suscitar o problema.

6. As Artes de Vender

A sobrevivência da democracia depende da capacidade de grandes majorias para fazerem escolhas de modo realista à luz de uma informação sólida. Uma ditadura, pelo contrário, mantém-se censurando ou deturpando os fatos, e apelando, não para a razão, não para o interesse próprio esclarecido, mas para a paixão e para o convencionalismo, para as poderosas “forças ocultas”, como Hitler as denominava, presentes nas profundezas inconscientes de cada espírito humano.

No Ocidente, os princípios democráticos são proclamados, e muitos propagandistas capazes e conscienciosos fazem o possível para prestar aos leitores informações concretas e convencê-los, por meio de argumentos racionais, a fazerem escolhas realistas à luz dessa informação. Tudo isso é ótimo. Mas, infelizmente, a propaganda, nas democracias acidentais, especialmente na América, apresenta duas faces e uma personalidade dividida.

Como chefe de redação encontra-se muitas vezes um democrático Dr. Jekyll – um publicista que seria muito feliz se conseguisse provar que John Dewey tinha razão quando falava acerca da aptidão da natureza humana para reagir à verdade e à razão. Mas este estupendo homem só dirige uma parte do maquinismo de comunicação com as massas.

No serviço de publicidade temos pela frente um antidemocrático, porque antirracionalista Sr. Hyde – ou antes um Dr. Hyde, porque Hyde é agora doutorado em psicologia e tem, outrossim, uma licenciatura em Ciências Sociais. Este Dr. Hyde seria de fato muito infeliz se as pessoas se mostrassem sempre dignas da confiança que John Dewey depositava na natureza humana. Verdade e razão formam parte das atribuições de Jekyll, não das suas. Hyde é um analista das Motivações, e a sua função é estudar as fraquezas e falhas humanas, investigar estes desejos e medos inconscientes pelos quais é analisado o pensamento consciente e o comportamento exterior de tantos homens. E fá-lo, não com o espírito do moralista que gostaria de tornar melhores as pessoas, ou do médico que gostaria de lhes melhorar a saúde mas tão só com o fim de assegurar a melhor maneira de usufruir vantagens da sua ignorância e de explorar-lhes a irracionalidade em benefício pecuniário dos seus patrões.

Mas depois de tudo, pode afirmar-se que “o capitalismo está morto, e o consumidor é rei” – e o consumidor requer os préstimos do técnico de vendas especializado em todas as artes (incluindo as artes mais capciosas) de persuasão. Sob o sistema da livre concorrência, a propaganda comercial por todos e quaisquer meios é absolutamente indispensável. Mas o indispensável não é indispensavelmente o desejável. O que é seguramente bom na esfera da economia, pode estar muito longe de ser bom para os homens e mulheres como eleitores ou até como seres humanos. Uma geração precedente, mais impregnada de moral, teria ficado profundamente melindrada pelo franco cinismo dos Analistas de Motivações.

Lemos hoje um livro como *The Hidden Persuaders* do sr. Vance Packard e sentimo-nos mais divertidos do que horrorizados, mais resignados do que indignados. Dado Freud, dada a Psicologia do Comportamento, dada a necessidade arraigadamente desesperada que o produtor em massa necessita de um consumo em massa, é o gênero de coisa que devemos esperar. Mas qual é, podemos perguntar, o tipo de coisa que devemos esperar para o futuro? São as atividades de Hyde conciliação a longo prazo com as de Jekyll? Pode uma campanha a favor da racionalidade obter êxito quando apanhada nas mandíbulas de outra, e ainda 'mais vigorosa, campanha em prol da irracionalidade?

Pois são as perguntas que, no momento, não tentarei responder, porém deixarei pendentes, por assim dizer, a fim de que sirvam de pano de fundo para a nossa discussão dos meios de persuasão em massa numa sociedade democrática tecnologicamente avançada.

A função de um propagandista comercial numa sociedade democrática é, sob alguns ângulos, mais fácil e, sob outros, mais difícil do que a de um propagandista político encarregado por um ditador já constituído ou por um ditador em vias de se estabelecer. É mais fácil à medida em que quase todo o povo tem, de início, um preconceito favorável em relação à cerveja, a cigarros e a frigoríficos, ao passo que quase ninguém tem qualquer convencionalismo a favor de tiranos. É mais difícil à medida em que não é consentido a um propagandista comercial, pelas normas do seu jogo profissional, apelar para os instintos mais selvagens do seu público.

O agente de publicidade de laticínios bem que gostaria de dizer aos leitores e ouvintes que todas as suas infelicidades são originadas pelas maquinções de um horrível bando internacional de fabricantes de margarina, sem qualquer tipo de fé religiosa, e que é sua obrigação patriótica marchar contra as fábricas dos opressores e incendiá-las. Este tipo de coisas, todavia, é deixado de lado, e tem de contentar-se com algo de mais comedidamente aproximado. Mas essa aproximação comedida é menos estimulante do que a violência verbal e física. A longo termo, a cólera e o ódio são emoções que se exterminam. Mas a curto prazo apresentam altos dividendos, sob a forma de satisfações psicológicas e até (dado que libertam grandes quantidades de adrenalina e noradrenalina) fisiológicas.

As pessoas podem iniciar com um convencionalismo inicial contra os tiranos; porém quando os tiranos ou aspirantes a tais lhes fornecem uma propaganda libertadora de adrenalina sobre a ignomínia dos seus inimigos – principalmente dos inimigos suficientemente fracos para poderem ser perseguidos – estão prontos a segui-lo com entusiasmo.

Nos seus discursos, Hitler não cessava de martelar palavras violentas como “ódio”, “força”, “impiedade”, “esmagar”, “despedaçar”; e acompanhava estes termos violentos com gestos ainda mais violentos. Urrava, vociferava, as veias inchavam-lhe, tornava-se arroxado. As emoções fortes (como todos os atores e dramaturgos sabem) contagiam no mais alto grau. Contaminada pelo frenesi funesto do orador, a assistência gemia, soluçava e urrava, numa orgia de paixão desenfreada. E estas orgias provocavam tal deleite que muitos daqueles que as provavam pediam avidamente mais.

Quase todos desejamos a paz e a liberdade; mas somos poucos a ter entusiasmo pelos pensamentos, sentimentos e ações que concorrem para a paz e para a liberdade. Analogamente, quase ninguém deseja a guerra e a tirania; contudo grande parte das pessoas encontra prazer intenso nos pensamentos, sentimentos e ações que concorrem para a guerra e para a tirania. Estes pensamentos, sentimentos e ações são demasiado perigosos quando explorados com finalidades comerciais.

Aceitando esta desvantagem, o técnico de publicidade obterá o máximo de resultados com um mínimo de emoções menos venenosas, com as formas mais tranqüilas de irracionalidade.

Uma propaganda eficiente e racional só se torna possível quando há uma compreensão clara, por parte de todos a quem é dirigida, da natureza dos símbolos e das suas relações com as coisas e com os fatos representados. A eficiência da propaganda irracional depende de uma derrocada geral na compreensão da natureza dos símbolos. Os simples de espírito têm a propensão a igualar o símbolo com o que ele representa, a atribuir às coisas e aos fatos algumas das qualidades manifestadas por palavras que o propagandista escolheu para dissertar sobre eles, em função dos seus próprios fins.

Consideremos um simples exemplo. Muitos cosméticos são feitos de lanolina, que é uma fusão de gordura extraída da lã de carneiro e de água, fusão agitada em emulsão. Esta emulsão apresenta muitas propriedades salutareas : penetra a pele, não rança, é ligeiramente anti-séptica, etc. Mas os

propagandistas comerciais ‘nada dizem a respeito das genuínas virtudes da emulsão. Dão-lhe um nome pitorescamente deleitoso, falam arrebatada e incorretamente da beleza feminina, e exibem figuras de louras sensuais cuidando dos seus tecidos cutâneos com um trófico da pele. “Os produtores de cosméticos”, escreveu um deles, “não estão vendendo lanolina, estão vendendo

esperança.” Por esta esperança, por esta fraudulenta promessa tácita de serem transfiguradas, as mulheres pagarão dez ou vinte vezes o valor da emulsão que os propagandistas expuseram tão habilmente, por meio de sinais enganadores, a uma ambição feminina profundamente enraizada e quase universal – a ambição de ser mais atraente aos indivíduos do sexo oposto.

Os princípios atinentes a esta espécie de propaganda são extremamente simples. Encontrar uma ambição generalizada, um receio ou uma ansiedade inconsciente bastante geral; encontrar um meio de relacionar este desejo ou medo com o produto que se tem para vender; construir, depois, uma ponte de símbolos verbais ou visuais sobre o qual o cliente possa passar da realidade a um sonho compensatório, e do sonho à ilusão de que o seu produto, quando procurado, fará que o sonho se torne realidade. “Já não compramos laranjas, compramos vitalidade, já não compramos um automóvel, compramos prestígio.” E assim sucessivamente.

Com um dentifrício, por exemplo, adquirimos, não um mero anti-séptico ou um produto de higiene, mas sim a libertação do medo de sermos sexualmente repulsivos. Com a “vodka” ou o “whisky” não adquirimos um veneno protoplásmico que, em pequenas doses, pode afetar o sistema nervoso de maneira psicologicamente valiosa; estamos adquirindo amizade e boa camaradagem, o calor de *Dingley Deli*^[6] e o brilho da *Mermaid Tavern*^[7]. Com os nossos laxantes adquirimos a saúde de um deus grego, o brilho radiante de uma ninfa de Diana. Com o *best-seller* do mes adquirimos cultura, a inveja dos vizinhos menos ilustrados e a admiração dos que são intelectuais.

Em cada um dos casos, o analista de motivações encontrou um desejo ou receio fundamente enraizado, cuja energia pode ser aplicada para levar o consumidor a distribuir dinheiro e assim, de maneira indireta, a fazer girar as rodas da indústria. Armazenada nos espíritos e nos corpos de inúmeros indivíduos, esta energia potencial é liberada e transmitida por uma linha de símbolos cuidadosamente disposta de modo a evitar a racionalidade e a ofuscar a verdadeira questão.

Por vezes, os símbolos adquirem efeito por serem desigualmente impressivos, obsessivos e por si mesmos fascinantes. São deste tipo os ritos e as pompas da religião. Estas “belezas sagradas” fortalecem a fé, onde já haja fé e, onde não há fé, contribuem para a conversão. Apelando, como apeiam, apenas para o sentido estético, não confirmam a verdade nem o valor ético das doutrinas a que foram, de maneira muito arbitrária, associadas. Num plano de verdade histórica, as belezas sagradas foram muitas vezes igualadas e até ultrapassadas pelas belezas profanas.

Com Hitler, por exemplo, as reuniões anuais em Nuremberg eram obras-primas de arte ritual e teatral. “*Passei seis anos em S. Petersburgo, antes da guerra, nos melhores dias do velho bailado russo*”, escreveu Sir Neville Henderson, o embaixador inglês na Alemanha de Hitler, “*porém nunca vi um bailado que se comparasse em beleza ao congresso de Nuremberg.*” Pensaste em Keats – “*a beleza é a verdade, a verdade é a beleza*”. Aí, a identidade só existe num plano último, supra-terrestre. Nos planos político e teológico, a beleza é perfeitamente conciliável com o sem sentido e a tirania. O que é aliás uma sorte, porque se a beleza fosse incompatível com o absurdo e com a tirania haveria muito pouca arte neste mundo.

As obras-primas de pintura, de escultura e de arquitetura foram feitas como propaganda religiosa ou política, para maior glória de um deus, de um governo ou de um clero. Porém muitos reis e sacerdotes foram despóticos e todas as religiões foram assinaladas pela superstição. O gênio foi servidor da tirania

e a arte fez a propaganda dos méritos do culto local. O tempo, à medida que escoar, separa a boa arte da má metafísica. Podemos nós aprender a fazer esta distinção, não depois do acontecimento, mas enquanto ele está por realizar-se? Eis o problema.

Na propaganda comercial, o princípio do símbolo desmedidamente fascinante é claramente compreendido. Cada propagandista tem a sua Seção de Arte, e constantemente são feitas tentativas com o objetivo de se embelezarem os painéis publicitários com cartazes sedutores, as páginas de anúncios dos magazines com desenhos e fotografias repletos de vida. Não aparecem obras-primas, porque as obras-primas são visam a um público muito limitado, e a propaganda comercial é destinada a cativar a maioria. Para a propaganda comercial, o ideal é uma mediania excelente. Aqueles que prezam esta arte, não demasiado boa mas suficientemente cativante, decerto apreciarão os produtos a que ela foi associada e que tal arte representa simbolicamente.

Outro símbolo desmedidamente fascinante é o “Canto Comercial”. Os Cantos Comerciais são uma invenção recente; porém o Canto Teológico e o Canto Religioso – o hino e o salmo – são tão antigos como a própria religião. Os Cantos Militares, ou marchas, são contemporâneos da guerra, e os Cantos Patrióticos, os precursores dos nossos hinos nacionais, eram certamente empregados com o objetivo de promover a solidariedade do grupo, para acentuar a distinção entre “nós” e “eles”, pelos bandos nômades de caçadores do paleolítico e pelos coletores de alimentos. Para a maioria das pessoas, a música é intimamente atraente. Além disso, as melodias tendem a gravar-se por si mesmas no espírito do ouvinte.

Uma ária pode molestar a memória durante uma vida inteira. Eis, por exemplo, uma afirmação ou um juízo de valor de pouco interesse. Tal como é dito, ninguém lhe dará atenção. Mas colocai agora as palavras numa ária eletrizante e de fácil recordação. Tornam-se de imediato palavras poderosas. Outrossim, as palavras terão tendência a se repetir automaticamente toda vez que a melodia for ouvida ou recordada espontaneamente. Orfeu aliou-se com Pavlov – o poder dos sons com o reflexo condicionado.

Para o prapagandista comercial, como para os seus companheiros da política e da religião, a música possui ainda outra vantagem. Os absurdos que seria vergonhoso para um ser humano escrever, dizer ou ouvir dizer, podem ser cantados ou ouvidos pelo mesmo ser humano, com prazer, e até com uma certa convicção intelectual. Podemos nós aprender a isolar o prazer de cantar ou de ouvir cantar e a propensão demasiado humana para crer na propaganda que a canção encobre? Eis novamente o problema.

Graças ao estudo obrigatório e às rotativas, o propagandista conseguiu, há muitos anos, fazer chegar as suas mensagens quase a todos os adultos, em todo país civilizado. Hoje, graças ao rádio e à televisão, o propagandista acha-se na feliz posição de ser capaz de comunicar até com os adultos e crianças ainda não instruídas.

As crianças, como é de se esperar, são muito sensíveis à propaganda. Desconhecem o mundo e seus costumes, e estão, portanto, totalmente desprevenidas. As suas faculdades críticas não estão desenvolvidas. Os mais novos ainda não alcançaram a idade da razão e aos mais velhos falta-lhes a experiência sobre a qual a sua recém-descoberta faculdade de raciocinar poderia agir efetivamente. Na Europa, era costume designar em tom jocoso os recrutas pela expressão “carne para canhão”. Os seus irmãozinhos e irmãzinhas transformaram-se, agora, em carne para a televisão ou para o rádio. Na minha infância ensinavam-nos a cantar canções infantis e, nas famílias religiosas, hinos. Hoje as crianças sussurram Cantos Comerciais. O que é melhor – *“Rheingold é a minha cerveja, a cerveja que mata a sede”*, ou *“Foi na loja do Mestre André...”*? *“Deus nos chama, é nossa a hora”* ou *“Dentes brancos e sadios, só com a pasta Pepsodent”*? Quem sabe?

“Não digo que as crianças devam correr atrás de seus pais para que comprem os produtos que viram anunciados na televisão, porém, ao mesmo tempo não posso desconhecer o fato de que isso sucede diariamente”. Assim escreve conhecido ator de um dos muitos programas dirigidos a assistências juvenis. *“As crianças”,* diz o ator, *“são registros vivos e falantes daquilo que lhes narramos todos os dias.”* E, no devido tempo, estes registros vivos e falantes da televisão comercial crescerão, ganharão dinheiro e adquirirão os produtos da indústria.

“Pensai”, escreve o sr. Clyde Miller, admirado, *“pensai no que pode apresentar de lucros para a vossa firma se conseguirdes aliciar um milhão, ou dez milhões de crianças, que se tornarão adultos treinados para a aquisição dos vossos produtos, como os soldados são antecipadamente treinados para avançar quando ouvem as palavras-estímulo : Em frente, marche”.* Sim, pensemos em tudo isso! E, ao mesmo tempo, lembremos que os ditadores e os seus sequazes andam há anos pensando neste tipo de coisa, e que milhões, dezenas de milhões de crianças se encontram num ritmo de crescimento para comprar o produto ideológico do déspota local e, como soldados bem treinados, para responder com um comportamento adequado às palavras-estímulo injetadas nestes jovens espíritos pelos propagandistas dos déspotas.

O auto-governo está na razão inversa do quantitativo de seres humanos. Quanto mais elevado for o eleitorado, mais baixo é o valor de qualquer voto individual. Quando não passa um entre milhões, o indivíduo-eleitor sente-se uma quantidade irrelevante e sem forças. Os candidatos para os quais votou estão muito distante, no último degrau da pirâmide do poder.

Teoricamente são os servidores do povo; contudo, são os servidores que dão as ordens e é o povo, situado na base da grande pirâmide, que deve acatar as ordens. O crescimento da população e os progressos da tecnologia resultaram em um aumento do número e da complexidade das organizações, em um aumento da quantidade de poder concentrado nas mãos dos dirigentes, e em uma diminuição correspondente da intensificação do controle exercido pelos eleitores, ao mesmo tempo que se dá um decréscimo do interesse do público pelos processos democráticos. Já enfraquecidas por imensas forças impessoais que agem no mundo moderno, as instituições democráticas estão agora sendo interiormente minadas pelos políticos e pelos seus propagandistas.

Os seres humanos agem de múltiplas maneiras irracionais, mas todos eles parecem aptos a fazer uma escolha razoável com as informações de que dispõem, se lhes derem oportunidade de a fazer. As instituições democráticas não podem funcionar, a não ser que todos os interessados façam o máximo para difundir conhecimentos e para encorajar o emprego da razão. Mas hoje, na democracia mais poderosa da Terra, os políticos e os seus propagandistas preferem escarnecer as instituições democráticas apelando quase unicamente para a ignorância e para a falta de tino dos eleitores. *“Ambos os partidos”,* disse-nos em 1956 o editor de uma poderosa revista comercial, *“mercadejam os seus candidatos e programas, pelos sistemas idênticos de que os negociantes lançam mãos para vender os seus produtos. Estes exigem a escolha científica de proposições e a repetição planificada deles... Os anúncios e os comerciais feitos na rádio repetirão os estribilhos com uma intensidade premeditada. Os cartazes exibirão estribilhos de efeito comprovado... Os candidatos necessitam, além de vazes meigas e dicção perfeita, de ser capazes de olhar “com sinceridade” a câmara de TV.”*

Os vendedores de política recorrem apenas para a debilidade dos eleitores, não para a sua força potencial. Não fazem qualquer sacrifício no sentido de educar as massas a fim de que estas se preparem para se governar a si próprias, contentam-se tão só com a manipulação e a exploração delas. Para a consecução deste objetivo são mobilizados e colocados em ação todos os recursos da psicologia e das ciências sociais. Amostras cuidadosamente escolhidas do eleitorado são submetidas a “entrevistas em

profundidade”. Estas entrevistas em profundidade revelam os receios e desejos inconscientes que mais sobressaem, numa determinada sociedade, na ocasião da eleição.

Frases e imagens destinadas a amenizar ou, em caso de necessidade, a intensificar estes receios, a satisfazer estes anelos, pelo menos simbolicamente, são então selecionadas pelos técnicos, experimentadas em eleitores e auditores, alteradas ou melhoradas, segundo os dados conseguidos desta forma. Então a campanha eleitoral está apta para uma transmissão em cadeia.

Agora só falta dinheiro e um candidato que possa ser treinado a fim de assumir o “comando”. Deste novo princípio, os pontos de vista políticos e os planos para uma ação específica acabaram por perder grande parte da sua importância. A personalidade do candidato e a maneira por que ele é lançado pelos técnicos de publicidade são as coisas que realmente entram em ação. De qualquer modo, sob o aspecto de um homem viril ou de um pai amável, o candidato deve ser encantador. Deve ser, outrossim, pairador e que nunca aborreja a assistência.

Acostumada à televisão e ao rádio, esta assistência está habituada a ser distraída e não deseja que lhe peçam que se concentre ou faça um sacrifício intelectual prolongado. Todos os discursos proferidos pelo conversador-candidato devem, portanto, ser curtos e incisivos. As grandes questões da atualidade devem ser tratadas, no máximo, em cinco minutos – e preferivelmente (dado que a assistência estará impaciente para ver qualquer coisa de mais atraente do que a inflação ou a bomba H) em sessenta segundos. Dada à natureza da oratória, sempre houve entre os políticos e os eclesiásticos a tendência para simplificarem ao extremo as questões complexas. De um púlpito ou de uma tribuna, até os oradores mais conscienciosos acham difícil falar a verdade. Com os recursos aplicados agora, para comerciar o candidato político como se ele fosse um desodorizante, coloca-se positivamente o eleitorado ao amparo de ouvir toda a verdade sobre o que quer que seja.

7. Lavagem Cerebral

Nos dois capítulos anteriores descrevi as técnicas do que se pode chamar manipulação em massa dos espíritos, tal qual foi posta em prática pelo maior demagogo e pelos mais eficientes técnicos de vendas da história escrita. Mas nenhum problema humano pode ser solucionado apenas pelos meios destinados a grandes quantidades. A arma de caça tem sua vez, contudo a seringa hipodérmica tem também a sua. Nos capítulos posteriores descreverei algumas das técnicas mais eficientes não para manusear multidões, não para manusear público, porém para indivíduos isolados.

No decurso das suas experiências, que marcaram época, sobre os reflexos condicionados, Ivan Pavlov notou que, quando submetidos a uma tensão física ou psíquica prolongada, os animais de laboratório exibiam todos os sintomas de uma grande depressão nervosa. Recusando-se a afrontar por mais tempo uma situação intolerável, os seus cérebros entravam em greve, por assim dizer, e, ou deixavam completamente de funcionar (o cão perdia a consciência) ou então lançavam mão da marcha lenta e da sabotagem (o cão comportava-se de modo incoerente, ou exibia o tipo de sintomas físicos que, num ser humano, denominaríamos histéricos). Alguns animais são mais resistentes à tensão do que outros. Os cães que possuíam o que Pavlov denominava uma constituição “fortemente excitável” soçobravam mais depressa do que os cães dotados de um temperamento simplesmente “vivo” (em oposição ao temperamento colérico ou agitado). Identicamente, os cães “fracamente inibidos” esgotavam a sua energia muito mais depressa do que os “tranqüilos e imperturbáveis”. Mas até os cães mais resistentes eram incapazes de resistir indefinidamente. Se a tensão a que fosse submetido fosse suficientemente intensa ou suficientemente prolongada, o cão acabava por soçobrar de um modo tão abjeto como o animal menos resistente da sua espécie.

As descobertas de Pavlov foram confirmadas da maneira mais aflitiva, e numa escala muito ampla, durante as duas Guerras Mundiais. Em consequência de uma única experiência catastrófica, ou de uma série de terrores menos violentos mas freqüentemente repetidos, os soldados apresentam um determinado número de sintomas de demolição psicofísico.

Inconsciência temporária, agitação extrema, letargia, cegueira ou paralisia funcional, respostas inteiramente desconexas para o estímulo dos acontecimentos, alterações estranhas de comportamentos normais – todos os sintomas que Pavlov observara nos seus cães ressurgiram entre as vítimas do que foi denominado na Primeira Guerra Mundial “o horror nervoso à guerra” e, na Segunda, “a fadiga de guerra”. Cada homem, como cada cão, tem o seu limite individual de resistência. A maior parte dos homens atinge esse limite após trinta dias de tensão, mais ou menos contínua, sob as condições do combate moderno. Os mais fracos sucumbem em quinze dias. Os mais fortes perduram por quarenta e cinco ou até cinquenta dias. Fortes ou fracos, todos finalmente soçobram. Todos, quer dizer, os que gozavam de boa saúde. Porque, diga-se com sarcasmo, as únicas pessoas que conseguem suportar indefinidamente a pressão da guerra moderna são os psicopatas. A loucura individual está prevenida em relação às consequências da loucura coletiva.

O fato de cada indivíduo ter um limite de resistência foi conhecido e explorado desde tempos remotos de uma maneira lamentavelmente pouco científica. Em alguns casos, a horrível falta de 'humanidade' do homem para com o homem foi inspirada pelo amor da crueldade, devido à terrível fascinação que esta exerce. Com muita freqüência, contudo, o puro sadismo foi abrandado pelo utilitarismo, pela teologia ou por razões de Estado. O castigo físico e outras formas de violência foram infligidas pelos homens da lei

com o objetivo de soltarem a língua das testemunhas obstinadas; por clérigos, a fim de punir os não ortodoxos e os impelirem a mudar de opiniões; pela polícia secreta, com a finalidade de extrair confissões de pessoas suspeitas de ser hostis ao governo.

Com Hitler, a tortura, seguida pelo extermínio em massa, era aplicada em relação a esses heréticos biológicos, os judeus. Para um jovem nazista, uma temporada de serviço nos campos de concentração era (segundo as próprias palavras de Himmler) “*a melhor doutrinação sobre os seres inferiores e as raças subumanas*”. Dada a virtude vexatória do anti-semitismo adquirido por Hitler durante a juventude, nos bairros pobres de Viena, esta reminiscência dos meios empregados pelo Santo Ofício contra os heréticos e feiticeiros era inevitável. Mas, em virtude das descobertas de Pávlov e dos conhecimentos obtidos pelos psiquiatras no tratamento das neuroses de guerra, tal reminiscência parece um anacronismo ridículo e repugnante. Agressões suficientemente amplas para causarem uma completa derrocada cerebral podem ser efetuadas por meios que, embora abominavelmente desumanos, ficam aquém da tortura física.

Seja o que for que tenha ocorrido outrora, parece mais ou menos razoável que a tortura já não é muito aplicada pela polícia comunista atual. Esta inspira-se não no inquisidor ou no SS, mas, sim, no fisiologista e nos seus animais de laboratório, devidamente condicionados. Para o ditador e sua polícia, as descobertas de Pavlov têm conseqüências práticas importantes. Se o sistema nervoso central dos cães pode ser levado a soçobrar, o sistema nervoso central dos prisioneiros políticos pode sê-la da mesma forma. É apenas uma questão de aplicar a quantidade exata de tensão durante o tempo adequado. Ao final do tratamento, o prisioneiro estará em estado de neurose ou de histeria e, portanto, apto a confessar o que os seus captares desejarem que ele confesse.

Contudo a confissão não é suficiente. Um neurótico incurável jamais será útil a alguém. O ditador inteligente e prático não precisa de um paciente para ser hospitalizado, ou de uma vítima para ser abatida, porém de um convertido que trabalhe pela causa. Voltando-se mais uma vez para Pavlov, o ditador aprende que, no seu caminho para a queda final, os cães se tornam anormalmente sugestionáveis. Quando o paciente se encontra perto do limite final da sua resistência cerebral, é fácil fazer-lhe contrair novos comportamentos que permanecem radicados para sempre. O animal em que tais formas de comportamento foram implantadas jamais voltará a ser descondicionado; o que o animal aprendeu sob o seu estado de tensão, permanecerá como parte integrante do seu ser.

A tensão psicológica pode ser gerada de muitas maneiras. Os cães sentem-se perturbados quando os estímulos são demasiadamente fortes; quando o intervalo entre o estímulo e a resposta habitual é por demais prolongado, e o animal conservado num estado de suspensão psíquica, quando o cérebro fica confundido pelos estímulos que aparecem ao contrário do que o cão aprendeu a esperar, quando os estímulos não fazem sentido dentro da disposição de referência do paciente. Além disso, observou-se que, provocando deliberadamente o temor, a cólera ou a ansiedade, avolumava-se notavelmente a sugestibilidade do cão. Se estas emoções forem levadas a um elevado grau de intensidade, durante um tempo relativamente longo, o cérebro põe-se “em greve”. Quando isto sucede, podem instalar-se, com bastante êxito, novos padrões de comportamento. Entre as causas físicas que desenvolvem a sugestibilidade de um cão acham-se a fadiga, os ferimentos e todas as formas de doença.

Para o aspirante a ditador, estas descobertas contêm importantes conseqüências práticas. Estas observações provam, por exemplo, que Hitler estava com a razão ao afirmar que as reuniões em massa eram mais eficientes à noite do que de dia. “*Durante o dia*”, escreveu Hitler, “*a vontade do homem rebela-se com maior energia contra qualquer tentativa de o forçarem a submeter-se a outras vontades e opinião. À noite, porém, o homem sucumbe mais facilmente à força dominante de uma vontade mais forte.*”

Pavlov teria concordado com ele; a fadiga aumenta a sugestibilidade. (É por esse motivo, entre outros, que as firmas que patrocinam um programa de televisão preferem as emissões noturnas e se prontificam a pagar caro a sua preferência.)

A doença é ainda mais efetiva do que a fadiga, no que tange à intensificação da sugestibilidade. No passado, os quartos de doentes eram palcos de inumeráveis cenas de conversão religiosa. O ditador do futuro, cientificamente treinado, terá todos os hospitais dos seus domínios prontos a receberem o som e equipados com almofadas alto-falantes. Persuasão em conserva permanecerá no ar vinte e quatro horas por dia, e os pacientes mais ilustres serão visitados por salvadores da alma política e por transformadores do espírito, como no passado os seus pais eram visitados por padres, freiras e leigos piedosos.

O fato das emoções fortes e negativas tenderem a aumentar a sugestibilidade e a facilitarem, assim, uma substituição de opiniões, foi anotada e explorada muito antes de Pavlov. Como assinalou o Dr. William Sargant no seu tão esclarecedor livro, *Battle for the Mind*, o grande êxito de John Wesley como pregador baseava-se no conhecimento intuitivo do sistema nervoso central. John Wesley iniciava o seu sermão com uma descrição longa e minuciosa dos tormentos a que os seus ouvintes seriam, com certeza, condenados para todo o sempre, a menos que se convertessem. Depois, quando o medo e um sentimento de culpabilidade torturante levavam o auditório à beira da vertigem, ou até, em alguns casos, a uma depressão cerebral completa, alterava o tom de voz e prometia a salvação àqueles que cressem e se arrependessem. Com este método de pregação, Wesley converteu milhares de seres humanos. O pavor intenso e prolongado levava-os a soçobrar e gerava um estado de sugestibilidade extremamente intensificada. Nesta situação, as pessoas eram capazes de aceitar, sem discussão, as afirmações teológicas do pregador. Depois disso, eram restabelecidos na sua integridade com palavras de consolação, e saíam da provação com sistemas de comportamento novos, e geralmente melhores, implantados de modo indestrutível nos seus espíritos e no seu sistema nervoso.

A eficiência da propaganda religiosa e política depende dos métodos aplicados, não das doutrinas ensinadas. Estas doutrinas podem ser verdadeiras ou falsas, sadias ou perniciosas – pouca ou nenhuma diferença faz. Se a doutrinação for efetivada de maneira proporcionada no estado adequado da exaustão nervosa, será eficiente. Sob condições favoráveis, praticamente qualquer pessoa pode ser convertida a qualquer coisa.

Possuímos descrições minuciosas dos métodos empregados pela polícia comunista no seu tratamento dos prisioneiros políticos. A partir do momento em que é detida, a vítima é automaticamente submetida a muitos gêneros de pressões físicas e psicológicas. É mal alimentada e alojada sem nenhum conforto, não é autorizada a dormir mais que poucas horas por noite. E é conservada durante esse tempo num estado de tensão psíquica, de incerteza e de aguda apreensão. Dia após dia, – ou melhor, noite após noite, porque estes polícias pavlovianos conhecem o valor da fadiga como intensificador da sugestibilidade – é interrogada freqüentes vezes, durante horas seguidas, por interrogadores que se esforçam por amedrontá-la, por confundí-la e por desorientá-la. Após algumas semanas ou meses de tal tratamento, o seu cérebro entra em confusão, e confessa tudo o que os seus captadores querem que ela confesse. Então, se é para ser convertida e não para ser destruída, oferecem-lhe o conforto da esperança. Se ela aceitar a nova ideologia, pode ser, todavia, salva – não, certamente, numa vida futura (porque, oficialmente, não há vida futura) mas na vida presente.

Meios semelhantes, se bem que menos violentos, foram empregados durante a guerra da Coréia em prisioneiros de guerra. Nos campos chineses onde se achavam, jovens prisioneiros ocidentais foram submetidos sistematicamente a pressões. Dessa forma, pelas mais ínfimas infrações das regras, os transgressores eram encaminhado ao gabinete do comandante, submetidos a interrogatório, tratados com

arrogância e humilhados em público. E o processo repetir-se-ia, várias vezes, a qualquer hora do dia ou da noite. Esta hostilização seguida acarretava, nas suas vítimas, uma sensação de desorientação e de ansiedade permanentes. Para lhes agravar o sentimento de culpa ordenavam que os prisioneiros escrevessem e voltassem a escrever, com minúcias cada vez mais íntimas, longos relatórios autobiográficos das suas infrações. E depois de terem confessado suas culpas, era-lhes requerido que confessassem as culpas dos seus companheiros. O objetivo colimado consistia em criar dentro do acampamento uma sociedade de pesadelo, onde um espionava e denunciava os outros. A estas pressões mentais acrescentavam-se as pressões física da subalimentação, do desconforto e da doença. O acréscimo de sugestibilidade assim obtido era explorado habilmente pelos Chineses, que saciavam estes cérebros anormalmente receptivos com grandes doses de literatura pro-comunista e anti-capitalista. Estas técnicas pavlovianas eram altamente eficazes. Entre sete, havia um americano culpado de grave colaboração com as autoridades chinesas, informam-nos oficialmente, um entre três de colaboração técnica.

Não se deve cogitar que este tipo de tratamento esteja reservado unicamente para os seus inimigos pelos comunistas. Os jovens trabalhadores cuja função era, durante os primeiros anos do novo regime, agir como missionários e organizadores do regime, nas inúmeras cidades e aldeias da China, eram submetidos a um curso de doutrinação muito mais rígido do que aquele a que qualquer prisioneiro de guerra foi sujeito. No seu livro *China under Communism*, R. L. Walker descreve os métodos através dos quais os dirigentes do partido puderam forjar, a partir de homens e mulheres vulgares, os milhares de fanáticos resolutamente devotados que lhes são necessários para propagar a doutrina comunista e fazer obedecer as suas ordens.

Sob tal sistema de treino, o material humano bruto é remetido para campos especiais, onde é totalmente isolado dos seus amigos, famílias e do mundo exterior em geral. Nestes campos, ordenam-lhes que executem trabalhos esgotantes, físicos e mentais; nunca permanecem sós, estão sempre em grupos; são encorajados a espiarem-se mutuamente; mandam-lhes que escrevam autobiografias acusatórias; vivem num estado de medo permanente do terrível destino a que podem ser levados devido ao que tenha sido dito sobre eles por informadores, ou do que eles próprios confessaram. Nesta situação de sugestibilidade aumentada, fazem-lhes seguir um curso intensivo do Marxismo teórico e aplicado – um curso em que o fracasso no exame final pode acarretar não importa que sanção, desde a expulsão vergonhosa até à permanência num campo de trabalhos forçados, ou mesmo a morte.

Após seis meses nesta espécie de treino, a prolongada tensão mental e física produz resultados que as experiências de Pávlov fariam prever. Um após outro, ou por grupos inteiros, os pacientes soçobram. Surgem indícios neuróticos e histéricos. Alguns suicidam-se, outros (até vinte por cento do total, dizem-nos) adquirem uma doença mental grave. Os que sobrevivem aos rigores do método de conversão, surgem com novos e impecáveis padrões de comportamento. Todas as suas ligações com o passado – família, amigos, tradições – foram rompidas. São homens novos, recriados à imagem dos seus novos deuses e inteiramente dedicados ao seu serviço.

Nas novas Comunidades Populares da China, os métodos educacionais até agora reservados aos missionários são atualmente usados, ao que parece, para todos. Um dia de trabalho de doze horas assegura um estado de permanente exaustão; espionagem, delação e ubiqüidade^[8] de policiais nutridores de uma ansiedade crônica; e a forçada repressão dos impulsos sexuais e as afeições comuns tendem a criar um senso de profunda e desesperançosa frustração. Nos homens, mulheres e crianças amolecidos por tais métodos testados de Pavlov há frequentemente uma incessante tormenta de comando e asserções dogmáticas incandescentes e hinos de ódio, de tratamentos de horrendos castigos mitigados por milhares de promessas de coisas gloriosas a vir. Quantos milhões dobrarão sob essa forma educacional, resta a

ser visto.

Em todos os países comunistas dezenas de milhares destes jovens, disciplinados e devotados, são preparados todos os anos em centenas de centros de formação. O que os Jesuítas fizeram na Igreja Católica da Contra-reforma, estão a fazê-la agora estes produtos de um treino mais científico e ainda mais rígido, e continuarão, sem dúvida, a praticá-la nos partidos comunistas da Europa, da Ásia e da África.

Em política, Pavlov parece ter sido um liberal da velha guarda. Mas, por uma estranha ironia da sorte, as suas investigações e as teorias nas quais se baseou trouxeram à realidade um grande exército de fanáticos dedicados de alma e coração, de reflexos e de sistema nervoso, à destruição do liberalismo à moda antiga, seja onde for que ele se encontre.

A lavagem cerebral, tal como é agora praticada, é uma técnica híbrida, em parte dependente, no que se refere à sua eficiência, do emprego metódico da violência, em parte da habilidade de manipulação psicológica. Representa a tradição de 1984 na sua marcha para se tornar a tradição do Admirável Mundo Novo. Sob uma ditadura instituída há longo tempo e bem organizada, os nossos métodos atuais de manipulação semiviolenta parecerão, sem dúvida, paradoxalmente primários.

Condicionado desde a mais tenra infância (e talvez biologicamente predestinado), o indivíduo de classe média ou baixa jamais terá necessidade de se converter, ou mesmo de seguir um curso que lhe reanime a nova fé. Os membros da classe superior terão de criar novos pensamentos a fim de responder a novas situações, e obviamente, o seu treino será muito menos intenso do que o imposto àqueles cuja função não é pensar, mas simplesmente trabalhar e morrer com um mínimo de complicações. Estes elementos da classe superior serão, além disso, membros de uma classe selvagem – treinadores e guardas, eles próprios também levemente condicionados, de um vasto rebanho de animais domésticos completamente amansados. A sua selvageria poderá levá-los a se tornarem heréticos e rebeldes.

Quando isto suceder, serão liquidados, ou sofrerão uma lavagem cerebral que os devolva à ortodoxia, ou (como no Admirável Mundo Não) serão exilados para uma ilha, onde não possam causar mais transtornos exceto, certamente, uns aos outros. Mas o condicionamento universal da infância e outras técnicas de manipulação e controle ainda estão afastados de nós pelo lapso de algumas gerações. No caminho que leva ao Admirável Mundo Novo os nossos dirigentes têm de contentar-se com técnicas de lavagem cerebral provisórias e transitórias.

8. Persuasão Química

No Admirável Mundo Nono da minha ficção não havia uísque, nem tabaco, nem heroína proibida, nem cocaína de contrabando. As pessoas não fumavam, nem bebiam, nem cheiravam rapé, nem se dopavam. Quando alguma pessoa se sentia deprimida, ou mal disposta, tornava uma ou duas pílulas de um composto químico denominado Soma.

O Soma original, do qual criei o nome desta droga hipotética, era uma planta desconhecida (talvez a *Asclepias Acida*) usada pelos antigos arianos, invasores da Índia, em um dos seus mais solene rituais religiosos. O suco intoxicante, retirado dos caules desta planta, era ingerido por nobres e sacerdotes, no transcorrer de uma cerimônia complexa. Nos hinos védicos dizem-nos que os bebedores de Soma sentiam alguns efeitos benéficos. Os seus corpos robusteciam-se, os seus corações enchiam-se de ardor, de alegria e de entusiasmo, os seus espíritos enchiam-se de lucidez, e, numa experiência imediata da vida eterna, recebiam a certeza da imortalidade.

Porém o sumo sagrado apresentava os seus inconvenientes. O Soma era uma droga perigosa – tão perigosa que mesmo o grande deus do céu, Indra, adoecia às vezes, por tê-la ingerido. Os mortais vulgares podiam até morrer, devido a uma dosagem forte. Contudo a experiência causava uma felicidade tão transcendente e tal iluminação que o beber Soma era encarado como um grande privilégio. Por este privilégio nenhum preço era exorbitante.

O Soma do Admirável Mundo Novo não apresentava nenhum dos inconvenientes do seu antepassado indiano. Ingerido em pequenas doses, oferecia uma sensação de felicidade; em doses mais elevadas, fazia-nos ter visões e, se engolíssemos três pílulas, cairíamos, após alguns minutos, num sono refrigerante. Tudo isto sem qualquer problema físico ou mental. Os habitantes do Admirável Mundo Não podiam libertar-se dos seus humores negros, ou dos conflitos familiares da vida diária, sem que sacrificassem a saúde ou minorassem permanentemente a sua eficiência.

No Admirável Mundo Novo o hábito de tomar Soma não era um vício privado; era uma instituição política, era a verdadeira essência da Vida, da Liberdade e da Busca da Felicidade garantidas pela Declaração de Direitos. Mas este privilégio supremamente precioso e inalienável dos súditos era, da mesma forma, um dos mais poderosos instrumentos de domínio do arsenal do ditador. A dopagem sistemática dos indivíduos para benefício do Estado (e circunstancialmente, talvez, para o próprio prazer deles) era um elemento primordial da política dos Dominadores do Mundo. A dose diária de Soma era uma garantia contra a desadaptação pessoal, contra a agitação social e a divulgação de idéias subversivas.

A religião, declarara Karl Marx, é o ópio do povo. No Admirável Mundo Novo, a situação invertera-se. O ópio, ou antes o Soma, era a religião do povo. Como a religião, a droga tinha o poder de consolar e de compensar, criava visões de outro mundo, de um mundo melhor, dava esperança, fortalecia a fé e promovia a caridade. “*A cerveja*”, escreveu um poeta, “*faz mais do que Milton para justificar as vias de Deus perante os homens*”. Recordemos que, comparada ao Soma, a cerveja é uma droga do tipo mais grosseiro e incerto. No caso de justificar as vias de Deus perante os homens, Soma está para o álcool como este está para os argumentos teológicos de Milton.

Em 1931, enquanto eu descrevia os efeitos deste imaginário produto sintético, através do qual as gerações futuras seriam felizes e dóceis, o bem conhecido bioquímico americano, Dr. Irvine Page,

preparava-se para deixar a Alemanha, onde passara os três anos anteriores, no Kaiser Wilhelm Institut, a estudar química cerebral. “*É difícil compreender*” – escreveu o dr. Page num artigo recente – “*porque é que os sábios demoraram tanto tempo a empreender o exame das reações químicas no seu próprio cérebro. Falo* – acrescentou o dr. Irvin Page – *por experiência pessoal. Quando regresssei em 1931... não encontrei uma situação neste campo (no campo da química cerebral), nem consegui despertar o menor interesse a respeito dele.*”

Hoje, vinte e sete anos após, o interesse não despertado em 1931 tornou-se um enorme foco incandescente de investigações bioquímicas e psico-farmacológicas. Estudam-se os enzimas que regulam os processos cerebrais. Foram isoladas no corpo substâncias químicas até então desconhecidas, tais como o adrenocromo e a serotonina (da qual o Dr. Page foi co-descobridor), e os seus vastíssimos efeitos nas nossas funções mentais e físicas estão, presentemente, a ser investigados. Entretanto, foram sintetizadas novas drogas – drogas que reforçam, ou corrigem, ou interferem nos efeitos de várias substâncias químicas, através das quais o sistema nervoso opera os seus milagres de todos os dias e de todas as horas, na sua função de controlar o corpo, de instrumento e mediador da consciência.

Do nosso ponto de vista presente, o fato mais notável, no que tange a estas drogas, é o de elas alterarem temporariamente a química cerebral e o estado de espírito que lhe está associado, sem causarem prejuízo permanente ao organismo, em seu conjunto. Neste aspecto, são semelhantes ao Soma – e marcadamente diferenciadas das drogas modificadoras da mente, empregadas no passado.

Por exemplo, o ópio é o calmante clássico. Mas o ópio é uma droga perigosa que, desde o neolítico até o presente, fez toxicômanos e acarretou a ruína à saúde de muita gente. O mesmo sucede com o álcool – a droga que, segundo as palavras do Salmo, “*torna alegre o coração do homem.*” Mas, infelizmente, o álcool não se reduz a tornar alegre o coração do homem; causa, em doses excessivas, a doença e o vício, e tem sido uma das principais causas, há oito ou dez mil anos, do crime, da infelicidade doméstica, da degradação moral e de acidentes evitáveis.

Entre os estimulantes conhecidos, o chá, o café e o mate são, felizmente, quase inofensivos. São, aliás, estimulantes muito fracos. Ao contrário dessas “chávenas que alegram mas não inebriam”, a cocaína é uma droga muito poderosa e muito perigosa. Aqueles que fazem uso dela devem pagar os seus êxtases, o seu sentido do poder ilimitado, físico e mental, com fases agudas de depressão agônica, com aqueles horríveis sintomas físicos, tais como a sensação de ser infestado por miríades de insetos rastejantes, e por alucinações paranóicas que podem levar a crimes violentos.

Outro estimulante, descoberto há pouco tempo, foi a anfetamina, mais conhecido pelo nome comercial de Benzedrina. A anfetamina é dotada de grande efeito – mas atua, quando dela se abusa, à custa da saúde física e mental. Calculou-se que, no Japão, há aproximadamente um milhão de viciados na anfetamina.

Dos alucinantes em evidência, os mais conhecidos são o *Peyote* do México e do sudoeste dos Estados Unidos, e a *Cannabis Sativa*, consumidos, em todo o mundo, sob o nome de haxixe, bhang, kif e marijuana. De acordo com as mais convincentes provas médicas e antropológicas, o peyote é muito menos prejudicial do que o “gin” ou o uísque do Homem Branco. O peyote permite aos índios, que ousam nos seus rituais religiosos, que ingressem no paraíso e se sintam em união perfeita com a bem-amada comunidade, sem lhes cobrar estes privilégios por algo pior do que a provação de terem de mascar uma substância de gosto repugnante e experimentarem náuseas durante uma ou duas horas.

A *Cannabis sativa* não é uma droga tão inócua – se bem que menos perigosa do que os amadores de sensações nos queriam fazer supor. O Comité Médico, encarregado em 1944 pelo prefeito de Nova Iorque de investigar o problema da marijuana, chegou à conclusão, depois de cuidadosa investigação, de que a *Cannabis sativa* não é uma séria ameaça para a sociedade, ou mesmo para aqueles que se lhe

entregam. É um simples incômodo.

Destes conhecidos transformadores do espírito passemos aos produtos mais recentes da investigação psíquicofarmacológica. De entre estes, os mais largamente divulgados são três novos tranqüilizantes : a reserpina, a cloropromazina e o meprobamato. Ministrados em algumas classes de psicopatas, os dois primeiros provaram ser altamente eficazes, não na cura de doenças mentais, mas pelo menos na extinção dos seus sintomas mais cruéis. O meprobamato (aliás Miltown) produz efeitos semelhantes em pessoas que sofrem de vários tipos de neurose.

Nenhuma destas drogas é totalmente inofensiva; porém o seu custo, em termos de saúde física e de eficiência mental, é extremamente baixo. Num mundo onde ninguém procura algo sem uma finalidade, os tranqüilizantes oferecem bastante por muito pouco. O Miltown e a cloropromazina ainda não são Soma; contudo não estão longe de ser um dos aspectos desta droga mítica. Proporcionam uma libertação temporária da tensão nervosa sem infligirem, na grande maioria dos casos, um prejuízo orgânico permanente, e sem causarem mais do que uma pequena diminuição, enquanto a droga atua, da eficiência física e mental. Exceto como narcóticos, são talvez preferíveis aos barbitúricos, que enfraquecem a agudeza intelectual e, em grandes doses, causam um certo número de sintomas psico-físicos indesejáveis e podem resultar numa viciação caracterizada.

Com o LSD25 (dietilamida do ácido lisérgico), os farmacologistas criaram recentemente outro aspecto de Soma – um intensificador da percepção e um gerador de visões, que é, fisiologicamente falando, quase de graça. Esta droga extraordinária, que é eficaz em doses tão pequenas como cinquenta ou até vinte e cinco milionésimos do grama, tem a virtude (como o peyote) de transportar as pessoas para o Outro Mundo. Na maioria dos casos, o Outro Mundo a que o LSD25 dá acesso é celestial; mas pode ser outrossim, alternadamente, purgatório ou até infernal. Porém, positiva ou negativa, a, experiência do ácido lisérgico é sentida por quase todos os que passam por ela como marcadamente significativa e iluminante. De qualquer maneira, o fato de o espírito poder ser transformado tão radicalmente por preço tão reduzido para o corpo, é espantoso.

O Soma não era apenas um gerador de visões e um tranqüilizante; era também (coisa seguramente impossível) um estimulante do espírito e do corpo, um produtor de euforia ativa, assim como da felicidade negativa que se segue à libertação da ansiedade e da tensão. O estimulante ideal – poderoso, porém inócuo – ainda está por ser descoberto. A anfetamina, como vimos, estava longe de ser satisfatória; o preço que vale excede muito o que nos oferece.

Um candidato mais promissor ao papel de Soma, no seu terceiro aspecto, é a Iproniazida, que está sendo usada atualmente para livrar da sua miséria os doentes de depressão, para dar mais energia aos apáticos e, em geral, para aumentar a dose de energia psíquica disponível. Mais promissor ainda, segundo um distinto farmacologista meu amigo, é um novo composto, ainda em experiência, que será denominado Deaner. Deaner é um amino-álcool, e calcula-se que aumenta dentro do corpo a produção de acetilcolina, e, portanto, aumenta a atividade e eficiência do sistema nervoso. O homem que ingere esta nova pílula sente menos necessidade de dormir, sente-se mais desperto e mais eufórico, raciocina melhor e de forma mais rápida – e tudo isto quase sem prejuízo para o corpo, pelo menos a curto prazo. Isto parece demasiado belo para ser verdadeiro.

Vemos assim que, se bem que Soma não exista ainda (e talvez nunca existirá), já foram descobertos magníficos substitutos para vários aspectos de Roma. Há, hoje em dia, tranqüilizantes fisiologicamente baratos, geradores de visões fisiologicamente baratos e estimulantes também fisiologicamente baratos.

É evidente que um ditador podia, se assim o desejasse, empregar estas drogas para fins políticos. Poder-se-ia prevenir contra a agitação política transformando a química cerebral dos seus súditos, e fazer,

desta maneira, que se contentassem com a sua condição servil. Podia empregar tranquilizantes para acalmar os excitados, estimulantes para avivar o entusiasmo nos indiferentes, alucinantes para distrair da sua miséria a atenção dos inditosos. Contudo, poder-se-á perguntar, como é que o ditador levará os seus súditos a ingerirem as pílulas que os farão pensar, sentir e comportarem-se das maneiras que ele julga desejáveis?

Com toda a probabilidade, será suficiente que lhes coloque as pílulas ao alcance da mão. Hoje, o álcool e o tabaco são de fácil alcance, e as pessoas gastam bem mais dinheiro com estes tão pouco satisfatórios euforizantes, pseudoestimulantes e sedativos, do que estão dispostas a despende com a educação dos filhos.

Ou, então, analisemos os barbitúricos e tranqüilizantes. Nos Estados Unidos estas drogas só podem ser adquiridas com receita médica. Mas a procura que o público americano faz de algo que tornará um pouco mais suportável a vida num ambiente urbanoindustrial é tão grande que os médicos estão agora a aviar receitas de vários tranqüilizantes ao ritmo de quarenta e oito milhões por ano. Além disso, a maioria destas receitas volta a ser aviada. Cem doses de felicidade não são suficientes : tragamos da farmácia outro frasco – e, quando este terminar, mandemos buscar outro...

Não há dúvida de que, se os tranqüilizantes pudessem ser adquiridos a preço tão módico e de forma tão fácil como a aspirina, seriam consumidos, não aos bilhões, como são no presente, mas às vintenas e centenas de bilhões. E um estimulante, bom e barato, seria quase tão popular como estes.

Sob uma ditadura, os químicos receberiam ordem de mudar de direção a cada modificação das circunstâncias. Em época de crise nacional, seriam encarregados de autorizar a venda de estimulantes. Entre cada crise, excesso de vivacidade e energia por parte dos seus súditos poderia tornar-se embaraçante para o tirano. Em tais épocas, as massas seriam levadas a comprar tranqüilizantes e alucinantes. Sob a influência destes lenitivos, não teriam possibilidade de criar a menor dificuldade ao tirano.

Estando as coisas como estão, os tranqüilizantes podem obstar as pessoas de causarem muita intranqüilidade, não só aos seus superiores como a si próprias. Demasiada tensão é doença; mas pouca tensão também é uma doença. Há ocasiões em que devemos estar tensos, em que um excesso de tranqüilidade (e especialmente de tranqüilidade vinda do exterior, por um agente químico) é inteiramente desapropriado.

Num simpósio recente sobre o meprobamato, do qual participei, um eminente bioquímica sugeriu, jocosamente, que o governo dos Estados Unidos da América deveria doar ao povo soviético cinquenta bilhões de doses do tranqüilizante mais popular da América. A piada tinha algo de sério. Numa luta entre duas populações, sendo que uma está sendo incessantemente estimulada com ameaças e promessas, constantemente movida por uma propaganda insistente, enquanto que a outra é não menos constantemente distraída pela televisão e tranqüilizada por Miltown, qual dos oponentes terá maior probabilidade de ganhar?

Além da particularidade de tranqüilizar, alucinar e estimular, o Soma da minha ficção tinha a propriedade de aumentar a sugestibilidade e, desta maneira, podia ser empregado para alicerçar os efeitos da propaganda governamental. De modo menos eficaz e mais prejudicial para a saúde, várias drogas, já incluídas na farmacopéia, podem ser empregadas com a mesma finalidade. Há a scopolamina, por exemplo, o princípio ativo do meimendo e, em grandes doses, um veneno poderoso; há o pentotal e o amital-sódio. Apelidado, por razão obscura, o “soro da verdade”, o pentotal foi empregado pela polícia de vários países com o objetivo de extrair confissões (ou talvez para sugerir confissões) aos criminosos obstinados. O pentotal e o amital-sódio baixam a barreira entre o consciente e o subconsciente, e são de

grande valia no tratamento da “fadiga de guerra”, pelo processo conhecido, na Inglaterra, pelo nome de “terapêutica dos traumatismos psicofisiológicos do soldado” e, na América, pela designação de “narcosíntese”. Diz-se que estas drogas são, por vezes, usadas pelos Comunistas quando preparam prisioneiros de gabarito para se apresentarem publicamente em tribunal.

Entretanto, a farmacologia, a bioquímica e a neurologia estão evoluindo sem parar, e podemos estar cientes de que, no transcorrer de poucos anos, serão descobertos novos e mais eficientes métodos químicos de aumento da sugestibilidade e de abaixamento da resistência psicológica. Como qualquer outra coisa, estas descobertas podem ser usadas para o bem ou para o mal. Podem auxiliar o psiquiatra na luta contra a doença mental, ou podem ajudar o ditador na sua luta contra a liberdade. Visto que a ciência é divinamente imparcial, é mais provável que tais descobertas escravizem e libertem, curem e destruam, ao mesmo tempo.

9. Persuasão Subconsciente

Numa nota de rodapé inserta na edição de 1919 do seu livro *A Interpretação dos Sonhos*, Sigmund Freud chamava a atenção para a obra do Dr. Poetzl, um neurologista austríaco, que publicava recentemente um artigo onde descrevia as suas experiências com o taquistoscópio. (O taquistoscópio é um instrumento que se apresenta sob duas formas – um tipo de caleidoscópio em que o paciente olha, durante uma fração de segundo, uma imagem exposta; ou uma lanterna mágica com obturador ultra-rápido que pode projetar, pelo espaço de alguns segundos, uma imagem sobre uma tela.)

Nestas experiências, *“Poetzl pedia aos pacientes que fizessem um desenho do que tinham observado conscientemente de uma imagem que fora exposta à vista deles no taquistoscópio. Depois chamava-lhes a atenção para os sonhos que os pacientes tinham tido na noite anterior e rogava-lhes, mais uma vez, que desenhassem aquilo que se recordavam. Os resultados mostravam, sem sombra de dúvida, que os pormenores da imagem exposta, que não haviam sido observados pelo paciente, proporcionavam os elementos da construção do sonho”*.

Com várias modificações e aperfeiçoamentos, as experiências de Poetzl foram repetidas várias vezes, mais recentemente pelo dr. Charles Fisher que publicou três excelentes artigos sob o Problema dos sonhos e “a percepção pré-consciente”, no *Journal of the American Psychoanalytic Association*. Contudo, os psicólogos clássicos não permaneceram inativos. Confirmando as experiências de Poetzl, os seus trabalhos mostraram que as pessoas vêem e ouvem, de fato, muito mais coisas do que aquelas que têm consciência de ver e de ouvir, e o que elas vêem e ouvem, sem que o recordem, é recordado pelo subconsciente, e pode afetar os pensamentos, sentimentos e comportamentos conscientes delas.

A ciência pura não permanece indefinidamente pura. Mais cedo ou mais tarde fica apta a tornar-se ciência aplicada e, finalmente, tecnologia. A teoria torna-se prática industrial, o saber torna-se poder, as fórmulas e as experiências de laboratório sofrem uma metamorfose, e surgem como a bomba H.

No presente caso, o belo fragmento de ciência pura descoberto por Poetzl, assim como os demais descobertos no campo da percepção pré-consciente, conservaram a sua antiga pureza durante um período de tempo demasiadamente longo. Depois, nos princípios do Outono de 1957, exatamente quarenta anos após a publicação do primeiro artigo de Poetzl, anunciou-se que a pureza dessas descobertas pertencia ao passado; tinham sido aplicadas, haviam adentrado o reino da tecnologia. A revelação causou enorme sensação, e em todo o mundo civilizado falou-se e escreveu-se sobre isso. E não é para admirar; porque a nova técnica de “projeção subliminar”, como a denominaram, estava intimamente associada com a distração das massas, e na vida do ser humano civilizado a distração das massas desempenha, agora, um papel semelhante ao que foi desempenhado pela religião na Idade Média.

Têm sido dadas várias denominações à nossa época – a Idade da Ansiedade, a Idade Atômica, a Idade do Espaço. Poder-se-ia denominá-la, com igual propriedade, a Idade do vício da Televisão, a Idade do Folheto Estupidificante, a Idade do Disk Jockey. Em tal época, o anúncio de que a ciência pura de Poetzl havia sido aplicada sob a forma de uma técnica de projeção subliminar não podia deixar de despertar o mais vívido interesse entre os que distraem as massas em todo o mundo.

Porque a nova técnica era-lhes diretamente dirigida, e o alvo era a manipulação dos seus espíritos sem que eles suspeitassem do que lhes estava sendo feito. Por intermédio de taquistoscópios especialmente concebidos, seriam projetadas palavras ou imagens durante um milionésimo de segundo, ou menos, nas

telas dos aparelhos de televisão ou dos cinemas durante (não antes nem depois) o programa. “Beba Coca-Cola” ou “Fume Camel” seriam projetadas sobre o beijo dos amantes, as lágrimas da mãe atribulada, e os nervos éticos dos espectadores recolheriam estas mensagens secretas, os seus subconscientes responder-lhes-iam e, na devida hora, teriam o desejo consciente de coca-cola e do cigarro. E, entretanto, outras mensagens secretas seriam re-transmitidas, demasiado baixo ou demasiado alto, para que pudessem ser apreendidas pela consciência. Conscientemente, o ouvinte apenas prestaria atenção a frases tais como “Querida, amo-te”; mas, abaixo do limite da consciência, os seus ouvidos terrivelmente sensíveis, e o seu subconsciente, registrariam a boa notícia referente a desodorizantes e a laxantes.

Este tipo de propaganda comercial é realmente eficaz? Os dados trazidos pela empresa comercial que empregou, pela primeira vez, um processo de projeção subliminar são vagos e, do ponto de vista científico, pouco satisfatórios. Repetida a intervalos regulares durante a projeção de um filme, num cinema, a ordem de comprar milho torrado fez aumentar, dizem-nos, de cinquenta por cento, a venda do mesmo durante o intervalo.

Mas uma única experiência comprova muito pouco. Além disso, esta experiência particular fora mal planejada. Não havia controle e não se fazia qualquer tentativa para ter em conta as inúmeras variações que, sem dúvida, prejudicam o consumo do milho torrado por uma assistência, num cinema. Além disso, era esta a maneira mais correta de aplicar o conhecimento adquirido havia alguns anos pelos investigadores científicos da percepção subconsciente? Era provável, segundo a teoria, que a simples projeção do nome de um produto e a ordem de comprá-la fossem suficientes para quebrar a resistência à compra e adquirir novos consumidores?

A resposta a estas duas perguntas é obviamente negativa. Mas isto não indica, talvez, que as descobertas dos neurologistas e dos psicologistas não ofereçam qualquer importância prática. Aplicado com habilidade, o bocadinho de bela ciência pura de Poetzl pode tornar-se muito bem num instrumento poderoso de manipulação de espíritos desprevenidos.

Para escolhermos algumas sugestões reveladoras, deixemos de lado os vendedores de milho torrado para aqueles que, com menos espalhafato, mas com maior imaginação e melhores métodos, fizeram experiências no mesmo campo. Na Inglaterra, onde o processo de manipulação dos espíritos abaixo do nível da consciência é conhecido pelo nome de *Strobonic Injection*, os investigadores assinalaram a importância prática de se gerarem as condições psicológicas apropriadas à persuasão subconsciente.

Uma sugestão feita acima do nível da consciência é mais capaz de produzir efeito se aquele que a receber estiver num estado de ligeira hipnose, sob a influência de algumas drogas, ou se encontrar debilitado por doença, por inanição ou não importa qual tensão psíquica ou moral. Mas o que é verídico para sugestão realizada acima do limiar de consciência é também verdadeiro relativamente a sugestões feitas abaixo deste princípio. Numa palavra, quanto mais baixo for o nível psicológico de uma pessoa, tanto maior será a eficiência das sugestões injetadas sem controle.

O ditador científico do futuro definirá as suas máquinas de transmitir mensagens secretas e os seus projetos subliminais nas escolas e nos hospitais (as crianças e os doentes são altamente sugestionáveis), e em todos os locais públicos onde os auditórios possam receber um abrandamento preliminar por intermédio de um discurso ou de ritos que aumentam a sugestibilidade.

Das condições sob as quais podemos aguardar que a sugestão subliminar seja eficiente passamos agora à própria sugestão. Em que áreas deverá dirigir-se o propagandista ao subconsciente das suas próprias vítimas? Ordens diretas (“Compre pipoca” ou “Vote em Jones”) e afirmações categóricas (“O Socialismo cheira mal” ou “O dentifrício X abole o mau hálito”) só terão, talvez, efeito naqueles

espíritos que já são por Jones e pelo milho torrado, já despertadas para os perigos dos odores do corpo e da propriedade pública dos instrumentos de produção. Mas para robustecer a fé existente não basta isto; o propagandista, se for digno desse nome, deve gerar nova fé, deve saber como atrair o indiferente e o indeciso para o seu lado, deve ser capaz de abrandar e talvez até de convencer os que lhe são contrários. À asseveração subliminar e à ordem, deve acrescer a persuasão subliminar.

Acima do limiar de consciência, um dos meios mais eficientes da persuasão não-racional é o que se pode denominar persuasão “por associação”. O propagandista associa caprichosamente o seu produto selecionado, ou o seu candidato ou a sua causa com uma idéia, uma imagem de uma pessoa ou de uma coisa, que muita gente, de uma determinada cultura, considera, com razão um bem.

Assim, numa promoção de vendas, a beleza feminina pode ser coisa, desde o *bulldozer*⁽⁹⁾ até um diurético; numa campanha política o patriotismo pode ser associado com qualquer causa desde a segregação até à integração, e com qualquer tipo de pessoa, desde Mahatma Gandhi até ao senador McCarthy.

Há alguns anos, na América Central, notei um exemplo de persuasão por associação que me encheu de espanto aterrorizado pelos homens que a imaginaram. Nas montanhas da Guatemala, as únicas obras de arte importadas são os calendários coloridos, distribuídos gratuitamente pelas companhias estrangeiras que vendem os seus produtos aos índios. Os Americanos representavam cães, paisagens, jovens beldades seminuas em seus calendários; porém para os nativos, os cães não vão além de objetos úteis, as paisagens nevadas, que se fartaram de presenciar todos os dias e as loiras seminuas parecem-lhes sem nenhum atrativo, talvez até um pouco repugnantes.

Consequentemente, os calendários americanos conseguiram muito menos êxito do que os calendários alemães, porque estes haviam tido a precaução de procurar o que os índios admiravam, o que lhes despertava interesse, e lembro-me em particular de uma verdadeira obra-prima de propaganda comercial. Era o calendário distribuído por um fabricante de aspirina. Ao fundo da imagem, via-se a marca usual sobre o familiar tubo de comprimidos brancos. Acima, nada de paisagens nevadas ou de florestas no Outono, cães felpudos, ou beldades despidas. Não – os hábeis alemães haviam associado o seu analgésico a um quadro requintadamente colorido e vivo da Santíssima Trindade, sob uma nuvem horizontal, ladeado por S. José e pela Virgem Maria, de uma combinação de santos e de revoadas de anjos. As virtudes milagrosas do ácido acetilsalicílico eram garantidas desta maneira, nos espíritos simples e profundamente religiosos dos índios, pelo Deus Pai e por toda a corte celestial.

Este tipo de persuasão por associação é algo a que parecem moldar-se particularmente bem as técnicas de projeção subconsciente. Numa série de experiências levadas a cabo pela Universidade de Nova York, sob os auspícios do Instituto Nacional da Saúde, descobriu-se que os sentimentos de uma pessoa acerca de qualquer imagem vista conscientemente podem ser modificados pela sua associação, ao nível subconsciente, com outra imagem, ou melhor, com palavras portadoras de valor.

Assim, quando associada ao nível subconsciente, com a palavra “feliz”, uma face sem expressão parecerá que sorri, que olha amigavelmente, amavelmente, acolhedoramente. Quando a mesma face fora associada, também no plano subconsciente, com o termo “furioso”, mostrava-se agressiva, desagradável e hostil. (Para um grupo de mulheres jovens, a figura parecia muito masculina – ao passo que, quando era associada com a palavra “feliz”, viam a face como se esta pertencesse a um indivíduo do seu próprio sexo. Pais e maridos, façam o favor de tomar nota.)

Para o propagandista comercial e político, estas descobertas são, como é evidente, altamente expressivas. Se conseguir deixar as suas vítimas num estado excepcionalmente elevado de sugestibilidade, se puder apresentar-lhes, quando se encontram neste estado, a coisa ou pessoa ou,

mediante um símbolo, a coisa que tem para lhes oferecer, e se, no plano subconsciente, pode associar essa coisa ou pessoa ou símbolo, com qualquer palavra, ou imagem portadora de valor, o propagandista será capaz de modificar os sentimentos ou opiniões das pessoas, sem que elas tenham a mínima idéia do que ele está realizando.

Será possível, segundo um grupo comercial empreendedor de Nova Orleans, aumentar, mediante o uso desta técnica, o valor recreativo dos filmes e das peças de televisão. As pessoas apreciam sentir emoções fortes e, portanto, admiram as tragédias, os melodramas, os filmes policiais e as narrações de grandes paixões.

A dramatização de uma batalha ou de um beijo produz fortes emoções nos espectadores. Podia gerar até emoções mais fortes se fosse associada, ao nível subconsciente, às palavras ou símbolos apropriados. Por exemplo, na versão filmada do Adeus às Armas, a morte da heroína, durante o parto, pode ser tornada mais pungente do que já é, mediante a repetida projeção subliminar na tela, durante o desenrolar da cena, de palavras tão nefastas como “dor”, “sangue” e “morte”. As palavras não serão conscientemente vistas; mas o seu impacto sobre o subconsciente pode ser muito grande, e estes impactos podem reforçar, e muito, as emoções evocadas, ao nível da consciência, pela ação e pelo diálogo.

Se, como parece certo, a projeção subliminar pode avivar poderosamente as emoções sentidas pelos freqüentadores de cinema, a indústria cinematográfica pode ser salva da bancarrota – se os produtores de peças de televisão não se apropriarem da idéia primeiro.

Em face do que se disse sobre a persuasão por associação e da intensificação de emoções por sugestão subliminar, calculemos o que será uma reunião política do futuro. O candidato (se ainda houver candidatos), ou o representante indicado da oligarquia dirigente fará o discurso que todos ouvirão. Entretanto, os taquistoscópios, as máquinas de transmitir mensagens secretas e segredadas, os projetores de imagens tão fracas que só o subconsciente lhes pode reagir, fortalecerão o que ele diz, através da associação sistemática do homem e da sua causa, a palavras sobrecarregadas de valores positivos e de imagens veneradas, e pela “injeção estrombônica” de palavras sobrecarregadas de valores negativos e de símbolos odientos, sempre que ele cite os inimigos do Estado ou do Partido.

Nos Estados Unidos da América, reflexos rápidos de Abraham Lincoln e as palavras “governo pelo povo” serão projetadas na tribuna. Na Rússia, o locutor será, talvez, associado a imagens rápidas de Lenine, com as palavras “democracia do povo”, e a barba profética do Pai Marx. Porque tudo isto sucederá num futuro ainda bastante remoto, podemos sorrir. Porém, daqui a dez ou vinte anos parecerá, possivelmente, um pouco menos divertido. Porque o que é agora mera ficção científica, tornar-se-á um fato político de todos os dias.

Poetzl foi um dos profetas que esqueci ao escrever o Admirável Mundo Novo. Na minha ficção não há qualquer referência à projeção subliminar. É um erro de omissão que, se voltasse a escrever o livro novamente, eu corrigiria certamente.

10. Hipnopedia

Pelos fins do outono de 1957, o Woodland Road Camp, uma instituição penal localizada em Tulare County, na Califórnia, foi alvo de uma experiência bastante curiosa e interessante. Altofalantes em miniatura foram dispostos sob os travesseiros de um grupo de presos que se tinham oferecido para ser cobaias de uma experiência de psicologia. Cada um dos alto-falantes de cabeceira estava ligado a um fonógrafo localizado no gabinete do diretor.

Durante a noite, a cada hora que se escoava, um murmúrio moralizador repetia um rápido sermão sobre “os princípios da vida moral”. Acordando à meia-noite, um prisioneiro podia ouvir a voz enaltecer as virtudes cardiais ou sussurrar, em nome do que havia de melhor em si próprio, “Estou cheio de amor e de compaixão por todos, assim me ajude Deus.”

Depois de ler isto sobre Woodland Road Camp, voltei ao segundo capítulo do Admirável Mundo Novo. Neste capítulo, o Diretor das Incubadoras e do Condicionamento para a Europa Ocidental explica a um grupo de jovens condicionadores e técnicos de incubação o funcionamento deste método de educação ética controlado pelo Estado, conhecido no século VII d.F. pela denominação de Hipnopédia.

Os primeiros ensaios de ensino feitos durante o sono, fala o Diretor ao seu auditório, foram mal orientados e, portanto, inúteis. Os educadores tentaram dar um treino intelectual aos seus alunos sonolentos. Porém, a atividade intelectual é inconciliável com o sono. A hipnopédia só obteve êxito quando foi usada para treino moral – por outras palavras, para condicionamento do comportamento através da sugestão verbal num tempo de resistência psicológica diminuída. *“O condicionamento sem palavras é grosseiro e inteiriço, não pode inculcar os modos de comportamento mais complicados exigidos pelo Estado. Para isso são necessárias palavras, mas palavras sem razão...”* o tipo de palavras que não requerem qualquer raciocínio para serem compreendidas, mas podem ser sorvidas em bloco pelo cérebro adormecido. *Esta é a verdadeira hipnopédia, “a maior força de moralização e de socialização de todos os tempos”.*

No Admirável Mundo Novo, nenhum cidadão pertencente a uma classe inferior causou jamais qualquer perturbação. Por quê? Porque, desde o momento em que pôde falar e compreender o que lhe diziam, toda criança de uma classe inferior era exposta a sugestões vagamente repetidas, noite após noite, durante as horas de modorra e de sono. Estas sugestões eram “semelhantes a gotas de lacre líquido, gotas que grudam, se incrustam, se agregam a si próprias naquilo sobre o que caem, até que, por fim, a rocha não se parece mais do que uma massa encarnada. Até que, finalmente, o espírito da criança seja estas sugestões, e a soma destas sugestões seja o espírito da criança. E não apenas o espírito da criança. Mas também o espírito do adulto – durante toda a sua vida. O espírito que decide e que anela e julga – constituído por estas coisas sugeridas. Mas estas sugestões são as nossas sugestões – as sugestões do Estado...”

Atualmente, tanto quanto sei, as sugestões hipnopédicas não foram administradas por um estado superior a Tulare County, e a natureza das sugestões hipnopédicas aplicadas em Tulare, aos infratores da lei, é vulgar. Se todos nós, e não apenas os habitantes de Woodland Road Camp, pudéssemos estar realmente repletos de amor e compaixão por todos durante o sono! Não, não é contra a mensagem transmitida pelo sussurro inspirador que apontamos objeções; é contra o método de ensino durante o sono realizado pelos poderes do Estado. É a hipnopédia o tipo de instrumento que personagens oficiais, encarregadas de

exercer a autoridade numa sociedade democrática, devem ter autorização para usar como bem lhes parecer? Na atual instância, estão aplicando esse instrumento apenas em voluntários imbuídos das melhores das intenções. Mas não há certeza de que, em outras situações, as intenções sejam boas ou que a doutrinação tenha um fundamento voluntário.

Qualquer lei ou prescrição social que torne viável a personagens oficiais serem levados à tentação é má. Qualquer lei ou preceito que os preserve de serem tentados de abusar do poder que lhes foi delegado, em seu benefício próprio, ou para benefício do Estado ou de alguma organização política, econômica ou eclesiástica, é boa. A hipnopédia, se fosse eficiente, seria um instrumento penosamente poderoso nas mãos de uma pessoa qualquer que se encontre numa posição que lhe permitisse impor sugestões sobre um auditório que não seja livre.

Uma sociedade democrática está baseada na certeza de que se abusa muitas vezes do poder e que é conveniente, consequentemente, não o confiar aos funcionários, senão em porções limitadas e por intervalos de tempo reduzidos. Numa tal sociedade, o uso da hipnopédia por funcionários do Estado seria regulado pela lei – supondo, bem entendida, que a hipnopédia é, na realidade, um instrumento do poder. Mas é realmente um instrumento de poder? Funcionará ele tão bem quanto o imaginei em funcionamento no século VII depois de Ford? Analisemos os fatos.

No *Psychological Bulletin* de julho de 1955, Charles W. Simon e William H. Emmons analisaram e criticaram os dez estudos mais importantes que se efetuaram neste domínio. Todos estes estudos diziam respeito à memória. O ensino efetuado durante o sono ajudará o aluno quando se trata de aprender de cor? E até que ponto é que o material sussurrado ao ouvido da pessoa adormecida é recordado na manhã seguinte quando a pessoa desperta? Simon e Emmons respondem da seguinte forma:

“Dez estudos sobre o ensino realizado durante o sono foram examinados e vários deles foram mencionados indiscriminadamente por empresas comerciais, ou em revistas de divulgação e artigos de jornal, como provas a favor da viabilidade de aprender enquanto dormimos. Foi feita uma análise crítica da organização das experiências em causa, das estatísticas, da metodologia e dos meios aplicados para definir o sono. Todos os estudos revelaram pontos fracos em um ou vários destes campos. Não determinavam com uma clareza inequívoca que sejam assimilados conhecimentos pelo sujeito enquanto dorme realmente. Parece, contudo, que se produz um tipo de aquisição num estado de vigília particular, de tal maneira que os pacientes já não se lembram depois se estavam ou não acordados. Este fenômeno é capaz de ter uma grande importância prática do ponto de vista da economia do tempo de estudo, mas não pode ser analisado como um ensino durante o sono... O problema fica parcialmente ofuscado por uma definição insuficientemente precisa do sono”.

Permanece, no entanto o fato de que, no exército americano, no transcorrer da última guerra mundial (e mesmo durante a primeira, a título experimental), cursos do código Morse e de línguas estrangeiras ministrados durante o dia eram completados por instruções durante o sono – com resultados que parecem satisfatórios. Desde o fim das hostilidades, várias empresas comerciais, nos Estados Unidos e em outros países, venderam grandes quantidades de alto-falantes de cabeceira, de fonógrafos com mecanismos de relojoaria e de magneto-fones que tinham urgência de decorar os seus papéis, a políticos e a pregadores que queriam dar a ilusão de uma eloquência natural, a estudantes que se preparavam para os exames e por fim àqueles, incontáveis, que não estão satisfeitos consigo próprios e desejariam que a sugestão ou a auto-sugestão os ajudassem a tornar-se diferentes. A sugestão que cada um ministra a si próprio pode ser gravada com facilidade numa fita magnética e ouvida, repetidas vezes, de dia e durante o sono.

As sugestões exteriores podem ser adquiridas sob a forma de discos portadores de uma variedade bastante considerável de conselhos salutares. Há no comércio discos que libertam da tensão e levam a

um profundo relaxamento, a fim de favorecer a confiança em si (muito solicitados pelos caixeiros viajantes), discos para aumentar os nossos atrativos e tornar a personalidade mais marcante.

Entre os que estão mais em moda, encontram-se os que permitem a realização da harmonia sexual e os discos para quem quer emagrecer. (“Sou indiferente ao chocolate, insensível à atração de batatas, desinteressado por completo de bolos”.) Há discos para melhorar a saúde, e até para ganhar mais dinheiro. E a coisa realmente notável é que, segundo testemunhos não solicitados, enviados por reconhecidos compradores destes discos, muitas pessoas ganham realmente mais dinheiro após ouvirem as sugestões hipnopédicas indicadas para este caso; muitas senhoras obesas emagrecem e muitos casais à beira do divórcio conseguem a harmonia sexual e vivem, a partir de então, felizes.

Neste contexto, um artigo de Theodore X. Barber, “*Sono e hipnose*”, aparecido em *The Journal of Clinical and Experimental Hypnosis* de outubro de 1956, é mais elucidativo. O sr. Barber assinala que há uma diferença expressiva entre o sono leve e o sono profundo. No sono profundo o eletroencefalograma não registra ondas alfa; no sono leve, elas aparecem. Nestas circunstâncias, o sono leve está mais próximo das situações de vigília e de hipnose (em ambos se apresentam as ondas alfa) do que no sono profundo. Um ruído violento fará despertar uma pessoa adormecida profundamente. Um estímulo menos violento não a fará despertar, mas ocasionará o reaparecimento das ondas alfa. O sono profundo cedeu lugar durante algum tempo ao sono leve. Uma pessoa adormecida profundamente não é sugestionável. Mas quando são dadas sugestões a pacientes mergulhados em sono leve, eles responderão a essas sugestões, da mesma maneira como reagem a sugestões quando em estado de hipnose, segundo diz o sr. Barber.

Muitos dos que exploraram pela vez primeira o hipnotismo fizeram experiências análogas. Na sua clássica *History, Practice and Theory of Hypnotism*, inicialmente publicada em 1903, Milne Bramwell assinala que “*muitas autoridades apregoam ter alterado o sono natural em sono hipnótico. Segundo Wetterstrand, por vezes é bastante fácil entrarmos em comunicação com pessoas adormecidas, notadamente crianças... Wetterstrand julga de grande valia prática este método de gerar a hipnose e afirma que o aplicou muitas vezes com êxito.*” Branwell cita, neste sentido, vários outros hipnotizadores com experiência (inclusive autoridades eminentes como Bernheim, Moll e Forel).

Hoje, um experimentador não falaria de “mudança do sono natural em sono hipnótico”. Tudo o que pode dizer é que o sono leve (oposto ao sono pesado sem ondas alfa) é uma situação em que muitos pacientes receberão sugestões tão facilmente como sucede quando estão sob a hipnose. Por exemplo, depois de lhes dizerem, quando levemente adormecidos, que não demorarão a acordar sedentos, muitos pacientes despertarão de fato com a boca seca e uma sede ardente. O córtex pode estar bastante inativo para pensar com clareza, mas desperto suficientemente para reagir a sugestões e enviá-las ao sistema nervoso autônomo.

Como já observamos, o muito conhecido médico e experimentador sueco, Wetterstrand, conseguia êxito em particular no tratamento hipnótico de crianças adormecidas. Os métodos de Wetterstrand são seguidos em nossos dias por numerosos pediatras que instruem as jovens mães na arte de dar sugestões valiosas aos filhos durante as horas em que estes se encontram levemente adormecidos. Através desta espécie de hipnopédia, as crianças podem ser curadas da incontinência de urina e de onicofagia^[10], permite que se preparem os pequenos doentes para sofrerem, sem apreensão, uma intervenção cirúrgica, para lhes transmitir confiança e segurança, quando, por qualquer motivo, as circunstâncias da sua vida se tornaram aflitivas. Verifiquei, pessoalmente, os apreciáveis resultados conseguidos por esse processo em crianças, e é possível que o método não fosse menos eficiente para adultos.

Para o aspirante a ditador, a moral de tudo isto é notória. Sob condições adequadas, a hipnopédia

oferece resultados efetivamente – resultados, parece, tão eficientes como a hipnose. Muitas das coisas que se podem fazer com uma pessoa em estado hipnótico podem ser feitas com uma pessoa levemente adormecida. As sugestões orais podem ser comunicadas através do córtex sonolento para o cérebro médio, para a medula alongada e para o sistema nervoso autônomo. Se estas sugestões são bem concebidas e repetidas com frequência, as funções corpóreas de quem está dormindo podem ser excitadas ou inibidas, e é possível alojar novos modelos de sentimento ao passo que os antigos são modificados, é possível darem-se ordens pós-hipnóticas, slogans, fórmulas, e palavras-chave profundamente gravadas na memória. As crianças são melhores pacientes hipnopédicos do que os adultos, e o aspirante a ditador auferirá vantagem do fato. As crianças das creches e dos jardins de infância serão submetidas a sugestões hipnopédicas durante o sono da tarde. Para as crianças mais idosas, e particularmente para os filhos dos membros do partido – rapazes e moças que crescerão para serem dirigentes, administradores e professores – haverá internatos, em que uma esmerada educação diurna será completada pelo ensino noturno durante o sono. No caso dos adultos, será dedicada atenção particular ao doente.

Como Pávlov comprovou há muitos anos, os cães dotados de grande envergadura mental e de grande resistência tornam-se totalmente sugestionáveis depois de uma operação ou quando sofrem de um mal debilitante. O nosso ditador cuidará, portanto, para que cada enfermaria seja dotada com aparelhagem sonora. Uma apendicectomia, um parto, uma pneumonia ou uma hepatite, podem constituir motivo para um curso intensivo sobre a lealdade e a verdadeira fé, um calmante dos princípios da ideologia local. Outras assistências cativas podem encontrar-se nas prisões, nos campos de trabalho, nos acampamentos militares, barcos em viagem, trens e aeroplanos, durante a noite, nas soturnas salas de espera das rodoviárias e das estações ferroviárias. Ainda que as sugestões dadas a estas assistências forçadas só fossem eficientes em dez por cento dos casos, os resultados ainda seriam impressionantes e, para um ditador, altamente desejáveis.

Da sugestibilidade aumentada, em associação com o sono leve e com a hipnose, passemos à sugestibilidade normal dos que estão acordados – ou, pelo menos, que se supõem acordados. (Na realidade, como insistem os budistas, muitas pessoas estão meio adormecidas durante todo o tempo e passam a vida como sonâmbulos que obedecem às sugestões de qualquer pessoa. A iluminação é o despertar total. A palavra Buda pode traduzir-se por “o Iluminado”.)

Do ponto de vista genético, cada ser humano é único e em muitos sentidos diferente de qualquer outro ser humano. A escala das variações individuais, partindo-se do normal estatístico, é surpreendentemente ampla. E o normal estatístico, recorde-mo-la, é útil tão só para os cálculos dos estatísticos, não na vida real. Na vida real não há pessoa que corresponda ao homem médio. Há apenas homens particulares, mulheres e crianças particulares, cada um com as suas idiossincrasias inatas, físicas e mentais, e todos eles tentando (ou sendo impelidos) comprimir as suas diversidades biológicas na conformidade de um molde cultural.

A sugestibilidade é uma das qualidades que variam correspondentemente de indivíduo para indivíduo. Os fatores mesológicos desempenham, certamente, o seu papel na modelação da maior ou menor receptividade a sugestões das pessoas, mas há, outrossim, de maneira não menos carreta, diferenças constitucionais no tangente à sugestibilidade dos indivíduos. A extrema resistência à sugestão é bastante rara.

Ainda bem. Porque, se cada pessoa fosse tão incapaz de ser sugestionada como algumas o são, a vida em sociedade seria impossível. As sociedades podem funcionar com um grau razoável de eficiência porque muitas pessoas são, em grau variável, facilmente sugestionáveis. A sugestibilidade extrema é mais ou menos tão rara como a incapacidade extrema para ser sugestionada. E também felizmente que assim o

seja. Porque se muitas pessoas fossem tão receptivas em relação a sugestões exteriores como os homens e as mulheres que se acham nos limites extremos da sugestibilidade, a escolha livre, racional, tornar-se-ia praticamente impossível, para a maioria dos eleitores, e as instituições democráticas não poderiam sobreviver, nem sequer teriam surgido.

Há alguns anos, no “*Massachusetts General Hospital*”, um grupo de investigadores fez um conjunto de experiências extremamente reveladoras sobre o efeito analgésico do placebo. (Um placebo é algo que um doente crê ser uma droga ativa, mas que é, realmente, farmacologicamente inócua.) Nestas experiências, os pacientes eram cento e sessenta e dois doentes que acabavam de ser operados e padeciam grandes dores. Onde quer que um paciente pedisse um medicamento para se livrar da dor, davam-lhe uma injeção, ou de morfina ou de água destilada. Todos os pacientes receberam injeções de morfina e outras de placebo. Cerca de trinta por cento dos pacientes não obtiveram qualquer resultado com o placebo. Por outro lado, catorze por cento conseguiram alívio depois de todas as injeções de água destilada. Os restantes cinquenta e cinco por cento, obtinham alívio com o placebo em algumas ocasiões, em outras não.

Sob quais aspectos diferiam entre si estes dois grupos?

Estudos metódicos e aprofundados comprovaram que a idade e o sexo não constituíam fatores significativos. Os homens reagem ao placebo tão normalmente como as mulheres, e os jovens com tanta frequência quanto os adultos. Mesmo a inteligência, quando medida pelos testes normais, se apresenta como um fator de destaque. O Quociente de Inteligência de ambos os grupos era relativamente o mesmo. Era, acima de tudo, no temperamento, nos modos de reagir em relação a si próprios e em relação aos outros, que os indivíduos dos dois grupos eram significativamente desiguais.

Os que reagiam cooperavam mais do que os que não reagiam, menos críticos e menos suspeitosos. Não davam trabalho às enfermeiras e pensavam que os cuidados que recebiam no hospital eram simplesmente “maravilhosos”. Porém, se bem que mais cordiais para com os demais, do que os que não reagiam, sentiam-se geralmente muito mais ansiosamente preocupados consigo próprios. Sob tensão, esta ansiedade propendia a transferir-se para vários sintomas psicossomáticos, tais como indigestões, diarreias e dores de cabeça. Contudo, ou devido à ansiedade, muitos dos que reagiam mostravam-se menos inibidos na manifestação da sua emoção do que os que não reagiam, e mais inconstantes. Eram também muito mais religiosos, muito mais preocupados com as coisas da sua igreja e muito mais preocupados, sob um nível subconsciente, com os seus órgãos abdominais e pélvicos.

É interessante fazer uma comparação entre estes números relativos ao placebo com os cálculos realizados, no seu campo especial, pelos adeptos do hipnotismo. Um quinto da população aproximadamente pode ser hipnotizada muito facilmente, é o que nos dizem. Outro quinto não pode ser hipnotizado de maneira alguma, ou só pode ser hipnotizado quando as drogas, ou a fadiga, lhes minaram a resistência psíquica. Os três quintos restantes podem ser hipnotizados pouco menos facilmente do que o primeiro grupo, mas de maneira bem mais fácil do que o segundo.

Um fabricante de discos hipnopédicos narrou-me que aproximadamente vinte por cento dos seus clientes sentiam-se entusiasmados e contavam extraordinários resultados conseguidos em muito pouco tempo. No outro extremo do fantasma de sugestibilidade há uma minoria de oito por cento que pede o reembolso da despesa. Entre estes dois extremos, acham-se as pessoas que não conseguem resultados rápidos, mas que são suficientemente sugestionáveis para que alcancem resultados a longo prazo. Se continuarem a ouvir incessantemente as instruções hipnopédicas apropriadas acabarão por obter o que querem – confiança em si próprias ou harmonia sexual, menos peso ou mais dinheiro.

Os ideais da democracia e da liberdade vão de encontro com o caso brutal da sugestibilidade humana.

Um quinto dos eleitores pode ser hipnotizado quase num abrir e fechar de olhos, um sétimo pode ser aliviado das suas dores mediante a aplicação de injeções de água, um quarto responderá de pronto e entusiasticamente à hipnopédia. A todas estas minorias bastante dispostas a cooperar, devemos acrescentar as maiorias de reações mais lentas, cuja sugestibilidade menos acentuada pode ser explorada por qualquer manipulador cômico de sua função, pronto a dedicar para isso o tempo e os esforços indispensáveis.

É a liberdade individual conciliável com um elevado grau de sugestibilidade individual? Podem as instituições democráticas reagir contra a subversão exercida do interior por especialistas

hábeis na ciência e no mister de explorar a sugestibilidade dos indivíduos e da multidão? Até que ponto pode ser neutralizada pela educação, para benefício do próprio indivíduo ou para benefício de uma sociedade democrática, a tendência natural para ser sugestionável em excesso? Até que ponto pode ser controlada, pela lei, a exploração da sugestibilidade extrema, por parte de homens de negócio e de eclesiásticos, por políticos dentro e fora do poder?

Explícita ou implicitamente, as duas primeiras perguntas foram estudadas no decorrer dos capítulos precedentes. Nos que se seguem abordarei os problemas da prevenção e da cura.

11. Educação para a Liberdade

A educação para a liberdade deve começar por impor fatos e por expor argumentos de valor, e deve ir ao ponto de gerar técnicas apropriadas à execução de valores e ao combate de quem que, por qualquer motivo, prefere a ignorância da realidade ou a negação dos valores.

Em capítulo anterior discorri sobre a Ética Social, em termos tais que os males oriundos da superorganização e de superpopulação são justificados e surgem como bens. É um tal sistema de valores que concordam com o que conhecemos do corpo e do temperamento humanos? A Moral Social afirma que a educação é de máxima importância na definição do comportamento humano e que a natureza – o equipamento psico-físico com os quais os indivíduos nasceram – é um fator desprezível. Porém, será isto realidade? Será verdade que os seres humanos nada mais são do que produtos do seu ambiente social? E se não for verdade, que justificativa pode alegar-se para o caso de se afirmar que o indivíduo tem menos importância do que o grupo do qual é membro?

Todos os informes disponíveis nos levam à dedução de que, na vida dos indivíduos e da sociedade, a hereditariedade não é menos expressiva do que a cultura. Todo indivíduo é biologicamente único e distinto dos demais indivíduos. A liberdade é, pois, um grande bem, a tolerância uma grande virtude e a associação uma grande desgraça. Por razões práticas ou utopistas, os ditadores, os Homens de Organização e alguns cientistas estão ávidos por reduzir a exasperante diversidade da qualidade humana a uma sorte de uniformidade maneável.

Na primeira maré deste fervor behaviourista^[11], J. B. Watson declarou, formalmente, que não conseguia encontrar *“qualquer indicação em prol da existência de métodos de comportamento hereditários, nem das capacidades especiais (artísticas, etc.) que se supõem receber da família.”*

Hoje ainda, ouvimos um eminente psicólogo, o Prof. B. F. Skinner, de Harvard, afirmar que *“quanto mais a explicação científica se torna compreensiva, tanto mais a contribuição que se pode atribuir ao indivíduo tende aproximar-se de zero. Os exaltados poderes criativos do homem, as suas realizações artísticas, científicas e morais, a sua capacidade de optar e o nosso direito de julgá-lo responsável pelas conseqüências da sua escolha – tudo isto é insignificante diante do novo auto-retrato científico.”*

Em suma, as peças de Shakespeare não foram escritas por ele, nem mesmo por Bacon ou pelo conde de Oxford; foram escritas pela Inglaterra Elizabetana.

Há mais de sessenta anos, William James redigiu um trabalho sobre *Os Grandes Homens e o seu Meio*, no qual tentava defender o indivíduo excepcional contra os ataques de Herbert Spencer. Este declarara que “A Ciência” (essa personificação maravilhosamente conveniente das opiniões dos Profs. X, Y, Z, em determinada data) abolira totalmente o Grande Homem. “O Grande Homem”, anotara Spencer, *“deve ser classificado juntamente com os outros fenômenos na sociedade que lhe deu o ser, como um derivado dos seus antecedentes.”* O grande homem pode ser (ou parece ser) *“o iniciador imediato de transformações... Porém, se quisermos encontrar-lhes uma explicação um tanto verídica necessário é que a procuremos neste conglomerado de circunstâncias e de condições de que o Grande Homem e as modificações apareceram”*.

Eis uma daquelas profundezas vazias a que se não pode atribuir, talvez, qualquer sentido prático. O que

o nosso filósofo diz é que temos necessidade de tudo conhecer antes de podermos compreender a fundo o que for. Não há dúvida. Realmente, porém, jamais teremos conhecimento de tudo.

Devemos contentar-nos, portanto, com o conhecimento parcial e com as causas próximas – incluindo entre elas a influência dos grandes homens. “*Se qualquer coisa for humanamente certa*”,

escreve William James, “*é que a sociedade do grande homem, propriamente dita, não o faz antes de que ele possa refazê-la. Forças fisiológicas, com as quais as condições sociais, políticas, geográficas e, em larga escala, antropológicas, apresentam exatamente tanta analogia, nem mais, nem menos, quanto a cratera do Vesúvio está em relação com a vacilação do gás que me alumia neste instante, eis o que torna o grande homem*”.

Afirmará o sr. Spencer que as pressões sociológicas dirigiram-se com tanto ímpeto sobre Statford-upon-Avon por volta de 26 de abril de 1564, que certo W. Shakespeare, com todas as suas peculiaridades mentais, teve de nascer lá?... Querirá ele afirmar que, se o supra-mencionado W. Shakespeare tivesse sucumbido de cólera infantil, uma outra mãe de Stratford-upon-Avon deveria apresentar uma cópia igual ao original para restabelecer o equilíbrio sociológico?”

O Prof. Skinner é um psicólogo experimentado, e o seu trabalho sobre “*A Ciência e o Comportamento Humano*” está baseado firmemente sobre fatos. Porém, infelizmente, estes pertencem a uma classe tão reduzida que, quando o autor se arrisca finalmente a fazer uma propagação, as suas conclusões são tão elementares e tão remotas da realidade quanto as do teorista vitoriano. Não podia ser de outra maneira, porque a indiferença do Prof. Skinner relativamente ao que William James chamava “forças fisiológicas” é quase tão completa como a de Herbert Spencer. As causas genéticas determinantes do comportamento humano são resumidas em menos de uma página pelo Prof. Skinner.

No seu livro não há a menor alusão às descobertas da medicina constitucional, nem a essa psicologia constitucional cujos princípios seriam os únicos que permitiriam (tanto quanto posso julgar) que narrássemos a biografia completa e realista de um indivíduo, em relação aos casos relevantes da sua existência – o corpo, o temperamento, os dotes intelectuais, o meio imediato em cada instante, o tempo, situação e cultura. Uma ciência do comportamento humano é semelhante à ciência do movimento no abstrato – necessária, mas, por si própria, totalmente imprópria aos acontecimentos.

Consideremos uma libélula, um foguete, uma vaga que se desfaz. Os três casos ilustram as mesmas leis básicas do movimento; mas ilustram de maneiras diferentes estas leis, e as peculiaridades são pelo menos tão importantes como as suas semelhanças. Por si próprio, um estudo do movimento quase nada pode apresentar-nos sobre o que, em dado momento, está se movendo.

Igualmente, um estudo do comportamento, por si próprio, quase nada pode dizer-nos sobre o composto “corpo-espírito” individual que, em um dado instante, apresenta o seu comportamento. Mas para nós, que somos compostos “corpo-espírito”, o conhecimento deles é de suma importância. Além do mais, sabemos por observação e experiência que as diferenças entre compostos “corpo-espírito” individuais são demasiadamente grandes, e que alguns compostos “corpo-espírito” podem prejudicar e prejudicam profundamente o seu ambiente social.

Acerca deste último ponto, o sr. Bertrand Russel está em completo acordo com William James – e praticamente com toda a gente, acrescerei, com exceção dos proponentes do pensamento spenceriano ou behaviorístico. Segundo Russel os princípios das modificações históricas são de três espécies – desenvolvimento econômico, teoria política e individualidades importantes. “Não creio”, disse Russel, “*que qualquer uma delas pode ser ignorada, ou totalmente explicada como efeito de causas de outra natureza*.” Assim, se Bismarck e Lenine tivessem morrido na infância, o nosso mundo atual seria muito

diferente do que, graças em parte a Bismarck e a Lenine, o é atualmente. *“A História não é ainda uma ciência e só pode passar por científica graças à mistificação e omissões.”*

Na vida real, na vida tal como é vivida no dia a dia, o individual nunca pode ser aniquilado por uma explicação. É apenas em teoria que a sua cooperação parece aproximar-se do zero; na prática, essa cooperação é de suma importância. Quando se executa um trabalho no mundo, o que o executa verdadeiramente? De quem são os olhos e os ouvidos que o percebem, o cérebro que o idealiza? Quem experimenta os sentimentos que fazem agir, a vontade que supera os obstáculos?

Certamente não será o ambiente social; porque um grupo não é um organismo, porém apenas uma cega organização sem consciência. Tudo o que é realizado dentro de uma sociedade é realizado pelos indivíduos. Estes indivíduos são, certamente, profundamente influenciados pela cultura local, pelos tabus e preconceitos morais, pela informação correta ou incorreta que se transmitiu do passado ao presente no corpo das tradições orais ou da literatura escrita; mas seja o que for que cada indivíduo tira da sociedade (ou, para sermos mais explícitos, o que ele recebe de outros indivíduos reunidos em associações, ou dos arquivos simbólicos coligidos por outros indivíduos, vivos ou mortos) será empregado por ele na sua própria e única maneira com os seus sentidos, a sua formação bioquímica, o seu físico, o seu temperamento e não com os dos outros. Nenhuma explicação científica, por mais completa e profunda que seja, pode eliminar estes fatos evidentes.

E lembremos que a apresentação científica do homem, feita pelo Prof. Skinner, como produto do meio social, não é a única apresentação científica. Há outros, de aparências mais realistas. Consideremos, por exemplo, a exposição realizada pelo Prof. Roger Williams. O que ele representa, não é o comportamento em abstrato, mas complexos “corpo-espírito” a comportarem-se – complexos “corpo-espírito” que são, em parte, conseqüências do ambiente que partilham com outros complexos “corpo-espírito”, em parte da sua hereditariedade particular. Em *The Human Frontier e Free but Unequal*, o Prof. Williams estendeu-se, com provas abundantes e evidentes, sobre estas diferenças naturais entre indivíduos para as quais o Dr. Watson não encontrava qualquer apoio e cuja importância, aos olhos do Dr. Skinner, aproxima-se de zero.

Entre os animais, a diferença biológica dentro de uma dada espécie torna-se cada vez mais acentuada assim que subimos na escala da evolução. Esta diferença biológica é superior no homem, e os seres humanos apresentam um grau de diversidade bioquímica, estrutural e temperamental, superior à dos membros das outras espécies. É um fato facilmente observável.

Mas o que eu denominei a Vontade de Ordem, o desejo de impor uma uniformidade compreensível acerca da diversidade embaraçante das coisas e dos acontecimentos, levou muita gente a desconhecer este fato. Reduziram ao mínimo a unicidade biológica e concentraram toda a atenção em fatores ambientais, mais simples, e, no estado atual do conhecimento, mais compreensíveis, que abarcam o comportamento humano.

“Como resultado deste pensamento e desta investigação sediada sobre o ambiente”, escreve o Prof. Williams, “a doutrina da uniformidade primordial dos filhos do homem foi declaradamente aceita e afirmada por um grande setor da psicologia social, da sociologia, da antropologia social, e por muitos outros investigadores, incluindo historiadores, economistas, pedagogos, juristas e homens públicos. Esta doutrina foi anexada à maneira predominante de pensamento de muita gente que teve ocasião de agir no campo da educação e da administração, e é muitas vezes aceita, sem discussão, por aqueles que pouco uso fazem do seu pensamento crítico.”

É possível que um sistema ético fundado sobre uma apreciação tão realista dos dados da experiência seja mais benéfico do que maléfico. Porém muitos sistemas éticos foram alicerçados sobre uma

apreciação da experiência, um ponto de vista sobre a natureza das coisas, que é funestamente irrealista. Tais éticas ocasionarão, talvez, mais prejuízos do que benefícios.

Assim, até uma época bastante recente, acreditava-se piamente que o mau tempo, as doenças do gado e a impotência sexual podiam ser, e eram realmente em muitos casos, ocasionadas por ações malévolas de mágicos. Prender e exterminar mágicos era, por isso, um dever – e este dever, além disso, fora ordenado por Deus no segundo livro de Moisés: “*Não sofras a fim de que viva um mágico*”.

Os sistemas éticos e jurídicos que se alicerçavam sobre este errôneo ponto de vista sobre a natureza das coisas foram causa (durante os séculos em que foram levados mais a sério pelos homens e pelas autoridades) de males aterradores. Os excessos de espionagem, de linchamento, e do crime judicial, que estas errôneas concepções sobre a magia tornaram lógicas e obrigatórias, não foram igualadas até os nossos dias quando as éticas comunistas e nazistas, a primeira alicerçada em pontos de vista errôneos sobre a economia, a segunda baseada em pontos de vista errados sobre as raças, ordenaram e justificaram atrocidades numa escala ainda maior. Conseqüências pouco menos indesejáveis seguem-se verossimilmente da aceitação generalizada de uma Ética Social, alicerçada do ponto de vista errôneo de que somos uma espécie amplamente sociável, que os filhos dos homens nascem uniformes e que os indivíduos são a. conseqüência do condicionamento levado a efeito pelo e dentro do ambiente coletivo.

Se estes pontos de vista fossem corretos, se os seres humanos fossem, realmente, membros de espécies autenticamente saciáveis, e se as suas diferenças individuais fossem as menores possíveis e facilmente deléveis mediante um condicionamento adequado, não haveria então, necessariamente, necessidade de liberdade, e o Estado teria justificação para o fato de perseguir os heréticos que a reclamassem. Para o cupim individual, o serviço do cupinzeiro representa a liberdade perfeita.

Porém os seres humanos não são seres totalmente saciáveis; são apenas ligeiramente gregários. As suas sociedades não são organismos, à semelhança do cortiço ou do formigueiro, porém organizações, ou em outros termos, máquinas *ad hoc*^[12] preparadas para a vida coletiva. Além do mais, são tão grandes as diferenças entre indivíduos que, malgrado a mais intensa cultura transformadora, um endomorfo extremo (usando a terminologia de W. H. Sheldon) há de reter as suas características viscerotônicas, sociáveis, um mesomorfo extremo permanecerá energeticamente somatotônico apesar de tudo, e um ectomorfo será sempre cerebrotônico, introvertido e hipersensível.

No Admirável Mundo Novo da minha ficção, o comportamento socialmente desejável seria garantido por um processo duplo de manipulação genética e condicionamento pós-natal. As crianças seriam geradas em provetas e estaria, assim, assegurado um alto grau de uniformidade do produto humano, devido a utilização de óvulos provenientes de um número reduzido de mães, através do tratamento a que cada um deles seria submetido, de maneira tal que seriam realizadas neles divisões e subdivisões até o infinito, gerando gêmeos idênticos em quantidades de uma centena ou mais. Assim sendo, seria possível fabricar máquinas-padrão possuidoras de cérebro para servir a máquinas-padrão. E a padronização das máquinas detentoras de cérebro seria aperfeiçoada, após o nascimento, pelo condicionamento infantil através da hipnopédia e pela euforia quimicamente induzida como substituição para a satisfação de nos sentirmos livres e criadores.

No mundo em que vivemos, como foi assinalado em capítulo anterior, enormes forças impessoais estão agindo a favor da centralização do poder e por uma sociedade centralizada. A padronização genética dos indivíduos é, por enquanto, impossível; mas o Grande Governo e o Alto Negócio já possuem, ou não tardarão a possuir, todas as técnicas de manipulação do espírito descritas no Admirável Mundo Novo, além de outras que, por falta de imaginação, não pude idealizar.

Faltando-lhes capacidade para impor a uniformidade genética aos embriões, os dirigentes do

superpovoado e superorganizado mundo do futuro tentarão impor a uniformidade social e cultural sobre os adultos e sobre os seus filhos. Para conseguirem este objetivo, lançarão mãos (a menos que sejam impedidos) de todas as técnicas de manipulação do espírito de que disponham, e não titubearão em reforçar estes meios de persuasão não-racional pela pressão econômica e pela ameaça de torturas físicas. Se desejarmos que este tipo de tirania seja evitado, devemos começar, sem demora, a educar-nos a nós e aos nossos filhos para a liberdade e o autogoverno.

Uma tal educação para a liberdade será, como disse, uma educação alicerçada, em princípio, em fatos e valores – os fatos atinentes à diversidade individual e à unicidade genética, e os valores de liberdade, tolerância e caridade mútuas que são as conseqüências éticas deste fatos. Porém, infelizmente, o conhecimento exato e princípios sólidos não são suficientes. Uma verdade sem luz pode ser eclipsada por uma falsidade apaixonante. Um apelo hábil à paixão é, geralmente, demasiado forte contra as melhores das boas intenções. As conseqüências da propaganda falsa e perniciosa só podem ser bloqueadas por um treino sólido no mister de analisar as suas técnicas e de enxergar claramente através dos seus sofismas.

A linguagem tornou possível o progresso do homem da selvageria à civilização. Contudo a linguagem inspirou, também, essa loucura perseverante e essa maldade sistemática, essa maldade verdadeiramente diabólica que não são menos distinções do comportamento humano do que as virtudes do pensamento metodicamente providente e da contínua benevolência angélica inspiradas pela palavra. Àqueles que a usam, a palavra permite-lhes que prestem atenção às coisas, às pessoas e aos acontecimentos, quando as coisas e as pessoas estão ausentes e os acontecimentos estão por se realizar. A linguagem dá clareza e nitidez às nossas recordações e, traduzindo as experiências em símbolos, converte a fugacidade imediata do desejo ou do horror, do amor ou do ódio, em princípios duradouros do sentimento e da conduta, de maneira que não tendo nós consciência, o sistema reticular do cérebro seleciona, de uma quantidade inumerável de estímulos, aquelas poucas experiências que são de importância prática para nós.

Destas experiências selecionadas a esmo, separamos e abstraímos mais ou menos conscientemente um relativo número, que catalogamos com palavras do nosso vocabulário e classificamos, então, num sistema ao mesmo tempo metafísico, científico e ético, construído por outras palavras do mais elevado nível de alheamento. Nos casos em que a seleção e alheamento não foram inspirados por um método que não é demasiado errôneo como ponto de vista sobre a natureza das coisas, e onde os rótulos verbais foram inteligentemente selecionados e a sua natureza aparente claramente compreendida, o nosso comportamento será capaz de ser realista e toleravelmente decente.

Porém, sob a influência de palavras mal selecionadas, mal aplicadas, sem qualquer compreensão do seu caráter meramente simbólico, que foram separadas e abstraídas à luz de um sistema de idéias errôneas, somos capazes de nos comportar com uma perversidade e uma estupidez organizadas, de que os animais mudos (precisamente porque são mudos e não conseguem falar) são, felizmente, inaptos.

Na sua propaganda anti-racional, os adversários da liberdade corrompem automaticamente os recursos de linguagem com a finalidade de, através da badalação ou do pavor, levarem as suas vítimas a pensar, sentir e agir como eles, os manipuladores dos espíritos, querem que elas pensem, sintam e ajam.

Uma educação para a liberdade (e para o amor e para a inteligência que são, ao mesmo tempo, as condições e as conseqüências da liberdade), deve ser, entre outras coisas, uma educação do emprego correto da linguagem. No transcorrer das duas últimas ou três gerações, os filósofos dedicaram grande parte do tempo e do pensamento para a análise de símbolos e para o significado do significado.

Como se referem as palavras e as frases que pronunciamos com as coisas, pessoas e fatos com os quais estamos em contato na nossa vida diária? A discussão deste problema tomar-nos-ia bastante tempo e

levar-nos-ia demasiado longe. Basta assinalar que todos os instrumentos intelectuais necessários para nos instruírmos bastante no emprego exato da linguagem – a todos os níveis educativos, desde o jardim de infância até os cursos para pós-graduados – estão atualmente à nossa disposição. Uma tal educação na arte de distinguir entre a aplicação carreta e o uso incorreto dos símbolos pode ser de imediato inaugurada. Na verdade, poderia ter sido inaugurada em qualquer ocasião, durante os últimos trinta ou quarenta anos.

E todavia, em nenhuma parte se ensina às crianças um meio sistemático de distinção entre afirmações inverídicas, verdadeiras, com sentido ou sem sentido. Por que sucede isto? Porque os mais idosos, mesmo nos países democráticos, não desejam que elas sejam educadas desta maneira. Neste contexto, a resumida triste história do *Institute for Propagand Analpsis* é bastante significativa.

O instituto foi fundado em 1937, quando a propaganda nazista fazia o seu mais intenso ruído e a sua maior eficácia, pelo sr. Filene, filantropo da Nova Inglaterra. Sob os seu auspícios elaborava-se uma análise da propaganda não-racional e eram preparados vários textos para educação dos estudantes dos liceus e das universidades. Surgiu então a guerra – uma guerra ampla em todas as frentes, na frente intelectual não menos do que na frente física. Com todos os Governos Aliados envolvidos na “guerra psicológica” insistir-se sobre a necessidade ou não de analisar a propaganda pareceu um pouco destituída de tato.

O Instituto foi fechado em 1941. Porém, mesmo antes de terem início as hostilidades, havia muita gente para quem as suas atividades eram inteiramente capazes de objeção. Certos educadores, por exemplo, não adotavam o ensino da análise da propaganda com a desculpa de que isso tornaria os adolescentes indevidamente cínicos. Também não era bem recebida pelas autoridades militares, que tinham receio de que os soldados pudessem começar a analisar as palavras dos sargentos instrutores. E havia ainda os eclesiásticos e os especialistas de publicidade. Os eclesiásticos eram contrários à análise da propaganda porque ela tendia a solapar a fé e a diminuir a freqüência às igrejas; os especialistas de publicidade faziam objeções à análise da propaganda com o argumento de que ela podia minar a fidelidade à marca e a reduzir as vendas.

Estes receios e repugnâncias não são infundados. Um exame demasiado crítico, efetuado por muitos homens médios, do que é dito pelos seus pastores e superiores pode revelar-se profundamente subversivo. Na sua forma atual a ordem social depende, para continuar a sobreviver, da aceitação, sem demasia de problemas embaraçantes, da propaganda posta a circular pelas autoridades e da propaganda consagrada pelas tradições locais.

O problema, mais uma vez, é encontrar o meio-termo. Os indivíduos devem ser suficientemente sugestionáveis para querer e poder assegurar o funcionamento da sua sociedade, mas não em demasia, para evitar que caiam, desamparados, sob o império dos manipuladores de cérebro profissionais. Da mesma forma devem ser suficientemente informados da análise da propaganda para que se livrem de crer a esmo no puro sem sentido, mas não demasiado, para que não recusem em massa as efusões nem sempre racionais dos guardiães bem intencionados da tradição.

Talvez o meio-termo entre a crença e o ceticismo total jamais possa ser descoberto e apoiado apenas pela análise. Esta aproximação um tanto negativa do problema deverá ser suplementarizada por algo mais positivo – a exposição de um conjunto de valores geralmente aceitos – fundado sobre uma sólida base de fatos constatados.

O primordial será a liberdade individual, alicerçada nos fatos da diversidade humana e na unicidade genética; o valor da caridade e da compaixão, fundada no velho fato familiar, recentemente redescoberto pela psiquiatria moderna – o fato de que, seja qual for a sua diversidade física ou mental – o amor é tão

imprescindível aos seres humanos como o alimento e o abrigo; e, por fim, o valor da inteligência, sem o qual o amor é impotente e a liberdade inacessível. Este conjunto de valores fornecer-nos-á um critério segundo o qual a propaganda poderá ser analisada. Aquela que for reconhecida ao mesmo tempo como absurda e imoral poderá ser abolida de imediato. A que for simplesmente irracional, porém conciliável com o amor e com a liberdade, e não por princípio aposta ao exercício da inteligência, poderá ser aceita de início pelo que vale.

12. Que Podemos Fazer?

Podemos ser doutrinados para a liberdade – muito melhor doutrinados para a liberdade do que o somos atualmente. Mas a liberdade, como tentei demonstrar, está ameaçada de tomar muitas direções, e estas ameaças são de muitos tipos diferentes – demográficos, sociais, políticos e psicológicos. A nossa doença tem uma multiplicidade de causas que cooperam e só pode ser sanada por uma multiplicidade de remédios também cooperantes.

Para tentar resolver qualquer situação humana complicada, devemos ter em mente todos os fatores relevantes, não apenas um só fator. Mesmo que isso seja tudo, é realmente suficiente. A liberdade está ameaçada, e a educação para a liberdade torna-se necessária, urgentemente. Porém, nessa mesma situação, acham-se muitas outras coisas – por exemplo, a organização social para a liberdade, a limitação dos nascimentos para a liberdade, a legislação para a liberdade. Iniciemos por este último ponto.

Desde a época da Magna Carta, e mesmo antes, os legistas anglo-saxônicos cuidaram-se da proteção da liberdade física do indivíduo. Uma pessoa presa por duvidosa legalidade tem o direito de apelar para uma das altas instâncias jurídicas a fim de obter uma ordem de *habeas-corpus*, nos termos da *Common Law*^[13] precisados pelo estatuto de 1679.

O documento de apelação é remetido por um juiz do tribunal ao chefe da polícia, ou ao diretor da prisão, e ordena-lhe que faça comparecer ao tribunal, nos prazos ordenados, a pessoa que mantém sob custódia, a fim de que o seu caso seja examinado – que traga, note-se, não a queixa por escrito da pessoa, não os seus representantes legais, mas o seu corpus, o seu corpo, a carne demasiado carnal que foi forçada a dormir numa tarimba, a respirar uma atmosfera pútrida e a ingerir a alimentação condenável da cadeia. Esta preocupação com a condição básica da liberdade – a falta de constrangimento físico – é, sem discussão, necessária, porém não é tudo o que é indispensável. É perfeitamente natural que um homem esteja longe da prisão sem estar livre, que não se ache sob qualquer constrangimento físico e esteja, todavia, preso do ponto de vista psicológico, forçado a raciocinar, a sentir e a agir como os representantes do Estado ou de qualquer interesse privado dentro da nação, querem que ele raciocine, sinta e proceda.

Jamais haverá tal coisa como o *habeas-mentem*; porque nenhum juiz ou carcereiro pode levar a um tribunal um espírito preso ilegalmente, e nenhuma pessoa cujo espírito tenha sido tornado cativo pelos meios traçados nos capítulos precedentes estaria em condições para se lamuriar do seu cativeiro. A natureza do manuseamento psicológico é tal que os que agem sob constrangimento conservam-se sob a impressão de que estão agindo por sua própria iniciativa. A vítima da manipulação do espírito ignora que é vítima. Para ela, são invisíveis os muros da prisão, e julga-se a si própria livre. Que não esteja livre é visível apenas para as outras pessoas. A sua servidão é estritamente objetiva.

Não torno a dizer, não pode haver coisa semelhante como o direito ao *habeas-mentem*. Mas pode haver uma legislação preventiva – uma proibição do tráfico da escravidão psicológica, um estatuto para a salvaguarda de espíritos contra os provisos sem escrúpulos da propaganda venenosa, modelado pelos estatutos para a salvaguarda de corpos contra os vendedores sem escrúpulos de alimentos impróprios para consumo e de drogas perniciosas.

Exemplificando, poderia haver, e, julgo, deveria haver, uma legislação que reduzisse o direito das

autoridades públicas, civis ou militares, a sujeitarem as assistências forçadas, sob as suas ordens, ou sob a sua responsabilidade, ao ensino durante o sono. Poderia haver, e julgo que deveria haver, uma legislação que coibisse o uso da sugestão subliminar em locais públicos ou em programas de televisão. Poderia haver, e penso que deveria haver, uma legislação que coibisse os candidatos políticos não só a disporem mais do que relativa importância nas campanhas eleitorais, mas também que os proibisse de usar aquela espécie de propaganda anti-racional que torna numa pantomima todo o processo democrático.

Uma legislação preventiva desse tipo pode gerar algum bem; mas se as grandes forças impessoais que ameaçam, no momento, a liberdade, continuarem a ganhar terreno, tal legislação não poderá ser benéfica durante muito tempo. A melhor das constituições e das leis previdentes não terá qualquer poder contra a pressão sempre crescente da superpopulação e de um excesso de organização imposto pelo número sempre crescente dos seres humanos pelo desenvolvimento da técnica. As constituições não serão abrogadas e as boas leis continuarão nos códigos; porém estas formas liberais servirão apenas para dissimular e adornar uma substância profundamente não-liberal.

Não subjugado o excesso de população e o excesso de organização, podemos prever, em países democráticos, uma inversão do método que transformou a Inglaterra numa democracia, ao mesmo tempo em que mantinha todas as formas aparentes de monarquia. Sob a pressão desumana de uma superpopulação crescente e de uma crescente superorganização, e através de recursos cada vez mais eficazes de manipulação do espírito, as democracias transformarão a sua natureza; as velhas formas pitorescas – eleições, parlamentos, Supremos Tribunais e tudo o mais – subsistirão.

A substância subjacente será um novo tipo de totalitarismo não-violento. Todos os nomes tradicionais, todos os dísticos consagrados permanecerão tal e qual como nos velhos tempos; a democracia e a liberdade serão os argumentos de todas as emissões radio-difundidas e de todos os artigos de fundo – porém tratar-se-á de uma democracia, de uma liberdade num sentido absolutamente pickwickiano. Entretanto, a oligarquia dirigente e a sua altamente treinada “elite” de soldados, policiais, forjadores de pensamento e manipuladores de cérebros conduzirão tranqüilamente o espetáculo como lhes apetercer.

Como podemos controlar as grandes forças impessoais que agora ameaçam as nossas liberdades conquistadas com tanto sacrifício? No plano verbal e geral das questões, pode-se responder à pergunta com grande facilidade.

Analisemos o problema da superpopulação. A quantidade sempre crescente de seres humanos pesa cada vez mais sobre os recursos naturais. O que fazer? Evidentemente, devemos, com toda a rapidez possível, aumentar a produção de alimentos, instituir e pôr em ação um plano mundial para a preservação dos solos e das florestas, desenvolver a produção de substâncias que substituam os combustíveis, de preferência os menos perigosos e que se esgotem com menos rapidez do que o urânio, e, poupando sempre os recursos em minerais facilmente acessíveis, que diminuem, devemos pôr em execução novos e não muito dispendiosos meios a fim de extrairmos estas substâncias dos minerais cada vez mais pobres – sendo a água do mar o mais pobre de todos. Mas quase não vale a pena dizer que tudo isto é mais fácil de escrever do que fazer.

É necessário reduzir o excedente anual dos nascimentos. Como? Devemos escolher entre a fome, as epidemias e a guerra, de um lado, e o maltusianismo de outro lado. A maioria das pessoas optará por esta última solução – e encontramo-nos imediatamente frente a frente a um problema que é, ao mesmo tempo, um *puzzle*^[14] fisiológico, médico, sociológico, psicológico e mesmo teológico.

“A Pílula” ainda não está aperfeiçoada. Quando, e se chegar a ser aperfeiçoada, como distribuí-la aos muitos milhões de mães em potência (ou, se for uma pílula que aja sobre o macho, pais em potência) que

terão de ingeri-la se a natalidade da espécie tiver de ser limitada? E, em virtude dos costumes sociais existentes, as forças culturais e a inércia psicológica, como podem as pessoas que devem tomar a pílula, mas não querem tomá-la, ser persuadidas a modificarem o seu parecer? E que fazer contra as objeções estabelecidas pela Igreja Católica a qualquer forma de controle da natalidade a não ser pelo chamado Método rítmico – método que, diga-se de passagem, constatou-se até então ser quase totalmente ineficaz na limitação da taxa de natalidade nas sociedades de economia subdesenvolvida onde a limitação dos nascimentos seria mais necessária? Essas mesmas questões que devem ser propostas sobre a “pílula” supostamente perfeita, surgem, com tão pequena hipótese de lhes darmos respostas convincentes, a propósito dos meios mecânicos e químicos já utilizáveis.

Quando passamos dos problemas do controle da natalidade aos problemas do aumento das quantidades de gêneros alimentícios disponíveis e à conservação dos recursos naturais, vemo-nos frente a dificuldades não talvez tão grandes, mas ainda insuperáveis. Há, acima de tudo, o problema da educação. Como podem ser rapidamente educados na aperfeiçoamento dos seus métodos os incontáveis camponeses e lavradores agora responsáveis pela colheita da maior parte da produção mundial de alimentos? E quando educados, se o forem, onde encontrarão eles o capital que lhes permita equiparem-se com as máquinas, os combustíveis e os lubrificantes, a energia elétrica, os adubos e as espécies selecionadas das sementes produtoras de víveres, e os animais domésticos, sem o que a sua melhor formação agrícola não tem utilidade? Semelhantemente, quem vai inculcar à raça humana os princípios e processos práticos de conservação? Como poderemos impedir os cidadãos-camponeses esfomeados, de uma nação cuja população e as necessidades essenciais crescem celeremente, de fazerem uso do solo? E se o conseguirmos, quem pagará a alimentação deles enquanto a terra, cansada, for paulatinamente dotada, se possível, de vigor e fertilidade?

Consideremos, outrossim, as sociedades desenvolvidas que tentam atualmente a industrialização. Se o conseguirem, quem as tolherá, nos seus esforços desesperados por alcançarem o nível das outras e de se manterem nele, de consumirem os recursos insubstituíveis do planeta, tão estupidamente e em pura perda como os seus precursores fizeram, e ainda o fazem, na sua evolução? E quando surgir o dia de regular as coisas, onde encontraremos, nos países mais pobres, os técnicos e os gigantescos capitais que serão necessários para extrair dos minerais de fraca concentração, os metais imprescindíveis, nas contingências atuais, para que esse trabalho seja viável sob o ponto de vista técnico, ou justificável sob o ponto de vista econômico? Pode suceder que, com o tempo, encontre-se uma resposta prática para todas estas questões.

Porém, dentro de quanto tempo? Em uma corrida, seja ela qual for, entre a quantidade das massas humanas e os recursos naturais, o tempo trabalha contra nós. No final do presente século, haverá, se empregarmos ingentes esforços, aproximadamente duas vezes mais produtos alimentícios, nos mercados mundiais, do que hoje; contudo haverá, também, duas vezes mais seres humanos, e vários bilhões deles viverão em países pouco industrializados onde consumirão dez vezes mais energia, água, madeira e minerais insubstituíveis do que os seus pais consomem hoje. Em resumo, a situação alimentar será tão péssima como é agora, e a das matérias-primas ficará consideravelmente agravada.

Encontrar uma solução para o problema da superorganização é pouco menos difícil do que encontrá-la para o problema da desigualdade dos recursos naturais e do número crescente de seres humanos. No plano verbal e em termos genéricos, a resposta é perfeitamente simples. Assim, é um provérbio político que o poder acompanha a propriedade. Contudo, atualmente é um fato histórico que os meios de produção tornam-se depressa propriedade monopolística do Alto Negócio e do Grande Governo. Portanto, se acreditais na democracia, adotai medidas que permitam distribuir a propriedade tão amplamente quanto possível.

Ora, consideremos o direito ao voto. De início, é um grande privilégio. Na prática, como a história contemporânea tem provado reiteradamente, o direito ao voto, por si mesmo, não é garantia de liberdade. Portanto, se quereis evitar a ditadura por plebiscito, dividi as enormes coletividades, semelhantes a maquinismos, da sociedade moderna, em grupos independentes que cooperem voluntariamente, capazes de funcionarem independentes dos sistemas burocráticos do Alto Negócio e do Grande Governo.

A superpopulação e a superorganização fizeram a metrópole moderna, na qual uma vida totalmente humana de múltiplas relações pessoais quase se tornou impossível. Portanto, se desejais evitar o empobrecimento espiritual dos seres humanos e de sociedades inteiras, deixai a metrópole e fazei ressurgir a pequena comunidade rural, ou então humanizai a metrópole, criando no interior da rede da sua organização mecânica, os equivalentes urbanos das pequenas comunidades rurais onde os indivíduos podem encontrar-se e cooperar como pessoas, não como meras encarnações de atribuições especializadas.

Tudo isto é evidente hoje, como de fato, o era há cinquenta anos. Desde Hilaire Belloc a Mortimer Adler, desde os primeiros apóstolos das uniões cooperativas de crédito até os reformadores agrários da Itália e do Japão modernos, homens de boa vontade defenderam, durante gerações, a descentralização do poder econômico e a distribuição mais ampla da riqueza. E quantos sistemas argutos foram propostos para a dispersão da produção, para um retorno à “indústria aldeã” em pequena escala. E depois, surgiram os estudos bastante aprofundados de Dubreuil, com o objetivo de oferecer uma relativa medida de autonomia e de iniciativa aos diversos serviços de uma grande organização industrial. Apareceram os sindicalistas com os seus projetos, para uma sociedade sem Estado, organizada como uma federação de grupos produtores, sob os augúrios das associações profissionais. Na América, Arthur Morgan e Baker Brownell formularam a teoria, e descreveram a prática, de um novo tipo de comunidade, vivendo à semelhança da aldeia e da pequena cidade.

O Prof. Skinner, de Harvard, apresentou o ponto de vista do psicólogo sobre este problema no seu *Walden Two*, romance de ficção que apresenta uma comunidade organizada de maneira de tal modo científico que ninguém jamais é induzido na tentação anti-social e, sem os meios de coação ou de propaganda indesejável, cada pessoa cumpre o seu dever, e todas são felizes e inventivas. Na França, durante e após a Segunda Guerra Mundial, Marecl Barbu, e os seus adeptos, organizaram um certo número de grupos de produção autônomos, sem hierarquia, e que eram ao mesmo tempo sociedades de socorros mútuos e centros de vida realmente humana. Contudo, em Londres, a experiência de Pechkam comprovava que é possível, coordenando os serviços de saúde com os interesses mais amplos do grupo, formar uma verdadeira comunidade, mesmo numa metrópole.

Vemos, pois, que a doença da superorganização foi claramente reconhecida, que algumas medidas de penetração foram tomadas, e que a terapêutica experimental dos sintomas foi tentado aqui e ali, por vezes com bastante êxito. E, contudo, a despeito de toda esta pregação e desta prática exemplificativa, o mal se expande com rapidez.

Sabemos que é perigoso consentir que o poder se concentre nas mãos de uma oligarquia dirigente; contudo, o poder está realmente sendo concentrado em um número cada vez menor de mãos. Sabemos que, para a maioria das pessoas, a vida numa metrópole moderna é anônima, atômica, abaixo da condição humana, e, contudo, as cidades crescem cada vez mais e o sistema de vida urbano-industrial permanece o mesmo. Sabemos que numa sociedade vasta e complexa, a democracia não tem qualquer sentido senão em função de grupos autônomos de dimensões manejáveis – e todavia, uma parte cada vez mais importante dos negócios de um país é gerido pelos burocratas dos Grandes Governos e do Alto Negócio. Em todos estes casos, sabemos o que seria preciso fazer, mas em nenhum deles fomos capazes

de agir com eficiência em função do que sabemos.

Neste ponto encontramos-nos frente a uma pergunta atribuladora : Desejamos realmente agir segundo o que sabemos? Considerará a maioria da população que vale a pena fazer esforços ingentes com o objetivo de parar e, se possível, inverter a tendência atual para o controle totalitário integral?

Nos Estados Unidos – e a América é a figura profética do que será o resto do mundo urbano-industrial dentro de alguns anos – investigações recentes da opinião pública revelaram que a maioria dos adolescentes abaixo dos vinte anos, os eleitores do futuro, não acreditam nas instituições democráticas, não vêem desvantagem na censura das idéias impopulares, acham impossível um governo do povo pelo povo e julgar-se-iam perfeitamente satisfeitos por serem governados de cima por uma oligarquia de técnicos qualificados, se puderem continuar a viver conforme o estilo a que a prosperidade os habituou. Que tantos jovens espectadores bem alimentados da televisão, na mais poderosa democracia do mundo, sejam tão totalmente indiferentes à idéia de se governarem a si próprios, que pouco se interessem pela liberdade de pensamento e pelo direito de discordar, é pesaroso, mas não muito surpreendente.

“Livre como um pássaro”, dizemos, e invejamos os seres alados devido ao seu poder de movimento ilimitado nas três dimensões do espaço, mas esquecemos, aí de nós, a nossa menoridade. Todo pássaro que aprendeu a esgaravatar uma boa porção de vermes sem ser impelido a usar as asas, logo renunciará ao privilégio de voar e permanecerá para sempre na terra. Algo de semelhante se passa com os seres humanos. Se o pão lhes é fornecido regular e fartamente três vezes ao dia, muitos deles ficarão satisfeitos vivendo apenas de pão – ou pelo menos, de pão e de espetáculos de circo.

“Ao final”, diz o Grande Inquisidor na ficção de Dostoiewski, *“ao final hão de depor a liberdade aos nossos pés e hão de dizer-nos : “Torna-nos teus escravos, mas alimenta-nos”*. E quando Alyosha Karamazov pergunta ao irmão, o narrador da história, se o Grande Inquisidor está falando sarcasticamente, Ivã responde : *“Absolutamente! Ele reivindica como um louvor para si próprio e para a sua Igreja o terem subjogado a liberdade, de o terem feito para tornarem os homens felizes”*. Sim, para tornarem os homens felizes. *“Porque nada”*, afirma o Grande Inquisidor, *“jamais foi mais insuportável para um homem ou uma sociedade humana do que a liberdade.”*

Nada, exceto a ausência de liberdade, porque quando as coisas vão mal e as razões são limitadas, os infantilmente presos ao solo reclamam pertinazmente as suas asas – apenas para as renunciarem, uma vez mais contudo, quando os tempos melhorarem e os forjadores dos homens se tornarem mais indulgentes e mais generosos. A juventude que raciocina agora de forma tão chã sobre a democracia poderá crescer para lutar pela liberdade. O grito de *“Dêem-me televisão e cachorros-quentes, mas não me assombrem com as responsabilidades da liberdade”*, pode ceder lugar, sob uma, modificação das circunstâncias, ao grito de *“Dêem-me a liberdade ou a morte.”*

Se tal revolução se realizar será em parte devida à operação de forças sobre as quais até os mais poderosos dirigentes exercem muito pouco domínio, em parte devido à falta de competência destes dirigentes, pela sua incapacidade para tornarem eficiente o emprego dos instrumentos de manipulação do espírito com que a ciência e a tecnologia favoreceram, e continuarão a favorecer, o aspirante a tirano. Considerando o pouco que sabiam e quão pobremente se encontravam preparados, os Grandes Inquisidores do passado atuaram de forma esplêndida. Porém os seus sucessores, os ditadores bem informados e totalmente imbuídos de espírito científico do futuro, farão, sem dúvida, muito melhor. O Grande Inquisidor reprova o Cristo por ter chamado os homens à liberdade e diz-lhe : *“Corrigimos a tua obra e estabelecê-mo-la no milagre, no mistério e na autoridade.”* Mas o milagre, o mistério e a autoridade não são o necessário para garantir a sobrevivência duradoura de uma ditadura.

No Admirável Mundo Novo, os ditadores acrescentaram a isso a ciência, o que lhes permitia assegurar a

sua autoridade pela manipulação de embriões, dos reflexos nas crianças e dos espíritos de pessoas de qualquer idade. Em lugar de falar somente de milagres e de fazer alusões simbólicas aos mistérios, estavam à altura, graças às drogas, de fazerem que os seus súditos sentissem a experiência direta de mistérios e milagres – transformando a fé em conhecimento extasiado. Os ditadores antigos caíram porque nunca forneceram em quantia suficiente aos seus súditos, pão, jogos, milagres e mistérios; também não tinham um método verdadeiramente eficiente de manipulação mental.

No passado, livres-pensadores e revolucionários eram muitas vezes produtos da educação mais religiosamente ortodoxa. Não é de se admirar. Os sistemas adotados pelos educadores clássicos eram, e ainda são, extremamente ineficientes. Sob a palmatória de um ditador científico, a educação produzirá realmente os efeitos desejados e daí resultar que a maioria dos homens e das mulheres chegarão a adorar a sua servidão sem nunca pensar em revolução. Parece que não há motivo válido para que uma ditadura perfeitamente científica seja algum dia derrubada.

Entretanto, sobra ainda alguma liberdade no mundo. É verdade que muitos jovens parecem não apreciá-la. Porém, um relativo número de pessoas crê ainda que sem ela os seres humanos não podem tornar-se verdadeiramente humanos e que a liberdade é, por isso, um valor supremo. Talvez as forças que agora ameaçam o mundo sejam demasiado poderosas para que se lhes possa resistir durante muito tempo. É ainda nosso dever fazer tudo o que pudermos para resistir-lhes.

FIM

- ^[1] A expressão de origem francesa "laissez-faire" (na sua forma mais completa, laissez faire, laissez passer, le monde va de lui-même (que em português significa "deixem fazer, deixem passar, o mundo vai por si mesmo") representa um princípio defendido pelos economistas mais liberais e que defende que o Estado deve interferir o menos possível na actividade económica e deixar que os mecanismos de mercado funcionem livremente.
- ^[2] ou conditio sine qua non é uma expressão que originou-se do termo legal em latim que pode ser traduzido como “sem a/o qual não pode ser”. Refere-se a uma acção cuja condição ou ingrediente é indispensável e essencial.
- ^[3] Com Mao TseTung esses conselhos capitalistas de perfeição se transformaram em mandamentos e modificados como regulamentos. Nas novas Comunidades Populares a condição conjugal foi abolida. Não havendo ternuras mútuas, maridos e esposas habitam barracões separados e só lhes é permitido dormir juntos (por um breve período de uma ou duas horas, como prostitutas e seus clientes) somente em noites alternadas de sábado.
- ^[4] Procusto era um bandido que vivia em uma floresta. A todos que ele passavam por tal lugar ele oferecia guarida e dormida; ele colocava, então, o sujeito em uma cama/leito de um único tamanho e, se a pessoa fosse maior que a cama, ele cortava o que sobrava das pernas com um machado. Se ela fosse menor, ele estirava a pessoa com cordas e afins. O leito de Procusto é a metáfora da medida única: se sobra, corta; se falta, estica. De fazer caber em uma única cama o que, por natureza, não tem medida única.
- ^[5] Refere-se à política ou diplomacia baseada principalmente em considerações práticas, em detrimento de noções ideológicas. O termo é freqüentemente utilizado pejorativamente, indicando tipos de política que são coercitivas, imorais ou maquiavélicas.
- ^[6] Rede de cafeterias moderna
- ^[7] Famosa taverna da Inglaterra Elizabetana
- ^[8] Faculdade de estar presente em diversos lugares no mesmo instante.
- ^[9] Trator ou Retro-escavadeira
- ^[10] O hábito de morder as unhas dos dedos das mãos ou pés durante períodos de nervosismo, ansiedade, stress, fome ou tédio
- ^[11] Também designado de comportamentalismo, ou às vezes comportamentismo, é o conjunto das teorias psicológicas que postulam o comportamento como o mais adequado objeto de estudo da Psicologia.
- ^[12] expressão latina cuja tradução literal é "para isto" ou "para esta finalidade"
- ^[13] Direito que se desenvolveu em certos países por meio das decisões dos tribunais, e não mediante atos legislativos ou executivos.
- ^[14] Quebra-cabeça.